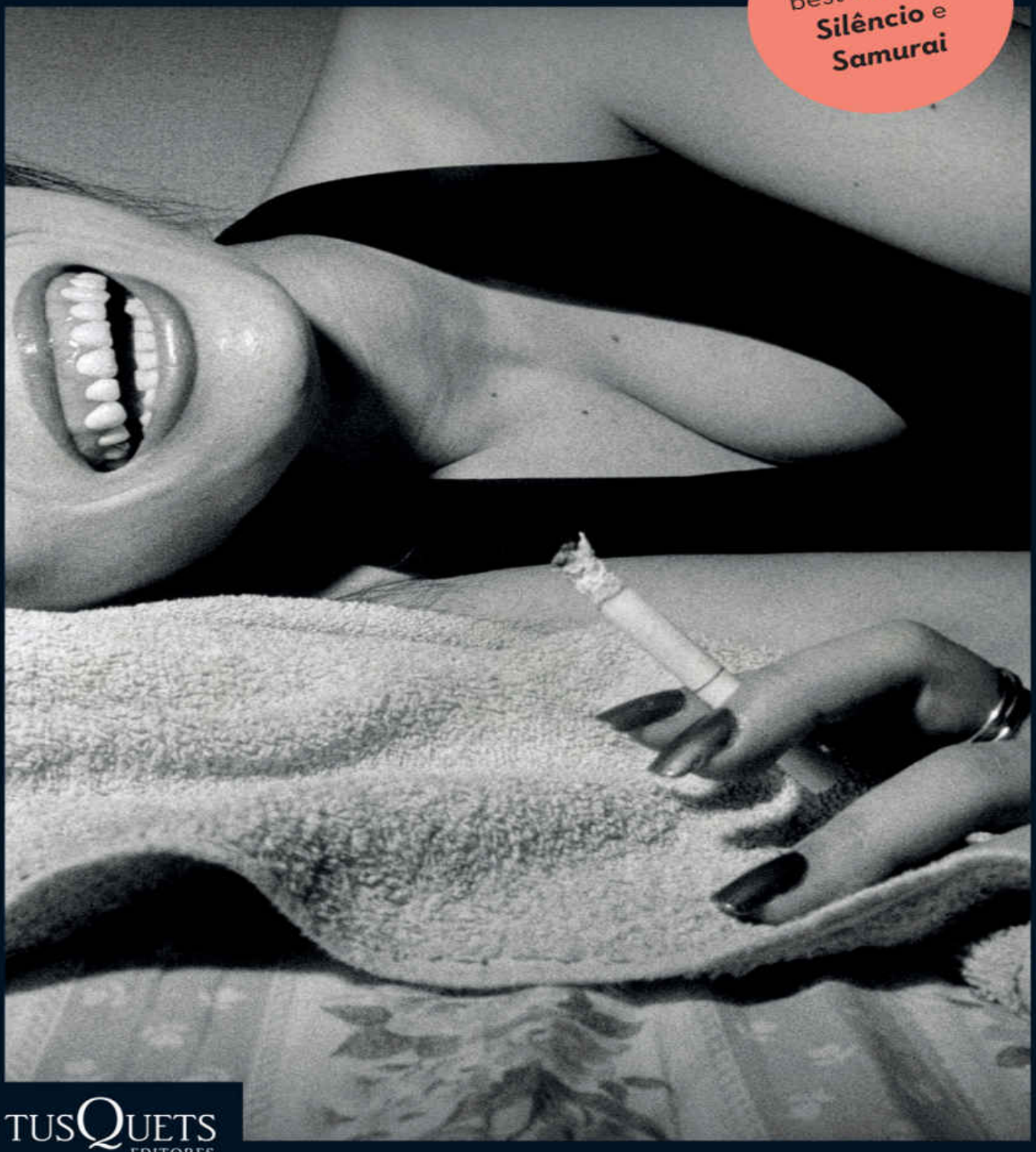
SHUSAKU ENDO

ESCÂNDALO

Do autor best-seller de **Silêncio** e **Samurai**



TUSQUETS EDITORES

ESCÂNDALO

SHUSAKU ENDO
ESCÂNDALO

Prefácio
Damian Flanagan

Tradução
Mário Vilela e Aline Storto Pereira

TUSQUETS EDITORES

Copyright © Shusaku Endo, 1986
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019
Todos os direitos reservados.
Título original: *Sukyandaru*
Título da versão autorizada em inglês: *Scandal*

Preparação: Thais Rimkus
Revisão: Maitê Zickuhr e Ana Lima Cecilio
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System
Capa: Adptada do projeto gráfico original de Compañía
Imagem de capa: Bruce Gilden/ Magnum Photos/ Fotoarena
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Endo, Shusaku, 1923-1996

Escândalo / Shusaku Endo; Tradução Mário Vilela e Aline Storto Pereira – São Paulo: Planeta, 2019.

256 p.

ISBN: 978-85-422-1767-4

Tradução de: sukyamdaru

1. Ficção japonesa I. Título

19-1777 CDD: 895.63

2019
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sumário

Introdução

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Introdução

As obras de Shusaku Endo ocupam uma posição invejável na literatura japonesa moderna. Seus romances são muito conceituados no Japão e gozam, ao mesmo tempo, de amplo reconhecimento no Ocidente. Nos anos 1980 e 1990, muitos leitores ocidentais, se indagados sobre qual era seu autor japonês favorito, talvez houvessem mencionado Endo. Durante algum tempo, porque era um japonês cristão (e apenas cerca de 1% da população japonesa é cristã) e porque o tema constante em suas obras era a incompatibilidade entre essa religião e sua terra natal, ele ficou conhecido como "Graham Greene japonês". Endo parecia gostar da comparação, uma vez que Greene e Endo tinham grande estima pela obra um do outro, mas, aos poucos, percebeu-se que Endo merecia mais. Um crítico exasperado inclusive declarou que Greene teria sorte se fosse lembrado como "Endo britânico".

Embora a comparação com Greene tenha se tornado águas passadas, ela ainda oferece um ponto de partida útil para analisar a obra de Endo. Uma vez que os dois escritores já faleceram, é fácil ver que tanto Greene quanto Endo alcançaram uma posição incontestável na literatura do século XX. No entanto, é interessante observar que o aspecto de escrita que um dia angariou mais atenção a ambos os autores – seu enfrentamento obsessivo com sua fé católica – é assunto que, em um mundo cada vez mais despojado da crença cristã, tornou-se o aspecto mais entediante de suas obras. Felizmente, no caso de cada um deles, a luta com valores cristãos serviu como ponto de partida para uma viagem mais profunda e ajudou a criar, na obra dos dois, um rico mosaico de ideias sobre temas de amor, pecado e redenção.

Por que Endo foi tão apreciado no Ocidente, enquanto outros autores japoneses eminentes permanecem desconhecidos? Muitos escritores japoneses não superam a barreira da tradução, mas ele, devido à lucidez brilhante de sua prosa e ao fato de ter escrito da perspectiva de um cristão, conseguiu transpor essa barreira de forma triunfal. Indiscutivelmente, Endo foi um excelente escritor – talvez não pelos motivos que costumam ser

atribuídos a ele. A introdução do cristianismo no Japão e a subsequente perseguição dos cristãos como foi descrita em *Silêncio* é uma história fascinante e trágica, mas, apesar disso, a narrativa do conflito entre os valores cristãos e a cultura japonesa é, para a maioria das pessoas, tanto no Japão como no exterior, assunto bastante específico. Ainda assim, escrever sobre esse tema se tornou hábito para Endo, assim como foi para Monet pintar nenúfares do lago em Giverny. Em si, talvez esse assunto não fosse da maior importância, mas se tornou o meio de investigar algo profundo sobre a natureza da identidade e da própria existência. Por meio do conflito entre a cultura japonesa e o cristianismo, Endo pôde descortinar o tema da natureza de todas as crenças e a questão da validade de nossos valores centrais. Celebrado tanto no país natal como no exterior, Endo conseguiu criar um conjunto de obras singulares, cada romance parecendo complementar e ampliar os demais. Houve uma harmonia quanto ao total de suas realizações, como se todos os aspectos do assunto houvessem sido explorados e ele pudesse relembrar isso com orgulho.

Ainda mais incrível, portanto, é o nível extraordinário e execrador de autocrítica que Endo foi capaz de reunir em *Escândalo*. Não estamos mais presos em uma era distante. A época é o agora – a Tóquio de 1980, quando o romance foi escrito –, e o protagonista Suguro se identifica em todos os aspectos como um autor muito semelhante ao próprio Endo. Ambos são ilustres romancistas católicos que receberam grandes prêmios literários e, quando lemos que Suguro escreveu *Uma vida de Cristo*, *A voz do silêncio* e *O emissário*, lembramo-nos de que três dos romances de Endo são intitulados *A Life of Jesus* [Uma vida de Jesus], *Silêncio* e *Samurai*. Suguro tem 65 anos, três anos mais velho que o próprio Endo quando publicou o romance e, como Endo, passou por problemas de saúde várias vezes e por longos períodos de internação. Como Endo, ele mantém um escritório em Yoyogi e, como outra autorreferência camuflada, tanto o nome Suguro quanto o nome da jovem Mitsu Morita, por quem Suguro começa a nutrir sentimentos, são usados anteriormente na ficção de Endo.

Quando *Escândalo* foi publicado pela Shinchosha, em março de 1986, havia uma citação do autor no verso da capa:

> Cinco anos atrás, quando terminei *Samurai*, não pensei que na sequência produziria este tipo de livro. No entanto, desde aquela época, fui tomado pelo impulso de, de algum modo, abalar o mundo literário que eu havia criado. Por mais que tentasse reprimir esse movimento, não consegui. No entanto, um dos temas importantes nesta obra vem

> espreitando em minha mente desde que eu era um jovem estudante em Lyon. Trinta anos depois, a ideia se revelou e mostrou abertamente sua cara.

Endo expôs mais sobre essa ideia em uma entrevista da mesma época na qual ele também falou sobre como havia se interessado recentemente pela psicologia profunda de Jung e pela consciência-unicamente do budismo:

> Percebi que, como indivíduo, havia dentro de mim – para além das coisas que eu vinha estudando incansavelmente e das ideias que havia tido – outro eu que mantinha em meu inconsciente […]. Se investigasse isso, será que o mundo literário de Endo sobre o qual eu havia escrito seria ameaçado, será que seria abalado? […] A maior diferença entre o budismo e o cristianismo é que o cristianismo dá muita importância à relação entre a própria pessoa e os outros, e o budismo considera o verdadeiro eu da pessoa […]. Então resolvi me aprofundar naquilo que o budismo chama de consciência-unicamente ou naquilo que a psicologia profunda chama de mundo do inconsciente. Meus romances, por serem "romances que investigam, romances que procuram", haviam sistematicamente assumido o padrão de investigar os outros. Então desta vez pensei em tentar escrever um romance em que eu investigasse esse outro eu dentro de mim mesmo.

Em outra parte, ele afirmou:

> Deixe-me esclarecer que estou escrevendo sobre o mundo subconsciente, não sobre o mundo consciente. O leitor, como acontece com os chamados romances comuns, pensará que se trata do mundo consciente. E eu serei criticado porque não existe um tipo de continuidade temporal e que muitas coisas improváveis acontecem, mas, quando sonhamos, não existe progressão temporal e muitas coisas improváveis se mesclam, então achei que gostaria de tentar escrever algo semelhante.

Endo propositalmente moldou o livro segundo a tradição da "*I-novel*" japonesa (*Watakushi-shosetsu*), que, apesar dos elementos de ficcionalização, é intimamente baseada no próprio autor. Na forma clássica desses romances, como *Declínio de um homem* (*Ningen Shikkaku*, 1948), de Osamu Dazai, ou *Confissões de uma máscara* (*Kamen no Kokuhaku*, 1949), de Yukio Mishima, o narrador revela seu verdadeiro eu interior – desejos pervertidos, pensamentos malignos e tudo o mais – mesmo enquanto o mundo exterior continua a ser enganado pela aparência externa, normalmente dócil e branda, do protagonista. Em *Escândalo*, Endo inverte o padrão habitual. Aqui o protagonista Suguro quer desesperadamente manter as aparências e a máscara de respeitabilidade. É o mundo exterior, na forma do malicioso jornalista investigativo Kobari e dos apreciadores do mundo das luzes vermelhas de Kabukicho, que o pressiona, dizendo-lhe que

ele é uma fraude e está enganando todo mundo com a imagem imaculada que apresenta.

Endo explicou como concebeu a ideia deste romance:

> Na primeira versão, à qual não dei continuidade, um homem que eu conhecia ficou noivo de uma garota que ainda estava na nona série, isto é, ficou noivo de uma amiga do meu filho. Ele havia desapontado a garota, e ela me mostrou seu diário. Nas etapas finais, começou a ficar excruciante, então, embora eu soubesse que queria colocar isso em um romance algum dia, deixei a ideia de lado. Entretanto, depois de abandonar essa narrativa, escrevi uma segunda versão, na qual modifiquei esses materiais, transformando-os em romance de mistério, tendo como protagonista um escritor como eu. Não apenas um romance de mistério (romance de detetive), mas um romance místico. Contudo, um leitor japonês não entraria nesse outro mundo se não acreditasse nele. Além do mais, o romance corria o risco de virar uma fantasia enfeitada. Então eu tinha que inserir, desde o início, um tipo de realidade naturalista que permitisse ao leitor ser arrastado para a realidade do mundo espiritual. Se eu fosse invocar a realidade do mundo espiritual desde o princípio, o leitor japonês poderia não entender. Daí pensei que, nas etapas iniciais, eu faria o leitor acreditar na história empregando o estilo de *I-novel*.

O estilo *I-novel* é mais óbvio na descrição da cerimônia de premiação no início do livro. O próprio Endo havia recebido o prêmio Noma por *Samurai*, e seus amigos dos anos iniciais da carreira literária, Shotaro Yasuoka e Junnosuke Yoshiyuki, foram membros da comissão julgadora. Endo inclusive havia escrito suas ideias sobre essa cerimônia em um pequeno texto chamado “An Award Ceremony Evening” [Uma noite de cerimônia de premiação]. Assim, a premiação e a descrição dos amigos escritores de Suguro no começo de *Escândalo* refletem intimamente esses eventos pessoais.

A descrição da saúde frágil de Suguro também se baseia na experiência de Endo. Em 1980, quando Endo terminou *Samurai*, ele foi internado no hospital com suspeita de câncer de mandíbula e passou por uma cirurgia para drenar um empiema, embora os exames tivessem revelado que ele não tinha câncer. Ele estava, sim, com diabetes e pressão alta e, no ano seguinte, sua doença no fígado piorou (Endo teve hepatite devido a uma transfusão de sangue na época de sua cirurgia para tratar a tuberculose em 1961); com isso, foi internado mais uma vez. Posteriormente, ele recebeu cuidados médicos em casa enquanto sua batalha contra a doença continuava. Lutando contra essas enfermidades, consciente de que a velhice chegava e com cada vez mais medo da morte, ele começou a escrever *Escândalo*. Endo salientou que:

> Se ele [Suguro] tivesse minha verdadeira idade de 62 anos, pareceria ainda estar em seu apogeu. Claro, pelos últimos quatro ou cinco anos, e posso dizer isso agora, meu corpo esteve bem fraco e tive medo de morrer. *Isso é a velhice*, pensei.
>
> Essa coisa chamada velhice não é um momento de bela madurez, mas, sim, algo repugnante e doloroso, com muitos aspectos feios. Se me perguntassem por que é repugnante e feio, eu diria que é porque se trata de um rito de passagem, uma preparação para ir ao outro mundo. Um rito de passagem envolve aguentar suplícios. Esse é um dos temas do romance.

Quando Suguro começa a ver nas multidões de leitores agradecidos que vão ouvi-lo falar uma aparição fugaz de si mesmo, parece a premonição da morte iminente. E ele é, então, atormentado por relatos das atividades desse sórdido duplo por bares, bordéis e motéis da cidade. Vê-se forçado a buscar esse sósia para proteger sua reputação, mas começa a perceber que as atividades desse misterioso duplo na verdade representam uma exteriorização de seus próprios desejos reprimidos. O leitor é colocado em uma terra de ninguém do mistério, sem saber ao certo se o duplo existe de fato ou não e se Suguro tem mesmo uma vida secreta sinistra que ele nega. Concebida tanto como *thriller* psicológico quanto como obra metafísica sombria, Endo se apropria irrestritamente do padrão de obras como *O duplo*, de Dostoiévski, bem como de elementos de obras da fantasia clássica, por exemplo *O médico e o monstro*, de Stevenson. Em mais uma reviravolta, há uma dupla caçada acontecendo, em que Kobari, o escritor incompetente, persegue o romancista que tanto despreza, fazendo de Suguro tanto o perseguidor como o perseguido.

Um dos muitos prazeres do romance é sua noção topográfica de áreas díspares de Tóquio: passamos da região altamente sexualizada, representada pela zona de entretenimento de Kabukicho, aos relaxantes espaços verdes do parque Yoyogi, onde jovens ouvem bandas amadoras, e à majestade solene do palácio imperial. A cidade é como um corpo humano que contém órgãos diferentes para atender a funções e desejos distintos. Quando Suguro quer se retirar dos mecanismos que compõem a cidade, ele se refugia na câmara escura do escritório onde escreve, que lhe oferece o conforto da volta ao útero materno. Um psicólogo apresenta a teoria de que, ao nascer, somos traumatizados pelo choque e pela dor da expulsão do útero à força e é isso que pode mais tarde levar a instintos sadomasoquistas; nas várias peregrinações frenéticas de Suguro pela cidade, é como se ele encontrasse conforto não em sua vida caseira – que

nunca é descrita –, mas quando volta para a segurança de sua vida como escritor, a segurança de seu escritório escuro semelhante a um útero.

Inicialmente, Endo pretendia chamar o romance de *A oração de um velho*, e foi ideia do editor substituir o título por *Escândalo*; foi, porém, uma decisão com a qual Endo disse não ter ficado totalmente feliz. De fato, no romance descobrimos que o próprio Suguro está escrevendo um romance sobre a velhice chamado *Seus anos de declínio*. Endo disse que

> em princípio, pensei em dar ao romance o título de *A oração de um velho*, mas alguém na Shinchosha me disse que apenas *A oração de um velho* era fraco, então mudamos para *Escândalo*. No entanto, eu realmente queria chamá-lo só de *A oração de um velho*, então fiz o protagonista dizer: "Na verdade, eu queria este título".

Evidentemente, a principal intenção de Endo era demonstrar que a velhice não trazia uma calma serena e uma sabedoria como aquela que Suguro pensa notar no rosto do velho sacerdote que ele encontra em Nagasaki. Em vez disso, Suguro não apenas vivencia seu próprio declínio físico e a preocupação com os constantes exames médicos e avisos sobre sua saúde frágil, como tem plena consciência da fragilidade da saúde da mulher e da artrite dela. Nesse meio-tempo, seus amigos começam a morrer, um após o outro. Pior de tudo, ele não consegue sequer reivindicar um pouco de calma espiritual, mas vê sua vida virar de cabeça para baixo com a ideia de que, em toda a sua produção literária, ele esteve amedrontado demais para encarar a zona mais sombria da psique humana. Ele sempre alegou que mesmo o pior tipo de pecado contém em si a semente da redenção, mas será que não há tipos de desejo intrínseco que são completamente, irremediavelmente, maus? Além disso, será que esses desejos sádicos brutais estão presentes não só em pessoas monstruosas, mas também naquelas que em geral são gentis, generosas e amáveis?

É esse aspecto de *Escândalo* – essa investigação profundamente honesta sobre os aspectos tortuosos, contraditórios e emaranhados da sexualidade humana – que prende o interesse do leitor. Endo não recua em sua análise dos impulsos sadomasoquistas e os encontra não nas fontes habituais, mas, sim, em pessoas como a refinada e elegante madame Naruse, uma voluntária que cuida amorosamente de crianças doentes no hospital. (Em um artigo de 1982 no jornal *Yomiuri*, o próprio Endo havia escrito um artigo pedindo voluntários para os hospitais.) Madame Naruse se preocupa com o resultado das cirurgias das crianças e, no entanto, consegue se transformar em uma pessoa totalmente diferente, que sente um

imenso estímulo sexual ao pensar em seu marido, um professor universitário gentil, amante da literatura, tocando fogo de propósito, durante a guerra, em uma casa cheia de crianças aos gritos. Mas a verdadeira questão sobre a sexualidade é que, muitas vezes, ela é o avesso da personalidade habitual de uma pessoa. Ela se recusa a ser perfeitamente regida pela moral e pela racionalidade. As coisas que nos estimulam sexualmente costumam ser coisas terrenas, perigosas e por vezes cruéis, das quais nos dissociamos quando não estamos excitados.

Suguro tem um sósia pelas ruas do bairro da luz vermelha de Tóquio, e madame Naruse tem uma sósia perambulando em sua psique. E todos nós temos um duplo espreitando dentro de nós, os desejos sexuais profundamente enraizados que não queremos tornar públicos, o lado malicioso e lascivo de nossa imagem cotidiana cuidadosamente arrumada que parece respeitável. Suguro só começa a ver esse seu lado no exato momento em que, recebendo seu grande prêmio literário, ele tolamente pensa ter proporcionado a soma da obra de sua vida. Ele transformou a exploração de valores cristãos lutando por aceitação em uma terra hostil em sua maior conquista, mas começa a perceber que talvez tenha feito papel de hipócrita esse tempo todo. Talvez, se a imagem fraca e lamentável de Jesus carregando sua cruz houvesse passado diante de si, Suguro, como o resto da multidão, teria sentido prazer em zombar dele e atirar-lhe pedras.

Suguro percebe que se sente sexualmente atraído pela criança Mitsu Morita, que nem ao menos está no ensino médio e só tem por volta de catorze anos. Suguro faz o melhor que pode para reprimir esses pensamentos, mas, como todos os desejos reprimidos, ele não controla seus pensamentos à noite e tem de escrever em seu diário que teve outro "sonho ruim". Suguro olha com inveja para o sacerdote católico de olhar sereno que encontra em Nagasaki, e é interessante lembrar que Endo escreveu *Escândalo* antes das amplas revelações de abuso infantil entre membros do clero católico nos anos 1990. De fato, a corajosa e honesta descrição de Endo sobre esse desejo sexual moralmente repugnante parece prenunciar a subsequente devastação da ingênua ideia de que os tipos religiosos não tinham tais desejos.

No romance, Suguro deve se aventurar no bairro da luz vermelha de Kabukicho ou nos motéis de Roppongi para descobrir um mundo irrestrito de prazer sexual. É como se o dr. Jekyll morasse no útero seguro da toca do escritor, enquanto o terrível sr. Hyde paira pelas ruas em discretas áreas do

outro lado da cidade. No entanto, no mundo de hoje, é exatamente na privacidade escura do próprio quarto que a pornografia fornecida pelo computador satisfaz e estimula todo tipo de desejo. Agora é o dr. Jekyll quem mostra a cara para o mundo enquanto o sr. Hyde mora dentro do útero protegido.

Na época em que escrevi esta introdução, em contraste com muitos dos outros romances de Endo, a maioria dos quais se encontra livremente disponível em livros de bolso, *Escândalo* estava disponível no original em japonês apenas como parte de uma coleção cara de quinze volumes de *Obras completas*. Seria possível que o radicalismo de Endo nesse romance tenha sido quase excessivo para sua legião de leitores? No romance, Suguro receia que, se o escândalo sobre suas visitas ao bairro da luz vermelha se tornar público, ele poderá perder o respeito dos dez mil leitores que leem automaticamente todo livro que ele escreve. A sensação é de que, em *Escândalo*, Endo pode ter levado seus leitores para muito longe de sua zona de conforto. A obra resultante, contudo, ainda é um triunfo: audaciosa, primorosamente equilibrada e singular. O único escândalo é que esse romance corajoso não seja mais amplamente conhecido.

Damian Flanagan
Tradutor

Nota: Todas as citações de Shusaku Endo foram tiradas do quarto volume de suas *Obras completas*, publicadas pela Shinchosha. Todas as traduções do japonês nesta introdução são de Damian Flanagan.

1

A velha cadeira giratória parecia enferrujada: depois que o médico olhou os resultados do exame e se voltou para o paciente, ela rangeu. Durante as consultas no hospital, os ouvidos de Suguro tinham se acostumado com aquele barulho. Assim que a cadeira estrilava, o médico sempre começava o discurso motivacional, com muita ponderação, sem pressa nenhuma, e naquele dia não seria diferente.

— Seu nível de TGO está em quarenta e três, e o de TGP, em cinquenta e oito. É um pouquinho acima do normal, então o senhor deve pegar leve. Daquela vez que exagerou, passou de quatrocentos, não passou?

— Passou.

— Se o senhor tiver cirrose, corre o risco de desenvolver câncer. Então, de novo, digo para não exagerar.

Suguro sentiu uma lufada de alívio boa, morna, gostosa. Desde o exame anterior, o trabalho vinha sendo mesmo estressante, e ele andara preocupado com os novos resultados clínicos. Então, quando agradeceu ao médico, pensou: *Agora posso ir à premiação sossegado*.

Por alguma razão, Suguro sempre sentia serenidade ao ver o Palácio Imperial, imponente e silencioso, na chuva. De todas as paisagens de Tóquio, gostava daquela em especial. Ao se dirigir para o salão de recepção, o carro que haviam providenciado para levá-lo deu a volta no fosso do palácio.

Naquela noite, Suguro receberia um prêmio literário pelo romance em que trabalhara durante três anos. Ganhara muitos prêmios como romancista. Agora que passara dos sessenta e cinco anos não conseguia evitar por completo a sensação de que a honraria daquela noite chegava meio tarde. Ainda assim, a aclamação que recebia por esse romance mais recente lhe massageava o ego. E era mais que orgulho. A harmonia que enfim alcançara com aquela obra, fosse na vida, fosse na escrita, era

muitíssimo gratificante. Suguro se inclinou no descanso de braço do carro e ficou olhando as gotas de chuva escorrerem pela janela.

O motorista parou, e um funcionário veio abrir a porta. O uniforme do homem cheirava a molhado. E, para além da porta automática na entrada, Kurimoto – jovem representante da editora que patrocinava o evento – aguardava para dar as boas-vindas a Suguro.

— Parabéns! — disse Kurimoto. — É uma ocasião muito especial para mim também. — Editor-assistente, ele supervisionara a edição do romance. Também ajudara ao levantar fontes de pesquisa e organizar de modo escrupuloso as viagens de Suguro para coletar material para o livro.

— Devo tudo a você.

— Não precisa exagerar. Mas esse prêmio significa muito mesmo, já que é o romance que realmente fecha o ciclo de *tudo* o que o senhor escreveu até agora. Vamos para o saguão? Os integrantes da comissão julgadora já chegaram.

A cerimônia teve início no exato horário impresso nos convites. As cadeiras para os jurados e o vencedor do prêmio ficavam num palco, dispostas de ambos os lados de um microfone, em frente ao qual era preciso ficar em pé para falar. Diante delas, uns cem convidados já estavam sentados. Depois de um preâmbulo do diretor-geral da editora, veio o discurso de Kanō, um dos jurados.

Suguro e Kanō eram amigos havia muito mais de trinta anos. Tinham feito sua estreia literária quase ao mesmo tempo. Quando jovens escritores, a relação se caracterizara pelo receio que tinham com os esforços criativos um do outro. Suguro e Kanō às vezes se repeliam, às vezes ecoavam em harmonia. Por volta dos quarenta anos, tinham já noção de quão diferentes eram como escritores e seguiram caminhos distintos.

Kanō, recitando suas impressões sobre o romance de Suguro enquanto olhava para a plateia, tinha o ombro levantado. Quando jovens, tanto Kanō quanto Suguro tiveram tuberculose, e ambos se submeteram à cirurgia reparadora. Sempre que o cansaço se apossava de um dos dois, o ombro que aguentara o pior da cirurgia se projetava para cima. A idade avançada de Kanō se cristalizara na curva do ombro. Assim como Suguro (que agora tinha também problemas hepáticos), ele sofria do coração já fazia muitos anos e estava sempre com um frasquinho de nitroglicerina no bolso.

— Suguro foi criado como cristão no Japão. Por um lado, isso foi uma bênção para ele. Por outro, acho que foi uma maldição.

Kanō, célebre pela fala fácil e fluente, começou o discurso com frases que se destinavam a atrair o interesse e a curiosidade dos ouvintes para os temas centrais das obras de Suguro.

— A maldição de Suguro está no fato de que ele precisa descrever seu Deus, que para nós, japoneses, é um ser escorregadio, muito difícil de abarcar, como se fosse possível compreendê-Lo num contexto japonês. Foi por isso que, nos primeiros tempos, ninguém estava na frequência de Suguro. Desde o início, Suguro se angustiava com a maneira de narrar o que ele queria dizer – a história do Deus dele – aos muitos japoneses que não tinham repertório para ouvi-la. Conheci Suguro há bem mais de trinta anos, quando a guerra ainda não tinha acabado… Naquela época, ele estava sempre com cara de desalento.

Três décadas antes… Na lembrança, Suguro visualizava agora o andar superior de um bar em Tóquio, o Fukusuke, perto da estação Meguro. O pequeno salão cheirava ao mofo dos tatames gastos. Numa noite de verão, a cortina de bambu, bastante desbotada pelo sol, pendia torta na janela. Na rua, alguém tocava clarim. Cinco ou seis homens na casa dos trinta anos se encostavam às paredes do salão, abraçados aos joelhos enquanto descascavam Suguro sem dó. Numa das paredes, o calendário mostrava uma moça que, orgulhosa de si, ostentava maiô e óculos escuros. Esses óculos eram um modismo que as jovens da época copiavam das mulheres que davam o corpo às forças estrangeiras de Ocupação. No grupo que criticava Suguro estava Kanō, homem magrinho, com maçãs do rosto salientes.

— Por algum motivo, não boto fé no que você escreve, Suguro — disse um sujeito chamado Shiba, que ficava enfiando o mindinho no ouvido enquanto falava. — Não há convicção de quem você realmente é. Ainda escreve só abstrações… Não parecem coisas de verdade.

Suguro não teve como refutar Shiba.

— Umas partes das histórias que você escreve… Bem, não são coisa *sua*, que você mesmo tenha vivido e experimentado. Não há nada errado em falar de Deus, mas é tudo muito suspeito quando parece que você só repete ideias ocidentais.

Shiba levantou os olhos e encarou Suguro enquanto falava. Shiba parecia avaliar a profundidade da mágoa que suas palavras infligiam em Suguro.

— Escute bem: ficção e ensaio são coisas diferentes. Você alguma vez considerou se uma imagem literária carrega *mesmo* o peso dos temas que você almeja apresentar? De minha parte, sou bem cético quanto a isso.

O impulso de desagravar a si mesmo até chegava à garganta de Suguro, mas vocalizar aquilo só faria aumentar o abismo entre ele e os amigos.

Nenhum de vocês tem sequer ideia de quão difícil é para um cristão ser ficcionista no Japão. Fazendo careta, Suguro engoliu as palavras de Shiba com os poucos goles de cerveja que restavam no copo. Ao mesmo tempo, parte de si não tinha como negar a alegação de que seu trabalho era suspeito. Suguro sentia-se como se sempre ocultasse alguma coisa bem fundo no coração.

— Naquele tempo, Suguro era como uma vítima de *bullying* no grupo. Chegamos a insistir para que largasse o cristianismo. Para nós, homens ainda jovens do pós-guerra, religião era o que Freud descreve como ampliação da figura paterna derivando do complexo de Édipo, era o opiáceo de que fala a doutrina marxista, era uma superstição irracional. E os cristãos eram hipócritas que tinham ido contra as próprias origens japonesas. Em suma, não entendíamos por que Suguro não queria se livrar do incômodo Deus estrangeiro. Além do mais, não tinha se convertido, o que teria sido um gesto de livre e espontânea vontade. Tinha simplesmente sido batizado quando pequeno, a pedido da falecida mãe. Por isso, sua fé nos parecia nada mais que força do hábito. Como vocês sabem, Suguro depois escreveu diversos romances históricos sobre os primeiros cristãos japoneses, falando de crentes, dignos de pena, que autoridades brutais obrigaram à apostasia. Muitas vezes, acho que Suguro pensava em mim quando criou aquelas autoridades tão cruéis.

A plateia riu. Suguro deu um sorriso irônico, vendo o quanto o amigo burilara o discurso. No pequeno auditório, os olhos de cada convidado se voltavam para Kanō.

— Naquele tempo, Suguro se justificava alegando que o homem a quem Deus chamou não consegue jamais escapar ao domínio Dele. Claro, nenhum de nós acreditava nessa conversa fiada. Só que Suguro, em trinta anos ou mais como romancista, vem corroborando com firmeza tal alegação. Adotou como tema central das obras a maneira de harmonizar a religião cristã e o contexto japonês. É uma batalha desesperada, travada nas

histórias que escreveu no decorrer dos anos. E esse romance de agora é o fruto da vitória de Suguro.

Para dar ritmo ao discurso, Kanō primeiro fizera a plateia rir e depois a atraíra para a teia dele, onde a prendeu muito bem. O ritmo provocou reação imediata no rosto de muitas das mulheres que estavam no auditório lotado. Kanō era sensível a tais reações e, lançando olhares furtivos para aqueles rostos, parecia avaliar o tempo todo a eficácia de sua fala.

— No entanto, o diferencial de Suguro como escritor é não ter jamais sacrificado a literatura em favor da religião. Nunca relegou a arte ao posto de serviçal de uma fé que alguém como eu não conseguiria aceitar de jeito nenhum. Em outras palavras, o romancista Suguro pôs as mãos, sem medo e sem dó, em aspectos da vida que a Igreja dele, é claro, abomina – os atos malévolos, repulsivos e sujos dos homens. E é por isso que sua literatura nunca foi subserviente à fé.

Kanō sabia muito bem massagear o ego de Suguro. Estava certíssimo em dizer que aqueles problemas tinham angustiado Suguro numa etapa da vida. Suguro se lembrava das palavras de um padre estrangeiro idoso que conquistara sua confiança:

— Por que você não escreve histórias mais alegres, mais bonitas?

Suguro o conhecia desde menino. Antes da guerra, o padre tinha vivido como indigente nas favelas de Osaka e, ao mesmo tempo, cuidado de enfermos, enlutados e órfãos. Os japoneses que o conheciam o consideravam um equivalente estrangeiro de Ryōkan, o benemérito monge budista medieval. Sempre que Suguro falava cara a cara com o padre, aqueles olhos límpidos e aquele sorriso de criança lhe derretiam o coração teimoso. Toda vez que Suguro via o padre, lembrava-se da expressão bíblica “Bem-aventurados os mansos”.

Um dia, o padre, com olhar que indicava tristeza profunda, murmurou:

— Li seu romance no Ano-Novo. Tem muitas palavras difíceis, mas li assim mesmo. Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Por que você não escreve histórias mais alegres, mais bonitas?

Essa pergunta e aquele olhar continuaram a espicaçar o coração de Suguro quando, no quartinho minúsculo que lhe servia de ambiente de trabalho, ele usava o lápis para escrever e escrever, sem parar.

Ainda assim, nunca produziu nenhum romance que fosse alegre e bonito. De algum modo, persistia em descrever os domínios sombrios,

negros, feios do íntimo de suas personagens. Como romancista, não conseguia contornar nem fazer que não via os componentes do ser humano, quaisquer que fossem.

E percebia que, ao descrever o coração lúgubre das personagens, seus próprios pensamentos ficavam turvos. Para esboçar um coração repelente, seu próprio coração tinha de se tornar repugnante. Para reproduzir a inveja, era obrigado a se aviltar, mergulhando naquele sentimento. Quanto mais escrevia, mais ciente ficava do tipo de fedor que emana das profundezas de todas as pessoas. Em outra fase da vida, quando escrevia sobre aquele mau cheiro, sempre recordava o rosto do padre e as palavras dele:

— Por que você não escreve histórias mais alegres, mais bonitas?

Com o tempo, Suguro passou a achar que encontrara uma resposta pessoal à pergunta. Para ele, a verdadeira religião deveria ser capaz de reagir às melodias sombrias, aos sons falhos e medonhos que ecoam do coração dos homens. Enquanto continuava a escrever, aquela noção se transformou em algo semelhante a uma garantia de bom proceder, resgatando Suguro da inquietação.

— O que a literatura de Suguro tem de único, de incomparável, é a descoberta de um novo sentido e um novo valor para o que a religião denomina pecado. Infelizmente, já que não tenho religião, tampouco tenho a mínima ideia do que seja pecado…

Kanō fez uma pausa, um intervalo sarcástico de silêncio. Foi a deixa para que várias pessoas na plateia rissem.

— Durante certo período, Suguro ficou tateando na escuridão, descrevendo com gosto os pecados da humanidade. Depois, começou a se impor aquele anseio por ressurreição que se esconde em todo ato pecaminoso. Porque Suguro dá a entender que, em todo pecado, espreita a vontade humana de achar maneira de escaparmos da vida sufocante que levamos hoje. Isso, penso eu, é o que há de original na literatura dele. E, no romance mais recente, esses conceitos tão ímpares, tão seus, são retratados com considerável maturidade.

A voz de Kanō ganhou tom mais suave, como se rememorasse algo de um passado distante.

— Faz bem mais de trinta anos que conheço Suguro. Acho que, mais ou menos pela última década, ele vem se sentindo muito como o poeta Bashō quando este escreveu “Ninguém para me acompanhar neste caminho/ A noite cai no outono”. Depois que nós, romancistas, passamos

dos cinquenta, o que os velhos amigos escrevem pode nos afetar, mas já não somos influenciados pela obra deles. O que nos resta é continuar cavando, uma pá de terra por vez, aprofundando o buraco que é nossa literatura. Vamos fazer isso até morrermos. Acho que Suguro deve ter a mesma sensação.

Com a plateia atenta, Kanō estava pronto para a conclusão.

No fundo do auditório, Kurimoto estava em pé atrás das cadeiras. Era sua tarefa conduzir os atrasados a seus devidos lugares; ao mesmo tempo ele queria ver Suguro receber o prêmio em mãos. Depois da cerimônia, Suguro queria agradecer ao rapaz por todo o trabalho nos bastidores enquanto o romance era escrito.

Uma mulher da equipe editorial de outra empresa estava em pé junto a Kurimoto. Suguro não sabia o nome da mulher, mas, quando ele ia à editora, muitas vezes se cruzavam na entrada. Era baixinha, e Suguro se recordava bem dela por causa do encantamento que revelava no rosto gorducho e cheio de covinhas. Atrás de Kurimoto e dessa mulher, viu outro rosto.

Suguro piscou, surpreso. Sem dúvida, era seu próprio rosto. Sua expressão podia ser interpretada como um sorriso largo ou como uma careta desdenhosa.

Suguro piscou várias vezes mais. Não havia ninguém em pé atrás daqueles dois funcionários de editora.

Começou a recepção. Em diferentes partes do salão, formaram-se pequenos aglomerados ao redor de autores e ilustradores conhecidos; quando Suguro fechava os olhos, o tilintar de taças, as vozes agudas e as gargalhadas se fundiam aos incontáveis passos que se arrastavam pelo piso duro, e todos esses passos juntos pareciam farinha no pilão. Outros convidados tinham ficado em frente às mesas de sushi e lámen; no meio dessas pessoas, destacavam-se os rostos muito brancos das garçonetes.

— Obrigado pelo discurso tão bom — disse Suguro, dando um tapinha no encurvado ombro direito de Kanō. O outro escritor vinha divertindo com seu papo um grupo de três ou quatro profissionais do ramo editorial.

— Ah, você gostou? — Para disfarçar o constrangimento, Kanō logo mudou de assunto. — Você emagreceu. Está tudo bem?

— Estou bem, sim. Mas, na nossa idade, não é surpresa que a saúde sofra com problemas de todo tipo.

— Era justamente disso que falávamos. De quanto minha memória piorou nesses últimos tempos. Não consigo lembrar nada de livros que acabei de ler. Às vezes, em eventos como este, não lembro de jeito nenhum os nomes de quem vem falar comigo.

— Comigo é igual.

— Dizem que a primeira coisa que a gente perde é a vista. Depois, os dentes; depois, outra coisa qualquer. Mas comigo é a vista, depois a memória, depois os dentes. Isso sem falar do coração, que o meu sempre foi ruim.

— E os outros sentidos? — perguntou o rapaz de uma editora.

— "Outros sentidos"?! Bem, os "outros sentidos" vêm piorando do mesmo jeito. E com você, Suguro? — Os olhos de Kanō brilharam, maliciosos. — Claro, você é cristão e tem uma daquelas esposas exemplares. Mas vai dizer que não deu nenhuma puladinha de cerca até ter ficado velho demais para isso? Ou talvez você esteja aprontando e não tenha nos contado nada?

— Ora, por que eu sairia revelando segredos que não contei nem à minha mulher? — Diferentemente do que acontecia no passado, Suguro sabia reagir às provocações inofensivas que as pessoas lhe faziam nos círculos que frequentava.

Depois de passado um tempo com aquele grupo, foi cumprimentar outras pessoas. Dois dos decanos do mundo literário japonês, Segi e Iwashita, estavam conversando. O crítico Iwashita, com o rosto afogueado e uma taça de vinho na mão, cumprimentou Suguro num tom enjoativo de bajulação:

— Suguro, esse novo romance é o melhor que você já escreveu. — Já que estava no mundo literário havia mais tempo e se formara na mesma universidade, Iwashita sempre procurava algum jeito de botar Suguro debaixo da asa. — Concorda? — perguntou Iwashita ao também crítico Michio Segi, tentando obter o mesmo tipo de endosso.

— Faço ressalvas. — O rechonchudo Segi forçou um sorriso. — Só que hoje estamos aqui para congratular, e vou guardar minhas opiniões para mim mesmo.

— Não ligue para ele. Segi é sempre assim, duro.

— A função do crítico é ser duro.

Essas trocas verbais eram praxe no mundo literário. Durante mais de trinta anos, ouvira aquilo em eventos, festas, bares e mesas-redondas mais vezes do que saberia contabilizar. Contudo, ao bebericar o destilado aguado que uma garçonete servira, Suguro tentou adivinhar qual aspecto do romance Segi atacaria, e achava que sabia qual seria.

Não há nada a fazer se me criticarem, alegou para si mesmo, enquanto ainda estava sorrindo. Nesse romance, coloquei minha vida e minha escrita em harmonia. Não importa o que digam, é impossível perturbar essa harmonia. Com satisfação, lembrou-se de Kurimoto ter dito que, naquela obra, Suguro fechara o ciclo de tudo o que escrevera. Quando outra pessoa apareceu para cumprimentar os dois críticos, Suguro aproveitou a interrupção e foi juntar-se a outro grupo.

— Sensei![1] — Era uma moça de talvez vinte e sete ou vinte e oito anos, que Suguro nunca tinha visto antes. Com muita familiaridade, ela o puxava pela manga do paletó. Agora, ao sorrir para Suguro, o batom lhe manchava os dentes da frente. Na mão direita, com a qual o puxava, segurava um cigarro aceso. Na esquerda, um copo de bebida. — Já se esqueceu de mim?

Suguro piscou seguidas vezes. Como dissera Kanō, estava numa idade em que costumava esquecer o nome e o rosto de pessoas que encontrara só uma ou duas vezes.

Ela, rindo, tornou a falar com familiaridade:

— Que coisa feia, sensei! Nós nos conhecemos em Shinjuku, lembra? Eu estava desenhando retratos na esquina…

— Onde?

— Na rua Sakura. O senhor apronta poucas e boas por lá, sensei.

— A senhorita está me confundindo com outra pessoa. Não era eu.

— Ah, não se faça de desentendido. O senhor disse que iria a nossa exposição. Até pediu para minha amiga fazer um retrato seu, esqueceu? E depois disso…

A moça provavelmente estava bêbada. Ainda segurando Suguro pela manga do paletó, deu uma piscada cúmplice. A mancha de batom nos dentes a fazia parecer as aspirantes a estilista, designer e atriz que, em Tóquio, zanzavam pelas ruas dos bairros de Shinjuku e Roppongi.

— Acho realmente que a senhorita está me confundindo com outra pessoa.

— Ah, entendi. Não quer que ninguém saiba que estava farreando com a gente na madrugada. Porque o senhor é cristão, né? Claro, claro, é preciso manter as aparências…

Suguro deu um puxão na manga, tirando-a das mãos da moça, e tentou ir para outro grupo. Um repórter fotográfico acabara de voltar a câmera para Suguro, que, instintivamente, forçou um sorriso no rosto tenso.

— Ah, que pose linda! — disse a moça, maliciosa. — Isso aí foi falsidade ou foi de verdade, sensei?

Os convidados em volta se viraram para os dois. Ficou óbvio que estavam olhando para Suguro. Ele, de caso muito pensado, deu de ombros como se dissesse "não sei o que está acontecendo aqui". No entanto, obrigou-se a continuar sorrindo.

Kurimoto interveio e, pegando a moça pelo braço, levou-a para fora. Ao voltar, depois de algum tempo, disse:

— Peço mil desculpas. Não faço ideia de quem a trouxe para o evento. Eu a coloquei no elevador, descemos para o térreo, e a mandei embora.

— Eu não sabia o que fazer. Ela foi muito insistente, de um jeito bem desagradável… — Suguro se preocupava com a possibilidade de que Kurimoto achasse tudo aquilo suspeito. — Disse que nos conhecemos altas horas numa tal de rua Sakura, em Shinjuku.

— Pois é, ela foi bem estridente.

— Onde fica essa rua?

— É em Kabukicho… — Kurimoto hesitou por um momento. — A rua é cheia de cabines de *peep show* e coisas do gênero.

— A moça disse que eu estava aprontando por lá.

— Repetiu isso lá no saguão. Na mesma hora, dei-lhe uma bronca: garanti que o senhor nunca iria a um lugar daqueles.

Suguro assentiu, aliviado. Kurimoto era um tipo carrancudo, que provavelmente rodaria pelo salão negando tudo, de um jeito bem severo, a qualquer um que tivesse ouvido a conversa da moça com Suguro. Negando que houvesse verdade no que a moça dissera…

Parara de chover, mas havia muitas poças na rua. Táxis vazios passavam em alta velocidade, um atrás do outro, jogando muita água para os lados. A moça levantou a mão para chamar um deles, mas pareceu mudar de ideia e se pôs a andar rumo à estação de Tóquio. Uma lufada de vento repentina

inflou sua capa preta. Para Kobari, que ia seguindo a moça, pareceu um morcego a abrir as asas.

Perto da entrada do metrô, Kobari foi falar com ela.

— Eles lhe deram um caldo lá, não?

A moça parou, e seu corpo se retesou.

— Quem é você?

— Desculpe-me. Sou correspondente de um semanário. Claro, a revista em que trabalho não é tão refinada quanto as editoras que patrocinaram o evento de hoje à noite. Mas nosso diferencial está justamente nisso… — Kobari fez então o tipo de pergunta que aprendera e assimilara no trabalho: — Você estava mentindo, não estava? Quando disse que o sr. Suguro apronta nas casas de má fama lá de Shinjuku. Não acreditei em nadinha.

— Pode achar que é mentira se quiser. Se acha que inventei tudo, não tem por que me questionar.

— Se é verdade, então conte. Vou fazer valer a pena.

— Não gosto de jogar sujo. Você vai usar naquela revista, não vai?

— Não, não! — Kobari logo negou. — Não pretendo escrever nada sobre isso. É uma curiosidade pessoal: saber se o sr. Suguro iria mesmo a um lugar daqueles.

— Não tenho motivo nenhum para mentir. Para começo de conversa, foi o próprio sr. Suguro quem me convidou para a entrega do prêmio.

— Sério? Ele mesmo convidou você? Vou perguntar de novo, só para deixar tudo bem claro: foi *mesmo* o sr. Suguro?

— Claro que foi.

— Em que parte da Sakura você o conheceu?

— Na galeria, em frente a uma sauna mista, a Doce Mel. Ele estava saindo de lá.

— Você é mesmo artista plástica?

— E tem algo de errado nisso?

— Você já expôs?

— Por que você quer saber?!

— Posso conseguir que nossa revista a mencione entre os novos talentos.

Kobari ofereceu, enfático, um cartão de visita. A moça aceitou, mas ainda tinha uma ponta de raiva na voz quando disse:

— Vou expor em Harajuku, perto da rua Takeshita. No dia 27.

— Perfeito. Agora me conte tudo o que você sabe sobre Suguro.

Kobari lançou um olhar meloso e pôs a mão no ombro dela. A moça afastou a mão dele e desceu correndo a escada da estação, com a capa esvoaçante atrás de si.

— Espere! Diabos… Pelo menos me mande um folheto da exposição!

Kobari continuou chamando, mas a moça já sumira.

Ah, então é verdade, não? Era como se enfim confirmasse a vaga impressão que tinha toda vez que via a foto de Suguro num jornal ou numa revista.

Ultimamente, Kobari já não tinha relação nenhuma com a literatura. Nos tempos de faculdade, porém, quisera muitíssimo ser romancista. Mas nem mesmo na época suportava o cheiro de religiosidade que os livros de Suguro exalavam. O desgraçado exagera mesmo na dose, costumava pensar.

Quando universitário, Kobari era influenciado pelo materialismo dialético e não ficava à vontade com os que, a exemplo de Suguro, iludiam as massas com a crença naquele opiáceo chamado religião. Nesse sentimento de Kobari, enredavam-se lembranças de infância. Quando menino, tinha ido várias vezes à igreja protestante do bairro ter aulas de inglês. A evangelista quatro-olhos de peito chato pegara antipatia de Kobari e costumava cobri-lo de insultos e comentários sarcásticos. Fazia isso porque Kobari ficava só para as aulas de inglês, correndo para casa quando o pastor chegava para pregar. Depois daquilo, Kobari sempre pensava nessa mulher quando ouvia a palavra “religião”.

Ele desceu a escada do metrô, mas já não havia sinal da moça, fosse nas bilheterias automáticas, fosse na plataforma da linha Hibiya. Kobari, entretanto, estava demasiado entretido com aquelas sensações agradáveis para se importar. Arrastar na lama um escritor santarrão que despejava histórias tão sentenciosas, tão presunçosas, era tarefa que valia muito a pena para aquele repórter. Um jornalista sênior, lembrava-se, tinha sido quem levara à queda o primeiro-ministro Kakuei Tanaka, e Kobari, enquanto esperava o trem, repetia, quase cantarolando, o nome da sauna que a moça mencionara:

— Doce Mel, Doce Mel…

O trem estava tomado por um fedor cansado, o fedor da vida. Em pé no vagão, Kobari se segurava à alça em frente a uma jovem cujas pernas estavam desleixadamente abertas e a um homem de meia-idade que fazia círculos vermelhos num volante de apostas de corrida. Mais uma vez,

Kobari pensava no evento daquela noite. Entrara lá de penetra, buscando material para reportagem, e por acaso estava bem ao lado de Suguro quando a moça o segurara pela manga. No rosto do escritor, Kobari vira um susto que era mais que mero constrangimento. Era, sim, indício de que a moça não mentia.

Farsante!

Talvez Kobari tivesse topado ali com o motivo da desconfiança que os romances de Suguro lhe despertavam. Um homem que espiava mulher pelada em *peep show* e bolinava garotas em saunas mistas e, com aquelas mesmas mãos, confiava ao papel frases grandiloquentes de elevado teor moral.

O paletó que a moça agarrara parecia ser de tecido caro. Ao comparar com as próprias roupas, a hostilidade de Kobari aflorava ainda mais dentro de si. Voltou o olhar para a escuridão além das janelas do trem de metrô. Depois, de volta ao apartamento, sentou-se ao lado da mulher desgrenhada e adormecida com quem morava e tomou os derradeiros goles de uma garrafa de uísque.

Dois ou três dias depois, Kobari visitou uma parte de Kabukicho, em Shinjuku, com a qual estava muito familiarizado: o trecho repleto de *peep shows* e saunas mistas. Ele teve bem pouco trabalho para localizar a Doce Mel – achou a sauna numa galeria chamada Empório Pornô, onde pisos distintos se destinavam a cinemas, revistarias e saunas mistas. Quando Kobari entrou no elevador, era começo da noite, e o Empório ainda não atraíra tantos fregueses. Mesmo assim, o elevador tinha um ranço masculino. No balcão da Doce Mel, mostrou ao atendente uma foto de Suguro, recortada de uma antologia literária, e perguntou:

— Esse homem vem bastante aqui?

O funcionário fez que não e embromou:

— Temos clientes aos montes. Não dá para querer que eu me lembre de cada um deles, dá?

Até os alcoviteiros só pareciam sentir-se na obrigação de divulgar os segredos da clientela quando era a polícia quem perguntava. Kobari inquiriu em mais dois ou três estabelecimentos na galeria, tendo recebido a mesma resposta e o mesmo sorriso vazio.

Esses homens não foram os únicos a olhar para Kobari com desdém. Quando ele falou do episódio na recepção da sauna a um antigo colega de faculdade – com quem atuara num jornal literário de panelinha universitária –, o rosto do amigo ficou lívido de nojo.

— Você não acreditou no que ela disse, acreditou?!

Antes confiante de que o amigo tomaria seu partido, Kobari não conseguiu esconder a decepção ao dizer:

— Como é?!

— Você virou mesmo um desgraçado bem sujo, né? — comentou o amigo, bravo. — Diga lá, você sente prazer em inventar escândalo só para tentar sujar o nome de um escritor como Suguro? É isso? Bem, imagino que hoje seja moda entre jornalistas.

Kobari ficou ressentido, mas a ideia de que ele, sozinho, poderia soltar a bomba que pegaria de surpresa o público leitor lhe causava na espinha uns arrepios de indescritível prazer.

Agora, sempre que tinha um encontro profissional ou saía para beber com os colegas, Kobari procurava fazer com que fosse na Golden Gai, a região dos bares em Shinjuku. Depois, ao voltar para casa, passeava por Kabukicho. E, não importava quantas vezes se demorasse por aquelas ruas, nunca avistou Suguro nem a artista plástica.

Já estava praticamente desistindo. Certa noite, porém, quando a altas horas comprava passagem na bilheteria automática da estação de metrô de Shinjuku, Kobari levantou os olhos a tempo de ver algo que o deixou sem fôlego. A silhueta de um homem que se parecia muito com Suguro caminhava para o ponto de táxi na companhia de uma mulher de óculos. Kobari deixou o troco na máquina e correu atrás deles, mas o casal já entrara num táxi. O jornalista pegou o táxi seguinte e pediu ao motorista que seguisse o carro anterior.

Pela janela traseira do táxi à frente, Kobari viu a mulher deitar a cabeça no ombro direito do homem. O táxi seguiu pela avenida Kōshū e pegou o sentido do parque Yoyogi. O taxista que levava Kobari acabou dizendo, constrangido:

— Parecem ir para onde ficam os motéis. Continuo atrás deles mesmo assim?

— Continue, sim. Só estacione um pouco à frente de onde eles pararem.

Na região do Yoyogi, o primeiro táxi parou em frente a um palacete de portão imponente. O táxi de Kobari passou discretamente e estacionou uns setenta ou oitenta metros adiante. Àquela altura, o homem e a mulher já haviam sumido. Kobari foi olhar o palacete. Numa placa à entrada, lia-se Hotel Cisne de Yoyogi. Uma fileira de cedros-do-himalaia se estendia, negra, do portão à entrada da garagem. Kobari foi perguntar na recepção, mas o *concierge* negou, secamente, que tais hóspedes estivessem ali.

Suguro fazia uma peregrinação diária de sua casa para o apartamento que alugava perto da estação Harajuku e que fazia as vezes de escritório, pois não conseguia escrever nos hotéis nem nas estalagens onde muitos de seus colegas de ofício gostavam de trabalhar. Só era capaz de concatenar as ideias sentado à escrivaninha, tão familiar, naquele quartinho minúsculo, cheio dos odores de seu próprio corpo.

Havia outros requisitos. Muitos anos de experiência lhe ensinaram que o recinto precisava ser pequeno e escuro e manter a umidade adequada. Além de cozinha e banheiro, o apartamento tinha três cômodos. O maior deles, a sala, Suguro usava para receber as visitas; ali se encontrava com o pessoal das editoras e da imprensa. O cômodo de tamanho intermediário virava quarto de dormir quando Suguro trabalhava até tarde. O quartinho crucial, onde escrevia, aparentemente fora usado como depósito pela família estrangeira que alugava o apartamento antes. O cômodo deixava entrar bem pouca luminosidade, e, por causa da pesada cortina, Suguro precisava deixar a luminária de mesa acesa mesmo ao meio-dia. Como essas condições atendiam perfeitamente às exigências do subconsciente do escritor, ele transformara o quartinho em escritório.

No ano anterior, o fotógrafo de uma revista fora colher imagens para uma matéria intitulada “Um autor e seu escritório”. Quando Suguro explicou os motivos de ter escolhido o quartinho, o fotógrafo disse na mesma hora:

— Este quarto é como o ventre materno. O senhor deve ter muita vontade de voltar para lá.

O fotógrafo continuara, explicando que o anseio de retornar para o útero era uma pulsão furtiva para retornar ao estado anterior ao momento

em que a vida despertara lá dentro – para voltar a um estado de sono no líquido amniótico. Em outros termos, era um anseio não tanto pela vida, mas pela morte, buscando o descanso eterno.

Toda manhã, ao chegar ao apartamento, Suguro ia para aquele quartinho e se sentava na mesma cadeira que usava havia muitos anos. Primeiro lançava um olhar rápido à foto da mãe, na parede. Depois mirava com carinho a luminária de mesa, o relógio de mesa – que fazia tique-taque com uma regularidade precisa – e o porta-lápis em estilo chinês. A fisionomia da mãe na foto mudava todo dia. Num dia, parecia feliz. No outro, abatida. Suguro sentia que ela deixara marcas profundas na vida do filho. Fora batizado por influência da mãe. Fosse como fosse, os romances que escrevera nos últimos dez anos – *A voz do silêncio*, *No deserto* e *O emissário* – tinham sido concluídos graças ao acúmulo daquele labor diário, de modo bem semelhante àquele pelo qual as formigas carregam um grãozinho de alimento por vez.

Sem dúvida era assim também para outros escritores, mas, no caso de Suguro, o processo de criação de qualquer obra ficcional se comparava a entrar sem mapa em terra desconhecida. Sendo muito prudente, nunca lhe passaria pela cabeça iniciar tal jornada antes que houvesse completado todos os preparativos de viagem, desde a cuidadosa seleção dos temas até a estimativa do tempo de que precisaria para reunir material. Ainda assim, Suguro muitas vezes não fazia ideia de para onde seguia, e tudo o que conseguia discernir à luz tão fraca eram os contornos nebulosos do ponto de partida. Uma escuridão densa cobria a estrada adiante. Durante quinze anos, Suguro fizera muitas dessas jornadas desgastantes, tateando bastante para conseguir avançar, e tudo nos limites daquele quartinho.

Em seu escritório, com a cerimônia de premiação já no passado, sentia o mesmo gosto amargo de jornada literária. Para planejar um conto novo, fechou a cortina e sentou-se recurvado, tal qual relojoeiro, sobre a escrivaninha pouco iluminada. No entanto, embora até fizesse algumas anotações, a inspiração costumeira não veio.

Em geral, Suguro passaria mais da metade do dia naquela réplica de trabalho manual, sem ouvir nada além dos ruídos do lápis na superfície do papel, e desfrutaria o esforço apesar da dor e incômodo que o acompanhavam. Nos últimos tempos, contudo, essa alegria ficava adormecida no peito.

Deixando o lápis de lado, tentou afastar as angústias que vinham prejudicando o trabalho. O rosto e as palavras da moça bêbada que buscara a atenção dele no evento não o deixavam, como se fossem uma mancha de tinta no dedo médio.

— Nós nos conhecemos em Shinjuku… O senhor apronta poucas e boas por lá, sensei… Ah, entendi. Não quer que ninguém saiba que estava farreando com a gente na madrugada…

O ar de intimidade e o fedor de bebida não se descolavam de nenhuma das palavras vomitadas por entre aqueles dentes sujos de batom. Era absurdo que Suguro ficasse petrificado com os comentários de uma bêbada.

Balançou a cabeça cinco ou seis vezes, negativa e enfaticamente, e releu parte do manuscrito. Sempre escrevia os primeiros rascunhos em letra minúscula, corrigia-os à caneta colorida ou lápis de cor e depois contratava uma secretária para datilografar uma cópia limpa da versão final.

> Talvez por causa da idade avançada, andava com o sono muito leve, tendo vários sonhos durante a noite. Cada sonho era distinto; quando terminava um, despertava de imediato. Tão logo acordava, fitava a escuridão por um tempo, pensando apenas na morte que acabaria por alcançá-lo. Completara sessenta e seis naquele ano.

Pegou uma esferográfica vermelha e mudou *Cada sonho era distinto* para *Os sonhos eram todos distintos*. Ao fazer a correção, percebeu que a velhice seria o principal tema do conto.

O telefone tocou. Atendeu, irritado com a interrupção, e ouviu aquela voz familiar e séria se identificar.

— Aqui é o Kurimoto. Queria saber como vai o conto.

— Já cheguei à metade.

— Qual é o título?

— Estou pensado em *Outono de um homem.*

Kurimoto ficou quieto um instante. Em seguida, disse:

— Peço desculpas pelo que aconteceu. É, refiro-me à moça bêbada. A recepção estava um caos, e ainda não descobri quem a levou lá.

— Ah, eu imagino. Quer dizer, eu nunca tinha visto aquela moça antes. — Suguro foi enfático e ficou esperando a reação de Kurimoto.

— A propósito, mandaram para nós um cartão-postal endereçado ao senhor. Parece ser da tal moça. A remetente consta como Hina Ishiguro. Parece que não estava mentindo quando disse que era artista de rua. É o convite para uma exposição.

— O que faz você pensar que se trata da mesma moça?

— Ela escreveu… — Kurimoto, hesitante, enrolou-se ao falar. — No verso do convite, ela escreveu: "Mentiroso. O senhor é um mentiroso, sensei"… O que o senhor quer que eu faça com o postal?

Suguro já ia dizendo que aquilo não tinha utilidade, mas hesitou. Não queria ver o postal; ao mesmo tempo, não queria deixar nada do tipo nas mãos de Kurimoto.

— Não estou conseguindo pensar direito. Bem, por que não manda para mim? — Deu uma risada despreocupada, na esperança de que o jovem editor-assistente não percebesse o quanto se agitara.

Depois que desligou, estava mais angustiado que antes.

Ela não vai parar.

Lembrou-se da persistência com que, no evento de premiação, a moça se agarrara à manga do paletó. Suguro, ainda que de maneira nebulosa, detectou perigo em deixar de lado o caso, que de repente poderia virar grande polêmica. Para afastar a aflição, piscou seguidas vezes – um tique que tinha.

Dois dias depois, o cartão-postal chegou com a correspondência da editora para o escritório de Suguro. Hina Ishiguro, nome que parecia mesmo de artista plástica, estava escrito a pincel. Suguro se surpreendeu ao ver que a mostra seria na região da rua Takeshita, não muito longe do escritório. Escrito a esferográfica no verso do postal, exatamente como dissera Kurimoto, lia-se: "Mentiroso. O senhor é um mentiroso, sensei". Suguro desviou o olhar, como se tivesse visto algo de mau agouro. Depois rasgou o convite e jogou na cesta de lixo.

> Faz pouco tempo, sonhei que me encontrava com Ryūnosuke Akutagawa[2]. Ele, de braços cruzados e olhos baixos, usando um quimono amassado de verão, estava sentado comigo. Akutagawa não disse palavra, mas de repente se levantou, abriu a cortina de bambu atrás de si e foi para o outro cômodo. Eu sabia que o cômodo vizinho era o reino dos mortos. Mas logo a cortina se abriu de novo, e Akutagawa voltou para o cômodo onde eu estava.

Suguro escreveu essas palavras recurvado sobre a escrivaninha. Depois as releu em voz baixa e mansa, para sentir o tom. Aquele trecho não era ficção, mas um sonho que tivera de fato, uns dois meses antes. Lembrava que, quando acordou desse sonho no meio da noite, sua mulher dormia ao lado, tranquila.

Claro, não contara o sonho à mulher. Desde que o filho, Tatsunosuke, que trabalhava para uma *trading company*, e a nora, Masako, haviam se mudado para os Estados Unidos, Suguro tomava o cuidado de não

mencionar nada que pudesse causar nem a mínima preocupação à mulher. Aliás, desde o próprio casamento, Suguro, ao contrário de outros romancistas, apresentava-se ao mundo como marido e pai muito correto – não porque fosse cristão, mas porque sabia que a atitude típica de escritor cafajeste não era de sua índole. Não importando o que escrevesse na ficção, Suguro resolvera que, no cotidiano e na aparência, queria ser cidadão comum. Por isso, no relacionamento com a mulher, raramente fazia alguma coisa que perturbasse o equilíbrio que tinham estabelecido.

No sábado e no domingo, sua mulher ia limpar o escritório. Nesses dias, Suguro adotava o aspecto de homem de família, aparência diferente daquela que tinha ao escrever. Para ele, usar outra cara não implicava nenhum artifício, tampouco indicava encenação ou hipocrisia.

A mulher sofria de artrite e, no outono e nas chuvas de verão, tinha dores nos joelhos e nas juntas das mãos. Era resultado de ter-se debilitado tanto, trinta anos antes, ao cuidar do marido durante as longas estadas em hospital e três operações torácicas. Nos dias frios, Suguro sentia-se profundamente devedor ao vê-la empurrar o aspirador de pó. Quando ele falava em contratar empregada, porém, a mulher sempre ria e fazia que não.

Nas épocas do ano em que os braços e as pernas da mulher não doíam, Suguro e ela às vezes almoçavam juntos e depois saíam para um passeio a pé. Sempre faziam o mesmo caminho: desciam a ladeira do escritório, pegavam o parque Yoyogi e seguiam pela Omotesandō antes de voltar para o escritório. No parque, sentavam-se juntos num banco, vendo os jovens jogarem badminton. Depois de mais de trinta anos de casamento, havia entre eles uma tranquilidade mesmo quando não trocavam palavra, tranquilidade que era quase palpável para Suguro quando estava sentado ao lado da mulher. Nos momentos em que o papel de escrita estava à sua frente, era um romancista que vasculhava as profundezas da própria alma e vomitava o que lá encontrava. Como marido, tomava cuidado para não se expor além dos limites do essencial – era sua maneira de demonstrar compaixão pela mulher, que era de família católica e estudara em colégio de freiras.

No fim de semana depois que Suguro jogou fora o convite para a exposição, a mulher não foi ao escritório por causa de um contratempo na família dela. Suguro, então, passou o sábado e o domingo no escritório,

revisando o conto. Nessas tardes, sentado atrás da cortina fechada, conseguia ouvir, bem fracas na distância, as vozes alegres da multidão.

No domingo, saiu do escritório e desceu a ladeira estreita mais ou menos na hora em que o sol da tarde começou a baixar. Como sempre, a caminhada o levou na direção do parque Yoyogi. Nos últimos tempos, as vias para o parque ficavam cheias tanto de adolescentes agora famosos em Tóquio e batizados "tribo Broto de Bambu", nome da butique de Harajuku onde a moda punk japonesa se originara, como das pessoas que iam lá só para observar de olhos arregalados. Aqueles jovens formavam rodas aqui e ali e faziam umas danças esquisitas, ao som da música altíssima que saía de um toca-fitas. Rapazes e moças usavam vestes longuíssimas, rosa e brancas, que pareciam o traje típico da Coreia, e mesmo os rapazes passavam ruge. Os grupos variavam de roda em roda, cada qual dançando no passo de um líder diferente. Juntando-se à multidão de espectadores, Suguro ficou olhando as danças ao lado de um estrangeiro que, com câmera oito milímetros, filmava tudo. Quando o escritor tinha a idade daqueles jovens, o Japão estava em guerra na China, no prólogo de um conflito ainda maior. Para a geração dele, recordar tais acontecimentos era como um reflexo – Suguro não conseguiria reprimir a lembrança nem se quisesse.

Quando recuou para se afastar da multidão, pisou acidentalmente no pé de uma mocinha que estava atrás dele.

— Ah, me desculpe!

A garota franziu os olhos de um jeito amável e lhe deu um sorriso muito simpático. No entanto, seu rosto logo se retorceu de dor, e ela levantou o pé direito.

Suguro, preocupado, perguntou:

— Machucou? Tire o tênis para darmos uma olhada.

— Eu estou bem. — Ela tentou forçar um sorriso.

— Sente-se naquele banco ali… Vamos ver esse pé.

Ela fez o que Suguro mandara e tirou o tênis, que estava sujo no bico. Tirou também a meia. Pareceu bem constrangida.

— Está tudo bem.

— O pé está me parecendo meio vermelho. Vamos à farmácia?

— Não, não precisa.

— Bem, pelo menos deixe que eu lhe compre um suco ou coisa assim. — Suguro apontou a fileira de barracas de comida que, nos limites do parque, vendiam de cachorro-quente a tempurá. — Do que você gostaria?

— Obrigada, mas estou bem…

— Seria um prazer.

— Bem, talvez uma Coca.

Quando Suguro voltou com o refrigerante num copo de papel, a garota estava balançando o pé para a frente e para trás.

— O senhor vem aqui porque se interessa?

— Vocês, jovens, têm muita energia.

— Uma porção de homens mais velhos, como o senhor, vêm aqui. Homens interessados nas novinhas.

— Mesmo? Não deve haver muitos homens assim.

— Há, sim, e como! Eles vêm puxar conversa quando estamos andando pela Omotesandō. Homens de meia-idade e até alguns mais velhos, como o senhor.

— E esses homens… Sobre o que eles falam?

Ela lhe deu outro sorriso, talvez porque não lhe fosse fácil dar alguma resposta.

— E há garotas que topam?

— Claro que há. Mas meninas do oitavo ou nono ano vão só até o B. E pedem dinheiro.

— B?

— O senhor não sabe o que é A, B e C?

Com a mesma falta de malícia com que diria os nomes dos astros mais recentes da música pop, ela explicou que A era beijar, B era aceitar carícias e C era fazer a coisa de fato.

Ela tinha bochechas fofinhas. Suguro morria de inveja da vida longa que a garota, ao contrário dele, ainda tinha pela frente.

— Quantos anos o senhor tem?

— Ah, já sou velho.

— Mas não parece tão velho.

— Você vai até o B?

— Eu…? De jeito nenhum!

— As garotas da sua idade precisam tanto assim de dinheiro?

— Claro que a gente precisa. — Os olhos dela se franziram em outro sorriso simpático. — Minha família não tem dinheiro. Não ganho nem mesada.

— Seu pai trabalha, não?

— Faz quatro anos que ele foi atropelado por uma moto lá na Miyamasuzaka. Por isso, minha mãe hoje vende seguros. Sinto tanta pena que não consigo pedir dinheiro para ela.

— E você precisa tanto assim de dinheiro?

— Mesmo uma garota como eu tem círculo de amizades. — Suguro sorriu de orelha a orelha quando ela usou aquela expressão tão adulta, "círculo de amizades". — A gente quer sair, quer passear, e aí… Também gosto de comprar coisas para meu irmãozinho.

— Mas você já está no colegial, não?

— Não, estou no nono ano.

Ainda no nono ano, com um corpo desses?!, pensou Suguro, olhando outra vez de relance para os seios já bastante cheios e para as coxas fornidas dentro do jeans desbotado. Quando Suguro era novo, as ginasianas talvez até tivessem aquele busto, mas não coxas tão cheias.

— Você mora onde?

— Por que o senhor quer saber?

— Não me entenda mal. Só pensei que, já que está precisando de um dinheirinho, eu talvez conseguisse um emprego de meio período para você…

— Que tipo de emprego? — Ela estava outra vez dando aquele sorriso simpático. — Aluno do nono ano não pode trabalhar. Eu e uma amiga arranjamos emprego no McDonald's. A gente mentiu e disse que já estava no ensino médio, mas eles descobriram logo de cara, e fomos as duas mandadas embora.

— Seja como for, você não deve fazer igual às meninas que não são direitas. Não dê trela para esses homens.

Quando Suguro começara a passar sermão, a menina olhou para o chão e escavou a terra com o bico do tênis.

— Acho que já é hora de ir — disse ela.

Suguro, ao se levantar do banco, reparou em quanto o tênis dela estava sujo.

— Só um instante — pediu. Sacou a carteira do bolso, e a garota olhou, ressabiada. Quando Suguro tirou de lá e lhe ofereceu uma nota de cinco mil ienes, a garota recuou, apreensiva. Ele continuou: — Pode ficar com este dinheiro, desde que me prometa que não vai fazer nada que não deve. Use para comprar outro tênis, qualquer coisa assim. E vou tentar

pensar num emprego para você. Se estiver interessada, ligue para mim neste número.

Suguro anotou o telefone num pedaço de papel, deixou o número e o dinheiro com a garota e foi-se embora. Não olhou para trás. Estava bravo consigo, por ter dado dinheiro impulsivamente, num acesso de sentimentalismo.

À noite, em casa, quando a mulher estava tricotando, Suguro falou da garota.

— Se ela está no nono ano, pode fazer faxina lá no escritório, você não acha?

— Acho que sim, mas… Não sei. Você quer mesmo arrumar trabalho para ela?

— Quero. Prometi que arrumaria. E seria bom para você também. — Detestava ver a mulher ficar massageando as juntas e passando aspirador no inverno.

— Mas não ligo de fazer a faxina.

— Eu sei, mas…

Suguro nunca contestava a mulher nos assuntos da administração doméstica. Dessa vez, porém, teimou até conseguir o que queria. Seria matar dois coelhos com uma cajadada só. A mulher não precisaria mais lutar com o aspirador de pó quando chovia ou fazia frio, e a garota não teria mais por que sucumbir aos avanços daqueles homens.

A garota se chamava Mitsu Morita, e, depois que fez duas ou três vezes a faxina no escritório, a mulher de Suguro, que de início se mostrara descrente, pareceu satisfeita.

— É uma menina de muito bom coração. Pelo que você tinha contado, imaginei que tipo de garota seria. Mas é criança, bem inocente ainda.

Suguro assentiu, aliviado, e disse:

— Ela tem mesmo bom coração. Na primeira vez em que vi aquele sorriso, achei que talvez fosse meio fraca da cabeça.

— Contou que tem dois irmãos e uma irmã, todos mais novos. Quando fui lhe dar um pedaço de bolo, explicou que não ia comer porque queria guardar para eles. Fiquei tão comovida! Parece que a cirurgia que o pai fez depois do acidente não deu certo, e o homem está muito mal das entranhas.

— A mulher já obtivera um monte de informações sobre a família de Mitsu.

Tal qual dissera a mulher de Suguro, Mitsu era ainda mais simplória do que ele imaginara. No primeiro sábado depois que se conheceram, Mitsu fora ao escritório à tarde, depois da escola. Sob a supervisão da mulher de Suguro, passara o aspirador e escovara bem a pia. Com aquele físico precoce, conseguiu assumir todas as tarefas da artrítica esposa do escritor. Descia as escadas do prédio carregando caixas de papelão cheias de revistas velhas para a sala do zelador e até ajudava nas compras. Passadas duas semanas, já dominava a rotina e, mesmo sem a presença da mulher de Suguro, cuidava muito bem de limpar a sala de visitas e o banheiro, cantando música pop enquanto fazia isso.

Numa pausa do próprio trabalho, Suguro sentou-se no sofá da sala e ficou olhando enquanto Mitsu fazia a faxina.

— Que música é essa?

Antes, ele nem sabia o nome dos cantores jovens que estavam na moda. Então, graças a Mitsu, descobriu intérpretes de sucesso como a cantora Kyon Kyon e a *boy band* Shibugakitai.

Mitsu parou de passar o aspirador e brincou com Suguro, que, por exemplo, ainda confundia Toshi-chan com Mattchi, não importando quantas vezes visse esses cantores modernos na televisão.

— Eu achava que o senhor soubesse tudo, sensei, mas a verdade é que não sabe nada. Certo?

— Sou totalmente ignorante a respeito do mundo em que você vive.

— E se eu lhe ensinasse um pouco da nossa gíria de escola? O que o senhor acha que é "torrar o grão"?

— Não faço a mínima ideia.

— É entrar de fininho nas casas de café depois que sai da escola. E "tudo beleza"?

— Sei lá.

— A gente diz isso quando acontece alguma coisa boa, quando a gente está bem. Porque não dá para dizer "Ah, estou tão feliz!", que é muito bobinho. Mãe é "radiopatrulha"… "Fazer correria" é quando as meninas pegam as coisas nas lojas e saem sem pagar… "Estar de farol aceso" é quando a menina fica muito a fim… "Dar uma enforcadinha" é matar aula… "Santinha da zona" é quem já aprontou, mas se faz de ingênua…

Suguro, fascinado pelas frases que saíam aos borbotões dos lábios de Mitsu, decorava todas.

Quando Mitsu começava a trabalhar, seu rosto ficava afogueado, e gotas de suor se formavam na face, no queixo e na garganta. A visão dessas gotas jovens ligeiramente cintilantes deixava Suguro quase zonzo, como se estivesse muito perto de uma flor de fragrância avassaladora. Naquelas bochechas úmidas, naquele pescoço, Suguro percebia algo que ele já perdera.

— Mitsu está ficando tão boa no serviço que nem consigo acreditar — disse certo dia a mulher de Suguro.

Ele assentiu.

— E agora? Você está ou não satisfeita porque eu a trouxe para trabalhar aqui?

— Será que devemos levá-la à igreja?

— Ela só vai se aborrecer lá. Pode tirar essa ideia da cabeça. Mas, depois que estiver um pouco mais acostumada com o serviço, eu e você deveríamos fazer aquela viagem a Nagasaki de que sempre falamos.

Já fazia algum tempo, Suguro queria levar a mulher a Nagasaki quando o tempo melhorasse. Nagasaki e arredores tinham sido cenário de vários de seus romances, mas a mulher nunca estivera lá. Ela também estava ansiosa pela viagem.

Na mesma noite em que conversou sobre isso com a mulher, Suguro teve um sonho. Estava se olhando no espelho do banheiro do escritório. Ficou surpreso em ver o quanto parecia velho. Havia rugas e bolsas nos olhos, e os pontinhos brancos que se viam aos montes na região do queixo pareciam ter sido feitos com palito de dente. Quando olhou mais perto, viu que eram fiozinhos de barba branca. Ficara tão velho…! A morte se aproximava. Despertou, muito agitado.

Ouviu a respiração baixa e regular da mulher, que dormia. Esse respirar sempre lhe lembrava o ruído do relógio de mesa do quartinho onde escrevia. Aquele tique-taque lhe dava uma sensação de indescritível paz ao se debruçar sobre o trabalho. De modo parecido, o som da respiração noturna da mulher evocava imagens da serenidade que tinham se mantido no casamento. Naquelas respirações, Suguro sentia o cheiro do mundo impoluto que a mulher carregara desde a infância e juventude. Era o respirar de uma mulher criada em meio ao amor incontestável dos pais e irmãos, que nunca tivera a menor dúvida sobre o que passava pela cabeça

do marido nem sobre o que acontecia na carreira dele. Às vezes, tal convicção levava Suguro à inveja e lhe despertava um ódio que ele nunca sequer cogitara expressar. Nessas horas, o mundo da mulher parecia cheirar a bolhas de sabão.

Depois que acordou, Suguro voltou a adormecer e teve outro sonho. De novo, havia o espelho do banheiro (Suguro não conseguia entender o motivo pelo qual, nos últimos tempos, espelhos sempre apareciam nos sonhos). Só que, dessa vez, era Mitsu quem estava em frente ao espelho, vestida apenas com uma calcinha florida recém-lavada. Estava sorrindo de orelha a orelha para o espelho, sem saber que Suguro a observava. Entre os lábios de Mitsu, ele via os dentes e um fiozinho de saliva – a imagem era um pouco voluptuosa demais para uma mocinha. Então pareceu que Mitsu sabia que Suguro estava escondido atrás da porta e que ela sorria daquele jeito de propósito. Mitsu voltou-se para ele e falou, alto:

— Sua mulher vai ficar brava.

Ele acordou. Ainda conseguia ver aquele rosto sorridente. A mulher dormia, sossegada.

No escuro, Suguro ficou envergonhado do sonho profano que tivera. Ao mesmo tempo, por ser sonho, não se sentia responsável. Não havia razão para sentir constrangimento nem vergonha. Contudo, Suguro se deu conta de que provavelmente recordaria o sonho toda vez que Mitsu aparecesse para limpar o escritório, e isso lhe causou uma sensação esquisita.

No diário, deixou uma anotação ambígua: “Tive um sonho ruim”. Não registrou mais nada ali, temendo a possibilidade de que, depois que morresse, alguma editora tivesse a ideia extravagante de publicar o diário.

2

Suguro conversava com Kurimoto sobre o texto. O editor-assistente estava vestido como um executivo bancário de alto escalão, com uma gravata muito elegante. Mesmo quando não havia nenhum projeto nem compromisso profissional para discutirem, Kurimoto, que não bebia nem fumava, não deixava de visitar Suguro. Parecia considerar isso uma obrigação editorial, e, toda vez que Suguro via aquele rosto correto, honesto, pensava que teria sido muito melhor se Kurimoto houvesse escolhido ser professor do secundário.

De repente, ligaram o aspirador no quarto.

— É sua senhora? — perguntou Kurimoto, que levara um evidente susto com o ruído, pois achava que ele e Suguro estavam sozinhos no escritório.

— Não é minha mulher, não. É uma menina do nono ano que chamamos para trabalhar aqui.

— Do nono ano?

Suguro relatou os detalhes de por que ela começara a trabalhar ali. Falava baixo, mesmo não sendo provável que, com o barulho do aspirador, Mitsu, no outro cômodo, pudesse ouvi-los.

— A menina é muito mais boazinha do que parece. Ela diz que, lá em Harajuku, há homens que vão seduzir as colegas de escola.

Durante alguns instantes, Kurimoto não disse nada. Então, de modo abrupto, perguntou:

— O que o senhor fez com aquele postal?

— Postal?

— O que encaminhei para cá… O senhor sabe, *aquele*.

— Ah… Joguei fora, é claro. — Suguro presumira que Kurimoto já houvesse esquecido o episódio. Agora, o escritor tinha sido pego de surpresa quando seu contato editorial lhe perguntou aquilo com cara tão séria. — Não havia motivo nenhum para eu ir à exposição.

— Na verdade, acabei aparecendo por lá — disse Kurimoto, perscrutando os olhos de Suguro. — Achei que devia descobrir que tipo de

pessoa aquela moça é. Para o caso de ela tentar criar mais incômodos para o senhor.

— E aí?

— Houve realmente a exposição. Bem ao lado da rua Takeshita.

Kurimoto parecia mesmo ter visitado a galeria só para resguardar o bom nome do autor com quem trabalhava. Para Suguro, entretanto, o favor não era bem-vindo. Queria esquecer o episódio da premiação o quanto antes e não tinha nenhuma vontade de que trouxessem aquilo à baila de novo.

— E a moça estava lá?

— Não. Outra moça, de óculos, tomando conta da galeria. Ela me disse que também é artista.

— E que tal os quadros?

— Eram todos na base do som e da fúria, aos montes. Bem apelativos. Um deles mostrava um feto no útero; aliás, todos os quadros faziam o gênero do grotesco e do assustador. Uma coisa mal digerida, de mão pesada…

— Bem, já era de imaginar — assentiu Suguro, achando fácil visualizar a descrição de Kurimoto. — Eu teria adivinhado, pelo tipo de moça que os pintou.

— Havia um retrato do senhor.

— De mim…?

— Ela mencionou isso na premiação, lembra? Que lá em Shinjuku o senhor pediu que ela e a amiga o desenhassem.

— Que absurdo! Nunca fiz nada disso.

— Só estou repetindo o que ela disse. Acho que transformaram o desenho em pintura a óleo.

Suguro não disse nada e piscou seguidamente. Mitsu já devia ter acabado de limpar o quarto, pois desligara o aspirador.

— Esse quadro… — disse Suguro, baixinho. — O retrato se parece comigo?

— À primeira vista, sim. Mas, se me permite dizer, é um rosto vulgar.

— Vulgar?

— Parece o senhor, é verdade, mas não é o senhor de modo algum. Isso já era de esperar, claro.

— Então você acha que talvez alguém esteja se fazendo passar por mim?

— É, acho. O quadro se chama *O rosto do sr. S.*

— Ah, usaram minha inicial, também?

— Não se preocupe com isso — disse Kurimoto, procurando tranquilizá-lo. — Ninguém vai acreditar que seja o senhor. Eu já ia fazer uma reclamação oficial, mas a moça não estava lá, e acabei saindo sem falar nada.

Mesmo depois que Kurimoto foi embora, Suguro continuou afundado no sofá, olhando fixamente pela janela. O céu cinza-escuro da tarde se abriu, e surgiu um sol fraco.

Mitsu saiu do banheiro e olhou para Suguro, preocupada.

— O senhor está se sentindo bem, sensei? — Como a mulher de Suguro dissera, Mitsu era muito sensível ao sofrimento alheio. Essa qualidade tinha entrado na receita junto com a índole afável e a inteligência acanhada.

— Não, estou bem. — Suguro vestiu a máscara que usava para consumo doméstico e retribuiu o sorriso de Mitsu. Era o rosto em que a mulher confiava e em que, ao mesmo tempo, os leitores acreditavam. — Vou dar uma saída. — Levantou-se do sofá e pediu um favor a Mitsu: — Minha mulher vai chegar logo. Você poderia ficar aqui até ela aparecer?

— Claro!

Foi até o endereço, seguindo o caminho que Kurimoto ensinara. Era a primeira vez que ia à Takeshita. Ouvira dizer que era a rua mais apinhada de jovens na região de Harajuku, e parecia ser verdade: entre os passantes, havia garotas do oitavo e nono anos, usando saias compridas que roçavam o pés; homens da idade de Suguro; moças levando no ombro bolsas que eram iguaizinhas a sacolas de mendigo; e rapazes cujo cabelo tinha sido descolorido até ficar cor de creme.

Fazendo como Kurimoto instruíra, pegou uma via estreita – a viela Brahms – e deu numa placa onde se lia Galeria Art Nouveau. No térreo, um estabelecimento vendia bijuteria barata; a galeria era na sobreloja.

Subiu a escada, que cheirava a cimento. Na recepção, uma mulher, de pernas cruzadas, lia uma revista. Deu um suspiro de surpresa, deixando óbvio que reconhecera Suguro. Ainda segurando a revista, a mulher o seguiu com o olhar, muito curiosa, enquanto Suguro andava pela galeria deserta.

Mais de vinte pinturas alinhadas nas quatro paredes, como se fossem uma tira contínua de celofane. Bastou uma olhada rápida em três ou quatro quadros para Suguro concluir que a temática excêntrica disfarçava um talento quase indistinguível daquele de amadores. Tanto as pinturas realistas quanto as abstratas eram imitações descaradas de obras da vanguarda europeia e americana: duas mulheres enroscadas uma na outra; cobras venenosas; mariposas com as asas bem abertas; o desenho de um menino com a cabeça enorme; um feto que, com os olhos arregalados de horror, voltava-se para fora do útero. Ao correr a vista por essas obras, que se distinguiam apenas pela pretensão sem graça, Suguro procurava uma específica.

O retrato que Kurimoto identificara como *O rosto do sr. S.* estava perto de um dos cantos da galeria. Ciente de que a recepcionista não tirava os olhos dele, Suguro tentou fingir desinteresse ao se aproximar do quadro. Era um retrato seu. Nele, olhava para a frente com um sorriso debochado, um escárnio cujo efeito era fazer com que Suguro parecesse saído de um reino de cores lúgubres. Embora o rosto fosse sem dúvida o seu, a fisionomia tinha algo que era não bem a vulgaridade de que Kurimoto falara, mas um quê de obsceno e excessivo.

Ao desviar o olhar num misto de raiva e constrangimento, Suguro se lembrou de que já vira aquele rosto. Sim, isso mesmo: era o rosto que, durante a cerimônia de premiação, o espiava por trás de Kurimoto e da outra funcionária do mercado editoral. Em meio a desalento, ficou paralisado diante do retrato. Sabia de um único outro rosto que se parecia com aquele. Suguro o tinha visto na catedral gótica de Bourges, na França. Subira a escada em espiral, atrás do padre que lhe servia de guia, e saíra para uma sacada, varrida pelo vento, no campanário. Ali da sacada, uma profusão de carrancudos rostos humanos e bestiais olhava para os amplos campos lá embaixo. Um desses rostos de pedra – o de uma lunática, ao que parecia – exibia o mesmo sorriso de escárnio que ele via agora na pintura.

— Que tipo de cara é aquela? — perguntara Suguro, mas o padre francês apenas dera de ombros.

Percebendo que a recepcionista ainda o observava, Suguro se aproximou dela.

— A srta. Ishiguro está? — Ao perguntar isso, fez o melhor possível para reprimir toda e qualquer emoção.

A mulher correu a apagar o cigarro.

— Ela deve chegar logo.

— Foi ela quem pintou aquele retrato?

— Não, foi a srta. Itoi.

— Pode dar problema se uma artista pinta um retrato sem pedir autorização. — No que Suguro disse isso, a recepcionista fez careta, como se tivesse sido esbofeteada. — O retratado tem que autorizar.

— Ela disse que teve autorização.

— Quem disse?

— A srta. Itoi. A artista. Pelo que entendi, o senhor pediu a ela e à srta. Ishiguro que o desenhassem lá em Shinjuku.

Ela desviou o olhar. Suguro estava a ponto de contradizê-la quando percebeu uma sombra que se movia atrás dele, de repente os olhos da recepcionista brilharam.

— Madame Naruse! Eu estava mesmo esperando a senhora!

Quando Suguro se voltou, uma mulher de meia-idade, de echarpe e casaco elegante de gola larga, acenou de leve com a cabeça e entrou.

Suguro saiu da galeria. Atrás dele, ecoou a gargalhada afetada da recepcionista. Lá fora, o sol estava um pouco mais encoberto. Na idade de Suguro, tais mudanças de clima o cansavam. Empurrou a porta de entrada de uma cafeteria que ficava em frente à galeria. Achou lugar junto à janela, mas a cena que tinha diante dos olhos era ainda a do retrato. A imagem estava agora mais nítida que quando a tinha visto de fato. Representava o semblante de um homem cuja feiura vinha não do rosto, mas da alma.

Suguro não sabia o que pensar. Por um instante, foi tomado pelo medo e levou a mão à testa, que tinha gotas de suor.

Acalmou os nervos e tentou fazer algumas inferências com base naquele episódio. Talvez o retrato não fosse a representação do deboche grosseiro que Suguro via, mas captasse o sorriso inesperado, ou afável, do modelo. E, se Suguro interpretara como libidinoso e excessivo o que era apenas um sorriso franco, talvez fosse porque seu subconsciente ainda guardava uma lembrança demasiado clara da aparição que vira no evento de premiação. Se fosse esse o caso, Suguro somente acrescentara sua própria interpretação ao rótulo que Kurimoto, de improviso, dera àquele semblante: “Um rosto vulgar”.

Com esse pensamento, sentiu alívio, ainda que em pequena medida. Tão logo fosse capaz de considerar comum um retrato comum, o escárnio do modelo perdia o poder de lhe causar confusão mental. E isso do mesmo

jeito que, na manhã depois daquele sonho com Mitsu, conseguira restabelecer um sentido de ordem na vida e nos pensamentos ao anotar "Tive um sonho ruim" no diário.

Quando levantou a cabeça e olhou distraído pela janela, a mulher que tinha visto na galeria estava saindo de lá e atravessando a rua para a cafeteria, obviamente em busca também de alguns momentos de desafogo. Ela, depois de ter achado um lugar vago, pôs a bolsa e um livro numa cadeira ao lado de Suguro e tirou o casaco. Tinha testa larga, e seus olhos grandes eram fortes, determinados, de um modo raro entre as japonesas.

Ela tomou um golinho do espresso que lhe trouxeram e baixou o olhar. Parecia imersa em pensamentos, pois, quando levantou o olhar e deu pela presença de Suguro, fez um aceno de cabeça para ele, surpresa. Até aquele momento, não percebera que o homem sentado logo ao lado era Suguro.

— Oi de novo! — disse ela.

Na falta de outra coisa para dizer, ou mais para quebrar o gelo, Suguro perguntou:

— A senhora viu o quadro que se chama *O rosto do sr. S.*?

Não havia como não ter visto.

— Vi, sim.

— E ele se parece comigo?

A mulher inclinou a cabeça de lado, bem de leve, e deu um sorriso sem jeito. Seu cabelo estava ligeiramente grisalho, mas ela parecia ser um pouco mais nova que a mulher de Suguro.

Ele continuou:

— Que tipo de artista reuniram para aquela exposição?

— É um grupo de mulheres. Elas pretendem procurar a beleza na feiura. É, o senhor veja só, uma estética da deformidade.

— E por isso escolheram meu rosto? Imagino que eu seja feio, mas me irrita que tenha sido retratado por elas. E é enervante que tenham me pintado tão medonho — completou, bem-humorado.

— Não acho que seja assim tão medonho. Parece-me um rosto com muita humanidade.

A mulher de Suguro falava com aquele tipo de voz, e aqueles tipos de palavra, quando tentava acalmar o marido. Devia ser uma característica de mulheres dessa idade.

— Como foi que a senhora conheceu as artistas?

— Uma das moças foi paciente, durante pouco tempo, no hospital onde trabalho… Foi quando tive o primeiro contato com elas.

— Não fiquei nada impressionado com os quadros. Uma pessoa como a senhora acha interessante se misturar com mulheres que pintam coisas tão esquisitas?

— Por que o senhor quer saber? — Ela sorriu para Suguro. — Eu bem poderia ser uma daquelas mulheres.

A curiosidade de Suguro tinha sido despertada por essa mulher que lembrava sua companheira.

— A senhora disse que trabalha em hospital. É médica?

— Ah, não. Faço trabalho voluntário. Não me apresentei: sou a sra. Naruse.

— Sou Suguro.

— Ah, sim. Estou muito familiarizada com seu nome e sua obra.

A conversa se interrompeu nisso, e ambos voltaram para suas xícaras de café. Suguro reparou no título do livro que madame Naruse deixara junto à bolsa. Era o trabalho de um crítico que tinha muitos seguidores entre os jovens.

— Então a senhora lê até livros como esse?

— Eu gosto de ler — respondeu ela, como se estivesse na defensiva. — Não entendo muita coisa, mas não consigo ficar longe dos lançamentos…

— O autor desse aí é, acho, bem crítico em relação a mim. Diz que tenho medo de sexo… — Suguro deu um sorriso propositalmente irônico.

A mulher não disse nada, e, pela fisionomia desconcertada, Suguro concluiu que ela lera a crítica.

— A senhora leu essa parte, não? — Ele agora estava sério.

— Li.

— Todo escritor tem seu campo de atuação. Entre os temas de que trato, não está o sexo… Mas não quer dizer que eu tenha evitado o assunto. Acho que o abordei em alguma medida. — Nesse ponto, achou que tinha sido enfático demais e parou de falar.

Madame Naruse assentiu, com delicadeza, e disse:

— É, lembro que uma vez o senhor escreveu que a psicologia do sexo se parece com o estado de espírito em que as pessoas anseiam por Deus. Só não lembro em qual livro escreveu isso.

— Foi numa coletânea de ensaios, coisa de uns cinco anos atrás.

Ficou lisonjeado por aquela mulher ser tão conhecedora da obra dele a ponto de estar familiarizada com os ensaios. Pelo jeito que se expressava, ela parecia saber bastante sobre muitos assuntos. Talvez se dedicasse a algum tipo de trabalho intelectual.

— Tendo lido meus livros, a senhora… hum… concorda com o que o crítico disse?

— Não estou muito afeita a questões difíceis como essa. Mas percebi que o senhor, talvez por ser cristão, sempre relaciona sexo a pecado.

— Não sou nenhuma menininha na puberdade — retrucou Suguro. No entanto, ele percebeu que, em algum lugar lá no fundo, a influência cristã que estava consigo desde a meninice o levara a fazer distinção entre o sexo sadio e o nocivo. O sexo sadio era… Pensou no rosto da esposa, e ele sabia que, em suas relações conjugais, havia um cheiro constante de obrigação. No entanto, esse relacionamento causava considerável satisfação a Suguro, e a mulher nunca dissera nem uma única palavra de reclamação. Suguro não conseguia sequer imaginar que ela pudesse manifestar descontentamento sobre tais assuntos.

— Bem, se a senhora me permite perguntar, quais são suas opiniões sobre sexo?

Era uma pergunta impertinente a fazer a uma mulher quase tão velha quanto sua esposa, ainda mais sendo alguém que ele acabara de conhecer. Mas Suguro sentiu a necessidade de partir para um pouquinho de retaliação maldosa.

— Para ser bem sincera, me assusta — respondeu madame Naruse, sorrindo.

— Por quê? Se falo como cristão, a senhora fala como se fosse virgem.

— Não, não. Estou falando de outra coisa… Tenho a sensação de que nosso comportamento erótico expressa os segredos mais profundos que temos, aqueles de que nem nós mesmos estamos conscientes.

— Segredos de que nem nós estamos conscientes?

— Isso.

Quando Suguro ouviu aquilo, sua memória reencenou, de repente, o sonho que tivera. O sonho no qual lançava um olhar furtivo a Mitsu, que, seminua, estava em pé no banheiro…

Suguro correu a afastar o olhar. Aquele era um encontro bem incomum. Até alguns momentos antes, teria sido inconcebível para ele ter

conversa tão aberta e sincera com uma mulher desconhecida. Conversa do tipo que ele nunca tivera com a própria esposa.

— A senhora já escreveu alguma coisa?

— Ah, não. Não mesmo. Faz muito tempo, até que tentei uns poemas, coisa bem imitativa. Mas foi só isso.

Quando Suguro olhou pela janela, viu um homem jovem, mais ou menos na casa dos trinta, parado na rua. Usava jaqueta azul com mangas brancas e mirava o interior da cafeteria. Muito provavelmente estava de passagem, reconhecera sentado à janela o escritor Suguro e, por curiosidade, parara.

Quando Kobari perguntara a alguém como chegar a uma galeria de arte perto da rua Takeshita – localização que a moça bêbada mencionara no evento de premiação –, disseram-lhe que acharia o endereço virando à direita naquela viela. O céu era praticamente oculto por uma fileira de edifícios amarelos, e os postes de luz imitavam os bicos de gás de antigamente. Até mesmo Kobari percebia que tinham tentado reproduzir ali o ambiente das ruelas de Montmartre.

Um homem saiu de um dos endereços e se deteve na rua. Kobari levou um susto. Era o próprio Suguro, o homem que Kobari procurava. O escritor olhou para trás, como se esperasse alguém, e depois entrou numa cafeteria do outro lado da rua.

Kobari, atrás de um poste telegráfico, ficou olhando para a cafeteria. Por sorte, Suguro não pareceu reconhecê-lo. O escritor sentou-se a uma mesa perto da janela e fez o pedido ao garçom. Depois se deixou esparramar na cadeira, cansado, e mergulhou em pensamentos.

Kobari reconheceu a pose que Suguro, havia pouco, adotara num programa televisivo. Seu jeito de se sentar sempre o fazia parecer exausto. Quando Suguro aparecia na telinha, a namorada de Kobari esticava o braço e mudava de canal.

Logo depois, uma mulher de meia-idade, usando casaco bege e echarpe chiques, saiu do mesmo endereço de que Suguro viera. Como se tivessem combinado, ela também entrou na cafeteria. A impressão era de

que se conheciam, já que se sentaram juntos e logo estavam entretidos numa conversa animada. Aquela não parecia ser a mulher de Suguro; não era o rosto que constava numa antologia literária. Durante a conversa, Suguro olhara para fora uma única vez e não pareceu ciente de que o vigiavam. Limitou-se a descruzar as pernas.

Suguro e aquela mulher acabaram se levantando ao mesmo tempo. Kobari continuou escondido atrás do poste e os seguiu quando pegaram a rua Takeshita. Aí, de modo inesperado, Suguro e a mulher deram um leve aceno de cabeça um para o outro e tomaram caminhos diferentes. Suguro se dirigiu para o metrô, e a mulher foi no sentido oposto, rumo ao Palais France, na rua principal.

Kobari hesitou por um momento, indeciso sobre qual dos dois seguir. Optou pela mulher. Esta, enfiando-se entre rapazes e moças que passeavam juntos e olhando distraída para as vitrines, caminhava ereta e confiante. Dava a impressão de ser uma pessoa de caráter forte. Atravessou a passagem de pedestres no amplo cruzamento e depois pegou uma travessinha da Omotesandō.

A mulher talvez desconfiasse se ele a seguisse pela viela quase deserta, mas Kobari resolveu continuar naquele rastro, guardando distância de cerca de trinta metros. Ao segui-la, deu-se conta do absurdo do que estava fazendo. Uma coisa era ir atrás de Suguro, mas parecia inútil seguir uma mulher só porque ela batera papo com o escritor numa cafeteria.

Por que chegava a tais extremos só para arrancar a máscara de Suguro? A percepção de que seus atos eram desprezíveis ficava confortavelmente contida no prazer que sentiria ao desmascarar Suguro. O rosto sorridente do autor quando estava sentado na tribuna durante a premiação. Os aplausos estrondosos quando recebeu o prêmio e discursou. Kobari ainda se lembrava de tudo isso com nitidez. Um escritor que passara a vida inteira erigindo um macrocosmo e depois se refugiara nele com segurança, trancafiando-se lá. Aquela cara metida, presunçosa. De dentro das muralhas seguras desse mundo, espalhava o palavrório tão nobre que escrevera. Kobari queria tirar o sossego daquela cara, sacudindo-o. Nos tempos de universidade, participara de manifestações para derrubar o Sistema; no desejo de ingressar no movimento estudantil, um senso de justiça se combinara a esse impulso de sacudir – até privar da tranquilidade e da estabilidade – aqueles que estavam tão seguros de si.

Atravessaram um bairro residencial e saíram numa rua secundária, tomada por ateliês de estilistas elegantes e lojas de antiguidades. Uma dessas lojas vendia somente itens de origem náutica. Pelo modo que a mulher caminhava firme e decidida naquela rua, Kobari concluiu que estava bem acostumada com a vizinhança. Quando chegou a um hospital de térreo com pé-direito alto e seis outros andares, ela entrou.

Kobari, exasperado, cogitou dar meia-volta e ir embora. A mulher estava parada na entrada da recepção, batendo papo com uma enfermeira de meia-idade cujo chapeuzinho se distinguia por duas riscas retas e paralelas, bem juntas. A enfermeira exibiu os dentes salientes, sorrindo de um jeito que desnudava sua bondade. A mulher de casaco bege logo saiu do hospital e tomou a via principal, a Omotesandō.

Kobari achou que ela talvez fosse pegar o metrô, mas a mulher parou em frente a um *pet shop* e ficou olhando pela vitrine os filhotes de cachorro, de diversas raças, que balançavam o rabo ou cochilavam em baias minúsculas. Kobari também parou em frente a uma vitrine de roupas várias lojas à frente e fingiu olhar os artigos. No entanto, a curiosidade e a vontade de seguir a mulher sumiram por completo. Não parecia nada provável que uma senhora que gostava de bichos de estimação se mostrasse figura-chave no afã de Kobari para denunciar a verdadeira face de Suguro.

Só que se passaram cinco, depois dez minutos, e a mulher não saiu dali. Kobari notou que ela olhava os cachorrinhos não por ser cinófila, mas porque combinara de encontrar alguém ali. Felizmente, não parecia ter ideia de que estava sendo vigiada. De tempos em tempos, olhava para a saída do metrô, obviamente esperando que alguém aparecesse.

Uma mulher de óculos redondos e bochechas rechonchudas, tipo de balzaquiana solteirona que há em todos os lugares, subiu a escada da estação. Kobari ficou olhando, desanimado, enquanto as duas conversavam e, ao mesmo tempo, mexiam em guias e coleiras de cachorro expostas à entrada do *pet shop*.

A mulher que Kobari seguiu comprou uma coleira verde, e depois disso ela e a mulher de óculos pegaram um táxi.

Kobari já não tinha vontade nenhuma de segui-las. Sabia que aquilo ia dar em nada. Assim, voltou depressa para a galeria.

— Vamos parar dez minutinhos e depois tratamos dos dois contos que ainda estão concorrendo. — O editor-chefe que presidia aquela comissão de seleção se encontrava ao centro da mesa. Tão logo ele anunciou o breve intervalo, as garçonetes, que estavam sentadas em silêncio num dos cantos do salão, se levantaram ruidosamente.

O Garakutagawa, que eles estavam ali reunidos para conceder, era apenas um prêmio literário para novos autores, mas o público o considerava importante o suficiente para que se anunciasse o vencedor na televisão. O prêmio era dado duas vezes por ano, e a comissão sempre se reunia em Tóquio no mesmo restaurante de Tsukiji, junto com a comissão que concedia o prêmio Naomoto de ficção popular.[3] Suguro, que se tornara jurado junto com Kanō apenas três anos antes, ainda era tido como neófito na comissão.

— Imagino que Nozawa proponha não concedermos prêmio nenhum neste semestre — cochichou Kanō para Suguro, que estava sentado à sua esquerda.

— Pois sou a favor. As duas histórias me parecem invencionices.

— Não acho que haja algo de mau em contos serem invencionices.

Suguro não podia concordar. Além disso, achava que tinham sido bem cruéis os ataques mordazes que, naquela noite, Kanō fizera a cada um dos outros trabalhos concorrentes. Enquanto ouvia as impiedosas chibatadas verbais que saíam da boca de Kanō, Suguro se lembrara do rosto dos companheiros que, muitos anos antes, sentados nos tatames daquele bar no bairro de Meguro, condenavam sem dó as coisas que ele escrevia, tachando-as de “suspeitas”. No ano seguinte a esse episódio, Kanō estreara no mundo literário ao receber justamente o Garakutagawa, e o ano posterior viu Suguro ganhar o prêmio. Quase trinta e cinco anos haviam se passado desde então, e muitos entre os contemporâneos dos dois autores naquela época já não escreviam ficção.

Kanō fez cara brava para a discordância de Suguro e tomou um gole de cerveja. Depois, ainda com olhar de desagrado, disse:

— Os padrões do prêmio Garakutagawa vêm caindo nos últimos três ou quatro anos, não?

— Vêm mesmo — respondeu Suguro, agora assentindo. — Nisso concordo com você.

— Se não adotarmos alguns padrões rígidos logo, é possível que o prestígio do prêmio vá por água abaixo. No meu entender, o modo como os

contos desses finalistas descrevem o sexo é nada menos que pornográfico. Ali não há erotismo de verdade. Não acha, Yoshikawa? — perguntou Kanō, dirigindo-se ao homem que estava do outro lado da mesa e pingava colírio nos olhos. Yoshikawa tinha mais tempo que eles na comissão e era considerado um mestre do conto.

— Calma, calma — respondeu Yoshikawa. — Não há por que ficarmos exaltados. — Sorriu, na esperança de desviar um pouco da raiva que Kanō, agora, expressava bem ruidosamente. — Mas você está certo. Essas histórias não captam mesmo a essência do erotismo.

Como um eco muito distante, tal comentário evocou afirmação semelhante na memória mais recente de Suguro: "O senhor evita escrever sobre o que há de mais profundo na relação sexual". Acompanhando essa lembrança, havia o rosto de madame Naruse, encarando-o com aqueles olhos grandes e ousados.

— Então, Suguro, você vai votar nesse aí? — perguntou Kanō. — Mais cedo, você deu uma nota bem alta para o conto.

— Não, vou votar em "Um lugar para ver os arcos-íris".

— Ah, mas aquele é uma banalidade só! — exclamou Kanō, que então fitou Suguro como se acabasse de se lembrar de alguma coisa. — Preciso conversar com você depois que isto acabar.

— Não pode ser agora?

— Preciso falar a sós — disse, desviando o olhar.

A sessão recomeçou. Assim como na primeira rodada de seleção, cada jurado avaliou como bom, razoável ou ruim os contos indicados e expôs o raciocínio que o levara a tal conclusão. Em seguida, os votos foram computados. Dessa vez, diferentemente do que acontecera na primeira rodada, "Um lugar para ver os arcos-íris" foi o escolhido da maioria. Yoshikawa fez o melhor que pôde para apaziguar Kanō, que estava bastante irritado.

— Fazer o quê? Desta vez, vou engolir o sapo — disse Kanō, ríspido, por sobre o ombro. — Mas fica um gosto de podre na boca.

Dado que repórteres já aguardavam os resultados, Yoshikawa e o editor-chefe saíram juntos do salão.

— Depois do jantar, pegamos o mesmo carro, sim? — cochichou Kanō para Suguro.

Suguro sorriu e retrucou:

— Por alguma razão, você anda cheio de segredos hoje.

— Não é algo que eu queira que os outros ouçam.

Kanō, então, mergulhou num silêncio desagradável, que Suguro não entendeu.

Quando o chofer contratado que os levaria embora do evento deu a partida, Kanō pensou por um instante e disse ao homem:

— Vamos para o Hotel Imperial, por favor.

Kanō não quis sequer mencionar qual era o assunto até que se instalassem a uma mesa no saguão do hotel. Quando enfim se sentaram, Suguro, já um tanto irritado, perguntou, severo:

— Afinal, qual é o assunto?

Kanō olhou em volta para se assegurar de que ninguém mais ouviria. Quando falou, pareceu ainda bravo.

— A verdade é que… Bem, corre um boato muito esquisito a seu respeito, Suguro.

— Que boato?

— De que você é assíduo frequentador dos *peep shows* da Kabukicho.

Por um bom tempo, Suguro apenas encarou aquele homem, que era seu amigo.

— E daí? Você acredita nessa história?

— Eu? Isso não é problema meu — respondeu Kanō, desdenhoso. — Eu só queria que você soubesse. E, já que você é sempre tão cauteloso…

— Cauteloso?! Pode me chamar logo de medroso, se é o que você quer.

— Enfim, seus leitores não se sentiriam logrados se soubessem de um boato desses? Se fosse comigo, não teria importância nenhuma. Mas você é cristão e tal. Entraria numa encrenca danada se a Igreja ou os padres descobrissem, não? E, pior que isso…

— Minha mulher, você quer dizer?

— É, sim.

— Minha mulher acredita no que digo a ela, não importa o que os outros aleguem — afirmou Suguro, confiante. — Mas de quem você ouviu essa história?

O vasto saguão estava quase deserto. Um carregador de malas uniformizado saiu para receber os passageiros de um ônibus que acabava de chegar do aeroporto.

— De um repórter de revista, um tal de Kobari. Eu nunca o tinha visto antes, mas ele me telefonou há umas duas semanas. Disse que queria me

fazer perguntas sobre você, em *off*. Alegou que tinha conhecido uma artista plástica que contou a ele o que você andava aprontando.

— Ah. — Suguro deu um sorriso sombrio, enfim entendendo a cadeia de acontecimentos. — Então é isso. Naquela premiação outro dia, uma moça bêbada entrou de penetra e começou a dizer essa bobajada quase aos berros. Se é disso que se trata, sei de tudo. Kurimoto, lá da editora Dōkansha, também sabe. — Suguro, de caso pensado, bocejou. — Sinto muito se você ficou preocupado por nada. É tudo infundado. Então, esqueça essa história.

Suguro achou que a explicação tranquilizaria Kanō, mas o amigo continuou num silêncio emburrado.

— Que tal encerrarmos por hoje? — propôs Suguro.

— Fico tão cansado depois dessas reuniões! De vez em quando, à noite, sinto bastante dor no peito.

— Você precisa se cuidar. Seu coração não é lá muito forte.

— Suguro… Onde você estava anteontem à noite?

— Anteontem? — Suguro inclinou a cabeça de lado, estranhando. — Em casa. Lendo os contos que concorriam ao prêmio. Por que você pergunta?

— Você não esteve em Shinjuku?

— Não.

Kanō desviou o olhar e sussurrou:

— Vi você anteontem à noite. Na plataforma da estação Shinjuku.

— Na plataforma? Não seja ridículo. Fiquei em casa a noite toda. Minha mulher pode confirmar.

Kanō, em silêncio, levantou brevemente o olhar para Suguro. Depois, como se murmurasse para si mesmo, disse:

— Por volta de onze e meia, eu estava no trem com Mitomo, também da Dōkansha. Eu tinha ido entregar a ele um original, num bar da Golden Gai, e bebemos juntos. Íamos voltar para o mesmo lado e pegamos o metrô lotado. Por acaso, olhei pela janela enquanto conversávamos. Aí, na outra plataforma… Vi você sentado num dos bancos, com uma mulher de óculos.

— Você me viu?

— Vi. Era você.

— Tem certeza de que não era alguém parecido?

— Não, era você mesmo. — Kanō foi enfático. — Sei que era você. Mitomo também ficou surpreso…

— Eu estava em casa. Quantas vezes preciso dizer isso para que você acredite em mim?

— Eu acredito. Só que também o vi naquela plataforma. E aí o outro trem veio, e você sumiu.

— Isso é ridículo. Você sabe que não sou dois, não sabe? — Suguro precisou fazer força para sorrir. — Deve ser algum sósia, um impostor que se passa por mim. Fica usando meu nome e levando vida de vagabundo em Shinjuku. Ligue para minha mulher e pergunte. Diga que quer saber onde eu estava anteontem à noite.

— Não preciso ligar para ela. Tenho certeza de que você estava em casa. Mas também tenho certeza de que o vi.

— Que tipo de mulher era essa?

— Usava uma dessas echarpes marrons, compridas, que todas as moças usam agora, dando voltas e voltas no pescoço. Estava de bota também. E óculos.

— Não conheço ninguém assim.

— Bem, se esse boato ganha força, quem sai prejudicado é você. Se pretende fazer alguma coisa, é melhor se apressar.

Suguro viu que era inútil tentar fazer Kanō mudar de ideia. Sabia, de longa data, que Kanō, depois que fazia a cabeça sobre este ou aquele assunto, não mais vacilava em suas opiniões. Com palavras, até afirmara ali a confiança em Suguro. A fisionomia de Kanō, entretanto, proclamava de modo quase audível suas dúvidas.

Se a opinião sobre Suguro era essa mesma para um amigo de tanto tempo, seria ainda pior com as pessoas de fora de seu círculo. E, segundo Kanō, um repórter, sentindo cheiro de carniça tal e qual uma hiena, já começara a investigar Suguro.

— Entendo — respondeu Suguro, assentindo e lutando para controlar um emaranhado de emoções: apreensão, desnorteamento, raiva.

Suguro esperou junto ao meio-fio até Kurimoto voltar. Para além de uma fileira de motos estacionadas, havia um *sex shop*, de onde saiu um rapaz. Pela abertura, Suguro via o perfil de um boneco cor de carne, sem pescoço, exposto ao lado de outros numa prateleira. Era Fukurokuju, o deus da longevidade, com um sorriso libidinoso. Não havia mais nenhum freguês – deviam ter ficado todos entediados com a seleção de apetrechos sexuais e

com as revistas, embaladas em celofane, mostrando mulheres nuas com um dos joelhos levantados para tapar a região púbica.

Do outro lado da rua, havia um centro comercial com cinemas. No letreiro de um deles, via-se um cartaz pintado – uma jovem nua envolta num casaco de oncinha.

Muitos anos antes, se Suguro lembrava bem, aquela parte da cidade era marcada pelo sigilo e pelos ruídos abafados mesmo em plena luz do dia. Diversos hotéis de alta rotatividade escondiam a entrada atrás de cercas de bambu. Latas de lixo se enfileiravam pelas calçadas, e às vezes algum gato de rua aparecia inesperadamente, disparando entre elas. Tinha sido uma região de aspecto frio, inescrutável. Mas, já que tanto tempo se passara, as lembranças de Suguro talvez não fossem tão confiáveis.

A antiga atmosfera mudara por completo. As ruas que Kurimoto e Suguro tinham percorrido para chegar ali estavam agora apinhadas de executivos que voltavam para casa, e jovens em idade escolar aglomeravam-se no bairro mesmo não sendo domingo. De todos os lados, ouviam-se o retinir das bolas de metal nos fliperamas *pachinko* e os gritos dos vendedores de rua, ecoando com o barulho das campainhas de cinema que, empoeiradas, anunciavam o começo das sessões. O empenho forçado de criar uma atmosfera de prazer reverberava no tinido melancólico do fliperama. Os pedestres também pareciam mortos àqueles estímulos, sem responderem aos sons nem às cores.

De repente, Suguro se lembrou do que dissera madame Naruse: *Nosso comportamento erótico expressa os segredos mais profundos que temos, aqueles de que nem nós mesmos estamos conscientes.*

Vivências eróticas que expressavam o que estava enterrado mais fundo na mente dos indivíduos – mas, naquele bairro, o erotismo era tratado de modo demasiado leviano, demasiado reles. Uma putrefação gelada impregnava tudo o que se confrontava com Suguro ali do jeito que o vômito dos bêbados da noite anterior impregnava ruas, paredes, postes. Não havia nada que expressasse o erotismo; a carnalidade que ali vendiam não era o erotismo que madame Naruse descrevera.

Kurimoto voltou, irritado.

— Aqui não há nada senão comércio de pouca-vergonha. Descobri onde fica a tal rua Sakura.

Kurimoto era jovem, mas se bacharelara em Ciências da Religião, e seu único hobby era tocar *taiko* clássico; parecia ser a primeira vez que

andava por aquelas ruas sua testa estava coberta de suor.

— Vamos lá, então — respondeu Suguro. — Pode ser que topemos com o impostor. — Deu ênfase à palavra "impostor", mas Kurimoto não disse nada.

Quando chegaram ao cruzamento das ruas Yasukuni e Hanazono, o barulho se avolumou muito, mesmo ainda sendo dia. Homens-placas e vendedores estavam postados em frente a cada loja, sauna ou salão, distribuindo panfletos ou chamando os transeuntes. Não era preciso ler os papéis, já que um dilúvio de placas no lado direito da rua anunciava *peep shows* e salões de massagem. Outros salões ostentavam letreiros exóticos como "Massagem da moda", "Ateliê privado", "Boxe especial" ou "Luta livre especial".

— O que se faz nesses lugares? — perguntou Suguro, com voz quase inaudível.

— Ficam assistindo a mulheres lutarem nuas umas com as outras — respondeu Kurimoto, fazendo cara feia. Era difícil dizer se a cara feia se devia ao espetáculo ou a Suguro.

Mais ou menos quando Kanō o chamara para aquela conversa, Suguro percebeu que o editor-assistente ficara um tanto mais distante. Kurimoto, por ser ele próprio tão sério e esperar o mesmo dos outros, logo acreditava no que diziam. E, já que trabalhava na mesma editora que Mitomo – que estivera no trem com Kanō em Shinjuku –, não havia dúvida de que ouvira os boatos. Quando se tratara de uma única história do tipo, Kurimoto pôde desconsiderá-la sem maiores problemas. No entanto, ao saber do episódio que surpreendera até Kanō, começou a ter dúvidas. Isso se evidenciava no fato de que agora, sempre que visitava Suguro no escritório, Kurimoto evitava o assunto.

Quando chegaram ao meio da rua Sakura, um homem-placa vestido de Carlitos seguiu sem pressa na direção deles e sorriu, exibindo familiaridade e um dente a menos.

— Faz um tempinho que não o vejo, sensei!

Na placa que carregava, lia-se Palácio Pornô – Palácio dos Prazeres. O homem era baixo, amarelento e tão mirrado e surrado quanto as abas do fraque que usava.

— Já foi ao salão hoje, sensei?

Suguro, acanhado, ficou em silêncio por um momento. Em seguida, puxou de leve a manga do paletó de Kurimoto e perguntou, com voz rouca:

— Salão? Que salão?

— Mas o que é isso?! O da Namiko, é claro.

— Não fomos ainda, não.

O homem-placa sorriu um sorriso sincero e inocente.

— Se vocês estão procurando Namiko, ela está na casa de lámen.

— Que casa de lámen?

— Do que o senhor está falando? Aquela logo ali, é claro. — Com o queixo, o homem-placa apontava um restaurante do outro lado da rua.

— Ah, sim — disse Suguro, que tirou da carteira uma nota de mil ienes e a deu ao sujeito.

— É sempre bom fazer negócio com o senhor. E, sensei, vai fazer Nami chorar se não aparecer mais vezes.

Suguro fugiu do homem e se defendeu para Kuri moto:

— Esse impostor deve ser a minha cara. Nem aquele sujeito ali conseguiu nos diferenciar.

O jovem editor-assistente não disse nada.

Ainda era cedo, e, debaixo das lâmpadas fluorescentes no restaurante, só quatro ou cinco fregueses sugavam ruidosamente o macarrão. Não foi nada difícil localizar no grupo uma moça pálida, de vinte e sete ou vinte e oito anos, que tinha pele áspera e ressecada. Estava lendo uma revista. Quando viu Suguro, arregalou os olhos e exclamou, surpresa:

— O que o senhor está fazendo aqui tãããão ceeeedo?! — Ela falava assim, arrulhando.

— Você é Namiko? — perguntou Suguro, baixinho, não querendo que ninguém ouvisse.

— Ah, o senhor nem sabe brincar. Namiko já voltou para o salão. O senhor sabe que sou Hanae. — Uma fagulha de dúvida passou pelos olhos dela. — Espeeeera aí… O senhor é Suguro sensei, não é?

— Sou, sim, mas…

— Então por que achou que eu era Namiko?

— Que tal comermos sushi?

— Sushi? Mas já fiz o pedido aqui.

— Eu pago.

Hanae pegou a bolsa, que parecia uma falsificação de Gucci.

Foram a uma casa de sushi ali perto e se acomodaram. Hanae observou em silêncio o rosto de Suguro e Kurimoto e, então, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada demais.

— O senhor é mesmo Suguro sensei, não é?

Ele não respondeu.

— Ou é outra pessoa? Não, não pode ser. É igualzinho a ele. O senhor é outra pessoa?

— Sou Suguro, sim. O sujeito que vocês têm visto é que é outra pessoa.

— Vocês são gêmeos?

— Não somos parentes. E eu nem o conheço.

— Que coisa sinistra! — Hanae fitou Suguro com um olhar verdadeiramente de medo. — Já vou indo. Não quero sushi nenhum.

— Espere um pouco — disse Kurimoto, que deteve Hanae antes que ela se levantasse. — Não estamos aqui para lhe causar problema.

Suguro se meteu na conversa.

— Eu gostaria de saber um pouco mais sobre esse homem.

— Vocês são repórteres? Trabalham em revista?

— Não. Mas é verdade que sou Suguro, o escritor. Esse outro homem é um impostor.

— O que o senhor quer saber?

— Ele me colocou numa situação difícil. Você entende, não? Um homem que é a minha cara vem aqui, afirma ser eu e papagueia todo tipo de bobagem.

Hanae pareceu ter baixado um pouquinho a guarda. Kurimoto teve a presença de espírito de se apressar em pedir saquê.

— Então tudo o que ele disse era besteira? Mas ele é igualzinho ao senhor! Cuspido e escarrado. — Hanae, com olhar apreensivo, encarava Suguro.

— Você o vê com frequência?

— Ele vinha ao salão.

— Que salão?

— Lá onde a gente trabalha. Onde a gente brinca de bebê.

— Brinca de bebê?

— O senhor não soube? Saiu nas revistas e apareceu na televisão. — Hanae parecia orgulhosa de que o trabalho delas tivesse sido noticiado. — Os clientes se vestem de bebê… O senhor tem certeza de que não viu as imagens? Saiu em tudo quanto é lugar. Eles usam fralda e chupam chupeta.

— Os bebês fazem isso?

— Não, não! É tudo adulto. Eles brincam com chocalho e coisas de bebê.

— Por quê?

— Isso eu não sei. Um monte de marmanjos que gostariam de voltar a ser bebê. Pelo menos foi o que um dos clientes disse.

— Que tipo de homem frequenta o salão de vocês?

— Uma porção de famosos. Médicos, vereadores… senhores desse tipo.

Quando mencionou os vereadores, Hanae, enrugando o nariz, deu uma risada. Talvez pensasse em clientes que eram não meros vereadores, mas deputados, e os imaginasse de fralda e chupeta. Tornou a rir enquanto acendia um cigarro.

Kurimoto fez cara de nojo e olhou para outro lado. Talvez tivesse visualizado um velho, idêntico a Suguro, paramentado daquela maneira disparatada e o pensamento tivesse sido mais do que Kurimoto aguentava. Essa repugnância foi transmitida silenciosamente a Suguro, que se sentiu constrangido e vil.

Suguro, enfim, rompeu o silêncio:

— Então você está dizendo que esse meu impostor… fez todas essas coisas no salão de vocês?

— O senhor está falando de Suguro sensei?

— Ele não sou eu! — Havia uma raiva involuntária na voz de Suguro.

— Ele? Ele vinha muito. Nami era quem ficava com ele. Dizia que o homem era meio chato. — Com dedos ágeis, Hanae usou o isqueiro barato para acender outro cigarro.

— Chato de que jeito?

— Sempre reclamava que não existia fralda descartável quando era criança. Ou que antigamente não havia aquele tipo de brinquedo.

— Então ele bancava mesmo o bebê?

— Aham. A maioria dos clientes faz isso… Aquilo os deixa excitados de verdade. — Hanae chegou a usar os olhos para demonstrar uma expressão de êxtase. A expressão de um bebê que dormia, sereno, no colo da mãe.

Suguro pensou no quartinho onde escrevia. Um espaço fechado e bolorento que ficava às escuras mesmo durante o dia. Um espaço onde podia envolver numa segurança de cobertor o desejo de voltar ao útero. Que diferença podia haver entre essa sensação de segurança e a vontade

daqueles homens de tornar a ser bebês? No fundo do coração dos homens, havia uma escuridão da qual mesmo eles não sabiam nada.

— Esses clientes… — resmungou Kurimoto, à margem da conversa. — São uns tarados.

— Homem é tudo igual. Até famoso vira bebê lá no salão.

— E eles pagam quanto?

— Duas horas são trinta mil ienes.

— Trinta mil?!

— E olha que é barato. Em Roppongi cobram cinquenta mil.

— O que mais você sabe desse homem?

— Pouca coisa. Uma vez fui para o hotel com ele. Mas… Nami é quem sai com ele na maioria das vezes.

— O que mais? — perguntou Suguro, pressionando-a, ansioso para reunir provas suficientes para convencer Kurimoto de que ele e o tal homem eram indivíduos diferentes.

De modo inesperado, Hanae voltou a querer saber:

— O senhor tem certeza de que não é cliente nosso?

— Já disse que não sou.

— Bem, se é mesmo outra pessoa, acho que posso falar… Esse homem, o que se parece com o senhor, faz umas coisas esquisitas.

— Esquisitas como?

Hanae sorriu, maliciosa e cúmplice.

— Primeiro a gente foi a uma danceteria… Ele disse que gostava de cheirar o suor no pescoço da gente quando Nami e eu dançávamos… Aí fomos para o hotel, e, depois que tomei banho, ele me passou a mão no ombro e nos peitos… E então ele me lambeu, só no pescoço e no ombro, como se tivesse ficado maluco. Aquilo me deu vontade de vomitar. Sabe como é, eu tinha acabado de tomar banho, e aí um velho vem me babar toda. Baba de velho dá mesmo engulho. — Nisso, Hanae se deu conta de que Suguro não dissera palavra. — Eu não devia ter contado isso ao senhor.

— Não tem importância — respondeu Suguro, querendo que Kurimoto concordasse. — Afinal de contas, não era eu.

— Mas, sério, dá medo o tanto que o senhor se parece com ele. Senti calafrios quando disse que era outra pessoa. E mais uma coisa… No banheiro, quando eu estava me olhando no espelho, ele quis me estrangular.

— Estrangular…? — Suguro ficou assustado. — Você quer dizer que ele tentou matá-la?

— Depois disse que não queria me matar. Mas os olhos dele me deixaram apavorada. Estavam muito vermelhos, bem injetados mesmo. Nami contou que ele fez a mesma coisa com ela.

— Que diabos ele pretende?! — exclamou Kurimoto, que, sem acreditar, balançou negativamente a cabeça várias vezes. — Deve ser meio louco, só pode.

— Você não se incomoda de trabalhar com clientes assim?

— É claro que me incomodo. Foi por isso que fui embora correndo… Mas a Nami riu e disse que era só faz de conta. Se a gente o deixa fazer de conta, ele dá uma grana boa. Só que escritor faz coisas esquisitas, né? — Hanae deu um sorriso tortuoso. — O que será que ele escreve? Nunca li nada dele.

Suguro não estava aguentando mais, então rompeu o silêncio.

— Obrigado pela atenção. — Tirou duas notas da carteira. — Não é muito, mas…

— Obrigada. — De repente, o tom de Hanae se mostrou profissional. — Vocês vão embora?

— Sim.

— Por que não dão uma passada no salão? Nami está lá, e tenho certeza de que vai atendê-los. Por que não perguntam à própria Nami sobre esse cara? É, vocês deveriam fazer isso mesmo.

— Não. Já ouvi o bastante por hoje.

De cara fechada, Suguro caminhou com o olhar focado bem à frente, alheio ao piscar dos letreiros em néon e aos berros dos vendedores de rua. Chegaram à larga avenida, e isso pareceu ser uma espécie de sinal para que Suguro se virasse para Kurimoto e perguntasse:

— Agora você acredita que alguém está se passando por mim?

— Acredito — respondeu Kurimoto, fazendo que sim, vencido pela ênfase com que Suguro perguntara.

— Para mim, basta que você acredite.

— Sim, acredito.

— Se Mitomo, lá na editora, ou alguém mais começar a espalhar boatos absurdos a meu respeito, você vai falar desse outro homem?

— Vou, é claro. Mas por que o senhor está fazendo esse escarcéu?

— Porque achava que até você estava começando a desconfiar de mim.

Kurimoto tomou fôlego e disse:

— Sensei, o senhor precisa pegar esse sujeito.

Uma moça que andava no sentido oposto olhou fixamente para Suguro e depois, puxando pela manga o rapaz que estava com ela, disse-lhe:

— Aquele ali é Suguro, o escritor.

Suguro ouviu. Kurimoto, que também ouvira, insistiu, bem baixinho:

— Até por seus leitores, sensei, o senhor precisa pegar esse sujeito.

3

Kobari se acostumara a zanzar pela Sakura do mesmo jeito que Suguro fizera. Seu olfato jornalístico lhe dizia que acabaria farejando alguma coisa logo, logo. Estava confiante na própria capacidade de escavar alguma pista que o ajudasse a encurralar Suguro.

Na correria profissional, se estava por perto de Shinjuku, sempre dava uma olhada na Sakura ao voltar para casa. Não lhe tomava mais que dez minutos percorrer aquela viela. Todas as vezes em que andava de uma ponta a outra da rua, ocorria-lhe pensar que "talvez seja hoje o dia". No entanto, esse dia parecia nunca virar realidade. Sempre que voltava para casa sem pista nenhuma, Kobari sentia-se exausto e desesperançado e se lembrava da cara presunçosa de Suguro no evento de premiação.

"Talvez seja hoje o dia" enfim se confirmou.

Pela hora do lusco-fusco, começara a cair uma chuva glacial, o que fez Kobari pensar em dar o dia por encerrado e desistir da busca. Mudou de ideia, porém, e desceu devagar a ladeira curta que saía da estação Shinjuku. Entre as muitas pessoas que, com guarda-chuva, caminhavam na direção contrária, o repórter reconheceu um rosto, alguém que ele sabia já ter visto antes. Não recordou de imediato quem era, mas lembrou assim que a pessoa passou por ele. Era a mesma mulher que tinha saído da estação em Harajuku para se encontrar com aquela outra, a que Kobari seguira porque parecia conhecer Suguro. Era baixinha e usava óculos redondos; por qualquer ângulo, era uma mulher sem graça, mas era, sem dúvida nenhuma, a pessoa que Kobari tinha visto em Harajuku.

Ele olhou para trás. Essa mulher rechonchuda, segurando o guarda-chuva ligeiramente inclinado, subia a ladeira a passos arrastados. As pernas que espreitavam debaixo da saia eram também gorduchas.

Kobari se voltou e passou depressa pela mulher, seguindo adiante com o que pareceu indiferença. De repente, ele se virou bem depressa. E aí, quando a mulher estava passando lentamente por ele, Kobari a chamou, rindo:

— Ei! Você por acaso não é amiga de Suguro sensei? — Ele não tinha a mínima ideia da razão pela qual as palavras lhe tinham vindo à boca. Caso a mulher negasse conhecer Suguro, Kobari precisaria lidar com uma situação mais complicada. — É amiga de Suguro sensei, não?

— Bem, amiga eu não diria — respondeu, com uma familiaridade pouco comum. — Tomei umas bebidas com ele.

Kobari soube, então, que aquele era mesmo seu dia de sorte. Diferentemente da pintora que ele cobrira de perguntas depois da premiação, essa não parecia nada ressabiada. Atrás das lentes redondas, os olhos até sorriam.

— Verdade? Então é você mesmo. A pessoa de quem o sensei me falou.

A partir daí, as engrenagens começaram a girar direitinho, como numa máquina nova em folha.

— Você é amigo do sensei? E como soube que o conheço?

— Ele disse que você usava óculos e tinha rosto redondo. — Kobari blefava, mas ela não deu nenhum sinal de desconfiar. — Você é artista, não é? Por que não tomamos um chá?

— Hein? Chá? — Ela deu uma risadinha. — Você é de tomar chá?

— Também gosto de saquê, se você preferir.

— Vou com você, mas vou só de chá-preto mesmo.

Nessa rua, as cantadas que os homens davam e a maneira como as mulheres as aceitavam eram todas naquela linha. Quando se acomodaram num café, Kobari perguntou:

— Então… Você é aquela que o sensei deixou que o retratasse?

— Eu mesma, chefia. — Seus olhos sorriram, confiantes.

— E havia outra moça com você lá, não?

— Hina? Ela estava lá, sim.

— Foi o que o sensei me contou. Ele disse que estava muito bêbado.

— Disse mesmo? Não acho que estivesse, não.

— Bem, seja como for, ele deixou que você o desenhasse, certo?

— Não foi como se ele tivesse aparecido e pedido. Eu meio que fiz o retrato quando estávamos batendo papo no hotel. Tinha levado o caderno de desenho porque, naquela noite, Hina e eu estávamos na Sakura tentando ganhar uma graninha com os retratos.

A palavra “hotel” não passou despercebida a Kobari. Então Suguro tinha ido para um hotel com as duas.

— O que o sensei fez lá no hotel?

— No começo, ele só falou. Afinal, é escritor. E é tão perceptivo!

— Por que você diz isso?

— Só de olhar para mim, viu que sou masoquista. Você se importa se eu pedir saquê?

Ela disse aquilo do modo mais natural possível, como se estivesse relatando que gostava de babados de renda. Kobari olhou outra vez para a mulher, mas era a mesma quatro-olhos de aspecto camarada, sem nenhum indício das tendências mórbidas, masoquistas, que acabara de confessar.

— Não perguntei seu nome. O meu é Kobari.

— O meu é Motoko Itoi. Estou *encantada* em conhecê-lo — disse, brincando, num tom como o das celebridades televisivas. — Sou uma promissora artista plástica. Para pagar as contas, faço desenhos por aí.

— Então… Ele notou de cara que você é masoquista?

— Sim. Disse que foi por isso que nos convidou a ir para o hotel. Queria ver Hina e eu transarmos.

— E… — Kobari engoliu em seco — … Vocês fizeram isso?

— Claro. Não é nada de outro mundo. É só questão de preferência. E ele pagou muito bem.

— Então ele só ficou olhando?

— Claro que não. Da segunda vez, participou.

— Ficou pelado?

— Você conhece quem transe vestido? — disse Motoko, sufocando o riso. — Você fica vestido quando vai para a cama com uma mulher? Se fica, é porque tem algum complexo.

— Então Suguro ficou pelado. Mas corpo de velho deve ser feio demais, não?

— Verdade. Não é como gente nova. Tinha uma porção de manchas, e a pele era toda seca, e a pancinha… Além do que, tinha aquele cheiro, né?

— Ah, ele fedia?

— Não era bem fedor. Era cheiro de velho. Como cheiro de crematório. Ou de quando a gente acende incenso. Mas o corpo feio do sensei me deu tesão.

Quando Motoko falava, os olhos atrás daquelas lentes se estreitavam até parecerem riscos. Ela conseguia dizer sorrindo, com absoluta serenidade, as coisas mais estarrecedoras.

— Por quê?! — perguntou Kobari, incrédulo.

— Não sei por quê. Quando estava no secundário, sonhei que um homem bem feio transava comigo. Quando acordei, não senti nojo nenhum. Na verdade, aquilo me excitou. Foi maravilhoso quando sensei me submeteu, me cobriu de baba e depois, no fim, me esganou… Foi tão maravilhoso que achei que eu podia morrer ali mesmo, feliz da vida. E tudo porque o corpo dele é feio.

— Não consigo entender.

— Tenho pena de você por isso. Você faz só papai e mamãe quando transa? Sexo é uma coisa incrivelmente profunda, chefia. Aí, todo tipo de sensação sobe lá da parte de baixo do corpo. É como se fosse uma música nova, esquisita.

Enquanto ouvia, Kobari ficou impressionado com a depravação daquela mulher. Para ele, os pervertidos se equiparavam aos insanos ou aos bandidos, pessoas com um lado sombrio detestável que precisava ser escondido. Inexplicavelmente, um escritor cristão se tornara parte daquele mundo e participara de práticas degeneradas com tais mulheres.

— Sensei disse a mesma coisa. Depois que nós três transamos, ficamos batendo papo, e perguntei se sabia por que a feiura dele me dava tesão. Respondeu que era um mistério irracional, uma coisa bem enterrada no coração das pessoas. A racionalidade diz que devemos sentir prazer com as coisas bonitas, mas a verdade é que achamos beleza na feiura e ficamos inebriados com isso. Foi bem assim que sensei falou. Você não acha que ele tem razão?

Kobari torceu o nariz.

— Olhe, é uma sensação que bem pouca gente deve ter.

— Segundo Suguro sensei, mesmo você tem esse instinto primordial. Ele diz que, para todas as pessoas, a depravação traz prazer. Porque o coração humano é insondável desse jeito. Hina e eu concordamos totalmente com ele. Dissemos quanto essa sensação é atualíssima – e que entendíamos o que ele queria dizer. E isso porque somos artistas plásticas. Os pintores famosos só acreditam naqueles tipos de beleza clichê. Mas já faz muito tempo que Hina e eu procuramos pintar a beleza que há em objetos que o resto das pessoas considera podres e medonhos. Nós duas concordamos totalmente com sensei. Você teria compreendido se tivesse ido à exposição. Abrimos outro dia mesmo, mas já se encerrou.

— Estive lá. O retrato de sensei…

— Ah, você viu? Procurei captá-lo como o tinha visto naquela noite.

Motoko inclinou seu corpo suado na direção de Kobari, como se os dois se conhecessem há tempo suficiente. Kobari achava difícil acreditar que aquela mulher tão extrovertida – e tão corpulenta na comparação com a esbelta amiga Hina – fosse uma masoquista de verdade. Com os óculos e a cara redonda e abobada, parecia, para Kobari, o tipo de mulher cuja pele pegajosa e reações lentas apagavam o fogo dos homens na cama.

A velha cadeira giratória parecia enferrujada: depois que o médico olhou os resultados do exame e se voltou para o paciente, ela rangeu. Durante as consultas no hospital, os ouvidos de Suguro tinham se acostumado com aquele barulho. Depois que a cadeira estrilava, o médico sempre começava o discurso motivacional, com muita ponderação, sem pressa nenhuma, e naquele dia não seria diferente.

— Seu nível de TGO está em oitenta e dois, e o de TGP, em cento e seis. É bem mais do que da última vez. O senhor está se estafando? O estresse influencia… Já lhe disse muitas vezes que, nessa situação, o risco de o senhor ter cirrose é muito maior.

— Entendo.

Quando voltou para casa, Suguro contou à mulher que os resultados dos exames tinham sido consideravelmente melhores. Foi natural para ele. Embora tivessem chegado a uma idade próxima da morte, Suguro descobriu que não suportava fazer a mulher já sentir o gosto da preocupação e da solidão.

> Os pinheiros comemoram um milênio de verdejante longevidade;
> Embora trajados de musgo, nunca fenecem.
> Os castos brotos de bambu
> Precisam ainda conhecer o peso das neves.
> A ameixeira que viaja para as desconhecidas plagas de Tsukushi
> Foi gerada antanho na enseada de Naniwa.

No palco, a bailarina Han Takehara começara a dançar a *Bem-aventurança dos pinheiros*. Suguro ficou até sem fôlego com a voz serena de Seikin Tomiyama, o cantor de voz rouca, e com a dança de Han, que não errava um passo, muito embora já tivesse passado dos oitenta anos. No bailado inteiro, não havia sequer um momento supérfluo. O palco do Teatro Nacional de Tóquio parecia grande demais para uma dança folclórica, e a

iluminação era tão forte que irritava. Contudo, quando Han se pôs em pé, o palco não pareceu nada desocupado. Os espaços vazios estalavam, retesados, ao redor da bailarina.

Suguro ficou feliz de ter saído nessa noite com a mulher. Ela se emocionara com o desempenho de Han na apresentação televisiva de *Neve* e mencionou o quanto gostaria de conseguir ingressos para a apresentação no Teatro Nacional. Suguro, sem ter dito nada à mulher, pediu ajuda a um amigo que trabalhava em jornal e arranjou dois ingressos. Agora, sentados juntos para assistir a *Bem-aventurança dos pinheiros*, ocorreu-lhe que se tornaram mesmo um belo casal de idosos. Os dois continuariam levando juntos uma vida serena e teriam uma morte também serena. Quanto à escrita, tudo o que ele precisava fazer era aprofundar os sulcos que já escavara. Nada de exagerar nisso. Evitar as aventuras.

> "Viver para sempre" é pelo que eles oram e dançam.
> Os grous, este bom augúrio, congregam-se e volteiam no céu.

Os movimentos de Han se detiveram por completo. Ela manteve por vários instantes a pose pétrea, impecável. As cortinas se fecharam, e um sinal luminoso anunciou o intervalo de quinze minutos. Parte da plateia se levantou; uma mulher sentada à frente deles, que parecia ser alguma dona de restaurante, cumprimentou várias pessoas ao redor.

— Logo depois do intervalo, teremos aquela apresentação de *Neve* que você queria ver — cochichou Suguro para a esposa.

— É, eu sei. Até aqui, está sendo tudo maravilhoso, de verdade.

— Vamos para o saguão?

Saíram para o congestionado saguão e se acomodaram em assentos.

— Há uma coisa que preciso conversar com você — disse a mulher de Suguro, colocando a bolsa prateada no colo e se voltando séria para o marido.

— O que é?

— É difícil falar do assunto aqui, mas estou pensando em dispensar a Mitsu.

— Dispensar?

— Eu sabia que você não ia gostar da ideia e por isso não falei nada até agora… Mas ela já afanou dinheiro nosso duas vezes. Na primeira, os envelopes com o dinheiro do gás e da água sumiram da mesa do escritório.

E aí, ontem, achei no chão do corredor uma carta registrada que tinha vindo com o cachê daquela participação no programa de entrevistas. O dinheiro tinha sumido.

Suguro visualizou o rosto de Mitsu e ficou calado por um momento, até perguntar:

— Por que você acha que foi ela?

— Ela mesma confirmou, quando perguntei.

— Mitsu confessou? Simples assim?

— Confessou. Disse que a mãe de uma das melhores amigas tinha ido embora de casa. O pai dessa amiga torra todo o dinheiro nas corridas de bicicleta *keirin* e, ainda por cima, está no hospital. Por isso, é a menina quem tem de cuidar dos irmãos e irmãs.

— Então Mitsu ficou com dó da amiga e pegou o dinheiro para dar a ela?

— Isso.

— Ela é esse tipo de menina. Tem bom coração, tal e qual você disse.

— Mas… — A mulher suspirou — … Não podemos deixar que fique furtando. Tive uma boa conversa com ela depois da primeira vez, e aí ela vai e faz a mesma coisa de novo? Já não consigo ficar à vontade com Mitsu no escritório e gostaria de resolver isso de uma vez por todas.

— Entendo — disse Suguro, que então fez uma pausa. — Faça o que achar melhor. Afinal, nós a levamos para trabalhar lá, mas não por obrigação.

Suguro se lembrou do sonho. A mulher não sabia que Mitsu aparecera nua nos sonhos dele. Claro, não havia motivo nenhum para que Suguro contasse. No entanto, teria a mulher percebido algum perigo vago, instintivo, em deixar Mitsu no escritório do marido? Dado que Suguro nunca considerara a mulher o tipo de esposa que nutre tais sentimentos, ele a encarou sem medo. Ela, então, disse, com toda a calma:

— Ontem fui ao hospital em que o pai da amiga de Mitsu está internado.

— E você foi lá por quê?

— Estava preocupada com o que poderia acontecer com ele depois que dispensássemos a garota. O hospital é perto do metrô da Omotesandō, e parece que o homem está com câncer. Deixei um dinheirinho com a enfermeira e pedi que desse aos filhos dele… A enfermeira sabia tudo sobre Mitsu. Contou que, nos dias em que a filha do paciente não podia ir

ao hospital, Mitsu ia em seu lugar e cuidava dele. Foi o que a fez pegar o dinheiro.

Soou o primeiro sinal de campainha, e vários dos espectadores que tinham se reunido em grupos para bater papo começaram a voltar para o auditório. Muitas pessoas na plateia pareciam ser mulheres em trajes profissionais de gueixa e homens de negócio que adoravam música clássica japonesa. Alguém deu pela presença de Suguro e fez uma reverência, de longe, mas Suguro não conseguiu lembrar de jeito nenhum o nome do homem. Isso o fez sentir ainda mais intensamente o fato de que sua memória não estava nada boa. E, então, Mitsu não iria mais ao escritório? Melhor assim. Toda vez que Suguro a via passar o aspirador e cantar, ficava deprimido ao se lembrar daquele sonho.

— Há várias pessoas que fazem trabalho voluntário no hospital. Dividem as responsabilidades e vão ajudar. Quando estive lá, vi uma senhora – muito elegante de fato – que é voluntária. As enfermeiras me contaram que é viúva e que o marido tinha lecionado numa faculdade…

Suguro se levantou, ouvindo apenas metade do que a mulher dizia. Foram bem juntos até a porta do auditório.

— Essa sra. Naruse é voluntária duas vezes por semana. Você sabe, já faz um tempo que venho pensando em fazer trabalho voluntário. Pois bem, descobri pelas enfermeiras um monte de informações interessantes…

— Qual foi mesmo o nome que você mencionou agora? O da tal mulher.

— Sra. Naruse. Por quê? Alguma coisa errada?

— Não, nada. Pensei em outra pessoa. — Suguro dissimulou o melhor que pôde e tornou a olhar para o rosto da mulher.

Não podia ser a mesma pessoa.

A mulher na cafeteria se apresentara como madame Naruso. Suguro também tinha a impressão de que ela mencionara que fazia trabalho voluntário, mas agora ele não tinha certeza. Na idade dele, não tinha mais lembrança clara mesmo de acontecimentos recentes.

— Será que preciso estudar para virar voluntária? O que você acha?

— Desde que não afete a artrite, você pode fazer o que quiser. Afinal, não precisa mais cuidar de filho.

— Você vai estar no escritório amanhã?

— Tenho tarde de autógrafos em Shinjuku, na livraria Kinokuniya.

Quando Suguro e Kurimoto chegaram à livraria em Shinjuku na tarde seguinte, uma fila de caçadores de autógrafos já se formara. Na fila havia jovens estudantes, mulheres de meia-idade e homens mais velhos. Suguro, em pé à mesa para começar a autografar, soltou para essas pessoas um sorriso simpático, caloroso.

Esses são meus leitores. Aqueles que leem meus livros e me dão apoio.

De vez em quando, sentado à minúscula escrivaninha no escritório, tentava imaginar qual tipo de pessoa leria suas histórias. Apreensivo, perguntava-se quanto cada obra diferente – permeada pelo odor da vida do próprio Suguro e plasmada como argila pelas mãos dele mesmo – estaria distorcida quando enfim chegasse aos leitores. Bem, naquele exato minuto, esses leitores faziam fila diante dele.

— Pedimos que, por favor, as senhoras e os senhores se apresentem para os autógrafos na ordem das senhas — dizia um funcionário da livraria, usando microfone portátil. — Por gentileza, coloquem as senhas em cima do respectivo livro e deixem-no com a atendente.

Devagar, Suguro tirou a tampa da caneta preta de ponta fina, sorriu para o primeiro rapaz que lhe estendeu o livro e escreveu o próprio nome.

— Meu n-n-nome t-também… — Talvez por nervosismo, estava gaguejando.

O funcionário já começava a rejeitar esse pedido, mas Suguro acrescentou o nome do rapaz. Achava que era o mínimo gesto de gratidão que podia oferecer a quem se dispunha a ler sua obra.

Depois de uns cinquenta autógrafos, o pulso começou a sentir; a ponta da caneta também se desgastara, e estava difícil escrever com ela. Suguro enxugou as mãos numa toalhinha e tirou a tampa de outra caneta.

Era uma gama bem variada de leitores ali. Junto com as mulheres de meia-idade que agradeciam com muita educação ao se afastarem, havia um velho que, de cara feia, arrancou bruscamente da mão de Suguro o livro autografado. O neto pedira que ele conseguisse o autógrafo, mas, segundo o funcionário cochichara a Suguro, o velho estava com raiva por ter sido obrigado a esperar tanto tempo na fila. Outro homem parecia ser vendedor de livros usados: tirou de uma trouxa de pano uma pilha de dez livros de Suguro e pediu que este autografasse todos.

Depois de ter autografado cem livros, Suguro fez uma pequena pausa. Nesse intervalo, começou a se formar outra fila.

— É gente demais — disse Kurimoto, que já negociava com o funcionário da livraria. — Vamos parar depois de cento e vinte livros.

— Está tudo bem, eu não ligo — disse Suguro, com um aceno tranquilizador. — Vou autografar mais uns trinta.

Quando olhou para a ponta dianteira da fila, Suguro avistou uma roupa que já tinha visto. Era uma jaqueta azul com mangas brancas. O homem que a usava exigiu, brusco, a Suguro:

— Escreva meu nome também.

O funcionário interveio:

— Desculpe, mas não há mais tempo.

— Vi que outras pessoas conseguiram que autografasse com o nome delas. Por favor, escreva "para Yoshio Kobari".

Kobari lhe disse como escrever o nome em kanji. Sentindo sobre si o olhar do homem, Suguro grafou os quatro caracteres que compunham o nome Yoshio Kobari. Assim que terminou, teve um lampejo de memória. Kobari era o nome do repórter que Kanō mencionara no Hotel Imperial. Suguro não podia ter certeza, só pelo nome, de que aquele homem ali era o repórter. Ao abrir o livro que autografaria logo após, seguiu com o olhar o tal Kobari. Este desceu a escada e sumiu. Nesse momento, Suguro teve a impressão de que tinha visto o homem em algum outro lugar. Só não fazia ideia de onde.

Talvez eu esteja enganado.

Fez força para relaxar. Não conseguiu. Não demorou, Suguro já se convencera de que o homem aparecera com a intenção de sondá-lo, estudar sua reação. Só que não há nada com que me preocupar, Suguro disse a si mesmo enquanto massageava o antebraço direito.

Quando finalmente parou de autografar e se levantou, sentiu as pernas bambas. Os braços estavam cansados, e os ombros, dolorosamente travados. Pensou no olhar do médico quando se voltara naquela cadeira rangente. Desconfiou que, no presente momento, os resultados do exame seriam outra vez muito elevados.

— Eu gostaria de descansar — disse Suguro a Kurimoto.

— Claro, só que… Um sujeito está esperando ali e diz que precisa porque precisa agradecer uma coisa ao senhor.

Suguro olhou na direção que Kurimoto apontava. A sessão de autógrafos acabara, a livraria se preparava para fechar, e aquele andar já estava quase deserto. Todas as estantes pareciam encarar Suguro,

opressivas. Além delas, estava um rapaz que usava óculos de fundo de garrafa. Estava em pé, teso, muito formal. Fez uma reverência profunda e desajeitada, como se fosse um boneco de madeira, e disse com voz fraca:

— Sou seu fã desde os tempos de escola. Não li quase nada na vida além dos livros do senhor.

— Sério?

— Leciono numa escola para crianças com deficiência. No começo, não gostava, mas agora estou muito satisfeito, e é aos livros do senhor que devo agradecer.

Suguro sorria ao ouvir aquela fala árdua, pesada. O rapaz, sem dar pelo constrangimento de Suguro, empurrou os óculos para o alto do nariz e tirou de debaixo do braço um álbum de fotos.

— O senhor poderia olhar estas fotos minhas? São do Educandário Komyo.

— Educandário Komyo?

— É a escola para crianças deficientes onde leciono.

Em cada página do álbum barato tinham sido coladas quatro ou cinco fotos. Numa das fotos, o rapaz estava de agasalho esportivo, jogando boliche com os alunos num evento em prol da boa forma. Em outra, empurrava a cadeira de rodas de uma criança paraplégica. Outra o mostrava num festival cultural, com a perna levantada de mãos dadas com uma criança fantasiada de coelhinho.

— Nas noites em que fico de plantão, depois que ponho as crianças na cama, eu muitas vezes leio um dos romances do senhor.

Suguro não conseguiu dizer nada.

— Talvez seja atrevimento meu dizer o que vou dizer, mas nessas horas sinto uma espécie de olhar atrás de mim. Um olhar bondoso que vela pelas crianças.

Suguro olhou para o outro lado. As certezas do rapaz, que se declarava inspirado pela ficção do escritor e jubilante com o atual emprego, pesavam muito no coração de Suguro. Ainda assim, mesmo evitando encarar o rapaz, Suguro manteve um sorriso fixo, de plástico. O mesmo sorriso que guardava de reserva para a família e para quaisquer leitores pelos quais passasse na rua.

— É um pensamento muito bonito, mas os romances não têm o poder de mudar o coração dos leitores — balbuciou Suguro, procurando escorar as próprias emoções. — Meus romances, pelo menos, não têm.

— Ah, têm, sim. Têm com certeza. — O rapaz parecia considerar simples modéstia a refutação de Suguro. Mais uma vez, ajeitou os óculos no nariz. — Se não tivessem, eu não teria… decidido ser batizado.

— Batizado?

— É. Vou me batizar no mês que vem.

Suguro não sentiu júbilo nenhum. Pois então seus livros tinham dado sentido à vida de um indivíduo? Suguro não podia sequer considerar aquela ideia. Achou-se um hipócrita e ficou olhando fixamente para o chão. Não escrevera história alguma com o propósito de instruir as pessoas. Não se tornara romancista para difundir o cristianismo.

— Posso apertar sua mão? — disse o rapaz. Ele tinha sujeira preta debaixo da unha do indicador direito. Suguro deu um aperto mole naquela mão suada.

Quando levantou o olhar, viu que alguém os observava da porta atrás do rapaz. Era o sujeito arrogante que, mais cedo, exigira autógrafo. Enquanto Suguro e o rapaz de óculos trocavam o aperto de mão, o homem olhava com uma fisionomia de evidente deboche.

De repente, as engrenagens que giravam bem no coração de Suguro ficaram alucinadas. O motivo da avaria era claro. Na noite daquela premiação, alguma coisa se intrometera na vida dele, e a maquinaria que até então funcionara em sincronismo tão perfeito começou abruptamente a rodar de modo desvairado.

No único refúgio que tinha, o quartinho no escritório, Suguro deitava a cabeça na escrivaninha e dava a si mesmo, sempre e sempre, o mesmo sermão: Não é nada. Você está exagerando a situação toda.

Devia ser mesmo o caso. Impostores tinham incomodado outros escritores, e estes veriam da mesma forma o problema de Suguro. Ele só precisava ignorar, tal qual os outros tinham feito, e o problema sumiria.

Esse pensamento deveria tê-lo tranquilizado, mas o humor de Suguro não melhorava.

Imagens flutuavam diante de seus olhos. O rosto idêntico ao próprio rosto que Suguro tinha visto na premiação. Sobreposto a esse rosto, o retrato exposto naquela galeria. O sorriso vil, repulsivo, debochado era o mesmo em ambas as imagens.

Às vezes, quando a mulher não estava lá, ele ia ao banheiro do escritório e ficava se encarando no espelho. Um rosto fatigado. Olhos amarelentos. O branco nas costeletas. O rosto de um homem de sessenta e cinco anos. Tinha sessenta e cinco e ainda estava cheio de incertezas. Era nervoso e sobressaltado como um ratinho.

Mostrou a língua para o espelho e se lembrou da cena de um filme alemão que tinha visto quando ainda nem estava no secundário. Era sobre um ator teatral idoso – tinha também sessenta e cinco, aliás – que se apaixona por uma moça e acaba rejeitado e magoado. No filme, o velho mostra a língua para si mesmo, desdenhosamente, no espelho do camarim.

Isso aí é você. A sua cara é isso. Ela é mesmo diferente do rosto naquele quadro? Quem perguntava era uma voz que saía do fundo da alma. A pergunta se dirigia a um homem que se preocupava apenas com a imagem pública, sempre ciente do olhar dos leitores. Ao que parecia, a pergunta se destinava a lhe dar um empurrãozinho nesta ou naquela direção.

Mais tarde, no meio da noite, Suguro acordou com um telefonema.

Àquela hora? Quem poderia ser?

A mulher também acordou.

— Quer que eu atenda? — perguntou ela.

— Não, não, eu atendo.

Suguro saiu do quarto e acendeu a luz do corredor. Levou o telefone ao ouvido e, numa voz que ele próprio notou furiosa, disse:

— Alô?! Alô!

Não responderam.

Quem quer que fosse, parecia atento à reação de Suguro. Desligou. Suguro tinha a impressão de que não havia sido só trote. Ficou algum tempo em pé no escuro, imóvel, quase sem nem respirar.

* * *

No fim da tarde de sábado, a mulher de Suguro foi fazer faxina no escritório.

— Vou à Omotesandō comprar umas coisas — disse-lhe Suguro. — Estão acabando os lápis 3B, e acho que vou acabar dormindo aqui hoje. O trabalho não tem progredido muito.

— Ah, é? — A mulher estava espanando um vaso de flores e não deu sinal de duvidar do marido. Sabia que Suguro, para escrever os rascunhos

de suas histórias, só usava lápis 3B. — Não ligo se você dormir aqui. É só que amanhã é domingo…

— É mesmo, né?

— Você deveria ir à missa de vez em quando. — Ela sorriu, como se advertisse de leve, muito bem-humorada, uma criança.

Quando Suguro viu aquele olhar, veio-lhe de súbito à lembrança o conto de um autor estrangeiro. Era uma obra magistral que descrevia o relacionamento de um homem de meia-idade com a mulher. Esta era a personificação do cônjuge solidário, modelar, e fazia tudo pelo marido, sem reclamar. Era rigorosa na faxina, sempre trocava os lençóis e cozinhava muitíssimo bem. O marido, embora fosse grato por ter uma esposa assim, cansou-se dela – e cansou-se por motivos que ele mesmo não conseguia explicar. Começou a ter um caso com uma mulher que conhecera num bar. Quando visitou o apartamento todo bagunçado da amante, onde os gritos das crianças da vizinhança atravessavam as paredes, o homem ainda assim sentiu uma tranquilidade que nunca vivenciara na companhia da esposa.

— É, eu sei. Ah, vou comer fora também.

— Telefone hoje à noite, sim?

Suguro sentiu vergonha de ter pensado naquele conto ao falar com a mulher. Saiu do escritório e pegou um atalho para a Omotesandō. Subira apenas metade da ladeira íngreme quando ficou sem ar. A velhice não se confinara ao fígado: ela corroía, insidiosa, todas as partes do corpo. Quando Suguro dormia menos horas que o de costume, não tinha energia nenhuma no dia seguinte; e, quando fazia caminhadas longas, sentia dores agudas no meio dos joelhos. Nessas horas, sentia – sempre da mesmíssima maneira – que a morte se aproximava devagar.

Fizera aquele caminho havia bem pouco tempo, mas nesse intervalo já tinham aberto na rua Aoyama uma loja de discos e outra de calçados estrangeiros. Depois de ter comprado os lápis, seguiu pela via. As luzes dos postes já começavam a tremeluzir, e as folhas tinham caído das árvores plantadas ao longo das calçadas. Não demorou muito, passou em frente ao hospital que sua mulher mencionara. Dava direto para a Aoyama, e Suguro via numa das janelas uma moça que, de avental branco de paciente, olhava de um jeito lânguido para a rua.

A recepção estava vazia. Em frente à farmácia do hospital, um paciente idoso fumava, todo encolhido, como se estivesse com frio. Uma

enfermeira passava pela recepção, e Suguro lhe perguntou como chegar à enfermaria pediátrica.

— O senhor veio ver algum paciente? Lamento, mas na pediatria as visitas são só para parentes.

— Não, estou procurando uma das voluntárias que trabalham lá.

— Qual é o nome dela?

— É madame Naruse.

Depois de ter matutado por um instante, a enfermeira, como se concedesse um indulto, levantou o braço, apontou para os elevadores e lhe disse para descer no quarto andar. Suguro, enquanto esperava pelo elevador, perguntou-se o motivo de ter ido ver madame Naruse. Mais uma vez, lembrou-se daquele conto estrangeiro. Suguro a tinha visto uma única vez – então, o que atiçara seu interesse nela? Depois que comprara os lápis, percebeu que estava com vontade de vê-la. Teria sido por achar que conseguiria falar com ela sobre coisas que jamais poderia discutir com a própria mulher?

Um médico jovem já estava no elevador que vinha do subsolo. Quando pararam no quarto andar, tanto Suguro como o médico saíram para o corredor.

Atrás do vidro fosco da sala das enfermeiras, silhuetas brancas tremulavam como algas marinhas. Suguro, graças à própria experiência em hospitais, sabia que aquele era um horário relativamente calmo para os funcionários.

— Onde encontro uma voluntária, a sra. Naruse?

— Madame Naruse? Ela veio hoje?

Ouviu as enfermeiras conversarem entre si.

— Acho que ela está na fisioterapia — disse uma delas.

Suguro seguiu direto pelo corredor, procurando a sala de fisioterapia. O médico que subira no mesmo elevador estava na saída do banheiro, ajeitando o cabelo.

— Para que lado fica a fisioterapia? — perguntou Suguro.

— Bem no fim do corredor.

O médico não se mostrou nada desconfiado. Até fez uma reverência para Suguro, talvez tendo reconhecido o escritor que aparecera na televisão.

Quando Suguro se aproximou da sala de fisioterapia, ouviu choro de criança pequena. Ao espiar pela porta, viu madame Naruse, usando agasalho esportivo azul, e uma enfermeira muito jovem, que parecia não ter

mais idade que uma aluna do secundário. As duas ajudavam um menino de mais ou menos dez anos a caminhar. Suguro resolveu que devia só olhar de longe e depois ir embora. O menino se segurava nas barras do andador e fazia força para avançar uma passada de cada vez, seguindo as instruções de madame Naruse. Uma menina menor, de uns seis ou sete anos, surgiu correndo e se agarrou a madame Naruse pelo agasalho.

— Conta a história do Pompom? — pediu a menina, puxando a voluntária pela manga.

O menino parou e repetiu:

— É, conta a história do Pompom.

— Tudo bem, Shige — disse madame Naruse ao menino. — Eu conto, mas antes você tem de dar mais dois passos.

A voluntária pegou a menina pelas mãos e, sorrindo, a puxou para si.

— Pompom? — perguntou a enfermeira.

— É um conto de fadas que inventei. É a história de um lobo grande e bruto que todos os outros bichos detestam. O único que o trata bem na floresta é um coelhinho, Pompom, e por causa dele o lobo acaba se emendando.

— Ah, mas é uma história boa mesmo. A senhora inventa muitas assim?

— As crianças me pediram tantas vezes para contar histórias que acabei gastando todas as que eu lia quando pequena. Aí comecei a inventar outras.

— A senhora também contava histórias para seus filhos?

— Ah, não tenho filhos.

As duas crianças puxavam com insistência o braço de madame Naruse. A enfermeira os repreendeu, e Shige começou a chorar. Para acalmá-lo, a voluntária o pegou nos braços e começou a contar a história de Pompom. É, pensou Suguro, agora ela está no mundo da minha mulher. Quando faz assim, as duas ficam idênticas. Mas aquela mesma madame Naruse, quando trocara ideia sobre as obras de Suguro, discutira de bom grado assuntos que a mulher dele nunca sonharia em mencionar.

— O coelhinho pegou gelo para cuidar do lobo, que tinha machucado o olho.

— E o que aconteceu com o gatinho mau? — perguntou Shige, no colo de madame Naruse.

— O gatinho mau estava escondido na beira da estrada, esperando para pegar o coelhinho.

Ela ergueu a vista e olhou de relance para a porta, quando então notou a presença de Suguro. Surpresa, interrompeu a história e olhou para o próprio agasalho esportivo.

— Ah, andar vestida assim…! — Seus grandes olhos brilharam, constrangidos, quando ela sorriu.

Suguro esperou no térreo, do lado de fora da farmácia, enquanto madame Naruse se trocava.

— Peço mil desculpas — disse ela quando reapareceu, usando o mesmo casaco bege de quando se conheceram. — Lamento se o fiz esperar. O senhor me pegou de surpresa.

Suguro explicou que sua mulher estivera naquele mesmo hospital havia alguns dias e ouvira o nome de madame Naruse.

— Ela me disse que a senhora é bastante famosa entre as voluntárias.

— Até parece…! É que venho aqui já faz muito tempo, só isso.

— E para onde a senhora vai depois?

— Para casa. Não que tenha marido para cuidar, é claro.

Pelo tom, ela esperava um convite de Suguro. Este se lembrou de um restaurante chinês, perto, cuja especialidade eram asas de frango. As palavras para convidá-la saíram com naturalidade.

— O senhor tem certeza de que não há problema? Quer dizer, o senhor não ir direto para casa… Sua mulher deve estar esperando, não?

— Ela jantaria sozinha de qualquer jeito. Tenho muito trabalho acumulado. Já está acostumada.

— Que chato para ela. — Essa solidariedade de madame Naruse foi da boca para fora. Lembrando-se repentinamente de algo, ela disse: — O senhor precisa me desculpar pelas coisas que falei outro dia.

O restaurante chinês estava incomumente cheio para aquele horário, ainda tão cedo. O gerente, que conhecia Suguro de idas anteriores, levou-os a uma mesa de canto, à qual Suguro jantara com a esposa umas duas vezes. Suguro sentou-se de frente para madame Naruse, que ficou na mesma cadeira que a mulher dele ocupara. Suguro sentiu outra pontada da dor que, mais cedo, sofrera no peito.

— A senhora tem problema com comida apimentada? — perguntou numa tentativa de fazer sumir a dor.

— Não, eu gosto. Aqui servem culinária de Setsuan, não?

— Isso, e a pimenta pode ser bem forte.

Suguro pediu *yuxiang rousi*, prato à base de carne de porco e alho, e *shā guō yú tóu*, cabeça de peixe num molho acre.

— Pois bem — disse, risonho —, a senhora parece gostar mesmo de criança.

— É, gosto. E o senhor?

— Ah, acho que papariquei meu filho do mesmo jeito que todos os pais e mães fazem. Mas ele já se casou e hoje mora fora do país. Por isso, não o vejo faz tempo. Por que a senhora faz trabalho voluntário no hospital?

Ela sorriu.

— Talvez porque não tenha filhos, mas adore a sensação de abraçar crianças. São tão fofas! E cheiram tão bem!

— O que a senhora faz quando não está no hospital?

— Minha prima tem uma loja de antiguidades perto da estação Kyobashi. — Ela então fez beicinho. — Que chato isso! Está começando a parecer checagem de antecedentes. Escritor realmente pergunta *tudo*, não?

— Desculpe-me… Há um monte de coisas sobre as quais, de repente, sinto vontade de conversar com a senhora.

Quando serviram a comida, madame Naruse usou os dedos e o hashi com muito foco e comeu tudo com uma avidez cordata. Suguro estudou, atento, aqueles olhos grandes, aquela fronte larga, os movimentos daquela boca ao mastigar. Alguma coisa nessa mulher era completamente diferente da esposa. Falaram de culinária enquanto comiam. Quando Suguro lhe contou do excepcional restaurante de frutos do mar que descobrira em Hong Kong, madame Naruse o surpreendeu ao dizer que conhecia bem o lugar.

— Ah, então a senhora viaja muito para fora?

Por algum motivo, ela hesitou antes de responder:

— Viajo. Ano sim, ano não. Só que viajo de um jeito esdrúxulo.

— Como assim?

— Faço um planejamento especial e vou. De todo modo — disse, mudando logo de assunto —, outro dia li seu conto na revista *Shinryu* deste mês.

— Como a senhora assinalou antes, é mais uma história que evita falar de sexo.

— Peço desculpas por aquilo. Depois que o senhor foi embora, eu me arrependi, de verdade, de ter dito isso. Tínhamos acabado de nos conhecer, e fui tão grosseira!

— De jeito nenhum. Eu agradeço. Foi a primeira coisa que me fascinou na senhora. Mas por que alguém como a senhora, que faz trabalho voluntário no hospital, está tão interessada em sexo?

— E há alguma coisa de errado nisso? — Ela limpou a boca com o guardanapo. — Em uma voluntária de hospital se interessar em sexo? O esquisito, de verdade, é o senhor pensar desse jeito. Peço desculpas por perguntar, mas nunca fala dessas coisas em casa, fala?

— Não, minha mulher e eu quase nunca tocamos no assunto. Quer dizer que a senhora falava disso com seu falecido marido?

— Não. — Madame Naruse balançou a cabeça, negativa e discretamente. — É claro que não falávamos. Mas era nosso relacionamento sexual que criava o vínculo profundo que tínhamos. Ou melhor, o que se expressava no sexo era uma coisa escondida no fundo do nosso coração – do meu e do dele. Desse jeito, havia uma unidade entre nós dois.

Madame Naruse finalmente tocara no assunto que Suguro mais queria tratar com ela. Como escritor, sentiu a empolgação e a reação tátil de fisgar um peixe.

— Não consigo mesmo entender o que a senhora quer dizer. — Ele fingia essa ignorância ao mesmo tempo que a especialidade da casa, *guoba* – crostas de arroz tostado –, foi servida à mesa e Suguro serviu-se das crostas numa tigelinha.

— É, acho que não.

— Seria grosseria se eu pedisse mais detalhes?

— Seria, sim. — Ela sorriu. — É coisa particular, que diz respeito apenas a mim e meu marido.

Suguro ficou encantado com aquela recusa cortante. Madame Naruse pareceu ainda mais misteriosa, e a curiosidade dele formigava.

— É o tipo de história que atiça os escritores — murmurou, mais para si mesmo. Ela fingiu não ter ouvido, mantendo o olhar baixo e mexendo na comida com o hashi. — Antes a senhora disse que o sexo expressa nossos segredos mais profundos.

— Não vou falar disso — ela respondeu, sorrindo e arregalando os olhos sem nenhum pudor — mesmo se o senhor bater em mim para que eu

fale.

— A senhora não entende. Não quero saber os detalhes de sua intimidade. Apenas responda a algumas perguntas inofensivas. A senhora acredita sinceramente que o sexo expressa os segredos mais profundos do coração?

— Acredito.

— Era esse o caso com a senhora e seu marido, não? Veja bem, não estou perguntando os segredos íntimos de vocês dois… O que quero saber é… Ah, sim: mergulhe o arroz no molho e coma, só isso… Enfim, o que quero saber é quando foi que os dois se deram conta de que tais segredos existiam.

— Não sei quanto a ele, mas, no meu caso, nunca desconfiei até me casar… Não, não, até um tempo depois de casada. Antes, nunca tinha desconfiado que *esse* tipo de segredo se escondia dentro de mim.

— Só percebeu quando já estava casada fazia algum tempo.

— Isso. Depois que aconteceu uma coisa.

— E essa coisa seria…? Não se preocupe, não quero detalhes… Em certa altura, a senhora se deu conta de algo dentro de si, algo de que não tinha consciência antes. Foi isso?

Não havia maneira de calá-lo depois que sua curiosidade de romancista tinha sido acionada tal e qual os pistões de um motor. Com Suguro, era sempre assim.

— É, fiquei ciente de segredos que desconhecia antes — concordou madame Naruse, pousando com cuidado o hashi no prato.

— Segredos que a senhora desconhecia antes — disse Suguro, repetindo as palavras e tentando imaginar diversas possibilidades, mas o rosto de madame Naruse não revelava nada.

Usando com destreza o longo hashi, ela levou *guoba* à boca. Um ruído seco, de coisa crocante, fez-se ouvir quando madame Naruse mastigou o arroz. Suguro, ao olhar fixamente para os movimentos daquela boca, viu uma sensualidade crua. Era uma sensação erótica, que lembrava o ato sexual de um modo que nunca ocorrera a ele quando jantava com a esposa nem com qualquer outra mulher. E, nos movimentos dos dedos quando madame Naruse usava o hashi e levava a tacinha aos lábios, havia uma fluidez que fez Suguro pensar numa aranha a emaranhar a presa na teia.

— A senhora parece desfrutar a comida — disse ele, que depois suspirou de maneira instintiva.

— Ah, sim? Pois é, gosto muito de comer.

— Sobre aquela exposição de quadros… A senhora disse que conhecia a mulher que pintou o tal retrato.

— Isso.

— Ela disse alguma coisa sobre… mim? Quer dizer, sobre o homem que se faz passar por mim?

— Um pouco.

— Por exemplo?

— Por exemplo, que beberam juntos. E que ela fez o primeiro esboço do retrato do senhor.

— Espere aí. Aquele não sou eu. É o retrato do impostor. — Suguro pousou o hashi e olhou bem desesperado para madame Naruse. — Meu rosto lhe parece repulsivo como aquele?

— Por que está tão preocupado com essa coisa toda? — Madame Naruse ergueu o olhar e estudou o rosto de Suguro. — Se o senhor é repulsivo, então também eu sou repulsiva…

Sem saber o que ela queria dizer com "repulsiva", Suguro não disse nada. Madame Naruse estendeu a mão e serviu-se de uns camarõezinhos. Suguro conseguia visualizar os dentes a mastigar por trás daquela boca educadamente fechada. A fisionomia de madame Naruse ao se deliciar com a comida o fez lembrar outra coisa. Sim, isto mesmo: o olhar de um carnívoro ao devorar a presa. A mulher de meia-idade que ele vira rodeada de crianças no hospital parecia ter-se transformado numa mulher completamente diferente.

— A senhora parece outra pessoa agora — disse Suguro, suspirando de novo.

— Em que sentido?

— A aparência que tem ao comer… Não consigo relacionar essa aparência àquela que a senhora tinha no hospital.

— Ora, é perfeitamente compreensível. Ninguém tem só um aspecto ou só uma cara.

Por um instante, Suguro imaginou se aquele era o olhar no rosto de madame Naruse quando fazia amor com o marido.

— Então a senhora tem outras aparências, outras personalidades?

— O senhor não tem?

— Acho que devo ter. Sem elas, não seria capaz de escrever.

— Pois eu também sou desse jeito.

Um garçom todo de branco conduziu um casal jovem à mesa ao lado. O rapaz parecia ter saído direto de uma partida de tênis nas quadras cobertas do centro esportivo ali perto. Ele colocou a raquete numa cadeira vazia.

— Que outros tipos de personalidade a senhora tem?

Ela se esquivou da pergunta.

— Olhe só, neve!

O cabelo do rapaz brilhava aqui e ali, como se coberto de orvalho. A neve começava a derreter.

— Não tem como eu convencê-la a me contar? — insistiu Suguro. — De jeito nenhum?

— Outra hora, talvez… Outra hora, eu conto — murmurou, sorrindo.

— Olhe só, neve lá fora! — balbuciou a mulher para si mesma ao abrir a janela e pegar as meias longas que deixara secando.

Ao ouvir a voz da namorada, Kobari escondeu depressa a foto embaixo de um livro. Mas a namorada foi direto para a cozinha, e ele pegou de novo a foto.

Um cinto tinha sido muito bem apertado no pescoço da mulher de óculos, e os lábios dela estavam ligeiramente abertos. A língua espiava para fora, e as secreções da boca manchavam o queixo como se fossem marcas de café. No semblante, não havia sinal nenhum de agonia. A mulher parecia sorrir – e parecia um sorriso de júbilo.

A foto tinha ido parar nas mãos de Kobari totalmente por acaso, naquela tarde. Ele visitara um amigo que vendia tipos bem específicos de foto freelance, e seus clientes eram revistas como *Focus* e *Friday*.[4]

Na sala de trabalho do apartamento que o amigo dividia com outros fotógrafos da mesma linha, inúmeras tiras de filme pendiam das janelas como se fossem meias-calças pretas, e numa escrivaninha grande se amontoavam fotos recém-reveladas. Enquanto o amigo trabalhava na sala de revelação, Kobari observava as fotos e lia as legendas. Escritas com caneta esferográfica no verso de cada imagem, eram no gênero “aluna do secundário que sofreu abuso sexual e o delinquente, preso na estação Shinjuku” e “atriz famosa reencontra o pai, que ela não via desde a infância”.

Enquanto Kobari embaralhava as fotos tal qual faria se jogasse trunfo, a mão dele se enrijeceu, como se imobilizada.

— Ei! — exclamou, chamando o amigo.

— O que foi? — A porta da sala de revelação se abriu, e o fotógrafo, de jaleco, pôs a cabeça para fora, irritado.

— Do onde é esta foto?

— Essa aí? — O amigo olhou, embasbacado, para a foto que Kobari agitava na frente dele. — É de uma festa num daqueles hotéis, você sabe, em Roppongi. A festa era coisa de uma revista para quem curte troca de casais. Nessa aí, era principalmente gente meio tarada… Hoje, esse tipo de festa é bem comum em Tóquio. Não sei se alguma revista vai querer essas fotos, mas pensei em oferecer à *Friday* de qualquer jeito.

— Você chegou a conhecer esta mulher aqui?

— Que mulher? Deixe-me ver.

Enquanto o fotógrafo falava, o frio fazia seu hálito ficar branco. Quando estendeu a mão na direção de Kobari para pegar a foto, o jaleco exalou um cheiro acre de produto químico.

— Hum… Não me lembro dela, não. Eram umas doze ou treze pessoas lá. No começo elas ficaram meio na delas, sem muita coragem. No entanto, não demorou muito, o lugar já estava uma loucura… Ah, agora lembrei. Essa mulher aqui, os caras que gostavam da mesma coisa fizeram a festa com ela… Eles a chamavam de Mot-chan.[5]

— Ela usava óculos?

— Não lembro. Você a conhece?

— Mais ou menos. Em qual hotel de Roppongi você tirou as fotos?

— No Château Rouche.

Kobari levou aos lábios um cigarro sem acender e olhou para outra foto. Nesta a mulher não estava de óculos, mas era a mesma pessoa, com certeza. Graças à vez em que conversaram naquele café da rua Sakura, Kobari reconheceu o rosto redondo e o corpo rechonchudo. A mulher e três ou quatro homens nus brindavam com copos e garrafas de cerveja. Ao fundo, apareciam vários perfis vagos de homens e mulheres que evitavam olhar para a câmera. Kobari tentou identificar Suguro no grupo. Embora houvesse dois homens magros que podiam ser ele, um desses tinha a idade errada. O outro talvez fosse o escritor, mas Kobari não tinha como afirmar. Ficou mais interessado foi na imagem, borrada, de uma mulher de costas

para o fotógrafo. Alguma coisa nela fez Kobari se lembrar da mulher madura que ele seguira havia pouco tempo.

— Deve dar um trabalho danado entrar nessas festas, não?

— Eu mexo meus pauzinhos. Vida de fotógrafo é dura. A gente precisa jogar isca em todo tipo de lugar.

— Posso pegar a foto emprestada um dia só? — perguntou Kobari. — Depois eu compenso você.

Château Rouche, em Roppongi? Quase de imediato, Kobari viu que o amigo, que não levava jeito com outros idiomas, queria se referir ao Château Rouge. Era um hotel de sadomasoquismo, bem famoso entre homens e mulheres que gostavam disso.

Kobari levou a foto e pegou o metrô sentido Roppongi. O amigo dissera que a mulher de óculos era bastante conhecida naqueles círculos, onde a chamavam de Mot-chan. Kobari, portanto, talvez conseguisse informações mais detalhadas se perguntasse no Château Rouge. E, com tais informações, era possível que chegasse à verdade sobre Suguro.

Meia hora depois, Kobari atraíra a gerente do Château Rouge para uma lanchonete do outro lado da rua.

— Nojento — disse ela. — A mulher, segurando um cigarro mentolado entre unhas pintadas de cor de vinho, franzia o cenho. — É nojento o jeito que vocês sempre tiram fotos quando damos aquelas festas. Você é repórter, né? Essa mulher não trabalha para mim. Primeiro ela veio como cliente, junto com um homem. Depois virou *habitué*, e, de vez em quando, a gente a contrata por meio período. E é só.

— Que tipo de trabalho?

— Não há muita mulher que aceite fazer papel de masoquista. Elas ganham muito mais dinheiro que as sádicas, mas em nossa clientela há uns caras bem violentos, e por isso não temos outras que façam o mesmo serviço… É uma profissional de verdade.

— Ela faz o quê, exatamente?

— Não consigo explicar em palavras.

A gerente era uma mulher de uns quarenta anos e expressão melancólica. Usava óculos escuros grandes e uma correntinha presa à armação para evitar que os óculos caíssem. Essa correntinha tremeluzia toda vez que a gerente dava uma tragada no cigarro.

— Então responda: o que é uma masoquista "profissional"?

— Bem… — Ela exalou fumaça e ficou matutando. — O xis da questão é que a Motoko quer mesmo morrer.

— Ela passou por alguma tragédia na vida?

— Tragédia?

— Alguma coisa muito dolorosa. O tipo de coisa que a faria querer morrer.

A mulher olhou para Kobari sem entender. Depois, um sorriso maternal, afetado, expandiu-se por seus lábios tal qual as ondas circulares nas águas de um lago.

— Você é mesmo inocente, não é? Ela é masoquista. Masoquista gosta de sofrer.

— Que tipo de homem vinha com ela? Eu gostaria de saber.

— Preservamos a identidade de nossos clientes. Afinal, alguns deles são jogadores de beisebol, empresários, atores famosos. — Vangloriava-se, como se o estabelecimento tivesse orgulho daquela lista. Em seguida, tomou um longo gole do vinho rosê que pedira.

— E escritores? Aposto que alguns escritores famosos também aparecem.

A fisionomia da mulher não mudou, mas a mão que segurava o cigarro se agitou de leve.

— Hum. Vai saber.

Kobari a pressionou:

— Não vou criar problema nenhum para você.

— Preciso voltar. O hotel não pode ficar largado.

Na tela da televisão, Suguro parecia um tanto mais gordo que na vida real e quatro ou cinco anos mais novo. Mas quando ele se mexia as sombras e os traços macilentos da idade surgiam claramente na mandíbula e no pescoço.

— Sr. Suguro, o senhor é um escritor que há muitos anos registra o pecado humano — dizia o entrevistador. De início, Kobari não identificara se aquele homem de cara comprida que falava com uma vivacidade estudada era crítico ou apresentador. — Mas como definiria "pecado" da maneira que isso aparece na literatura do senhor?

A câmera fechou para dar um close em Suguro, que piscava.

— Acho que há dois aspectos do pecado. — Por nervosismo, talvez, a voz de Suguro parecia catarrenta. — Todo dia, para vivermos em sociedade, reprimimos vários desejos instintivos. — Suguro apontou para o peito. — Há uma parte do coração que armazena essas pulsões. É um domínio que chamamos de inconsciente… As pulsões e os instintos que reprimimos não se extinguem. Acumulam-se no inconsciente, só esperando a chance de serem expelidos outra vez. Quando eles jorram de lá – e jorram num formato distorcido, qualquer que seja esse formato –, muitas vezes cometemos atos que rotulo como pecados.

O entrevistador inclinou a cabeça e deu um sorriso obsequioso:

— Como estamos na televisão, o senhor poderia explicar isso em termos um pouco mais simples?

Suguro se mostrou meio exasperado, mas prosseguiu:

— Vou dar um exemplo. Muitas vezes, na vida em sociedade, sentimos o orgulho ferido. Ou, então, não conseguimos achar maneiras adequadas de satisfazer nossos desejos ou nosso senso de superioridade. O senhor concorda?

— Com certeza. Esse tipo de coisa acontece todo dia.

— Nessas horas, não podemos simplesmente jogar nossa insatisfação na cara de quem quer que nos tenha ofendido. Então surge uma rachadura no que antes podia ter sido uma relação perfeitamente harmoniosa. Desse modo, todos os dias comprimimos no fundo do coração nossas insatisfações e nossos ressentimentos. Só que eles não se dissolvem lá. Sentimentos muito fortes, quando reprimidos, não se desfazem nunca. Essas emoções se acumulam no coração, onde ardem em fogo lento.

— Parece uma visão bastante freudiana.

— É, pode-se mesmo considerá-la freudiana… Essas brasas meio adormecidas se inflamam quando menos se espera. E aí elas se incendeiam.

— Isso é bem verdade. Aliás, os heróis de todos os seus romances parecem ser pessoas sufocadas pela vida que levam. Vivem uma agonia, ficam como que asfixiados, até que acabam pecando.

— É verdade. Meus protagonistas se atormentam e terminam pecando.

O escritor piscou seguidas vezes, e sua voz ficou rouca – detalhes ínfimos que eram expressão do nervosismo de Suguro. Kobari, ao ver o close de Suguro, pela primeira vez se deu conta de que, naquele rosto, havia algo irregular. Um olho era maior que o outro. O direito era maior que o esquerdo. Para Kobari, os olhos começaram a parecer uma pintura de

Picasso em que os olhos observam dois objetos bem separados. Era como se de repente a legenda “Múltiplas personalidades” tivesse sido sobreposta à imagem de Suguro na tela. Aliás, num desses novos manuais de autoajuda, Kobari leu que pessoas com olhos desiguais são dúplices.

— Então o senhor quer dizer — perguntou o entrevistador cara de cavalo — que em suas obras o pecado é gerado não tanto no consciente mas no inconsciente?

Depois de um instante de perplexidade, Suguro o corrigiu.

— Não. O que penso, mais precisamente, é que pecados de todo tipo estão relacionados ao inconsciente, de um modo ou de outro.

— Então o senhor diria que o inconsciente é o útero, a incubadora, do pecado? É esse o conceito de pecado em que acredita, sr. Suguro?

— Eu… — Suguro piscou. — Não sou teólogo. O senhor precisaria perguntar a um especialista no assunto. Fui topando com essa ideia à medida que escrevia minhas narrativas.

— Entendo. — Pela primeira vez, o olhar do entrevistador demonstrava uma curiosidade sincera. — Outro dia, aliás, fiz a mesma pergunta ao reverendo Takemoto, o renomado budólogo. Parece que, no budismo maaiana, a doutrina da “consciência-unicamente” compartilha os mesmos pontos de vista que o senhor acaba de expressar.

Suguro fez que sim, mas não disse nada.

— Temos o vídeo dos comentários do reverendo Takemoto e gostaríamos que assistisse a ele conosco, sr. Suguro. É uma pena que o reverendo Takemoto não pôde vir hoje. Está indo para Paris, onde vai participar de uma conferência internacional de filósofos budistas.

Uma teia de riscas oblíquas tirantes a vermelho cobriu de repente a tela, e apareceu um homem enérgico, de cabeça toda raspada, com as mãos bem apoiadas no colo.

O mesmo entrevistador, sentado no lado oposto, parecia fazer o entrevistado comentar:

— O budismo, então, há muitos séculos ensina que é o inconsciente que governa o coração humano. Resumi direito?

— Acredito que sim.

— Que nome se dá a esse reino do inconsciente nos ensinamentos maaianas?

O reverendo Takemoto respondeu de modo muito pensado, recitando o que parecia ser um discurso pronto:

— Usamos os nomes Manas-vijnana, que é a sétima consciência, e Alaya-vijnana, que é a oitava consciência. Podemos definir a Manas como uma consciência egoísta. É a região em que nos colocamos no centro de todos os acontecimentos, a região em que vemos em termos de interesse pessoal tudo o que acontece e onde pensamos apenas em nossos próprios benefícios… Já a Alaya é o torvelinho em que estão as sementes do desejo e do apetite carnal, e essas sementes são incontáveis e causam todos os nossos sofrimentos.

— Por sementes, o senhor se refere, acredito, ao termo sânscrito *bīja.* No budismo, esses desejos e esses apetites são considerados pecado, não?

— É, pode-se dizer que sim.

— E essas sementes que constituem a fonte do pecado são um remoinho em nosso inconsciente?

— Isso. Nós as denominamos "sementes da corrupção".

Riscas oblíquas tremularam de novo na tela, e a câmera voltou a mostrar Suguro no estúdio.

— Parece-me, sr. Suguro, que esse ponto de vista budista é muito semelhante à sua opinião.

Suguro, meio perdido, teve de concordar.

— O senhor estudou budismo maaiana? O senhor, naturalmente, é cristão…

— Não, não estudei. Como já disse, dei com essa ideia enquanto escrevia minhas narrativas.

Pela sombra melancólica no semblante de Suguro, Kobari viu que o escritor estava cansado. Kobari esticou a mão para o botão de volume e tirou o som das vozes tediosas, irritantes, daqueles dois homens. Em seguida, Kobari encarou o rosto de Suguro enquanto movia os lábios sem fazer mais ruído.

Olhos de tamanhos diferentes. Kobari não podia ter certeza de que isso fosse sinal de duplicidade, mas conseguia detectar uma sombra um tanto turva no rosto de Suguro. Não achou palavras para descrever o que tal turbidez significava. Ainda assim, aquela sombra nebulosa era, para Kobari, a parte secreta do escritor, a parte que ninguém expusera ainda.

— Você é… uma farsa! — gritou Kobari para o escritor idoso, cujos lábios ainda se mexiam mudos na tela. Kobari tornou a girar o botão de volume.

— Ah, então está dizendo, sr. Suguro, que o inconsciente é o útero tanto do pecado como da salvação?

O tema avançara desde que Kobari tirara o som.

— É, minha impressão é essa. Talvez "salvação" seja um termo forte demais. Os pecados que os homens cometem são manifestação do anseio que têm por renascerem.

— Renascerem? — De novo, os olhos do entrevistador brilharam com indisfarçado interesse.

Suguro assentiu.

— É verdade que minhas personagens se debatem em circunstâncias asfixiantes e pecam, mas, se o senhor pensar nesses pecados… Na vida das personagens, acaba sendo… — Enquanto Suguro procurava as palavras certas, também parecia sondar a reação do entrevistador. — No fim das contas, os pecados delas são… uma expressão do anseio por um modo de vida novo.

— E podemos chamar isso de salvação? — perguntou o confuso entrevistador.

— Talvez não se possa definir como salvação, mas o pecado já tem em si o potencial para a salvação.

— O pecado já tem em si o potencial para a salvação? Essa é, eu acho, uma opinião extraordinariamente ímpar. Isso é crença cristã?

— Bem… — Outra vez, havia impaciência no olhar de Suguro. — Acho que não. Mas é a impressão a que cheguei ao fazer o trabalho de escritor…

— Parece ser outra opinião bastante semelhante à do budismo. Há, por exemplo, o dito "O bem e o mal são a mesma coisa", indicando que não há diferença entre os dois.

— Mesmo? Mas minha percepção de que o pecado contém o potencial para a salvação não deriva do budismo…

— Entendo. Voltemos agora a ouvir o reverendo Takemoto…

As imagens na tela se embaralharam de novo, e depois disso ressurgiu o rosto devoto de Takemoto. O entrevistador dizia:

— Então as sementes do desejo e da luxúria estão em torvelinho no útero do pecado, a Alaya-vijnana. Contudo, não é verdade que o budismo maaiana ensina que as sementes da salvação estão também ativas dentro da própria Alaya-vijnana?

— É. — Takemoto deu uma olhada rápida, furtiva, para o roteiro escrito aberto na mesinha à frente e que era indicador de sua personalidade tímida e intransigentemente séria. — São as chamadas "sementes da pureza". Assim como os glóbulos brancos devoram bactérias no corpo, essas sementes envolvem devagar as sementes de corrupção, que contêm o potencial para desejos malignos, e se põem a purificá-las.

— Ah, então o inconsciente, na visão budista, é tanto o útero do pecado como a matriz da salvação representada por Buda?

— A ideia, em linhas gerais, é essa.

A porta da frente se abriu bruscamente, e a namorada de Kobari, carregada de sacolas de compras, gritou para ele:

— Você está em casa?! Está muito frio lá fora! — Ao passar pelo sofá manchado em que Kobari estava esticado em frente à televisão, ela continuou: — Será que vai nevar de novo?

— Sr. Suguro, essa doutrina do budismo maaiana também parece ser o que o senhor expressa em suas obras.

— Que doutrina é essa?

— Tem certeza de que não foi influenciado pelo budismo, sr. Suguro?

— Acho que não, mas talvez tenha herdado parte dessa influência pelo sangue de meus ancestrais. Afinal, não sou europeu nem americano. Sou japonês.

— Por que você está assistindo a essa chatice?! — perguntou a namorada, pasma, ao colocar no sofá uma bolsa carregada de cebola e sacolinhas plásticas.

— Silêncio. Estou trabalhando.

Kobari não estava prestando atenção à conversa, àquela "chatice". Fixava-se todo no rosto do escritor, mostrado em close. Aquele rosto de olhos desiguais e sombras turvas. Se a gente se concentrasse em certas partes do rosto, Suguro parecia ainda cinquentão. Mas, quando virava o pescoço, as rugas que se formavam ali denunciavam a velhice. Kobari via que o escritor, não habituado a aparecer na televisão, ficara exausto com aquele diálogo. Suguro podia até usar a fala para contemporizar, mas a Kobari parecia que a câmera captara as sombras nebulosas em que jaziam segredos que aquele homem nunca mostrara ao mundo.

O telefone dele estava tocando. Quando abriu a porta do escritório ao voltar de uma caminhada, Suguro ouviu o toque estridente. De noite, o telefone vinha tocando sem que se ouvisse ninguém do outro lado da linha. Já acontecera mais de uma ou duas vezes. Quem ligava ficava em silêncio e parecia só esperar a reação dele. Suguro deixou tocar, e aquele ruído persistente acabou cessando, resignado.

Ele olhou para a caixa de correspondências, que estava vazia: talvez a entrega estivesse atrasada. Foi até o escritório e acendeu a luminária da mesa. A luz suave que ele reconhecia com ternura iluminou o porta-lápis e o relógio de mesa; os ponteiros marcando o passar dos segundos intensificava o silêncio da sala. Pousou o queixo nas mãos e, em meio ao vazio, recordou a expressão no rosto de madame Naruse enquanto saboreava o prato de arroz queimado. Aquele olhar vinha-lhe à mente várias vezes ao dia, atiçando sua curiosidade sobre tal mulher. Que tipo de pessoa ela era exatamente? Havia um aspecto de sua mente, bastante distinto do resto de sua aparência exterior, que, de certo modo, estimulava os instintos de escritor de Suguro. Quase ao fim da noite que passaram no restaurante, ele sugerira, em tom de brincadeira, que ela lhe escrevesse uma carta, mas ele não podia imaginá-la aceitando tal pedido.

O telefone tocou outra vez. Ele ignorou, mas o aparelho soou persistentemente durante mais de um minuto. Por fim, ele desistiu e levou o fone ao ouvido.

— É Suguro sensei? — perguntou uma voz insistente. — Sou um repórter, me chamo Kobari…

— Kobari? — Suguro ficou em silêncio por um momento. — O senhor entrou em contato com o sr. Kanō, não foi?

— Isso mesmo. Gostaria de conversar com o senhor.

— O que o senhor quer? É aquele antigo boato de que frequento vizinhanças de má fama?

— Não posso discutir o assunto por telefone. Se conseguíssemos nos encontrar, a chance de um mal-entendido seria menor para ambos os lados.

— O que quer dizer com “mal-entendido”?

— Seria constrangedor para o senhor, não seria, se eu escrevesse exclusivamente com base em minhas conclusões sobre a evidência?

Suguro ficou enervado com aquele tom de voz intimidador.

— Tudo bem, vou encontrá-lo. Mas não em meu escritório.

— Então o senhor se importaria de me encontrar em Roppongi? Agora mesmo estaria ótimo, se for conveniente.

Resolva logo essa questão, uma voz ecoou na cabeça de Suguro. Controlando a agitação, ele anotou o endereço do local de encontro. Ao sair, pegou as duas ou três cartas que chegaram pela caixa de correio e as meteu no bolso do paletó.

O táxi seguiu vagarosamente pelas movimentadas ruas noturnas, e ele desceu próximo à lanchonete designada. Quando passou pela porta, reconheceu o homem sentado com um copo de água à frente como aquele que o perseguira na sessão de autógrafos.

— Eu já o vi antes, não? Na sessão de autógrafos?

O homem ignorou seu cumprimento e apontou com o queixo uma fotografia sobre a mesa.

— O senhor reconhece essa mulher?

Suguro olhou para a fotografia e respondeu, em um tom irritado:

— Não, não reconheço.

— Ah, olhe mais de perto. Tem certeza de que não a conhece?

— Não, nunca a vi.

— Tem certeza? — Os olhos de Kobari eram implacáveis, como os de um detetive interrogando um suspeito.

— Certeza absoluta.

— Mas… Essa mulher me disse que fez uma boa farra com o senhor, sensei. E depois fez um retrato seu. Ela é uma artista em ascensão. Trabalha meio período na rua Sakura fazendo retratos.

— Não fale besteira. Não aconteceu nada disso.

— Bem, mas essa mulher é amiga de certa senhora que é conhecida sua.

— Certa senhora? Quem?

— O senhor conheceu certa mulher em uma cafeteria na rua Takeshita, não conheceu?

Então era isso. Suguro finalmente percebeu que o homem que ele vira espiando a cafeteria no dia em que conheceu madame Naruse era esse repórter.

— E daí? — Suguro estava confuso. — Algo de errado nisso?

— Se aquela senhora e a mulher nesta foto são amigas íntimas, não sei ao certo se o senhor pode afirmar que nunca a viu antes.

— Com licença. — O rosto de Suguro estava ruborizado. — Não pretendo ficar aqui e ouvir falsas acusações. O senhor pode fazer o que quiser com a fofoca que ouviu, e eu terei pronta uma resposta apropriada se o senhor publicar qualquer coisa sobre isso.

— Peço desculpas. — Sendo um homem que conhece a etiqueta, Kobari se retratou humildemente. — O cerne da questão, porém, é que existem alguns boatos indecentes circulando a seu respeito. Havia uma mulher excêntrica contando alguns deles quando o senhor foi premiado.

— Eu lembro. Mas os boatos não têm nada a ver comigo.

— Nesse caso, o senhor realmente deveria mostrar alguma evidência para provar sua inocência. — Kobari tomou a água. Quando o garçom chegou para pegar o pedido, bruscamente ele pediu uísque com água. — Como repórter, sou um zé-ninguém, mas venho obtendo informações de pessoas que alegam ter visto o senhor em vários lugares.

— É alguém se fazendo passar por mim. Que maldito aborrecimento.

— O senhor pode dizer isso com total segurança? Se puder, faria a gentileza de vir comigo e encontrar essa mulher aqui perto? Não vai demorar muito. O senhor entenderá o porquê quando chegarmos lá. Levará só dez minutos. O senhor está seguro de si, não está?

— Claro que sim — retrucou Suguro, mas, enquanto falava, sentiu que caíra na armadilha desse homem.

Um vento soprava de uma rua secundária quando eles saíram da lanchonete. Kobari mudara para um tom de voz agradável.

— Tenho vários amigos que são fãs de seu trabalho, sensei.

O rosto de Suguro ficou tenso, e ele não respondeu.

À primeira vista, o Château Rouge parecia ser um edifício comum de três andares. Para evitar serem vistos por alguém, os clientes chegavam em carros, como se fossem a um motel.

— Não quero lhe causar nenhum problema, então, por favor, espere aqui.

Kobari deixou Suguro na rua e desapareceu pela entrada. Suguro enterrou o queixo no colarinho do terno Burberry. Quando pedestres se aproximaram, ele baixou os olhos e tentou parecer tão alheio quanto um asceta religioso.

Kobari reapareceu com uma mulher de meia-idade. Com óculos escuros, ela parecia a dona de uma loja de roupas finas, uma butique, o tipo

de mulher que costuma passear pelas ruas de Roppongi, mas foi apresentada como a dona daquele estabelecimento.

— Por favor, entrem. Vocês devem estar com frio aí fora. — Ela se dirigiu a Suguro com hospitalidade. — Este cavalheiro vive me perguntando se o senhor conhece Motoko. E se já visitou nosso *château* — explicou ela, com um sorriso.

— É mesmo? — Suguro fez pressão para tornar a mulher uma aliada. — Eu ficaria agradecido se a senhora negasse com todas as letras, assim como eu fiz. Aparentemente, ele é repórter de uma revista, mas o trabalho dele parece consistir em escrever revelações maldosas… E ele quer me transformar em uma de suas vítimas. Pretendo processá-lo se ele inventar qualquer coisa sobre mim. Se chegar a esse ponto, gostaria que a senhora desse seu testemunho, embora possa ser complicado para a senhora.

— Isso seria um problema. Nós temos alguns clientes ilustres, e isso prejudicaria muito a relação de confiança que construímos.

— Então a senhora terá de falar a verdade — declarou Kobari, exultante.

— Bem… Vou lhes mostrar uma filmagem. Se prometer que não vai escrever nada.

— Filmagem?

— É. Uma filmagem daquela festa. Vou lhe mostrar e, se este cavalheiro não aparecer nela, o senhor terá de prometer que não vai escrever sobre meu salão.

Kobari assentiu com os olhos. Suguro não tinha nenhuma objeção. A gerente os conduziu para o prédio vazio, que ainda não estava em horário de funcionamento. A estrutura tinha cheiro de couro. Ao lado do escritório desordenado, havia uma recepção minúscula mobiliada com um aparelho de televisão e um sofá bem desbotado. Havia uma boneca de porcelana Hakata em cima da televisão.

— Motoko pintou isso. — A gerente olhou para a pintura na parede.

Em uma tela salpicada com tinta marrom-amarelada, a artista desenhara espirais, como a concha de um caramujo. As linhas do vórtice foram feitas em vermelho.

— Não suporto pintura abstrata. — Kobari olhou para a pintura apenas de relance.

A gerente se agachou, inseriu uma fita de vídeo no aparelho e ligou-o. A tela da televisão se iluminou e surgiram linhas brancas de estática. De

repente, apareceu um grande salão de baile, com homens e mulheres nus usando máscaras pretas e dançando uns com os outros. A lenta tremulação de árvores ao vento se parece mais com dança que o movimento daqueles homens e mulheres. Pelo contorno dos seios e das barrigas, era evidente que algumas das mulheres não eram tão jovens. Vários dos homens também eram notavelmente gordos e feios.

— Isso foi filmado aqui?

— Claro que não. Alugamos outro lugar para a festa de nosso terceiro aniversário.

— É um hotel em Yoyogi, não é? — Kobari inesperadamente falou o nome do hotel.

A gerente fez que não ouviu.

— Aqui todos eles ainda estão na etapa de exploração — explicou ela, saudosamente.

— Exploração?

— Ainda são estranhos, então vão se conhecer.

A cena mudou. Uma mulher de meia-idade estava deitada, com os braços e as pernas jogados, enquanto três homens mascarados de diferentes direções a acariciavam. A câmera não se movia enquanto os três percorriam com a cabeça o corpo dela como cães sedentos. Nomes de vinhos que ele aprendera muitos anos antes apareciam e desapareciam na mente de Suguro… Médoc, Saint Émilion, Entre-deux-Mers. Talvez fosse sua idade: diferentemente de épocas anteriores, quando assistia a amassos sexuais dos outros, ele se sentia apenas frio e deprimente.

— Isso é uma chatice. — Kobari também se cansara de ver as mesmas ações repetidas várias vezes. Pegou um cigarro, mas ficou girando-o nos dedos, sem fumar. — Não há originalidade nenhuma. Todos eles fazem a mesma droga. Não consigo acreditar que não fiquem entediados.

— Motoko foi a única de todos eles que teve orgasmo — murmurou a gerente. — Logo depois disso…

— Depois disso?

— É. Só tem mais um pouco dessas coisas repetitivas.

Na verdade, havia vários minutos mais das mesmas carícias sexuais entediantes na fita. Embora a posição do corpo e as técnicas mudassem, cada movimento era, no fundo, vazio e sórdido.

A tela de repente escureceu. Um reflexo branco como leite tremeluziu na tela por alguns momentos, e depois, abruptamente, surgiu o rosto de

uma mulher com a boca aberta. Embora seus olhos estivessem abertos, seu rosto parecia o de uma pessoa cega. Manchas acinzentadas como fibras de algodão formavam mechas em seu cabelo. Kobari logo a reconheceu como a mulher das fotografias, mas sem os óculos.

A câmera girou para baixo. As mãos de alguém envolviam o pescoço de Motoko e passaram a apertá-lo. Havia um anel em um dedo. As mãos eram de homem.

— O que era aquela coisa branca no cabelo dela? — perguntou Kobari, em um tom estridente. A voz traía sua agitação.

— Quatro homens a torturavam. O primeiro derramou cera quente de vela sobre Motoko… Olhe, dá para ver nos ombros dela. Várias gotas estão espalhadas pelo cabelo. Depois ela implorou para alguém estrangulá-la, então outro homem começou a sufocá-la…

Motoko estava olhando para o teto, os olhos semicerrados e a boca entreaberta. Encolhia e esticava a língua, como se sua garganta estivesse seca. Quando as mãos do homem se apertaram em torno do seu pescoço, ficou evidente que ela tinha sensações de êxtase e prazer… A sensação de escorregar por um túnel em direção à morte. Parte da cabeça do homem assomava sobre ela.

— Viram como tomamos cuidado para não fotografar o rosto dos clientes? — declarou a gerente, com orgulho. — Alguns haviam tirado a máscara a essa altura.

— A boca da vadia abre e fecha como a de um peixe-dourado. Ela deve estar com muita dor. — Kobari estremeceu, com um olhar de aversão. Para ele, o mundo mostrado na tela de vídeo só podia ser considerado aberração.

A voz da gerente soou áspera, como se aquilo fosse uma ofensa pessoal.

— Você devia ter ouvido o que ela gritou.

— Ela gritou? O que ela disse?

— Me mata!

— Ah! Como se fosse “você está me matando”, “você está me matando”?

— Não, não. Sabe, um verdadeiro masoquista quer mesmo que o matem. Ele sinceramente quer morrer. Motoko costumava dizer: “Eu sempre tenho medo da morte, mas, quando chego a esse ponto, só quero apanhar e levar uma surra e, então, me derreter. Quero ser machucada e

torturada e simplesmente morrer ali. É assim que me sinto, no fundo. Como seria lindo se eu pudesse morrer assim".

— Ela é louca. Maluca.

— Sãs ou loucas, as pessoas são todas iguais. Não são, sensei? — A mulher inesperadamente pede a opinião de Suguro. Ela parecia pensar que, como escritor, ele sentiria empatia por seus sentimentos e pelos das pessoas gravadas.

Suguro não disse nada, apenas ficou pasmado diante da televisão. A fita terminara, e a tela emitia somente um zunido oco e estático.

A cara tensa do escritor não relaxou quando saiu do Château Rouge com Kobari, nem mesmo após eles tropeçarem no estridente clamor noturno da avenida Roppongi. Depois que ele assistira ao vídeo, os letreiros de néon, as procissões de veículos automotores, as luzes de inverno na sequência de lojas e as correntes de pedestres pareciam todas, de certa forma, sem sentido.

— O senhor gostaria de parar em algum lugar? — sugeriu Kobari, um tanto ressentido. Ele lamentava principalmente o fato de não ter conseguido localizar Suguro nem a mulher corpulenta entre os participantes no vídeo.

— Não, obrigado — recusou Suguro, indignado. — Depois dessa, espero que o senhor pare de ficar xeretando como um cachorro.

Ele ergueu a mão, chamou um táxi e entrou sem olhar para trás. Recostou-se e fechou os olhos, mas aquele rosto ainda estava gravado em suas pálpebras. Os olhos semiabertos, os lábios entreabertos, a língua encolhendo-se e esticando-se como uma lagarta verde. Gotas de vela derretida cobriam seu cabelo. Aquele rosto… Sim, assemelhava-se a outro que ele vira. Anos antes, quando subira o campanário da catedral em Bourges, vira caras de homens loucos em todos os lados da sacada. Sua mente de súbito passou para a pintura de Motoko pendurada na minúscula recepção. A pintura de um vórtice em espiral como a concha de um caramujo. Quando olhou para o vórtice, sentiu como se gradualmente fosse sugado para seu centro escarlate. Era essa a sensação que Motoko pretendera representar, talvez o que sentira quando vários homens bateram nela e a sufocaram. "Quero ser machucada e torturada e simplesmente morrer ali." Foi assim que a gerente descrevera a sensação. Essas emoções desprezíveis e esses desejos horríveis habitavam o interior de Motoko e as profundezas de cada coração humano. Mas por quê? De onde vinham?

— O senhor gostaria que eu pegasse a avenida na frente da estação Harajuku? — A pergunta do motorista interrompeu suas reflexões.

— Sim, por favor.

Ele sentia o corpo todo cansado. Abriu os olhos e observou as escuras fileiras de árvores desfolhadas nos jardins externos do Santuário Meiji. Quando pôs a mão no bolso para pegar o dinheiro do táxi, seus dedos roçaram algo sólido. Eram as três cartas que ele pegara quando estava de saída do escritório. Ocupado com pensamentos sobre seu encontro com Kobari, ele as enfiara no bolso e as esquecera. Uma das cartas era de um editor, a segunda, de um homem cujo nome ele não reconheceu. A terceira, um envelope grosso, não tinha endereço de devolução.

— O senhor se importaria de acender a luz? — pediu ao motorista.

Quando abriu a segunda carta, percebeu que era do jovem que lhe solicitara para apertar sua mão após a sessão de autógrafos. O carimbo do correio era da cidade onde ficava a escola para deficientes em que o homem trabalhava.

> No domingo passado fui batizado, como lhe disse que seria. Depois da cerimônia, quando experimentei pela primeira vez o pão consagrado da hóstia em minha língua, senti que várias experiências haviam me trazido até este ponto. A mais importante dessas experiências foi meu encontro com seus livros. Lendo seus romances, avancei passo a passo em direção a este ponto… Acho que Deus falou comigo por meio de seus livros de ficção, sensei. Que o Senhor continue a abençoá-lo enquanto escreve.

Um nó amargo se formou no peito de Suguro. Sentiu uma cutucada da consciência, como se houvesse mentido para esse jovem que tinha uma fé tão cega em sua produção literária… Na verdade, como se tivesse mentido a todos os seus muitos leitores. Não me superestimem, ele queria dizer a eles. O máximo que posso fazer é lidar com meus próprios problemas; não posso assumir a responsabilidade pela vida de vocês também. Naquele ambiente do bar Meguro, Kanō e os outros leram seus primeiros escritos e os declararam “suspeitos”. Eles estavam certos. A culpa se agarrara a seu coração ao longo de três bem-sucedidas décadas e não afrouxaria por mais que o tempo passasse.

— Não me superestimem — disse, involuntariamente, em voz alta.

— Como? — O sobressaltado motorista olhou para ele. — O que o senhor disse?

— Nada. Não foi nada.

Ele enrubesceu e olhou para o chão, então silenciosamente rasgou a carta. Em duas partes. Depois, em duas partes de novo. Como se estivesse despedaçando o rosto do jovem de mãos pegajosas…

Ele abriu o envelope da terceira carta. O papel branco com marca-d'água estava todo preenchido com caracteres fluidos escritos pela mão de uma mulher. Será que essa mulher, como o jovem da carta anterior, também considerara Suguro algo além de escritor, algum tipo de figura religiosa que…

> Após certa hesitação, decidi escrever esta carta… Naquela noite em que me pagou um jantar, o senhor disse que queria saber sobre meu outro eu… Porque não queria lhe causar problemas, não escrevi meu nome no envelope. Ainda assim, tenho certeza de que saberá quem a enviou.

As palavras fluíam do papel para seus olhos. Era uma carta de madame Naruse.

4

Quando ergui os olhos e vi o senhor à porta, observando-me enquanto eu brincava com as crianças no hospital, senti-me constrangida, como se alguém houvesse me espiado enquanto eu dormia. Depois, quando me convidou para jantar, foi como se estivesse sonhando. O senhor deve ter pensado que sou completamente desavergonhada.

Após certa hesitação, decidi escrever-lhe esta carta. Para mim, não faria sentido adornar as coisas ou tergiversar quando escrevo sobre mim mesma e, além disso, achei que seria grosseiro, no sentido mais verdadeiro da palavra, tentar algo do tipo ao me comunicar com o senhor. Naquela noite em que me pagou um jantar, o senhor disse que queria saber sobre meu outro eu. Como jamais havia falado sobre isso com outra pessoa, não encontrei coragem para discutir o assunto com o senhor. No entanto, eu me convenci de que o senhor, de todas as pessoas, entenderá; de que o senhor não interpretará mal o que eu lhe contar; mais importante ainda, por ter demonstrado tanto interesse nessa questão de personalidades separadas, de que o senhor mesmo poderia ter algo a esconder, como eu.

Por essas razões, envio esta carta confidencial. Porque não queria lhe causar problemas, não escrevi meu nome no envelope. Ainda assim, tenho certeza de que saberá quem a enviou.

Ao enviar-lhe esta carta, contudo, deposito minha confiança no senhor e, já que vou lhe contar segredos meus e de meu falecido marido, eu lhe peço que, depois de terminada a leitura, o senhor a descarte de modo que não seja vista por outras pessoas.

Meu marido e eu éramos parentes distantes. Ele tinha a mesma idade que o senhor, sensei. Talvez o senhor tenha ouvido o nome dele: Toshio Naruse, e ele era professor na Universidade P. Sei muito pouco sobre esse assunto, mas parece que ele fez um trabalho significativo na área de economia moderna.

No segundo ano de faculdade – talvez o senhor tenha tido a mesma experiência –, Naruse foi convocado pelo Exército como parte de uma unidade de estudantes mobilizados. Ele serviu na China até o fim da guerra.

Enquanto estava na universidade, morava em um dormitório para estudantes cristãos perto da estação Shinanomachi. Em duas ou três ocasiões, fui com minha mãe (eu ainda estava no ensino básico) visitá-lo no dormitório. Embora fosse apenas um parente distante, minha mãe o conhecia muito bem desde que ele era criança e o ajudou de várias formas quando ele veio de Okayama para fazer faculdade em Tóquio.

O superintendente do dormitório era um tal professor Yoshimatsu, do departamento de filosofia da Universidade de Tóquio. Meu marido tinha um respeito considerável por ele e entrou para seu grupo de estudos. Durante algum tempo, até pensou em ser batizado devido à influência do professor Yoshimatsu. Mais tarde ele me contou que havia conseguido vaga naquele dormitório, que era reservado a estudantes cristãos, porque tinha permissão especial do professor Yoshimatsu.

Uma vez, quando visitamos o dormitório, minha mãe fez um pedido a ele.

— Toshi-chan, você poderia ajudar Mariko com os estudos?

— Claro. Se a senhora acha que dou conta. — Ele vestia um quimono azul salpicado de branco aquele dia e olhou para mim e sorriu com dentes brancos. Estou certa de que o senhor se lembrará, muitos estudantes naquela época vestiam quimono.

Eu ainda estava no ensino básico, mas, quando vi seu sorriso e a brancura de seus dentes, a própria imagem da saúde, pensei em como ele era simpático. Percebo agora que aquele foi o começo do vínculo que se formou entre mim e meu marido.

Eu gostava da escola, então aguardava ansiosamente suas visitas às quartas-feiras. E ele gostava de ir, porque, depois de examinar meus livros e minhas lições, comia alguma coisa em nossa casa.

À mesa, no jantar, ele nos contava todo tipo de história. Embora ele estivesse no departamento de economia, sabia muito de literatura. Agora que ele se foi, eu me lembro com carinho ardente da versão dele de *As viagens de Gulliver* e da história de Ivan que aparece em um dos contos de Tolstói.

Um dia, Toshio me perguntou, do nada:

— Você sabe como é o interior do coração humano?

Era uma pergunta difícil para uma menina da minha idade.

— Existem várias salas dentro do coração humano. A sala na parte mais baixa é como a despensa que vocês têm em casa, Mari… E existe todo

tipo de coisa guardada nela. Então, tarde da noite, as coisas que você trancou e esqueceu lá dentro começam a se mexer.

Pensei na despensa. Além das caixas de madeira e do gramofone coberto de poeira, havia várias bonecas que minha irmã mais velha havia deixado para trás quando se casou. Uma delas era uma boneca loura que meu pai havia trazido da Alemanha. Seus olhos grandes não me pareciam bonitos, e sim misteriosos. Eu não conseguia gostar dela, então nós a guardamos na despensa. Tentei imaginá-la se mexendo tarde da noite, depois que todos tivéssemos ido dormir.

— As bonecas de nossos corações começam mesmo a se mexer no meio da noite?

— As bonecas de nossos corações? É, é isso mesmo. As bonecas de nossos corações começam a se mexer e a dançar. E aparecem nos sonhos que temos.

Era uma história maravilhosa, de dar vertigens. Tentei imaginar aquela boneca com os olhos misteriosamente abertos, permanecendo imóvel em meu coração durante o dia, mas dançando sozinha quando a noite caía.

Evidentemente, Toshio também estava estudando religião mais ou menos naquela época. Depois que nos casamos, ele me contou, em tom de brincadeira, que foi porque estava estudando religião que havia se lançado entusiasticamente naquele discurso sobre as profundezas do coração humano, embora estivesse além de minha compreensão. E eu o havia ouvido com uma concentração tão intensa… Ele deu uma risadinha…

Estou abusando de sua paciência ao registrar essas lembranças triviais, sensei, mas há um motivo para isso. Claro que refleti, com um excesso de sentimentalismo, sobre minhas recordações do passado em inúmeras ocasiões, mas sempre volto à opinião de que aquela conversa que Toshio teve comigo naquele dia sobre o coração humano se tornou um ponto de partida para o resto da vida. Não acho que as coisas aconteçam em vão. O senhor entenderá em breve por que digo que aquela conversa foi o ponto de partida para minha vida.

Mais ou menos um ano depois que Toshio começou a me dar aulas, organizaram-se os regimentos de estudantes. Mesmo sendo criança, eu tinha uma vaga sensação de que a guerra estava gradualmente se voltando contra nós, e a cada dia me deprimia mais. Quando começaram a arrebanhar até mesmo estudantes universitários como Toshio, eu me

perguntei se o Japão ia perder e questionei minha mãe sobre isso. A única coisa que ela fez foi suspirar e dizer: “Até mesmo os estudantes…”.

Sensei, o senhor se lembra das cerimônias de despedida que eram realizadas em dias chuvosos no jardim externo do santuário? Aquelas procissões na chuva que costumam passar na televisão mesmo hoje. Consegui identificar Toshio naqueles filmes entre os estudantes de boina quadrada enquanto eles marchavam em meio às poças de água com rifles nos ombros.

Ele foi chamado para um regimento em Chiba. Três meses depois, minha mãe, minha irmã e eu visitamos o quartel com o pai de Toshio, que havia vindo para Tóquio. Toshio vestia um uniforme de soldado de tamanho grande, e suas mãos estavam inchadas e rachadas devido ao enregelamento. Com as mãos inchadas, ele devorou avidamente o almoço que minha mãe havia feito e levado em uma caixa envernizada para ele. Quando minha irmã lhe entregou o livro de poesia que ele havia pedido, seu rosto se iluminou de alegria como o sol surgindo após uma tempestade. Ele estava sedento pela palavra escrita.

Permitiram que tivéssemos três desses encontros antes de o regimento ser enviado para a China. Para ser sincera, uma sensação de contentamento tomou conta de mim quando recebi o primeiro cartão-postal da China, carimbado com o selo do censor do governo. O que nos gerou toda essa alegria foi o fato de que o postal não havia sido enviado das perigosas ilhas do Pacífico Sul. Àquela altura, era de conhecimento geral que o Japão estava padecendo de escassez de homens e que violentos confrontos com as tropas americanas haviam começado nas ilhas do Pacífico Sul. Meu pai explicou, porém, que provavelmente não haveria batalhas terríveis na China. Que Toshio muito possivelmente voltaria para casa em segurança.

Como esperávamos, Toshio permaneceu na China. Ele passou de cadete a segundo tenente, e, mais tarde, ficamos sabendo que ele participou, sim, de várias pequenas operações de limpeza contra guerrilheiros, mas, felizmente, nunca se envolveu em um conflito importante. Dava para achar que ele levava uma vida de lazer com base nos cartões-postais que chegavam de tempos em tempos, como se ele de repente tivesse se lembrado de mandar um. Naquela época, Tóquio passava por uma série de ataques aéreos e escassez de comida, e a vida dele parecia não apenas mais segura, como um sonho para nós.

“Ontem matamos um frango, e alguns colegas e eu fizemos uma panela de cozido às margens do rio.” Quando esses postais despreocupados chegavam, tínhamos que nos perguntar quem de nós vivia no verdadeiro campo de batalha. Felizmente, a casa da família dele em Okayama não foi danificada, mas a nossa casa foi destruída por bombas incendiárias e fomos morar em uma casinha emprestada por parentes em um vilarejo chamado Tsurukawa.

O senhor deve se perguntar o que isso tem a ver com a questão inicial que me fez, sensei. Contudo, se eu não lhe contar, mesmo que em poucas palavras, sobre o passado, acho que o senhor não vai entender o que vou relatar adiante. Por favor, tenha um pouco mais de paciência.

Seis meses depois que a guerra terminou, Toshio foi repatriado. Embora tenha passado algum tempo se recuperando em casa, quando ele veio para Tóquio, ainda estava abatido. As maçãs do rosto se sobressaíam, e ele vestia o mesmo uniforme largo que o vi usar quando era um recruta novo. Não acreditávamos que um homem naquela condição havia de fato sido segundo tenente. Meu coração latejava, imaginando como dois anos de vida militar o haviam mudado. Ele nos contou que teve muita dificuldade em nos encontrar, carregando nas costas uma mochila que parecia quase tão grande quanto nossos alojamentos temporários.

— Não posso dizer quantas vezes li os livros que vocês mandaram para mim na China. Mas alguns se perderam quando me embarcaram para voltar para casa, e outros foram confiscados — disse, em tom de desculpas.

Eu tinha uma nítida lembrança da expressão alegre no rosto dele quando lhe demos aquele primeiro volume.

Ele voltou para a faculdade e estudou como um homem ávido por aprender. Talvez por sua personalidade, ele era favorecido e, depois que terminou a pós-graduação, foi contratado como assistente de pesquisador pelo departamento. Pouco depois disso, recebeu uma bolsa Fulbright e pôde estudar nos Estados Unidos. Naquela época, eu estudava em uma faculdade para mulheres.

Algum tempo após sua volta ao Japão, Toshio finalmente foi contratado como um jovem professor pelo departamento de economia, e nos casamos não muito depois disso. Mal conseguíamos pagar as despesas com o salário dele, então conversei com uma amiga que trabalhava na editora Hayamizu e consegui um emprego rascunhando traduções de

escritores franceses de histórias de mistério, como Simenon. O francês era o único idioma a que eu realmente havia me dedicado na escola.

Alugamos um apartamento de dois cômodos em uma casa que havia sobrevivido aos bombardeios em Meidaimae. Naquela época, algumas casas novas começavam a se espalhar pela terra chamuscada ao redor da estação, mas a casa onde morávamos era uma das poucas residências antigas, escuras, de estilo japonês, que ainda permaneciam de pé. Abriram um pequeno mercado na frente da estação, mas não era seguro para uma mulher caminhar sozinha até em casa depois que escurecia no inverno, então, quando eu entregava uma tradução para o editor, meu marido ia à estação me encontrar. Às vezes, nós conversávamos sobre o que queríamos comprar para o jantar e depois caminhávamos para casa de mãos dadas. Eu me lembro de uma grande árvore zelkova à beira do caminho e de que, no outono, um bando de estorninhos se aglomerava em seus galhos.

Passemos, então, ao assunto principal. Sem dúvida alguma, é imprudente da minha parte escrever sobre essas coisas que estou prestes a descrever, mas, após a conversa que tive com o senhor, concluí que é inevitável. Não fico nem um pouco constrangida no que se refere a sexo. Mas devo lhe pedir mais uma vez… Por favor, depois de ler esta carta, por favor, não se esqueça de queimá-la.

Meu corpo demorou irremediavelmente a se desenvolver quando eu era garota e, embora tivesse certeza de que sabia mais sobre sexo que a maioria das garotas de minha idade por causa dos romances e dos livros que lia, tudo aquilo fazia parecer que eu estava espiando com um dos olhos fotografias de ruas em países estrangeiros que nunca havia visitado. Eu sabia muito pouco mesmo sobre meu próprio corpo até me casar com Toshio.

Ele era gentil e, como comentei antes, cresceu mal-acostumado e protegido do mundo. Gentileza e teimosia, nervosismo e sinceridade habitavam lado a lado dentro dele. Havia algo muito egoísta na maneira como abordava o sexo. Ele parecia ansiar por isso. De minha parte, no dia do meu casamento, ouvi de minha mãe: “Você deve fazer tudo o que ele quiser que você faça”. Segui o conselho dela e fingi alegria naquela noite, mas, com toda a sinceridade, quando ele me abraçou, eu me perguntei como aquilo poderia trazer alegria para alguém.

Não me desagradava quando Toshio fazia amor comigo, mas muitas vezes eu ficava surpresa com a insistência dele. Ele me procurava em

diferentes horários, não só à noite. Em alguns domingos, ele me agarrava por trás enquanto eu trabalhava na cozinha. No inverno, quando nos sentávamos sob uma manta, de repente ele passava as mãos em meu cabelo, empurrava-me para o chão e montava em mim. Em princípio, achei que era uma expressão de seu amor ardente. No entanto, quando olhava para aquele rosto pairando sobre mim, eu via algo que nunca havia identificado nele. Outro rosto que eu jamais vira. Era totalmente diferente de seu rosto habitual, o rosto doce que, no entanto, tinha sombras nervosas nas bordas, o rosto que parecia o de uma criança quando sorria. Eram olhos inflamados que mostravam uma expressão de crueldade. Eu até gritei "Quem é você? Quem… quem é você?" Fui tomada de preocupação… Não, de medo. Mas seu desejo, embora feroz, não durava muito. Quando acabava, o sorriso de criança voltava.

Certamente, daria para considerar nossa vida juntos feliz. A única coisa que meus pais lamentaram foi o fato de não termos lhes dado um neto. Fomos examinados por médicos, mas eles não encontraram causa evidente. Foi uma infelicidade, mas, naquela época, não lamentei nem fiquei triste. Não que Toshio não gostasse de criança, mas alguma parte dele temia a mudança drástica que uma criança acarretaria a nossa vida, transformando-me em uma mãe que dedicaria cada hora do dia ao filho. Sua desculpa era a de que uma criança interferiria com seus estudos e, às vezes, com toda sinceridade, ele asseverava que esse era o verdadeiro motivo.

Tenho muitas lembranças carinhosas daqueles tempos, e talvez a mais agradável seja a época em que um livro que meu marido escreveu foi reconhecido por vários acadêmicos da área com o prêmio Sakitani, e a viagem que nós dois fizemos a Tōhoku.

O prêmio Sakitani é concedido em duas áreas, ciências e literatura, e a cerimônia e a recepção para ambas foram realizadas simultaneamente no Tokyo Station Hotel. Toshio, que usava uma flor artificial de cor vermelho vivo na lapela, parecia um pouco tonto naquela noite devido a toda a agitação e a toda a bebida alcoólica que havia ingerido.

— Não derrame nada no terno — eu disse, com a intenção de brincar com ele. — Quero que você use o mesmo terno quando receber o próximo prêmio.

Quando circulava naquela noite em meio a um aglomerado de pessoas, vi alguém ali. Era o senhor, sensei. Suponho que o senhor estava lá como

amigo do sr. Kanō, que havia recebido o prêmio de literatura. Essa foi a primeira vez que o vi, sem nunca imaginar que um dia lhe escreveria uma carta destas.

Na metade da recepção, um homem de uma revista que estava fazendo as vezes de recepcionista veio falar comigo.

— A senhora conhece um homem chamado Kawasaki? Ele diz que quer participar da recepção. Suponho que seja impertinente de minha parte dizer isso, mas ele não parece o tipo que frequenta um lugar como este.

Toshio nunca havia mencionado o nome Kawasaki para mim, então fui até a mesa da recepção para descobrir o que estava acontecendo. Como o recepcionista havia dito, um homem de meia-idade e aparência e trajes questionáveis estava soturnamente postado perto da entrada.

— Você é a mulher, não é? — Ele me tratou de maneira informal, provavelmente estava bêbado. — Por favor, diga a seu marido que Kawasaki, dos tempos de Exército, está aqui. Vi o anúncio no jornal e vim correndo para cá. Hoje é realmente um dia de alegria…

— Então o senhor é um dos companheiros de meu marido da época da guerra?

— Companheiro? Não, acho que eu diria que sou só um dos parças dele. — Ele me deu um sorriso mordaz.

Voltei para o saguão e encontrei meu marido. Ele estava cercado de gente dos jornais, mas parei ao lado dele e puxei seu cotovelo.

Quando ele ouviu o nome Kawasaki, seu rosto sorridente ficou sério por um momento. Talvez ninguém mais tenha notado a mudança, mas eu era a mulher dele, afinal. Despreocupadamente, pediu licença e me disse: "Você faria a gentileza de expressar nossos agradecimentos a estas pessoas?". — Então, deixou o saguão.

Eu sabia que algo estranho estava acontecendo e, enquanto andava pelo saguão, fazendo mesuras e agradecendo, eu olhava por cima do ombro de vez em quando. Pouco depois, meu marido voltou, parecendo o mesmo de sempre. Qualquer um pensaria que ele havia ido ao banheiro.

Naquela noite, ele voltou tarde para casa, após uma segunda rodada de comemorações em um bar. Enquanto escovava seu melhor terno, perguntei:

— Quem é Kawasaki?

Outra vez o rosto dele ficou quase imperceptivelmente tenso. Aquela rigidez me fez pensar se Kawasaki e meu marido compartilhavam um segredo que eu desconhecia. Fiquei com ciúmes.

Por amar Toshio, senti-me ansiosa devido a seu comportamento depois daquela noite e, sempre que Kawasaki telefonava, eu passava o fone para ele e tentava analisar suas expressões e as respostas que dava.

Um dia, quando estava fazendo faxina, descobri uma coisa estranha. Dos vários volumes dos dicionários Larousse na prateleira, só restavam as capas. Os volumes em si haviam sumido. Quando meu marido havia tirado aqueles volumes de casa? E havia feito aquilo de tal forma que eu não percebesse… Pensando bem, eu havia notado duas semanas antes que, a cada dia, quando ele saía de casa, estava carregando junto com a pasta algum objeto quadrado envolto em um *furoshiki*.

— Ah, aqueles? — Ele fingiu não estar preocupado com a pergunta. — Levei para a sala na faculdade.

Nenhum lugar que pretendesse ser uma sala de pesquisas da universidade deixaria de ter uma coleção de dicionários Webster ou Larousse.

Mesmo que não os tivessem à mão, os volumes estariam à disposição em uma biblioteca do campus. Era a primeira mentira que eu detectava em meu marido desde nosso casamento. Fiquei magoada, triste.

Eu tinha a sensação de que ele havia vendido os dicionários e dado o dinheiro a Kawasaki. Em minha imaginação, eu até via o tipo de episódio que costuma ser descrito nas colunas de escândalos dos jornais… Uma espécie de incidente convencional em que Kawasaki tinha algo sobre meu marido e o chantageava. Quase podia imaginar meu marido – um homem que gostava muito de aprender, mas que era totalmente ignorante sobre todo o resto – encurralado em um canto pelas ameaças de Kawasaki, e eu queria protegê-lo. Mas que tipo de falhas um homem como meu marido havia demonstrado nos tempos de Exército?

Era um sábado à tarde. Eu estava sozinha em casa quando Kawasaki ligou.

— Desculpe-me, mas ele saiu. — Foi naquele momento que decidi tentar extrair o segredo dele. — Meu marido lhe deu o dinheiro? — Uma imagem do rosto bêbado, com olhos vermelhos, de Kawasaki passou por meus olhos.

Ele não disse nada por alguns instantes.

— Dinheiro? Do que está falando? — Ele estava se fazendo de inocente.

Agarrei minha coragem com as mãos e declarei com confiança:

— Então ele não lhe deu o dinheiro?

Mentalmente, preparei uma racionalização improvisada caso ele insistisse que não sabia de nada. Algo sobre meu marido ter dito que havia emprestado dinheiro a Kawasaki. Ele, porém, se convencera com minha autoconfiança e deixou o fingimento de lado.

— É, ele me deu o dinheiro. — Depois de outra pausa: — Então a senhora sabia?

— Sabia.

— É verdade? Nunca pensei que ele fosse lhe contar sobre isso, não importa quanto vocês se deem bem. Mas assim fica mais fácil eu falar com a senhora. Quando ele chegar, pode lhe dizer que talvez a gente precise de um pouco mais de dinheiro para a Associação do Memorial?

— Associação do Memorial, sim.

Toshio jamais havia me dito uma palavra sobre tal Associação do Memorial. E eu fiquei preocupada com o que Kawasaki dissera: "Nunca pensei que ele fosse lhe contar sobre isso, não importa quanto vocês se deem bem".

— Mais ou menos de quanto dinheiro devo dizer que o senhor vai precisar?

— Vejamos. Diga a ele que eu aviso quando estiver tudo resolvido. E fico muito feliz mesmo que a senhora seja tão compreensiva com essa coisa toda. Era uma guerra, afinal, e a gente não tinha escolha. Depois que a gente voltou para o Japão e os anos se passaram, comecei a me sentir muito culpado, sabe? Porque dezenas de mulheres e crianças morreram lá. Para ser sincero, gostaria de construir algum tipo de placa comemorativa no vilarejo, mas, como somos japoneses, eles não vão deixar a gente entrar na China tão cedo.

Nossa conversa terminou ali. Tentei trabalhar em minha tradução, mas as palavras que acabara de ouvir ressurgiam de forma aleatória em minha mente, como partes esparramadas de um quebra-cabeças.

Eu não disse nada a Toshio quando ele voltou para casa. Enquanto estudava o rosto de meu marido, por algum motivo me lembrei de seu quimono azul e branco e seu sorriso de dentes brancos na primeira vez que minha mãe e eu visitamos o dormitório…

Naquela noite, ele fez amor comigo. Enterrei meu rosto contra o braço dele e disse, bruscamente:

— Deve precisar de muito dinheiro para sustentar uma Associação de Memorial.

Minha voz soou tão doce e inocente que até mesmo eu fiquei surpresa. Por um momento, toda a força dele pareceu concentrada nos braços.

— Por que não me contou? Fiquei sabendo pelo sr. Kawasaki.

Toshio não respondeu.

De meu jeito astuto, falei, com mais ternura ainda:

— Você achou que eu ia ficar preocupada? Sou sua mulher. Se ao menos tivesse me contado… Não faz diferença para mim. Aconteceu por causa da guerra.

— O que Kawasaki contou?

Toshio se afastou de mim e olhou para o teto.

— Tudo. Sobre as mulheres e as crianças também.

Consegui pegar os pedaços verbais dispersos do quebra-cabeças e encaixá-los com destreza nos lugares certos.

Para ser muito sincera, àquela altura eu ainda não fazia ideia do que surgiria quando aquelas palavras todas se encaixassem. Eu tinha um vago pressentimento de que não devia perguntar o que mais temia.

— Então você não me odeia pelo que eu fiz?

À luz do criado-mudo, notei um sorriso no rosto de Toshio. Era aquele rosto, aquele outro rosto que eu havia visto quando recém-casada, quando olhei para ele depois que ele puxou meu cabelo e me empurrou para o chão.

— Por que eu deveria? Eu já te disse… Era época de guerra, e vocês não tinham escolha. — Sorri como uma mãe ou uma irmã mais velha, desesperada para não deixar que ele visse as contorções frenéticas em minha mente. — Então você se sente culpado como o sr. Kawasaki?

— Não, não me sinto. Por algum motivo, não me senti particularmente culpado da primeira vez nem da segunda. Na verdade, fiquei hipnotizado pela beleza das chamas consumindo as casas. — Ele falava devagar, olhar fixo no teto.

— Da primeira vez e da segunda… Então foram duas vezes.

— Sim.

— As casas queimaram… E as mulheres e as crianças estavam dentro das casas?

— Sim, estavam. Nós as direcionamos para as próprias residências.

— E depois vocês atearam fogo e mataram todas as pessoas… Vocês receberam ordens para fazer isso?

— Da primeira vez recebemos ordens. Disseram que havia espiões no vilarejo. Os soldados estavam tensos… Dois de nossos homens haviam sido assassinados. Da segunda vez, porém, nosso pelotão decidiu fazer tudo por conta própria.

Com a cabeça pousada na mão, ele fechou os olhos. Parecia ouvir, no mais profundo do ouvido, o som daquelas casas de fazenda queimando, com as mulheres e as crianças entrincheiradas lá dentro. Eu conhecia esse som. O som que eu havia ouvido todas as noites durante os ataques aéreos, como um trem que passa assobiando. E agora mais uma vez eu ouvia aquele som, com meu marido, no nosso quarto, à meia-noite.

Nem o odiei nem o temi. Uma sensação de torpor de repente tomou conta de mim. Pela primeira vez, havia tomado ciência de que, em meu marido, que se comportava às vezes como um irmão mais novo a meus olhos, estava a silhueta de um homem totalmente diferente, e a compreensão de que esses dois aspectos contraditórios formaram o homem com quem me casei era tanto assustadora como empolgante.

De repente, rolei para cima dele e, pela primeira vez, beijei agressivamente seus lábios, enterrei minha cabeça em seu peito e ardentemente procurei por seu corpo. Como se esperasse por isso, ele bruscamente me penetrou.

— Fale comigo — gritei. — Me conte como vocês começaram os incêndios.

— Nós cercamos as casas, para que não pudessem escapar… Usamos óleo para começar o incêndio.

— Vocês ouviam as vozes delas? Diga! Como eram as vozes?

— Nós ouvíamos. Algumas das crianças corriam para fora. Nós atiramos nelas.

Nós rolamos pela cama, ofegantes.

— Conte. O que aconteceu com as mulheres quando vocês atiraram nelas?

De repente, acabou. O membro dele murchou e, sem dizer palavra, ele se levantou e saiu do quarto. Eu fiquei lá, deitada, banhada em suor. Quando ele voltou para a cama, fechou os olhos como se não tivesse acabado de acontecer nada entre nós.

Nunca mais mencionamos aquela experiência um com o outro. Ele continuou sendo o mesmo homem, o marido em quem a gentileza e a petulância, a pureza e o nervosismo, conviviam. Às vezes me preocupava a

ideia de antigos crimes de guerra serem relembrados, mas nada desse tipo jamais aconteceu. Será que todas as testemunhas foram mortas no incêndio? Será que ninguém apresentou queixas? Essa parte ainda me parece estranha, mesmo hoje.

Tampouco a tórrida lembrança daquela noite se apagou da nossa relação. Na verdade, tornou-se uma forma interminável de atiçar meus sentimentos por ele. Nós jamais tocamos no assunto tabu, mas, para mim, tornou-se um segredo sagrado em nosso casamento.

Vou ser bem sincera.

Depois daquela noite, sempre que eu dormia com ele, imaginava a mesma coisa quando via seu rosto iluminado pela luminária do criado-mudo. É um vilarejo que nunca vi. Ele posiciona seus homens na entrada e na saída do vilarejo. As mulheres e as crianças são agrupadas em uma cabana com teto de palha e paredes de barro. Kawasaki corre ao redor da casa, encharcando-a de óleo. Enquanto isso, meu marido espera, olhando o relógio. Quando Kawasaki termina o trabalho, acendem-se as fogueiras. As chamas e a fumaça irrompem em um clarão e envolvem as casas. O capim do teto, queimando, sobe até o céu em um redemoinho, junto com a fumaça preta. Então, de dentro, gritos e choros sobem ao firmamento com as chamas. Crianças envoltas em chamas e mulheres agarradas a bebês saem correndo da casa. Junto com seus homens, meu marido atira nelas, em uma após a outra.

Ele atirou nelas. Meu marido. O homem estendido em minha cama neste exato momento, bebendo uísque e lendo livros – ele atirou naquelas mães e crianças… De repente, uma onda indescritível de excitação perpassava meu corpo dos pés à cabeça, e muitas vezes eu começava a dizer alguma coisa para ele. Toshio parecia não perceber e perguntava: “Algum problema? Você não consegue dormir? Não posso largar esta história de detetive agora”.

Aquele sorriso era o que eu conhecia havia anos. O rosto de um professor popular com os alunos que vinham nos visitar.

Sempre que meu marido fazia amor comigo, eu imaginava aquela cena. Ao fazer isso, eu aumentava meu próprio prazer indizível e o amor que sentia por ele. A dualidade, a complexidade que residia nele fortalecia minha ligação. Não, nunca senti o mínimo impulso de criticá-lo ou desprezá-lo. Nunca pensei nele como alguém repugnante. Se eu fosse homem e fosse mandado para a guerra como ele foi, tenho certeza de que

teria feito a mesma coisa. E teria continuado a viver, como ele fez, trocando olhares de inocência com seus companheiros. Não faço ideia se ele se sentia atormentado em seu íntimo quanto àquele incidente. O que sei é que ele nunca mostrou o mínimo indício de angústia para mim, que era sua mulher.

Eu também jamais senti ódio por mim mesma por usar as experiências dele como estímulo para minhas próprias paixões.

Fomos casados por vinte e três anos. Ele viveu uma vida feliz até os quarenta e cinco anos, quando morreu em um acidente de trânsito ao voltar da universidade para casa. Nunca mais discutimos suas experiências de guerra, mas elas ardiam em meu coração e, sempre que eu escolhia atiçar as chamas, elas queimavam impetuosamente, fornecendo intenso estímulo para nosso corpo. Kawasaki nunca mais entrou em contato. Meu marido alcançou grande fama como acadêmico e, quando morreu, a universidade inteira lamentou.

Com a morte dele, lutei contra um vazio incomensurável. Não consigo lhe dizer quanto me arrependi de não ter dado um filho a ele. Jamais senti os instintos maternos que sempre pensei que não tinha com tanta intensidade quanto naquela época.

Em uma tentativa de preencher o vazio, segui o conselho de uma amiga e me inscrevi em um curso para voluntários em hospitais. O curso surgiu para ajudar a incentivar o trabalho voluntário em um país onde a ideia era relativamente nova e, depois de um ano de preparação, comecei a trabalhar em um hospital da cidade.

O hospital que me designaram depois daquele ano de formação é o hospital onde o senhor me visitou, sensei. Quando me perguntaram em que seção eu gostaria de trabalhar, pedi a ala pediátrica. Ainda consigo me lembrar da primeira vez que a enfermeira-chefe me acolheu, e eu dei uma mamadeira de leite a um bebê prematuro que eles mantinham em uma minúscula caixa de vidro. O bico de meus seios que nunca amamentaram palpitavam. Crianças com leucemia, que me agarravam e me atazanavam para que lhes contasse histórias, começavam a perder as forças após alguns meses. Quando eu as via recebendo transfusões de sangue e remédios contra o câncer quando entravam em coma, eu pedia a Deus, do fundo do coração, que me permitisse morrer no lugar delas. Estou lhe dizendo a verdade. Com toda a sinceridade e seriedade, eu implorava para que isso acontecesse.

No entanto, não me esqueci do que meu marido fez. Quando termino meu trabalho voluntário e volto para casa, janto, e depois o retrato dele pendurado na parede da sala faz reviverem essas lembranças. Chamas cobrem a casa da fazenda, centelhas de fogo e nuvens de fumaça preta formam redemoinhos no ar e, quando gritos de agonia irrompem lá de dentro, mães e crianças vêm correndo para fora… Meu marido abate as crianças… Não, rindo com meu marido, atiro nelas também. Essa lembrança, junto com o rosto dele, despertam um impulso que não consigo reprimir. Quero saber de que parte de meu coração surge esse impulso. Para onde ele está me levando, essa parte escura de meu coração que não pode ser contida nem pelo bom senso nem pela lógica?

Por acaso, conheci uma jovem. Ela tinha o mesmo aspecto incontrolável, repugnante, dentro de si. Não vou fazer rodeios: estou falando de Motoko Itoi, aquela que pintou seu retrato, sensei.

A obsessão de Motoko tem uma forma diferente, mas ela me permitiu vivenciar, por outros meios, o mesmo tipo de prazer que meu marido me ensinou. Quando ela alcança o ápice de seu violento êxtase, ela grita: “Eu quero morrer!”. “Vá em frente e morra”, eu lhe digo. Sensei, as pessoas morreriam por amor ou por beleza, mas também podem morrer por sua descida à feiura e ao vazio. Tenho essa sensação quando olho para Motoko. É isso que quero que o senhor entenda.

De manhã, depois de ter passado a noite com Motoko, vou ao hospital com uma expressão alegre, abraço as crianças e ajudo as enfermeiras. Mas de noite… Quando eu era nova, meu marido me contou sobre a despensa no coração humano. Naquela despensa, alguém guardou uma boneca de olhos grandes que olha para você e, à noite, começa a se mexer e a dançar. Ela dança em meu coração também. Talvez o senhor queira perguntar qual dessas duas é a verdadeira Mariko. A única coisa que posso dizer é que sou as duas. O senhor poderia perguntar: as contradições entre as duas não lhe causam tormento? Causam. Às vezes, quando penso sobre essas contradições, fico horrorizada. Sinto repulsa por mim mesma. No entanto, também há vezes em que não sinto, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Tendo escrito tudo isso, eu…

Quando Suguro voltou do escritório para casa, a mesa de jantar bem iluminada estava decorada com flores e servida com sopeiras que eles

compraram em Milão. Eles só tiravam essas sopeiras em ocasiões para os dois celebrarem.

— Que dia é hoje? — perguntou ele.

— Céus, é nosso aniversário de casamento! — respondeu a esposa, incrédula.

— Ah, é?

A carta ocupava sua mente. Haviam se passado três dias desde que a lera, mas o espanto e uma curiosidade que aumentava a cada dia que passava se agitavam dentro dele. De certo modo, ela parecia uma mulher assustadora, mas o escritor dentro dele não suportaria rejeitá-la. Enquanto levava a colher à boca, perguntou mecanicamente à mulher sobre os acontecimentos do dia e a ouviu contar sobre ter ido ao médico e tomado uma injeção de hormônios esteroides para as articulações inchadas dos joelhos e sobre a visita a uma exposição de novos aquecedores elétricos na volta para casa.

Essas conversas eram uma forma de ritual ou talvez etiqueta entre eles, e Suguro sempre respondia aos comentários da mulher com um sorriso ou um aceno.

— Parece que surgem eletrodomésticos novos e úteis todos os dias.

— Com essa maneira de ser, você vai acabar nunca comprando nada.

— O inverno logo vai terminar.

Suguro não lhe contara nada sobre a visita de Kobari nem sobre o que acontecera no Château Rouge e, é claro, não dissera palavra sobre a carta de madame Naruse. Essas coisas não tinham nenhuma conexão com o mundo que eles criaram juntos, eram questões que não deveriam ser discutidas com a esposa.

— Escrevi uma carta para Mitsu e perguntei como ela está, mas ela não respondeu.

— Os jovens hoje não escrevem bem, eu acho.

— Se acontecer de você encontrá-la… quando estiver andando por aí…

— Acho difícil acontecer. Escuta, você pode comprar uma espátula para mim? Preciso plantar esses bulbos sem demora.

Esquivando-se de qualquer conversa sobre Mitsu, ele fez o diálogo voltar às divagações desconexas, olhando para o rosto enrugado e o cabelo salpicado de branco da mulher. Lançou um olhar furtivo para a boca da esposa enquanto ela mastigava a comida. Seu modo de comer era

completamente diferente do de madame Naruse e totalmente desprovido de erotismo… Suguro lembrou-se do conto estrangeiro e pensou sobre o que madame Naruse dissera na carta. Será que sua mulher tinha os mesmos desejos conflituosos e será que havia, espreitando dentro dela, segredos que ninguém imaginaria só de vê-la? Seria possível que até mesmo sua esposa criara essa imagem aparente a fim de permanecer em harmonia com ele? Até esses pensamentos pareciam-lhe uma profanação de sua companheira. Em paralelo, uma passagem da carta de madame Naruse ficara presa em sua garganta como um objeto estranho em sua colher de sopa: “Talvez o senhor queira perguntar qual dessas duas é a verdadeira Mariko... Às vezes, fico horrorizada. Sinto repulsa por mim mesma”.

5

Ele acordou no meio da noite com o telefone tocando. O som ecoava do corredor ao fim da escada, agudo. O relógio luminoso em seu criado-mudo marcava duas horas.

— É o telefone. — Sua mulher se remexeu na cama ao lado.

— Deixe tocar.

— Tem certeza? Fico imaginando se é trote.

Suguro ouviu o telefone. Sua mulher também parecia ouvir ansiosamente, no escuro. O som lhe deu a impressão de ser um gemido das profundezas do coração humano. O enorme fosso insondável no fundo daquele coração. O eco de um vento passando por esse fosso. Algo que ele ainda não descrevera em nenhum de seus romances.

Como o camarim naquele canal de televisão, esta antessala estava cercada de espelhos em cada uma das quatro paredes. Suguro ficava deprimido de ver tantas imagens de si mesmo projetadas ali. Enquanto bebia o chá que uma mulher lhe servira, ouviu uma batida na porta, e Kurimoto entrou.

— Oitenta por cento do auditório já está cheio. Parece que muitas donas de casa se interessam quando anunciam que o senhor e o professor Tōno vão dar palestra.

Seu sério editor jamais aludira à caminhada que os dois fizeram por aquela rua de má fama de Kabukicho. Era mais que evidente que ele considerava a menção de tal assunto uma afronta a Suguro.

— Sobre o que o sr. Tōno vai falar hoje?

— O título é “Sobre alucinações”.

Uma vez por mês, a editora em que Kurimoto trabalhava patrocinava uma palestra e convidava dois oradores para levar informação aos leitores. Tōno, que aceitara aquela tarefa com Suguro, era um psicanalista freudiano. Suguro topara com ele duas ou três vezes em várias festas. Suguro supunha que o debate daquela noite permitiria uma perspectiva

freudiana sobre as alucinações engendradas por nossa libido, mas, fora isso, não fazia ideia do que o analista diria.

Kurimoto saiu de novo e, assim que Suguro terminou de tomar o chá, o corpulento Tōno entrou. Parecia ter saído direto da universidade. Colocou uma pasta novinha sobre a mesa de maquiagem e, num tom estridente que não combinava com seu corpo enorme, declarou:

— Nada de chá para mim. Eu trouxe meus próprios estimulantes. — Então, como uma espécie de mágico, mostrou uma garrafinha. — Tenho de beber um bom trago disto antes de dar palestras.

— A bebida lhe dá energia?

— Dá, sim, um tipo de energia fajuta. Faz todo mundo da plateia parecer pedra.

— Isso soa como alucinação, o que combina com seu assunto de hoje — observou Suguro. — Tenho a sensação de que as alucinações podem ser tão úteis quanto a realidade.

Kurimoto voltou anunciando que os seiscentos lugares do auditório estavam agora todos ocupados. Talvez madame Naruse estivesse em um desses assentos. Suguro enviara um postal sem assinatura informando-lhe sobre o evento, aos cuidados do hospital. E parte dele esperava que ela aparecesse.

Tōno olhou para o relógio na parede.

— Temos mais vinte minutos. Acho que cheguei um pouco cedo demais.

— Não. — Suguro chacoalhou a cabeça. — É um grande alívio para um palestrante de menor importância como eu já ter a estrela por aqui. Enquanto esperamos, se importaria se eu fizesse algumas perguntas?

— Fique à vontade. Sobre o quê?

Enquanto bebia o uísque, Tōno se remexia na cadeira, parecendo incomodado. Quase qualquer cadeira teria parecido pequena demais para seu físico imenso.

— Vocês que trabalham com psicanálise… como explicam os sádicos e os masoquistas?

— Sádicos? Masoquistas?

— Isso mesmo.

— Hum. Não sabia que ainda se interessava por essas coisas, sr. Suguro. — Tōno deu um sorriso. — O senhor é cristão, não é?

— Sou, mas também sou um escritor interessado em todos os aspectos da experiência humana.

— Claro. Desculpe-me. Não quis dizer isso. Quis dizer que pensei que o senhor fosse um escritor com fortes tendências biófilas.

— O senhor poderia explicar isso em termos mais simples? Não compreendo o jargão.

— O psicanalista Erich Fromm dividiu a humanidade em dois tipos. Existem, por exemplo, escritores que preferem essencialmente a harmonia na vida, uma unidade bem construída. Alguém como Mushanokōji, por exemplo. Yūzō Yamamoto também seria incluído nesse grupo. No exterior, tem-se alguém como Goethe. Fromm classificaria esse tipo de escritor como biófilo, alguém que ama a vida. O senhor não diria que faz parte da categoria dos biófilos, sr. Suguro?

— Ah, eu certamente não saberia julgar algo assim.

— E existe outro tipo de escritor, que tem tendências suicidas e está mais envolvido com a escuridão e o passado que com um futuro bem organizado. Acho que Osamu Dazai se encaixaria nessa classe. Esses indivíduos são classificados como necrófilos.

— No vocabulário literário, nós os chamaríamos de escritores autodestrutivos. E o que isso tem a ver com masoquismo?

— Perdão. O tipo necrófilo definitivamente é o que o senhor poderia chamar de autodestrutivo. Eles tendem ao autossacrifício, à depravação e à decadência. Às vezes, quando essas tendências são acentuadas, eles manifestam um forte impulso de voltar a um estado inanimado ou inorgânico.

— O que o senhor quer dizer com “estado inanimado”?

— Freud tem uma explicação interessante sobre esse fenômeno. Ele diz que toda a história da espécie humana, desde sua origem milhões de anos atrás e no decorrer de seu desenvolvimento ao longo dos séculos, está preservada em nosso inconsciente. Em outras palavras, antes de recebermos a vida, nós existíamos em um estado inanimado. A humanidade ainda é atraída para essa existência primordial e pode até mesmo sentir nostalgia em relação a ela. Como prova disso, quando as tensões diárias começam a aumentar, gostaríamos de poder voltar a um estado inanimado. Alguns tentam até suicídio. Outros buscam sufocar todas as emoções. É nossa tendência como ser humano querer voltar ao estado da matéria antes que a vida pré-histórica tivesse surgido.

— Todo mundo tem essas tendências? — Suguro olhou para o relógio na parede e concluiu que ainda tinha dez minutos para fazer perguntas a Tōno.

— Sim, todos temos. Mas acho que essa tendência é particularmente forte entre masoquistas.

Tōno explicou aquilo tudo com uma clareza tão maravilhosa que deixou ainda mais incertezas na mente de Suguro. Aquele olhar quase de transe no rosto daquela mulher na fita de vídeo, seu cabelo salpicado de cera… Será que aquela expressão viera somente de um desejo de voltar às origens inorgânicas? Será que não havia um motivo mais bruto, mais terrível, escondido naquele olhar? A análise racional de Tōno sobre o fenômeno não seria suficiente para explicar as personalidades contraditórias que madame Naruse descrevera, um paradoxo que ela mesma considerava estranho.

Vendo o olhar de insatisfação no rosto de Suguro, Tōno bufou, descontente, e outra vez sua voz soou estridente.

— Há algo de errado com minha explicação?

— Não, não é isso…

— Então o que acha desta ideia? Antes de nascermos, dormíamos no útero de nossa mãe. Certo?

— Certo.

— O feto vive inerte no líquido amniótico, ouvindo apenas as batidas do coração da mãe. O líquido amniótico tem um tom turvo branco, mas proporciona exatamente a temperatura ambiente certa para o embrião, que vive ali espontaneamente, respirando por brânquias como um peixe; então, um dia, é expulso de seu jardim paradisíaco.

— Expulso?

— Sim, ele é expelido do útero para o mundo exterior. Nós, adultos, nos referimos a isso como nascimento, mas, para o feto, é uma expulsão forçada para um mundo desconhecido, assustador, onde temos que aprender a respirar no ar em vez de respirar debaixo d’água. Essa é a primeira experiência que nós, humanos, temos da morte e do renascimento. Portanto, o primeiro choro que sai da boca de um recém-nascido não é o grito de alegria por ter nascido que nós imaginávamos que era; é, na verdade, um grito de medo.

— Esta é a primeira vez que ouço tal ideia.

— Imagino que sim. De qualquer forma, o medo que uma criança vivencia quando sai do útero é extremo e perdura nas profundezas do coração dela. Esse medo nunca se extingue. Depois que cresce, continua fazendo parte de seu inconsciente. Está ligado ao medo da morte e, por outro lado, se transpõe para um profundo desejo de voltar ao estado fetal, de viver outra vez dentro do líquido amniótico. Pode ser que o masoquismo seja uma deformação dessa ânsia de subsistir no líquido uterino.

— Esse é um conceito freudiano?

— Não, não. — Tōno deu um sorriso irônico, mas depois, com uma ponta de orgulho, acrescentou: — É minha teoria pessoal.

— E o sadismo?

Tōno estava prestes a se lançar a outra explanação quando a porta se abriu e Kurimoto anunciou que estava na hora de começar. Suguro agradeceu Tōno, foi para o corredor e subiu os degraus que levavam ao palco.

Quando se aproximou do palanque, as luzes recaíram impiedosamente sobre seu corpo. Do púlpito, acenou com a cabeça para a plateia lotada. Dois terços do público sentado no auditório ligeiramente inclinado eram, como Kurimoto dissera, donas de casa, jovens mulheres e estudantes, mas ele não distinguia nenhum rosto. A única coisa que sabia era que o julgavam.

Fingiu ajustar o microfone enquanto tentava se acalmar. Considerava ter bastante experiência com essas palestras, mas, se estragasse a abertura, não haveria esperança de recuperar. Respirou fundo, chamando a atenção de todos os ouvintes para si e, aos poucos, lançou-se em uma discussão sobre as próprias obras.

Está caminhando bem.

Não era visível a olho nu, mas ele podia sentir uma receptividade positiva por parte do público. Começara a ter um senso tátil sobre que tipo de discussão essas donas de casa e jovens mulheres e estudantes esperavam dele. Na verdade, era provável que a maioria de seus fãs já tivesse uma boa ideia do que ele diria antes mesmo de chegar ao auditório.

Quando estabeleceu o ritmo apropriado para seus comentários, o público começou a reagir com interesse e acenar com a cabeça. Por fim, relaxou e, assim, passou a ser capaz de reconhecer rostos que antes haviam sido um borrão. Procurou o rosto de madame Naruse.

— Certa vez, um jovem veio me ver. Reclamou com grande amargura que tinha uma dificuldade terrível para conversar e, como consequência, não conseguia fazer amigos. No passado, eu teria recomendado um livro sobre a arte da conversa ou sugerido algum método para melhorar sua capacidade de conversação. A essa altura da vida, porém, agora que concluí que existem recursos escondidos em cada desvantagem, eu lhe diria para tirar o máximo proveito de seu embaraço para falar. O que quero dizer com tirar o máximo proveito?

Suguro fez uma pausa e deu uma olhada para o auditório superlotado. Era crucial respirar e parar um pouco para causar efeito.

— O que quero dizer é que ele se torne um bom ouvinte. Se não é bom de falar, tudo o que tem a fazer é manter os olhos focados no rosto da outra pessoa enquanto conversa com ela e acenar com a cabeça. Isso fará o falante se sentir bem. Exatamente como vocês fazem eu me sentir bem enquanto converso com vocês.

Risadas se alastraram pelo salão. Suguro estava extasiado quando olhou em direção à entrada no centro do auditório. Então, de repente, piscou furiosamente.

Ele estava lá. O rosto idêntico ao do próprio Suguro parado perto da entrada, olhando para Suguro e sorrindo de modo zombeteiro. Era a mesma experiência que tivera na noite da premiação.

— A vantagem de ser um bom ouvinte… está na desvantagem de ter dificuldade de falar. Isso não se limita à habilidade de conversar. Nenhuma das deficiências que temos enquanto seres humanos é absoluta. Até mesmo o pecado em sua composição. O anseio humano pelo renascimento jaz dentro de cada pecado que cometemos. É o que tenho repetido para mim mesmo ao longo dos anos enquanto escrevo minhas obras.

Sentiu um calafrio e piscou de novo. Desta vez, o homem não desapareceu. Seu sorriso irônico. Aquele sorriso que zombava de Suguro. Aquele sorriso obsceno… Sim, era a expressão no retrato da exposição.

A atmosfera até então amigável do auditório bruscamente entrou em colapso. As cordas harmoniosas que ele produzira foram interrompidas por ruídos convulsivos, dissonantes. Suguro perdeu o fio do que estava dizendo, bem como a compostura. Estava falando que o pecado não era irrelevante, que tinha significado no processo de salvação. De repente, não fazia ideia de como desenvolver esse pensamento e, confuso, calou-se. Quanto mais lutava para se recuperar, mais se afundava no lamaçal. Em seus ouvidos

ecoavam as palavras que Tōno dissera na sala de espera: “Todos têm o desejo de voltar ao útero, ou à escuridão, ou ao silêncio, ou à ausência de sentimentos. É um desejo de repudiar o aperfeiçoamento pessoal e mergulhar completamente no esquecimento…”.

Um redemoinho vermelho girava diante de seus olhos. Enquanto pegava velocidade, Suguro se sentiu prestes a ser sugado para seu centro. “A coisa mais importante é escrever sobre a humanidade”. Sua boca entoou as palavras como um diálogo memorizado. “Esse é o primeiro objetivo de um escritor. Explorar os recantos mais extremos da humanidade… Esse, eu acho, é seu maior dever. Esse objetivo e esse dever não mudam, seja um escritor esquerdista, seja um cristão incompetente como eu. Pelo menos, nunca tentei idealizar a humanidade das personagens em nome de minha própria religião. Levei em consideração as coisas horrorosas em todo o seu horror…”

O homem lentamente se levantou. Ele se pôs de pé, olhando na direção de Suguro, entrou no corredor e virou-se outra vez para o palestrante. Seus movimentos e sua conduta deixavam brutalmente nítido que ele sentia apenas desdém pelas observações de Suguro.

Ele parou na entrada e, mais uma vez, o sorriso desdenhoso apareceu.

Você é um mentiroso, seu desgraçado… Suguro tinha quase certeza de que podia ouvir a voz do homem o importunar. Você acha mesmo que olhou para a face horrorosa da humanidade? A única coisa que fez foi colocar palavrinhas covardes no papel para manter a imagem que seus leitores têm de você. É a mesma forma como tratou sua mulher.

Isso não é verdade. Tentei, do meu próprio jeito, sujar minhas mãos nos cantos sórdidos e sombrios da experiência humana.

Tudo bem, admito que você escreveu sobre pecados que sucumbem à salvação. Como fizeram todos os seus amados escritores cristãos. Contudo, evitou escrever sobre aquela outra dimensão.

Que outra dimensão?

O mal. Pecado e maldade não são a mesma coisa. Foi o mal que você ignorou.

Durante o longo silêncio de Suguro, várias pessoas da plateia começaram a sussurrar. Suguro podia sentir o suor escorrendo pela testa. Ouviu os passos de Kurimoto quando o editor correu para perto.

— Algo errado?

O homem desaparecera, como se houvesse sido apagado com uma borracha. O suor caiu em suas pálpebras.

— Sinto muito. Suguro sensei não se sente bem, e teremos que cancelar a palestra por ora.

Pelo microfone, Kurimoto pediu desculpas à plateia.

— Vamos seguir direto para a palestra do professor Tōno, então, por favor, permaneçam em seus lugares.

Aplausos acanhados ressoaram às costas de Suguro quando ele chegou aos bastidores.

— Devo chamar um médico?

— Não. Sinto muito. Só deixe-me deitar na sala de espera. — Sua cabeça ainda doía, e ele sentia o suor escorrendo pelas costas e pela testa.

Tōno, que esperava nos bastidores, pegou a munheca de Suguro e sentiu o pulso.

— Está normal — murmurou. — Acho que deve ser apenas excesso de nervosismo. Vai ficar bem se descansar um pouco.

No sofá da sala de espera, Suguro afrouxou a gravata, abriu alguns dos botões da camisa e se deitou. Quando fechou os olhos, o rosto que surgira no corredor lotado e olhara em sua direção reapareceu. Tudo bem, admito que você escreveu sobre pecados que sucumbem à salvação… Por que essas palavras inesperadas ecoaram em seus ouvidos? Como fora capaz de ver o sorriso cínico de lá do púlpito naquele palco distante? Então havia sido uma ilusão. Ou não… Será que era o impostor? Será que ele comparecera à palestra? Era muito provável que o choque de ver um rosto que se parecia tanto com o seu o houvesse induzido a uma alucinação auditiva.

Tentou se convencer de que fora uma alucinação. Não havia outra maneira de explicar um fenômeno tão extraordinário e ilógico ocorrendo na vida de um homem de sessenta e cinco anos de idade.

> No meio da jornada da vida,
> Encontrei-me na escuridão da floresta,
> Pois a estrada reta se perdera.

O trecho de abertura de *A divina comédia* que ele lera muitos anos antes. A única diferença entre o protagonista do livro e ele eram as idades: ele próprio já estava no fim do outono da vida. E ali perdera o caminho de vista e agora vagava por uma floresta escura, sua estrada repleta de folhas caídas…

Acordou com alguém batendo à porta. Respirou profundamente, como se acabasse de emergir do fundo do mar.

— Como está se sentindo?

Quanto tempo se passara? Tōno, que encerrara sua palestra, espiava pelo vão da porta.

— Estou bem. Vou me levantar. — Rapidamente, ele se sentou. Quando estendeu o braço para pegar o paletó que havia tirado, sentiu-se um pouco zonzo, mas pareceu não ser nada demais.

— Provavelmente um pouco de anemia cerebral. — Tōno examinou a aparência de Suguro e comentou em um tom estridente: — Tem certeza de que não está exausto?

— Acho que devo estar, sim.

— Gostaria de tomar um estimulante? — Ele tirou a garrafinha de uísque da pasta e ofereceu, mas Suguro chacoalhou a cabeça.

— Acho melhor eu voltar para casa.

— Kurimoto vai descer em um minuto, então espere por ele. Está providenciando um carro neste exato momento.

Suguro ficou imóvel por alguns instantes.

— Detesto fazer isso, mas posso lhe fazer uma pergunta…? Esta pode ser minha única chance de conversar com um psicólogo.

— Bem, é claro… Qualquer coisa. O que houve?

— Você conhece alguma pessoa que afirmou ter visto alguém com exatamente a mesma aparência que ela própria?

— Exatamente a mesma aparência…? Ah, isso é chamado de *Doppelgänger* ou duplo fantasma. Não é muito frequente, mas houve dois ou três relatos do fenômeno em conferências. Um paciente, que estava com timpanite, ficou neurótico e começou a ter alucinações auditivas. Ele se viu deitado diante dos próprios olhos. Era o próprio cadáver diante dele, pelo que entendi. O homem relatou lembrar com clareza que o cadáver estava vestido exatamente como ele, até a cueca cinza.

— Os pacientes que veem esses *Doppelgängers* sempre sofrem de alguma neurose?

— Normalmente. Elas costumam vir acompanhadas de períodos de insônia, temperatura corporal fora do normal, autotopagnosia e perda das faculdades mentais… Mas… por que está interessado nesse tipo de coisa?

— Ah, eu estava… pensando em usar essa experiência em um romance.

— Entendo. — Tōno não demonstrou desconfiança. — Se é para um romance, acho que Dostoiévski escreveu sobre algo nessa linha.

— Essa condição de ver um *Doppelgänger* acontece em outras circunstâncias além da neurose?

— Parece que sim. De acordo com registros, uma mulher que dava aulas em uma escola primária no distrito de Iwate teve uma experiência com um *Doppelgänger* sem nenhum dos outros sintomas subjetivos. Ela foi despedida em três ocasiões diferentes por causa disso.

— Quando tudo isso aconteceu?

— No período Taishō. O estranho é que não foi ela mesma quem viu o duplo fantasma, foram as alunas que tinham aula com ela. Enquanto estavam reunidas na sala de costura, sendo orientadas pela professora, olharam pela janela e viram alguém igual a ela de pé no jardim. A turma inteira observou a aparição.

— É mesmo? — Suguro podia sentir os joelhos tremendo ligeiramente. Um desconforto inexplicável mesclado com medo lhe causara um aperto no estômago. — Não era a irmã gêmea da mulher ou alguma espécie de conspiração criminosa?

— Aparentemente, nada desse tipo. — Tōno inclinou a cabeça. — É isso que é tão estranho nessa história. Os psicólogos têm várias teorias para explicá-la, mas nenhum tem provas irrefutáveis.

Sem saber nada sobre os motivos por trás dessa pergunta, Tōno levou o frasco de uísque à boca com sua enorme mão.

— Não acha que poderia usar essa história sobre a professora em um romance?

— Parece que sim.

— Uma característica desse fenômeno do *Doppelgänger* é o fato de que parece acontecer, na maioria das vezes, à noite.

— Para terminar, então, o senhor diria que essa experiência é fruto das alucinações do paciente?

Suguro queria que Tōno classificasse aquilo como alucinação. Havia algo não muito confiável nesse psicólogo, que, nem por um momento, duvidou de que o limiar caótico do coração humano pudesse ser explicado no mais específico dos termos. A essa altura, porém, Suguro queria ouvir que "sim, é uma alucinação" da boca de Tōno e poder depender disso.

No entanto, Tōno inclinou a cabeça inocentemente e disse:

— Gostaria de dizer que é alucinação. Mas, a julgar pelo caso da professora em Iwate, não dá para considerar uma alucinação que apenas o paciente observa.

Ele voltou ao escritório, enterrou a cabeça nos braços apoiados sobre a mesa e refletiu sobre cada um dos comentários de Tōno. Tirava-se uma conclusão das especulações de Tōno: o vulto que vira do púlpito poderia ter sido uma alucinação. Se não alucinação, então uma brincadeira desprezível do impostor. Tinha de ser uma ou outra dessas opções. Se foi alucinação, seria ela resultado de uma leve depressão causada pelo avançar da idade? Suguro tentou direcionar seu raciocínio para essa conclusão, lembrando-se das vezes em que sua condição física deteriorara no passado sempre que completava uma obra importante. Essa ideia, no entanto, deixou-o insuportavelmente melancólico.

O telefone tocou. Seu corpo se contraiu devido à surpresa. Ele ouviu o toque durante alguns instantes, depois se decidiu e foi para a sala de estar.

— Perdão. O senhor estava dormindo? — A voz de mulher em tom de desculpa surgiu em meio a um fundo de vozes falando.

— Quem é?

— É madame Naruse. Eu estava na palestra hoje. Quando ficou doente no meio da apresentação… — Ela parecia procurar as palavras apropriadas. — Desculpe-me por incomodá-lo.

— Não, de forma alguma… Lamento o papelão que fiz. — Ele não queria que ela sumisse. — Onde a senhora está?

— Na estação Harajuku. Uma das crianças de quem eu cuido no hospital vai passar por uma cirurgia de coração em breve... Os exames dele estão marcados para hoje. Ele vai ficar assustado se eu não estiver lá... Mas vai se acalmar se eu ficar ao lado dele.

Suguro pensou na carta que ela enviara e ficou perplexo. Essa mulher, tão preocupada com uma criança com cirurgia marcada, em outro momento podia se tornar a personificação da crueldade… Sua mente de escritor entrou em ação, e ele desejou perscrutar os segredos, os rincões mais sombrios daquela mulher.

— Posso ir a Harajuku vê-la? Gostaria de conversar sobre sua carta…

— Os exames dele vão começar daqui a meia hora. Prometi para o Shige-chan… esse é o nome dele… que estaria lá sem falta.

Ela estava impaciente. Parecia não haver espaço em sua mente para nada além de Shige-chan.

— Vi o filme. — Kobari trouxe o assunto à tona inesperadamente enquanto ouvia o barulho da água quente que a empregada deixava escorrer na banheira.

Mais cedo, ele e Motoko haviam bebido juntos em uma ruela de Shinjuku. Estava ansioso para perguntar-lhe sobre a fita de vídeo, mas se conteve. Quando os dois estavam consideravelmente alcoolizados, ele deixou as coisas seguirem seu rumo, e eles acabaram na entrada desse hotel. Como se houvessem combinado com antecedência, Motoko não se opôs.

Uma garrafa térmica e um prato de biscoitos de feijão embrulhados em papel haviam sido colocados na mesa de verniz descascado. A embalagem de papel tinha um versinho sugestivo que dizia: "O sabor que o doce tem/ quando você come com alguém". Pela porta de correr, ele via a ponta de uma coberta vermelha no cômodo ao lado.

— Eu vi o filme… aquele no Château Rouge.

Ele supôs que ela empalideceria, mas Motoko simplesmente disse "ah, é mesmo?" enquanto apagava lentamente um cigarro no cinzeiro. Será que ela é burra, perguntou-se Kobari; talvez fosse meio pirada?

— Suguro sensei foi para a festa daquela fita?

— Hum. Será que ele estava lá? Não lembro muito bem.

— E aquela outra mulher?

— Que outra mulher?

— Suguro sensei me falou sobre ela — disse Kobari, de maneira ambígua. — Vejamos… Qual era o nome dela? Aquela mulher bem elegante, de olhos grandes.

— Ah, madame N.

— Isso mesmo. Madame N. Por que só N?

— Porque é assim que a chamamos — respondeu Motoko, com sinceridade. — Sim, ela estava lá. Ela é minha parceira, afinal.

— Ela é sua parceira? Então vocês duas são lésbicas, é isso?

Motoko pegou a xícara de chá com as mãos e bebeu devagar o chá aguado.

— Vocês são, não são?

— Você não entende nada — respondeu ela, pesarosa. — Você tem que encaixar todo mundo em suas categorias infantis de homossexuais e lésbicas?

— No filme, você tirou uma onda quando jogaram cera em seu cabelo e a estrangularam. Sua parceira também gosta dessas coisas?

— Não a desagrada. No começo, não era assim. Eu a ensinei um pouco de cada vez. Então ela passou a se interessar nisso por conta própria e me ensinou outras coisas, conversou comigo.

— Conversou sobre o quê?

Motoko esvaziou a xícara de chá e estreitou os olhos como uma mulher muito míope, perscrutando Kobari. Sob a fraca iluminação fluorescente, seu rosto comum de repente pareceu estranhamente sedutor, como uma idiota bonita, e Kobari ficou excitado.

— Você já ouviu sobre uma nobre húngara chamada Bátholy?

— Quem diabos é essa aí?

— Madame N sabe tudo sobre ela. Ela sabe ler em inglês e francês também. Essa tal marquesa Bátholy viveu no século XVI e, depois que o marido morreu, levou jovens do reino para o castelo dela ou para a casa dela em Viena e as torturou até a morte. Dizem que matou seiscentas.

— O que isso tem a ver?

— Madame N e eu fingimos várias vezes ser a marquesa. Ou melhor, ela fazia a marquesa e eu era uma das vítimas. — Motoko estreitou os olhos ainda mais, como se lembrasse o prazer daqueles encontros. Enquanto atuávamos, ficamos muito envolvidas com essa história. Ela me contou que, quando viajou para a Europa, foi procurar o que sobrou da mansão da marquesa em Viena. Tinha virado uma loja de discos. Estavam tocando uma música ambiente do Andy Williams, e jovens clientes se aglomeravam ali sem saber nada sobre o lugar. Ela disse que ficou insuportavelmente irritada com aquilo…

— Por que ela ficaria irritada? — Kobari parecia perplexo. — É estranho ela se irritar.

— Você acha? Essas pessoas estavam ouvindo música ambiente e não faziam ideia de que, trezentos anos antes, aquele lugar se enchia com os gritos de jovens mulheres sendo torturadas e mortas. Madame N disse que era hipocrisia. Hipócritas que fecham os olhos para as profundezas mais sombrias do coração humano e tentam encobri-las.

— Ridículo. — Kobari enfiou um biscoito de feijão na boca. — Isso é realmente doentio.

— Você não entende nada.

— Obrigado pelo elogio.

— A madame N sempre diz que existe magma no coração das pessoas. Você sabe o que é magma?

— Não sou um completo idiota. São os fogos do centro da terra.

— Isso mesmo. Você não pode vê-lo da superfície, mas, de repente, o magma entra em erupção. Existe magma enterrado em todas as pessoas que nascem. Está em cada criança.

— O que que você quer dizer com isso?

— Uma criança se diverte arrancando as asas ou as pernas de uma libélula. Hoje, até as crianças do primário se unem contra outra criança indefesa e batem nela. Elas fazem isso… porque é divertido. Porque existe magma em seus corações. — Ela bebeu mais um pouco de chá e continuou. — Quando o magma entra em erupção na forma de sexo, ele se exterioriza como sadismo ou masoquismo… A diferença entre os dois não é tão grande. A madame N e eu somos como dois redemoinhos que colidem, formando uma grande coluna de jatos de água, retumbando como as batidas de um tambor, e depois são arrastados cada vez mais para as profundezas do mar. É como um poço sem fundo. Não consigo dizer quantas vezes eu quis morrer nesse momento. Eu queria mesmo morrer no meio daquele êxtase.

Com uma vaga sensação de repulsa, Kobari olhou para os lábios ligeiramente entreabertos de Motoko. Era essa a cara. A cara que ele vira no vídeo, o cabelo salpicado de cera e a língua se remexendo como uma lagarta. Essa mulher é louca.

— Quando acontece, perco totalmente o bom senso. Não consigo me controlar, mesmo se tentar.

— Chega! — Kobari chacoalhou Motoko, segurando-a pelos ombros, certo de que ela começara a delirar. A boca da mulher se mexia como a de um peixe dourado.

— Você não entende. Você não entende! As duas ondas batem uma contra a outra, a água respinga…

Kobari instintivamente deu um tapa no rosto de Motoko. O som ecoou pela sala. O joelho dele esbarrou na mesa, virando as xícaras e derrubando chá no tampo.

— Me bate! De novo! — Motoko gritou de um modo delirante, febril. — Me bate de novo!

— Para! Para com isso!

Kobari bateu nela outra vez. Uma sensação de dormência percorreu seu braço, enchendo-o com um prazer intenso que ele jamais vivenciara. Agarrou os ombros de Motoko e a chacoalhou de novo. Ela sacolejou para a frente e para trás como uma boneca indefesa e caiu de costas. A saia dela levantou, mostrando as pernas cobertas por uma meia-calça. Ela tinha pernas curtas e grossas.

— Tudo bem. Se quer tanto apanhar, vou encher você de porrada!

— Isso!

— Vou tirar essa sujeira de sua alma na base da pancadaria — gritou ele. — Vou transformar você num ser humano de verdade!

6

Quando estava prestes a aterrissar, a aeronave mergulhou lentamente em direção à superfície do mar, que brilhava como um tapete de agulhas. A mulher de Suguro virou-se para o marido.

— Quantos anos faz desde a última vez que viajamos juntos de férias?

— Quantos…? Deixe-me pensar. Acho que foi quando eu a levei para Jerusalém enquanto estava escrevendo *Vida de Cristo*.

Enquanto a aeromoça passava pelo corredor para verificar os cintos de segurança, eles avistaram de relance as ilhas e os barcos de pesca no porto. Pouco depois, sentiram um movimento brusco e a pista do aeroporto apareceu nas janelas dos dois lados da aeronave.

Desatando o cinto de segurança, Suguro orgulhosamente explicou à esposa:

— Primeiro, vamos de Isahaya a Obama. De lá, para Kuchinotsu e Kazusa.

O táxi que contrataram no aeroporto seguiu a certa distância ao longo da beira da luminosa baía de Ōmura. Suguro se lembrava de cada montanha que se erguia palidamente a distância e de cada fileira de casas pelas quais passavam. Ele foi tomado pela nostalgia: queria perguntar a cada paisagem como passara ao longo desses vários anos. Vinte anos antes, ele viajara de um lado a outro dessa estrada mais vezes do que podia contar, alimentando as imagens e esboçando os planos para o romance que acabou por escrever. Ele ainda estava na casa dos quarenta naquela época, inspirado pelo zelo do romancista e instigado pelo entusiasmo de andar pela estrada com força total sem que ninguém lhe lançasse sequer um olhar de soslaio. Quando mirou para a estrada à frente, cercada de casas antigas com telhados baixos e muros de pedra ao lado de densos bosques de canforeiras, ele quase se imaginou como naquele tempo, um homem possuído por algum tipo de paixão sem forma.

— Já se passaram vinte anos — sussurrou para a mulher. — Mas a estrada e as casas não mudaram nada.

— A natureza é incrível. Nunca muda — concordou ela.

— Você está certa. Fomos nós que envelhecemos. Nós nos deturpamos.

Enquanto pronunciou a palavra "deturpamos", percebeu que incluía outro sentido que ele não previra.

Ele não contara à esposa que vira um homem na palestra semelhante a ele em todos os aspectos. Nem mencionara seu súbito mal-estar, tampouco que fora jantar com madame Naruse. Aqueles eram incidentes que ele não precisava relatar a ela, experiências que não devia lhe contar. Desde que se casaram, ele se calara sobre qualquer episódio que pudesse perturbar a ordem que haviam estabelecido entre si. Essa reticência talvez fosse similar à de um pai que jamais conta à própria filha os fatos da vida.

Ele decidira ir de férias com ela a Nagasaki antes do começo da primavera não tanto porque lhe prometera que fariam isso, mas pelo temor que invadira seu coração. As experiências que exerceram pressão sobre ele nesse inverno haviam agravado progressivamente sua ansiedade. Para escapar disso, queria ficar sozinho com a mulher e passar vários dias com ela em algum recanto sossegado do interior.

Estava incrivelmente quente para o inverno e, enquanto passavam por Isahaya, a encosta de Unzen surgiu à margem do céu vazio como um floco de nuvem.

— Aquela é Unzen — esclareceu amavelmente, apontando para o mapa que estava aberto sobre os joelhos. — Trezentos anos atrás, os cristãos foram jogados nas águas ferventes da boca daquele vulcão.

— Ainda dá para ver onde isso aconteceu?

— É chamado de vale do Inferno. Hoje fica infestado de turistas e excursões escolares.

Ele podia sentir um cálido contentamento irradiando e espalhando-se pelo corpo. Um marido e uma mulher aproximando-se do fim da vida desfrutam de três dias e duas noites de companhia ininterrupta. Incluído nesta viagem estava um elemento que não fizera parte da lua de mel deles: um profundo senso de unidade e confiança que só podia ser compartilhado por aqueles que haviam passado por extensas provações juntos. Suguro sentiu mais uma vez a satisfação de ter aceitado essa mulher para ser sua companheira durante a vida.

Eles contornaram a base de Unzen e chegaram ao balneário de fontes termais de Obama. Lá embaixo estendiam-se as águas da baía, enquanto nuvens brancas de vapor de água giravam pelas ruas do vilarejo.

— Os cristãos naquela época foram forçados a caminhar a pé daqui ao cume da montanha. Foi assim que foram levados ao vale do Inferno.

— Devia ser um vilarejozinho desolador naquele tempo.

De Obama, eles seguiram a orla por uma estrada estreita. Quando Suguro visitara esse lugar pela primeira vez vinte anos antes, essa estrada ainda não estava pavimentada; os carros que se aproximavam levantaram nuvens de poeira, e o táxi onde estava parara pacientemente no acostamento para que o tráfego passasse.

— Aquela ali é a ilha Dangō e, adiante, a ilha que parece ter se estirado para dormir é Amakusa.

— Aquela é Amakusa?

— É. Esse porto é onde os missionários cristãos de Portugal e Espanha desembarcaram três séculos atrás, depois de uma viagem de dois anos. A paisagem devia ser a mesma quando eles chegaram.

Enquanto falava, Suguro podia sentir um cálido ressurgimento das mesmas emoções que fervilharam nele vinte anos antes. Vivenciou um reaparecimento dos conceitos e das imagens que lentamente se formularam em sua cabeça enquanto caminhava por essa terra.

Eles saíram do táxi e foram ver um túmulo cristão descoberto entre as árvores plantadas como quebra-vento ao longo da beira do mar. A sepultura se assemelhava a uma pedra cinza que alguém jogara fora, e as únicas inscrições que distinguiram foram uma cruz e alguns caracteres que pareciam estar em latim.

— Kazusa foi o primeiro lugar do Japão onde foi usada uma máquina de impressão. Você se lembra de que, no período Tenshō, um famoso grupo de jovens emissários foi a Roma e teve uma audiência com o papa? Na viagem de volta, pararam em Goa e obtiveram uma máquina de impressão, que trouxeram para o Japão. Como consequência, livros religiosos e alguns dos clássicos da literatura japonesa foram publicados pela primeira vez aqui.

A mulher ouvia com atenção, mais para o bem do marido entusiasmado que pelo conteúdo dos comentários.

— Construíram seminários em Kazusa e no vilarejo vizinho de Kuchinotsu, bem como em Arie. Os estudantes aprendiam latim e português e estudavam órgão e espineta e pintura também. Nem um único livro de história no Japão registrou esse fato, mas bem aqui onde estamos

foi o lugar em que o povo japonês soube pela primeira vez sobre o Ocidente.

Suguro lembrou-se de que não muito longe dali havia uma bela faixa de praia. Vinte anos antes, quando havia se cansado de andar, deitou-se nessa praia tom de âmbar e adormeceu vendo as ondas suaves quebrarem na areia. Estava no auge naquela época, ainda tinha energia no corpo.

Eles comeram em um *drive-in* em Kuchinotsu, depois deixaram o motorista que haviam contratado no minúsculo vilarejo e caminharam juntos até a praia.

— Foi aqui que adormeci. Enquanto contemplava o mar.

— A água é tão clara. Dá para ver as algas se mexerem.

— Está vendo aquele ponto que se projeta como um promontório? Aquele é o Castelo Hara, onde aconteceu a Revolta de Shimabara. Trinta mil homens e mulheres foram assassinados lá.

A palavra "assassinado" tinha um sabor amargo em sua boca. Essa viagem com a mulher era um passeio para aproveitar a vida, não o mergulho na escuridão. Era uma excursão para escapar do mundo de madame Naruse e Motoko Itoi.

— Veja como esta concha é linda!

Quando se deitou na areia, a mulher se aproximou para mostrar-lhe uma concha que pegara à beira da água. Aninhada na alva palma da mão dela, a concha rosada parecia um enfeite.

— Você está se divertindo?

— Bem, é claro… Faz tanto tempo desde a última vez que nos ausentamos assim. Queria que Tatsunosuke e Masako tivessem vindo com a gente.

— Quando olho para o oceano, percebo como tivemos sorte de viver por tanto tempo como vivemos. Primeiro a guerra, depois os anos de angústia após a derrota. Mesmo assim, conseguimos, com muita luta, chegar a este ponto da vida…

— Sempre me sinto grata por isso quando vou à missa. Quando morrer, sinto que poderei dizer "obrigada" a Deus.

Independentemente do que fosse, Suguro não queria mostrar à mulher aquele outro mundo. De cabelos cobertos de cera, de línguas que se mexem como lagartas na boca entreaberta de Motoko enquanto mãos de homem se apertam ao redor de seu pescoço… De chamas envolvendo a casa de

fazenda, de gritos de mulheres e crianças, do massacre de trinta mil homens, mulheres e crianças no Castelo Hara, não muito distante dali.

— As coisas são tão boas para você. — Ele deixou um suspiro escapar. — Tenho inveja disso.

— Por que, pelo amor de Deus?

— Porque… diferente de mim, que sou escritor… você não tem de olhar para coisas que seria melhor deixar de lado.

A sensação de que a mulher estava por perto aos poucos se transformou em um sentimento de segurança. Era idêntico, em todos os sentidos, à sensação que tinha na infância quando dormia perto da mãe. Por que ele tinha que tentar deixar esse lugar de repouso? O desejo de ver a humanidade. A ânsia de saber tudo o que havia para saber sobre o animal humano. De ver o próprio fundo do poço. Fazia mais de trinta anos que ele era escritor, e agora esse desejo se transformara em algo muito próximo de instinto.

As ondas avançavam suaves e regulares pela areia, depois recuavam. Enquanto ouvia cada som diferente, cenas da lembrança surgiam, uma de cada vez. Aquele dia de outono depois que eles ficaram noivos, quando passearam pela planície de Yamato. Aquela época em que compraram a primeira casa em Komaba. A mulher todos os dias sem falta cuidando dele durante sua longa convalescência no hospital. O sorriso dela que ele vira quando acordou da anestesia com a visão turva. Sentada agora ao lado do marido calado, ela também não dizia nada. Talvez sua mente estivesse repleta de lembranças idênticas enquanto ouvia o manso fluxo das ondas.

— Amanhã é domingo. Vamos juntos à igreja — propôs ela, de repente. — Sempre quis ir à missa aqui onde seus romances são ambientados.

— Por quê?

— Bem… — Ela sorriu. — É a única maneira de eu fazer parte de seus romances. Não há espaço para eu participar de seu trabalho.

Ela estava certa. Desde o começo do casamento, ele lhe pedira que estabelecesse fronteiras nítidas entre a vocação e a vida familiar. Ela jamais opinaria sobre sua obra. Jamais interferiria no conteúdo de sua ficção. Era um pedido e, ao mesmo tempo, uma expressão de sua consideração.

— Faz tempo que não vou à missa — falou rápido e desviou o olhar. *Não é que não fui*, pensou, *mas que eu não podia ir*. — Conheço uma

igrejinha nos arredores de Nagasaki. Vamos assistir à missa lá amanhã. Vou ligar do hotel e descobrir os horários.

Ele espanou a poeira das calças com força para indicar o final da conversa.

Várias vezes durante a missa, Suguro e a mulher ouviram o canto de um galo idiota do lado de fora da igreja iluminada de sol. Como dos camponeses desse vilarejo, era o padre estrangeiro da paróquia quem cuidava do galo. Do outro lado da janela, uma canforeira espalhava seus galhos retorcidos, por entre os quais o sol irradiava. Crianças pequenas passaram por eles, descendo os corredores, mães queimadas de sol correndo atrás delas. Um bebê começou a chorar, e uma mulher tentou acalmá-lo. A maioria dos fiéis reunidos para a missa era moradora do vilarejo que dividia seu ganha-pão entre a agricultura e a pesca.

Na noite anterior, no hotel em Nagasaki, Suguro se lembrara de ter visitado o vilarejo litorâneo vários anos antes e contara à mulher sobre a visita.

A igreja de tijolos de lá era maravilhosa. Anos atrás, o lugarejo era habitado por cristãos kakure[6], e mesmo hoje metade da cidadezinha é cristã. O homem que arrebanhou fiéis nesta região foi o famoso padre De Rotz. A congregação toda trabalhou e economizou dinheiro, fabricou os próprios tijolos e ergueu uma igreja onde louvar.

A mulher ficou fascinada com a história.

— E, então, você gostaria de conhecer? É uma viagem de uns quarenta e cinco minutos.

Eles pegaram um táxi no hotel às oito horas na manhã seguinte. O trajeto os levou por dois pequenos túneis e, quando avistaram a enseada próxima ao povoado, ambos ficaram felizes de ter decidido ir. O mar cintilando sob o sol lhes deu as boas-vindas com sua expressão calorosa e amigável. Logo que chegaram, um estudante do ensino fundamental tocou o sino da capela de tijolos na colina adiante. Muitas famílias subiam a encosta até a igreja em uma fila única, como um cortejo de formigas.

Saíram do táxi e se juntaram à procissão. Quando entraram no terreno da capela, um missionário estrangeiro de cabelo branco, de quem Suguro se lembrava devido a sua pesquisa muitos anos antes, saudava os fiéis. De tempos em tempos, mexia com as crianças que se aglomeravam em volta e dizia palavras cordiais para as donas de casa da congregação. Quando viu Suguro, pareceu lembrar-se e brincou:

— Os lugares reservados estão no centro.

O sacerdote servia à igreja havia quarenta anos, e seus olhos radiantes pareciam absorver não o lado sombrio da humanidade que Suguro percebia, mas apenas o mar tépido, as canforeiras com galhos espalhados e as crianças travessas que se amontoavam ao redor de suas pernas.

Quando a missa começou, o estrangeiro não fez sermão; em vez disso, recitou uma passagem do Evangelho em uníssono com a congregação, que estava de pé. Esse parecia ser o costume todos os domingos nessa igreja, e os paroquianos queimados de sol e de bochechas salientes repetiam as palavras do pastor.

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei."

Fora da capela, o monótono cacarejo do galo ecoava mais uma vez.

"Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas."

Suguro e a mulher se juntaram aos outros para repetir: "E encontrareis descanso para as vossas almas". Na mente de Suguro, a essas palavras se seguiu imediatamente uma passagem de *A divina comédia*: No meio da jornada da vida… Encontrei-me na escuridão da floresta… Pois a estrada reta se perdera…

"Bem-aventurados os humildes."

O ritmo do velho sacerdote era tão desajeitado quanto o do galo. Encontrei-me na escuridão da floresta… Pois a estrada reta se perdera.

"Bem-aventurados os humildes." As vozes dos fiéis se misturavam aos gritos dos bebês e ao barulho de narizes fungando.

"Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados."

"Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados."

Quando a missa acabou, Suguro e a mulher, cercados de crianças, saíram da igreja e entraram no carro que haviam contratado. O velho sacerdote deu uma batida no vidro e disse:

— Por favor, venham nos visitar outras vezes.

O carro seguiu ao longo do mar amigável, delicadamente radiante, e a mulher de Suguro suspirou:

— Que vida maravilhosa eles levam.

— Aham.

Encontrei-me na escuridão da floresta… Pois a estrada reta se perdera… Ele olhou para trás. A capela e a grande canforeira no jardim

pareciam cada vez menores. Quantos anos terá esse sacerdote agora? Tenho sessenta e cinco, ele deve ser cinco ou seis anos mais velho que eu. Quanto tempo ele viverá? Depois que morrer, será enterrado aos pés daquela canforeira alta e de lá olhará para o mar, observará os pivetes correndo de um lado para o outro e ouvirá os galos cacarejarem. Nenhum sinal do mundo de madame Naruse e Motoko seria encontrado ali.

A viagem durou só três dias, mas Suguro teve a sensação de que estivera fora do escritório por muito tempo. Quando chegaram ao aeroporto Haneda e viram o céu de inverno cinza-escuro e a fumaça saindo das chaminés das fábricas, ele sentiu como se os dois houvessem sido levados de volta para o território impuro da humanidade.

A pilha de correspondências esperava sobre a mesa. Ele trocou de roupa e abriu cada um dos envelopes com a tesoura. A mulher olhou silenciosamente com um sorriso de gratidão pela viagem.

— Muito obrigada.

— Você gostou da viagem?

— Gostei, sim. Quero correr e escrever para Tatsunosuke contando tudo.

— A gente precisa fazer viagens desse tipo pelo menos uma vez por ano — propôs ele, gentilmente.

Um sorriso que mais parecia um raio de sol iluminou o rosto dela.

Ele separou as cartas e os números complementares de revistas e livros, então abriu um dos jornais acumulados. Tudo estivera tranquilo no Japão nos últimos três dias; nenhum acidente importante fora noticiado na primeira página nem na coluna social. Suguro leu o resumo mensal de artes e olhou rapidamente a coluna de resenhas de livros. Depois, pensando em escrever algumas mensagens de agradecimento pelos vários livros que haviam lhe enviado, falou para a mulher:

— Você pode pegar os cartões-postais com xilogravuras que compramos em Kyushu? Preciso escrever algumas mensagens de agradecimento.

A mulher estava descascando um caqui enquanto assistia à televisão. Por sobre seu ombro, a tela tremeluzia fracamente, com o rosto quadrado do apresentador de meia-idade do noticiário da tarde.

— O corpo de uma jovem suicida foi descoberto hoje em Shin-juku… Quando o corretor imobiliário do apartamento, o sr. Shimizu Mitsuo, abriu o apartamento…

— Você comprou estes cartões no hotel?

— Não. Foi naquela rua chamada Dōza ou qualquer coisa assim. Numa loja de suvenires.

— A jovem vítima é uma artista chamada Motoko Itoi… Um fio estava enrolado ao redor do pescoço, e a polícia concluiu que ela usou a perna de uma mesa para cometer o suicídio. O que parece ser um bilhete de suicídio foi encontrado em seu caderno de esboços. De acordo com a polícia…

— Quer caqui?

Suguro se levantou e caminhou em direção à porta do apartamento. As descrições na carta de madame Naruse não haviam sido mentira nem exagero.

— Qual é o problema? — Ao ouvir a voz assustada da mulher às costas, ele se controlou. Respondeu à mirada de olhos arregalados da mulher com um olhar calculado para assegurar-lhe de que não havia nada de errado. O mar cintilando entre os galhos da canforeira… Aquele era o único mundo que ele queria que sua mulher conhecesse.

— Vou comprar envelopes — mentiu. — Decidi que cartão-postal é informal demais.

Ele saiu do prédio residencial, entrou em uma cabine telefônica e começou a discar. Não sabia se ela estaria no hospital, mas precisava tentar encontrá-la. A ligação foi transferida para a ala pediátrica da enfermaria, mas lhe disseram que madame Naruse não estava lá.

— Ela vem amanhã de manhã. Uma das crianças de quem cuida vai passar por cirurgia. — A enfermeira, cuja voz soava tão jovem quanto a de uma colegial, educadamente lhe passou a informação.

Suguro saiu do elevador em torno das onze horas na manhã seguinte para o andar onde deveria ser realizada a cirurgia. Duas mulheres estavam como freiras velhas em cadeiras recostadas contra a parede. Uma era a mãe do menino que estava em cirurgia; a outra era madame Naruse, parecendo tão exausta que ele mal a reconheceu.

Ela foi até ele quando o viu.

— O que faz aqui?

— A cirurgia já começou?

— Há quase três horas. O cirurgião-chefe é um médico da unidade de cardiologia da Universidade de Keiō, então tenho certeza de que ele vai ficar bem. Mas está tudo tão quieto que me deixa nervosa.

— É uma cirurgia complicada?

— É, ele tem um tumor em um vaso sanguíneo perto do coração. Uma cirurgia nessa região é muito delicada e arriscada. E quando penso em quanta dor a cirurgia deve causar a ele…

Ela fechou os olhos. Quando as pálpebras estavam cerradas, ele viu sombras da idade que jamais notara antes. Isso o fez lembrar, como pela primeira vez, a verdadeira idade dela.

— Eu mesmo já passei por uma grande cirurgia e, durante a operação, você não faz ideia do que está acontecendo. A minha demorou seis horas, mas tive a sensação de ter dormido por meros cinco minutos.

— É, minha cabeça me diz que ele não sente dor enquanto está anestesiado… Então, quando penso no bisturi cortando o corpinho dele e que depois vão abrir o peito dele e o sangue vai jorrar…

Outra vez ela fechou os olhos, com ar de cansaço. Seus lábios tremularam de leve, como os de uma freira na missa.

— Está rezando? — perguntou Suguro, sem acreditar.

— Estou, não consigo deixar de rezar. Sou uma idiota, não sou? Ele nem é meu filho. — Então, como se a ideia houvesse acabado de lhe ocorrer: — Como sabia que eu estaria aqui hoje?

— Liguei para a enfermaria ontem.

— Ah…

Suguro começou a mencionar a morte de Motoko, mas engoliu as palavras. A mulher diante dele não era a mesma pessoa com quem conversara no restaurante chinês. Ela era uma mulher diferente enquanto trabalhava como voluntária, derramando afeições maternais sobre uma criança frágil.

Ele se sentou entre as duas mulheres, mas a mãe do menino não disse palavra. Sua atenção estava voltada não para Suguro, e sim para a sala de cirurgia. Somente a luz vermelha naquela porta estava viva para ela; o corredor se encontrava envolto em silêncio.

Ambas as mulheres estavam de olhos fechados. Os lábios de madame Naruse continuavam a tremer, mas claro que ele não ouvia as palavras de

sua oração. Essa mulher usara cenas de crianças entrincheiradas com a mãe em minúsculas cabanas e queimadas até a morte como estímulo erótico em seu casamento. Então, para quem ela rezava? Suguro sentiu seus olhos começarem a nadar enquanto olhava para o rosto dela.

— Preciso ir. — Ele se levantou silenciosamente da cadeira.

Ela abriu os olhos e fez um breve aceno.

Escurecera antes de anoitecer, culpa talvez da poluição e da neblina. Essas noites eram melancólicas e desoladas mesmo nas ruas secundárias de Kabukicho. O único som que se escutava era o anúncio lamentoso do homem da batata-doce assada. As luzes de néon pareciam borradas, e o cobertor que cobria seus joelhos estava úmido. Hina Ishiguro olhou para baixo e reajustou o aquecedor corporal[7] que colocara na calça. Naquele momento, alguém parou na frente dela.

— Quer um desenho a lápis ou uma aquarela? — perguntou ela, com voz cansada, olhando para a bainha da capa de chuva de seu novo cliente e para as pontas dos sapatos gastos dele.

— Foi aqui que desenhou o retrato de Suguro?

Ela ergueu a cabeça. O repórter que ela conhecera na noite em que foi expulsa da recepção estava olhando para ela com desdém, mãos enfiadas nos bolsos.

— E daí?

— Não me dê uma de suas respostas pragmáticas. Não estou aqui para pedir informação. Então não se preocupe.

— Se não quer um retrato, se importa de ficar em outro lugar? Eu tenho trabalho a fazer.

— Tudo bem. Então me faça um desenho a lápis.

Hina silenciosamente moveu o lápis pela folha de desenho. Kobari a olhava.

— Apenas me escute um minuto. Eu acredito em você agora, acredito que conheceu Suguro aqui em Shinjuku. Acredito em você de verdade.

— Fique quieto. Não consigo desenhar se você se mexer.

— Venho investigando o escritor desde que conversamos. Descobri muita coisa sobre ele.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Então apenas me responda a duas coisas. Qual era a relação entre Motoko e Suguro? E tem uma mulher mais velha que era muito próxima de Motoko. Ela era amiga de Suguro?

Os dedos que seguravam o lápis pararam de se mexer. Ele continuou com as perguntas, mas Hina manteve um silêncio obstinado.

Frustrado, Kobari lançou um olhar furtivo ao retrato metade terminado e franziu o cenho.

— Está horrível!

— Por quê?

— Tem malícia por toda parte nesse rosto. Não sou tão feio assim.

Hina olhou para o rosto carrancudo de Kobari e deu uma risadinha. — Se quer apenas um retrato superficial, por favor, procure outro artista de rua. Para nós, um retrato significa desenhar como a pessoa é de verdade.

— É assim que realmente sou?

— Uma pessoa nunca conhece o verdadeiro rosto. Todo mundo acha que a máscara social falsa e fingida é sua verdadeira face. — Ela tirou o cobertor do colo e levantou-se. O aquecedor corporal que estava aninhado entre o cobertor e a calça caiu no chão.

— Mas está medonho demais. E, agora que você mencionou, tinha um retrato de Suguro em sua exposição, não tinha? Estava igualzinho, eu achei. Tem alguma coisa detestável, obscura, no rosto dele. O retrato captou isso.

— Você veio ver a exposição? — A expressão de Hina suavizou-se pela primeira vez.

— Claro que vim — confirmou Kobari, com a cabeça. — Você não estava lá, mas… Quando cheguei, vi Suguro conversando com essa mulher mais velha em uma cafeteria bem em frente à galeria. É essa mulher… a que era próxima de Motoko. E, bem, Motoko está morta agora.

— Como soube?

— Da morte de Motoko? Está em todos os jornais.

— Motoko morreu do jeito que queria, então tenho certeza de que deve estar feliz. Mas como soube de madame N?

Kobari decidiu que seria melhor falar a verdade. Quando terminou a explicação, Hina ainda não parecia convencida.

— Por que antipatiza tanto com o sr. Suguro?

— Por quê? Não sei mesmo — respondeu Kobari, meio em tom de gozação. — Para começar, ele me parece a personificação do pseudoliterato japonês. Existe algo indigno de confiança nos homens cultos hoje. Não

importa quantas declarações grandiosas, que soam profundas, essa gente requintada faça, não consigo me livrar da sensação de que são todos uns falsos. Você sabe do que estou falando. Talvez seja por isso que não consigo gostar de Suguro.

— Todo mundo é igual, inclusive você. — Hina o escarneceu. — Você detectou uma imagem de si mesmo no sr. Suguro e o odeia por isso.

— Você é maldosa — disse Kobari, com desdém. — Talvez esteja certa. Mas não sou como ele. Sou esse pobretão que você está vendo aqui, enquanto ele descansa, arrogante, com milhares de leitores, respeitado como grande escritor, dizendo coisas que só parecem sinceras com aquela expressão sincera…

— Você tem inveja.

— Claro que tenho. Mas o que o faz diferente dos outros escritores é que ele é cristão. Eu até conheço alguém que se tornou cristão por causa do que Suguro escreveu. Para você ver como ele é engenhoso.

— E daí?

— E daí que, se ele leva uma vida completamente diferente do tipo de coisa que escreve e fala, eu acho que é dever de um jornalista expor isso ao público.

— E você é o homem mais virtuoso do mundo, não é? Verdade e justiça para um repórter nos dias atuais significam fechar os olhos para as próprias faltas e julgar o resto.

Kobari ignorou o sarcasmo.

— Bom, tinha uma pintura grande na exposição intitulada "O reino do disforme", não tinha? Um monte de homens e mulheres nus com cobras e sapos e louva-a-deus… A imagem não saiu de minha cabeça.

— É mesmo? Fui eu que pintei. — Ela parecia contente, e seu rosto sorridente assumiu um inesperado aspecto de inocência infantil. — Sabe o que quero dizer com uma estética da feiura? É o que estamos promovendo no grupo: uma glorificação estética do feio. Pintores ortodoxos dividem o mundo entre sujeitos que são bonitos e sujeitos que são feios. Eles fazem distinção entre objetos que são materiais adequados ao trabalho deles e objetos feios que não são. Mas nós, nós acreditamos que existe beleza em cada coisa feia e que o propósito da arte é revelar esse tipo de beleza. Entende?

— Mas isso não é nada menos que a teoria que Suguro expôs para você em Shinjuku, não é? De qualquer forma, você está certa sobre uma

coisa: não tinha nem um pouco de beleza no retrato de Suguro. Realmente captou a essência da personalidade dupla dele.

— Aquele? Não fui eu que fiz. Foi Motoko.

Havia nas palavras de Hina uma mordacidade que Kobari escolheu ignorar.

— É o rosto clássico de um esquizofrênico. Presumo que o formato e a disposição dos olhos sejam sutilmente diferentes em um esquizofrênico. Ele tem uma personalidade diferente dentro dele e talvez nem saiba disso. Teve um programa sobre isso na televisão algum tempo atrás… Você viu?

— Não. — Bufando porque Kobari não demonstrou nenhum interesse em suas opiniões sobre a estética da feiura, Hina deu os toques finais no esboço do repórter. — Ninguém alegaria que não existe nada de horrendo em seu rosto.

— Esse programa de televisão era sobre uma mulher da alta sociedade que foi se consultar com um psiquiatra. Ela reclamava de dores de cabeça e de vários outros problemas físicos. Ele a interrogou durante vários dias e, então, um dia, sem nenhum tipo de aviso, ela se transformou em uma mulher diferente bem diante dos olhos do médico. O rosto e o corpo dela não mudaram, claro. Mas uma mulher que tinha sido calma e refinada de repente exibiu uma expressão lasciva, libidinosa e vulgar e deu uma risada aguda. Ela se transformara em uma pessoa totalmente diferente. O médico ficou perplexo, mas logo a mulher voltou ao seu eu normal, como se tivesse acordado de um sonho, e não tinha lembrança de ter se transformando naquela outra pessoa.

A história chamara a atenção de Hina, e ela ouvia, concentrada.

— E então?

— Outra mulher vivia dentro dela. Com uma personalidade completamente diferente. É isso que é a esquizofrenia.

— Eu sei. Eu… eu consigo entender exatamente como ela se sentia.

— Por que não vamos beber alguma coisa?

— Onde?

— Na Golden Avenue.

— Você quer tirar mais informação de mim, não quer? Não vou contar mais nada. Tenho de ir.

— Por quê?

— Porque não gosto da mente jornalística. Que tal?

— Essa doeu. — Kobari calculou que a mulher teria pouca informação a mais para lhe oferecer.

— São dois mil ienes.

Ele se queixou do preço enquanto entregava a ela duas cédulas. Enrolou o papel, colocou no bolso e foi embora.

Um copo de saquê barato com uma rodela de limão flutuando repousava diante de Kobari no bar da Golden Avenue enquanto ele refletia sobre o que Hina dissera. Agora ele tinha o suficiente para escrever um artigo. Pensou no jornalista cujos artigos haviam tirado o primeiro-ministro japonês do poder. A bomba que ele estava prestes a plantar não tinha o mesmo grau explosivo, mas seria suficiente para chocar os literatos e os leitores. Proporcionaria um meio concreto de tornar o nome de Kobari conhecido no mundo do jornalismo. Então ofertas de trabalho chegariam em grande quantidade. E, então, ele ganharia dinheiro suficiente para terminar o relacionamento com a atual amante. Uma fantasia levava à outra, e, quanto mais bêbado, mais feliz Kobari ficava.

Ainda se sentindo eufórico, Kobari chamou um táxi.

— Nakano — instruiu o motorista, mas, de repente, mudou o destino. — Não, me leve para Yoyogi.

Não havia motivo para acreditar que Suguro estaria naquele hotel se ele fosse lá para perguntar, mas talvez ele pudesse obter alguma informação sobre aquela festa regada a sexo com algum dos funcionários do hotel.

— Esta neblina é fora do comum, não é? — disse o motorista com desânimo, diminuindo a velocidade enquanto dirigia. — Senhor, vou ter de ficar nas ruas principais. Se eu entrar em uma rua estreita, não conseguirei enxergar nada à frente, e as coisas podem ficar assustadoras.

— Tudo bem.

Ele desceu em frente ao hotel e avançou em meio à névoa sobreposta como se abrisse caminho a cotoveladas. Impelido por sua audácia inerente, atravessou a entrada, onde as luzes pareciam borradas. Na recepção, um jovem de uniforme preto formal e óculos dedilhava nervosamente uma máquina de escrever.

— Eu não quero um quarto. Acho que vocês têm um hóspede aqui chamado sr. Suguro.

Em resposta à desculpa inventada por Kobari, o recepcionista fingiu procurar o registro de hóspedes.

— Receio que não tenhamos ninguém registrado com esse nome.

— Estranho. Ouvi dizer que haveria uma festa aqui hoje.

— Festa de quem, senhor? — O jovem respondeu com o rosto carrancudo: ele evidentemente fora treinado quanto aos procedimentos.

— Do sr. Suguro. Foi por isso que eu…

— Não sei de nenhuma festa para algum sr. Suguro, senhor. — O jovem lançou um olhar inquiridor para Kobari. — Lamento, senhor, mas trabalhamos com um sistema de associados.

— Então não tem nenhuma festa, certo?

— Não fiquei sabendo de nenhuma nesta noite.

— Vocês às vezes têm festas só para associados?

— Eu realmente não sei, senhor.

Kobari curvou os lábios em um sorriso desdenhoso e se afastou da recepção. Então, lenta e deliberadamente, examinou o saguão lotado e o bar antes de sair. Quando saiu da área de carga e descarga e pisou a rua, um táxi parou em frente ao hotel. Em meio à neblina, o homem que descia do carro parecia um vulto escuro em câmera lenta. O vulto veio caminhando na direção e Kobari e passou por ele.

Ele sentiu como se levasse uma martelada na cabeça.

Era Suguro. Mas não era o Suguro que ele vira na premiação nem o Suguro que vomitara suas mensagens tão morais no auditório e na televisão. Era o Suguro cujo rosto Motoko capturara no retrato. Enquanto passava por Kobari sem saber de sua existência, seu perfil exalava arrogância, esperteza e extravagância. Ele continuou caminhando em direção ao hotel, depois pareceu mudar de ideia e começou a descer direto a ampla rua que levava a Shinjuku.

Ele me viu. Está atento.

Sua euforia aumentou. Finalmente flagrara a verdadeira natureza daquele homem. Sentia as vibrações de um caçador que vê a presa capturada em uma armadilha. Kobari sentia-se agradecido pelo nevoeiro denso. Suguro não perceberia que estava sendo seguido.

Esse, porém, foi um erro de cálculo: embora Suguro não o houvesse notado, ao mesmo tempo Kobari se deu conta de que corria o risco de perder sua presa de vista. Sabendo que chegar perto demais poderia ser suspeito, ele apertou o passo. O vulto encoberto adiante caminhou alguns

metros pela rua principal, depois subitamente entrou em uma via à direita. Quando Kobari contornou a esquina, Suguro havia desvanecido, como se houvesse evaporado. Ele desapareceu sem deixar rastro. Incrédulo, Kobari deixou de lado o medo de ser descoberto e logo correu para o alto da ladeira, olhando para a esquerda e para a direita. Para onde havia ido, onde estava escondido? Não havia nenhum barulho, nem um único movimento. No alto daquela subida, a neblina havia envolvido as casas dos dois lados da rua; a umidade que se infiltrava nos postes telegráficos e em sua própria roupa era assustadora. Kobari foi tomado por uma sensação de que os próprios olhos lhe pregavam uma peça ao sugerir que Suguro simplesmente desaparecera. Abriu caminho com esforço pela neblina até o pé da ladeira, espiando cada porta de entrada pela senda esbranquiçada que se abria e se fechava ao redor dele. Prestou especial atenção nos lados opostos dos postes telegráficos quando voltou correndo em direção à rua principal.

Só então ouviu uma voz ecoando pela névoa, vindo de trás de onde ele estava. Parecia rir, zombar da confusão dele. Quando deu meia-volta, viu a sombra de um homem a meio caminho ladeira acima olhando em sua direção. O homem ria de um modo escarnecedor. Era um som opressivo. Depois mudou para uma voz prolongada, soluçante, e o homem passou a subir a rampa, mancando de uma perna, tragado pelo nevoeiro.

O telefone tocava. Continuou tocando incansável, incessante.

Ele abriu a porta e entrou no escritório. Quando Suguro ouviu o telefone, seu corpo ficou tenso. Era uma noite de neblina densa e fumaça e, depois que Suguro voltou de uma incumbência, seu casaco estava molhado de umidade, embora ele não houvesse feito nenhum gesto para secá-lo.

Só pelo toque do telefone, ele já sabia quem estava ligando. Mesmo que pegasse o fone, sabia que a pessoa que telefonava manteria silêncio, sem pronunciar palavra.

O telefone tocava. Continuou tocando incansável, incessante.

Por alguma razão, um discurso de *Rei Lear* que ele relera recentemente lhe veio à mente.

> Peço que não zombes de mim:
> Sou um homem muito tolo e vão,
> Tenho mais de oitenta, nem uma hora a mais nem a menos,
> E, para ser sincero,

Temo não estar em perfeito juízo.

Peço que não zombes de mim, ele pediu a quem ligava. O telefone parou de tocar.

Com os ombros subindo e descendo enquanto respirava, Suguro tirou o casaco molhado, mas os membros pareciam pesados. Ele já dissera à mulher que dormiria no escritório aquela noite, então, aliviado do longo percurso até sua casa no subúrbio, mergulhou no sofá e fechou os olhos, tentando medir a profundidade de seu cansaço. Para ele, estava nítido que envelhecera rapidamente desde a noite da premiação no início do inverno. Era com um senso tangível de seu significado que ele sentia a velhice e a morte lentamente se aproximarem.

Por se sentir tão abatido, pôs a mão na testa. Estava quente. Talvez um corpo que passara por uma cirurgia no pulmão no passado não devesse ter andado no nevoeiro. Dava trabalho demais ir para a cama, então ele se deitou no sofá, fechou os olhos e adormeceu.

Teve um sonho.

Estava caminhando sozinho pela neblina. Não tinha ideia clara de por que saíra no nevoeiro em uma noite como essa. Isso o fazia lembrar do tempo em que saíra andando na névoa durante aqueles invernos em que estudara em Lyon. Muitas vezes, na época, sentindo-se ainda empolgado depois de ter visto uma peça ou um filme, cortava caminho pela neblina para voltar ao apartamento. Ele fora jovem e cheio de esperança, convencido até mesmo de que cortava caminho para si mesmo pela vida. Agora, no entanto, enquanto tateava em meio a um nevoeiro estranhamente denso para os padrões de Tóquio, nem ao menos sabia em qual direção andava. Foi ficando ansioso, sem saber para onde virar se decidisse voltar para casa. A ansiedade foi gradualmente dificultando sua respiração.

Em meio a essa apreensão, ouviu passos às costas. Estava sendo seguido. Os passos deviam pertencer ao médico que girara na cadeira barulhenta e ia lhe informar os resultados dos exames ou àquele repórter da revista. Um inquietava Suguro por causa de sua saúde física, uma vez ao mês; o outro preocupava sua mente. Em qualquer dos casos, os passos, cheios de rancor, seguiam tenazmente seu trajeto para onde quer que ele virasse.

Quando acelerou o ritmo, os passos o seguiram mais rápido. Suguro lembrou-se de uma curva logo à frente e, confiando no ne voeiro denso, deu

uma rápida virada à direita e subiu correndo a rua. Escondeu-se na entrada de uma casa. Ouviu passos acelerados no pé da ladeira; por fim, pararam em frente à entrada onde Suguro estava. Ele podia sentir olhos perscrutando através da névoa. Será que seu perseguidor ouvira sua respiração ou será que tentava atraí-lo para uma armadilha?

— Você tem câncer de fígado. Não importa para onde corra, em sua condição, nunca vai escapar. Vou revelar o que você realmente é! — gritou a voz, mas, finalmente, o homem pareceu desistir e ir embora.

Suguro sentiu um calafrio e percebeu que havia suor escorrendo por suas costas. *Peço que não zombes de mim*, ele dirigiu essas palavras, como as de uma oração, para o alto da ladeira. *Tenho mais de oitenta, nem uma hora a mais nem a menos*. Não quero morrer em uma escuridão mais densa que esta. Quero algum tipo de resolução para minha vida.

Só então ele percebeu uma luz tênue começando a tremeluzir em meio à neblina. Não emanava das lâmpadas turvas das casas. A fonte da luz parecia ser algum lugar no alto da ladeira, emitindo um brilho como que em resposta à oração de Suguro. Brilhava em meio ao nevoeiro estagnado e estreitava-se em um foco que recaía sobre ele. O escritor tinha a nítida impressão de que alguma força volitiva tentava se apossar dele, mas, estranhamente, ele não distinguia malevolência nem maldade naquela força. Na verdade, no momento em que seu corpo foi envolvido por uma luz profunda e suave, ele sentiu uma paz indescritível em todos os sentidos. Essa sensação superava e muito aquela de descanso que ele alcançara sentando-se sozinho à escrivaninha do escritório. Nada mais o prendia. Os grandes pesos que haviam sobrecarregado sua mente sumiram. Ele fora libertado em um campo extenso onde podia respirar o ar fresco. Ah, isso é a morte. Suguro estava mergulhado em uma imensa piscina de contentamento enquanto se perguntava se a morte de fato era assim. Ficou surpreso ao descobrir que a morte tinha uma feição completamente diferente do aspecto terrível que ele temera durante muito tempo. Não havia nenhum traço de ameaça nem de condenação na luz que o envolvia em seus braços. Era a encarnação da ternura. “Vinde a mim… pois sou manso e humilde de coração”. A voz era parecida com e, de certo modo, diferente daquela do velho sacerdote.

* * *

Ele acordou. No meio da noite. Nas pálpebras fechadas, a luz que aparecera em seus sonhos permanecia como uma vívida imagem residual. Nunca tivera um sonho desses. O que significava?, perguntou-se enquanto se sentava no sofá. Foi ao banheiro e se enfiou na cama sem trocar de roupa, sem sequer se dar o trabalho de vestir o pijama que a mulher arrumara para ele.

Envelhecer significa que a morte está mais próxima – deve ser este o motivo pelo qual ele tivera tal sonho. Ser perseguido por alguém em meio à neblina… Essa deve ser uma manifestação do medo de ser perseguido pela morte. E a luz? Será que é meu desejo de como eu gostaria que fossem as coisas?

Ele se encolhera por completo debaixo do cobertor, mas ainda sentia um calafrio de penetrar os ossos, que começava na base da espinha. A única coisa certa era que algo mudara dentro dele desde aquela premiação. A mão em algum lugar tentava soltar o controle firme que ele tinha do mundo que construíra para si. A mão buscava jogá-lo em um mundo de pesadelos que ele jamais imaginara. Almejava levá-lo a um mundo de mulheres com línguas agitadas e cabelos salpicados de cera.

O que exatamente aquela mão, aquele mundo, tentavam lhe mostrar? Em seus romances, Suguro asseverara que nem uma única ocorrência na vida humana é desprovida de significado. Se esse ponto de vista não estava errado, qual era o significado dessa vivência e para onde ela o levava? Ele sentia como se caminhasse em meio a uma neblina, sem saber que direção tomar nem por qual caminho voltar.

Ainda sentindo o calafrio, fechou bem os olhos e tentou se obrigar a dormir. Queria vivenciar outra vez o êxtase da luz que vira e senti-la envolvendo-o. Em um estado semiconsciente, percebeu que, durante muitos anos, confiara em seu conhecimento e em suas forças mentais como romancista, mas que agora fora subitamente confrontado por algo que não conseguia processar com a mente, algo que continuava a se expandir à volta. Ele nem ao menos sabia que nome dar a esse “algo”…

Ele parecia estar com febre quando acordou outra vez; sua boca estava pesada e viscosa. Não tinha energia para levantar-se e, sentindo dor de cabeça, ficou imóvel durante a manhã.

A campainha tocou por volta das três da tarde. Ele decidiu deixar tocando, mas então ouviu a chave na fechadura, e a voz do agente imobiliário do apartamento gritou:

— Tem alguém em casa?

— Tem. — Ele se sentou, a cabeça ainda latejando. — Estou aqui.

— Ótimo. Mit-chan está aqui.

— Mit-chan?

— A garota que costumava fazer limpeza para o senhor.

— Mande-a entrar. — Ele caiu de novo no sofá e fechou os olhos. Mesmo então, sua cabeça parecia rodar descontrolada.

A porta do quarto se abriu um pouquinho, e ele ouviu a voz nasal de Mitsu.

— Sensei.

— Estou terrivelmente cansado. Saí para caminhar na neblina ontem à noite… Acho que peguei um resfriado.

— O que posso fazer pelo senhor? — Ela juntou as roupas e as meias que ele espalhara pelo quarto e pôs a mão em sua testa. — O senhor está com febre. Vou ligar para sua mulher.

— Não, se descansar hoje, vou ficar bem.

— Eu… eu vim devolver o dinheiro.

— Dinheiro?

Ela parecia fisicamente ainda mais madura do que ele lembrava, e tê-la por perto o deprimia. Parecia que a vitalidade pujante da garota pesava sobre ele ao mesmo tempo que suas forças físicas e mentais murchavam.

— O dinheiro que peguei emprestado aqui…

Suguro se lembrou da conversa com a mulher.

— Ah, aquele dinheiro. — Sua cabeça ainda doía por causa da febre, e ele chutou o cobertor. — O dinheiro que você deu à sua amiga…

— É, mas… eu sou uma idiota…

— Não importa.

— O que posso fazer pelo senhor? Precisa de alguma coisa?

— Bem, você pode pegar uma toalha de rosto molhada em água fria e colocar em minha testa.

— Deixe-me ligar para sua mulher.

— Não. Em dias frios assim ela tem dor nas juntas, e eu não quero que fique preocupada.

Depois que trouxe a toalha molhada em água fria, ela perguntou se ele estava com fome.

— Não. Por que você não vai para casa?

Preocupada, ela olhou para ele por um momento, então disse:

— Venho ver como o senhor está mais tarde.

Ele dormiu e acordou, acordou e dormiu. Continuou a ter calafrios e dor de cabeça; quando mediu a temperatura, estava com pouco mais de trinta e nove graus.

Naquela noite, ele decidira ligar para a mulher quando ela ligou para ele.

— Você vem para casa hoje à noite?

— Não, não posso. Ainda tenho muito trabalho.

— E o jantar?

— A mesa redonda que programaram para eu participar é em um restaurante.

— Ótimo. Minha artrite está me incomodando hoje. Está doendo bastante.

— É esse frio de rachar. Cuide-se.

Outra vez mentira para a mulher. Da mesma maneira que não contara a ela sobre seus sonhos ou suas conversas com madame Naruse, não lhe contou sobre a própria doença. Sabendo que foi pelo engano que ele fora capaz de preservar seu relacionamento tranquilo ao longo de muitos anos, tinha a sensação de que sua vida inteira fora construída com base em mentiras.

Ele dormiu um pouco. Com uma percepção turva, ouviu a porta do quarto e, por entre olhos semicerrados, viu a imagem borrada, semelhante à flor do pessegueiro, do rosto de Mitsu.

— Desculpe-me por acordá-lo, sensei.

— É você?

— Ainda se sente mal?

Havia preocupação sincera em sua voz. Esse é o tipo de menina que é Mitsu. Uma garota que se aflige sem saber o que deve fazer quando outra pessoa passa por qualquer desconforto, por menor que seja. Havia algo de simplório nela, mas Suguro sempre sentira atração por tais indivíduos. Ele até escrevera romances tendo essas personagens como heróis.

— Estou um pouco melhor.

— Tem certeza de que não devo ligar para sua mulher?

— Tenho. Falei com ela pelo telefone há pouco, e ela está com a artrite atacada por conta do frio.

Mitsu se aproximou e colocou a mão na testa dele.

— O senhor ainda está com febre?

Os seios dela, encobertos por um suéter sem graça, roçaram a cabeça de Suguro. O suéter tinha cheiro de mofo. Mas, desta vez, ele não se sentiu sufocado pela vivacidade que transbordava do corpo dela.

— O senhor ainda está muito quente, sensei.

— Mas me sinto um pouco melhor depois de dormir.

— Vou molhar a toalha em água gelada de novo para o senhor.

Ela pegou o pano que escorregara ao lado do travesseiro dele e foi para o banheiro. Ele gostou do toque frio dos dedos de Mitsu em seu rosto. Não tinha filha, mas se perguntava se uma filha teria cuidado dele como Mitsu cuidava agora. Diferentemente da esposa, sua ajuda era pueril e desajeitada, mas marcada por uma constância penosa.

Depois de ajeitá-lo na cama, Mitsu fez um alvoroço na cozinha durante algum tempo e, por fim, reapareceu trazendo uma bandeja com mingau de arroz em uma tigela de alumínio, uma xícara de chá e algumas ameixas picadas.

— Coma.

— Você fez isso?

— Fiz. Aprendi no hospital em que o pai de minha amiga estava internado.

— Aprendeu com quem?

— Uma mulher mais velha que cuidava de alguém. Mas não sou muito boa cozinheira.

Ele não estava com apetite, embora não comesse nada havia quase um dia. No entanto, para não ferir os sentimentos de Mitsu, sentou-se na cama. Tanto o chá como o mingau que escorregou por sua garganta estavam péssimos, mas o gosto transmitia algo da devoção da jovem.

— Obrigado — conseguiu dizer depois que se obrigou a comer. — Tudo beleza. — Usou uma das gírias das séries finais do ensino fundamental que ela lhe ensinara.

— É mesmo? — Mitsu sorriu, aceitando a gratidão dele sem questionar.

— Você aprendeu muita coisa no hospital, não foi? Você ia lá com frequência?

— Só de vez em quando, com minha amiga.

— Tem uma mulher chamada sra. Naruse que trabalha naquele hospital como voluntária. Você a conhece?

— Não. — Mitsu acenou com a cabeça. — O que é uma voluntária?

— Uma pessoa que ajuda pacientes. Minha mulher estuda para se tornar voluntária. Elas não são enfermeiras profissionais.

— É isso o que essa senhora faz?

— É, a sra. Naruse é voluntária no hospital. Ela cuida das crianças doentes.

— Acho que devo ter visto. Ela é bonita, não é?

— Bonita? Bem…

De novo a cabeça doía, e ele fechou os olhos. Mitsu pegou a bandeja e foi para a cozinha.

Outra longa noite se passou. Ele teve um sono febril e acabou acordando molhado de suor. Quando se levantou no meio da noite para trocar o pijama encharcado, seus pés estavam cambaleantes, mas ele notou que sua temperatura baixara um pouco. Ele secou o corpo com uma toalha, vestiu outro pijama e, por casualidade, acendeu as luzes da sala de estar. Ali encontrou Mitsu apoiada no encosto do sofá, adormecida.

— O que você está fazendo aqui? Não foi para casa?

Mitsu olhou para ele com seu costumeiro sorriso. Para ele, aquele olhar pareceu uma combinação de jovem garota bancando a criança mimada diante de um adulto e de uma mulher flertando sedutoramente com um homem. Ele sentiu uma pontada de medo, persuadindo-o a exercitar a moderação.

— Tem cobertores no armário da cozinha. E, você sabe, tem travesseiros também.

Ela não respondeu. Ele a deixou e voltou para o quarto. Esfregando as pernas geladas como um mosquito, rendeu-se outra vez à sonolência. Em seus sonhos, esfregava as próprias bochechas de aspecto feio contra as de Mitsu. Foi impulsionado pela esperança de que, ao fazer isso, estenderia sua própria vida em declínio por mais um ou dois anos.

Quando voltou a si, Mitsu segurava um pano úmido contra sua cabeça.

— Você não voltou a dormir? — perguntou ele, surpreso.

— Não consegui… Achei que o senhor se sentiria melhor se eu colocasse esse pano em sua testa.

— Quanto tempo faz que você está aqui?

— Tudo bem. Não se preocupe com isso.

Ela lhe prestou auxílio a noite toda, até que a luz do dia entrou bruxuleante pela janela. Ele estava certo de que, como o velho sacerdote,

essa menina teria um lugar no reino de Deus, que agora lhe parecia tão distante.

— Ótimo. Estou feliz que tenha vindo…

— Por quê?

Numa das cafeterias da Golden Avenue espremidas como uma caixa de fósforos, a gerente cumprimentou Tōno e indicou com os olhos outro cliente. Tōno olhou em direção ao homem, que estava recostado contra a parede, dormindo todo desgrenhado sob cartazes anunciando "tofu cozido" e "peixe frito".

— Desde que chegou, ele fica me perguntando se sensei Tōno virá hoje à noite. Eu respondi que não sabia, e ele disse que ia esperar até o senhor chegar.

— Eu não o conheço. — Tōno inclinou a cabeça.

— Ele esteve falando todo tipo de esquisitice. Perguntou se poderiam existir duas da mesma pessoa ou algo assim.

Enquanto ela falava, os olhos de Kobari se abriram e, ainda recostado contra a parede, Kobari gritou:

— Sabe o que é estranho? Eu vi com meus próprios olhos. Um Suguro totalmente diferente.

— O senhor vai pegar um resfriado — disse Tōno, em um tom estridente.

— Eu… estou bem. Não sou nenhum fracote, sabe? — Ainda lutando contra a sonolência, bocejou, abrindo bem a boca. — O senhor é sensei Tōno, não é?

— Sou, mas…

— Me disseram no Swan, subindo a rua, que o senhor vem aqui o tempo todo. Eu estava esperando o senhor.

— O que o senhor quer? — Tōno pegou o hashi e o prato que a gerente lhe entregou.

— Água — pediu Kobari. — Preciso ficar sóbrio. Este homem aqui é sensei Tōno. Ele é um psiquiatra famoso.

— Eu sei. Ele é cliente há anos.

Kobari bebeu a água e chacoalhou a cabeça duas ou três vezes, tentando sair com dificuldade daquele pântano de intoxicação.

— Sensei, eu não disse nada estranho.

— Tenho certeza de que não.

— O senhor tem *certeza*? Tem certeza do quê? Isso é realmente falta de responsabilidade, sensei. O senhor é tão ruim quanto Suguro.

— Suguro?

— O senhor leu alguma das obras dele…? Os romances dele?

— Ah, o senhor está falando do escritor Suguro? Dei uma palestra com ele faz algum tempo.

— O que o senhor acha dele? O senhor não acha que ele tem dupla personalidade?

— Dupla personalidade? — Tōno franziu os lábios. — Essa é uma acusação grave. O que o senhor tem em mente?

— Sensei, é possível que existam duas personalidades totalmente separadas dentro de uma pessoa?

— Claro que sim. Todo mundo tem uma face que usa perante a sociedade e outra que reserva só para si. Com o senhor, não é diferente.

— Não, não estou falando desse velho sentido trivial. Quando uma pessoa tem duas personalidades que são radicalmente diferentes uma da outra, isso se chama dupla personalidade, não é? No caso de Suguro, ele mostra essa face boa para o mundo enquanto escreve seus livros, mas, às escondidas, está envolvido em atividades depravadas com mulheres. — Então Kobari estirou o copo diante da gerente, exigindo mais água. — Venho coletando evidências. Em breve, vou tirar a máscara dele… No entanto, eu gostaria de ouvir sua opinião como especialista.

— Opinião sobre o quê? — Tōno parecia irritado. — Tirar a máscara dele parece extremo.

— Ele está enganando muitos leitores. Um homem que empunha uma caneta deve responder à sociedade. Afinal, vivemos em uma época em que até mesmo um primeiro-ministro pode ser censurado por negligência e ser destituído da função. Qual é sua opinião sobre a dupla personalidade de Suguro?

— Não sei nada sobre o sr. Suguro ter dupla personalidade. Não tenho motivo para acreditar que ele tenha.

— E quanto a duplas personalidades no geral?

— Em geral? A questão aqui é que as pessoas não são, nem de perto, tão simples quanto pensamos. Existem muitas pessoas diferentes dentro de um indivíduo. Quando você faz o tipo de trabalho que eu faço, percebe isso.

Eu me deparo com casos tão estranhos que alguém como você não acreditaria.

— Casos estranhos, o senhor diz?

— Isso já faz algum tempo, claro, aconteceu quando eu era jovem, mas um paciente que estava hipnotizado de repente começou a falar chinês. Ele alegou que, em uma vida anterior, havia sido mercador em Xangai.

— Isso é ridículo.

— Não, é verdade. Em todo caso, o chinês dele parecia chinês mesmo, embora eu mesmo não possa garantir. Enquanto esteve em transe, esse paciente me contou sobre sua vida anterior com riqueza de detalhes.

— Tenho certeza de que foi apenas resultado de uma imaginação fértil.

— Não posso garantir. Houve muitos desses casos em países estrangeiros e, quando analisam os detalhes, descobrem que tudo o que os pacientes disseram é verdade.

A gerente colocou a faca na mesa e se juntou a Kobari para ouvir Tōno.

— Uma dona de casa em Roma alegou que existia uma câmara subterrânea que fazia parte dos vestígios de uma cidade medieval sob o ponto onde hoje está a Igreja de Santa Maria. Sob hipnose, ela descreveu a câmara com detalhes. Vários anos mais tarde… Entenda o que estou dizendo, vários anos mais tarde… a mesma câmara subterrânea que ela havia descrito foi descoberta exatamente onde ela disse que estaria.

— Não consigo engolir essa — discordou Kobari, endireitando-se na cadeira. — Deve ter sido algum tipo de encenação para enganar o médico.

— Não foi truque nem encenação. — Tōno deu um sorriso largo e tomou um gole de saquê. — O relatório do médico é bem preciso.

— Esse tipo de coisa pode mesmo acontecer? — A gerente suspirou. — É meio assustador.

— Sensei, é possível, de algum modo, uma pessoa estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo? — Kobari fez essa pergunta incomum sem dar nenhum aviso.

— O que isso tem a ver com o assunto?

— Uma pessoa pode aparecer em dois locais distantes ao mesmo tempo, exatamente no mesmo momento?

— Que relação tem isso com o sr. Suguro?

— Não… É… O que o senhor acha?

— Não posso negar essa possibilidade. Esse fenômeno é extremamente raro, mas já aconteceu. Discuti isso com alguém faz pouco tempo… É conhecido como *doppelgänger* e, no período Taishō, um grupo de alunas de uma escola primária no distrito de Iwate viu a professora em dois lugares diferentes no mesmo instante. De início, as treze alunas viram uma mulher, a imagem exata da professora, de pé ao lado dela enquanto ela escrevia no quadro negro. Mais tarde, quando ela estava na sala de costura, as alunas viram esse duplo fantasma do lado de fora da sala, no jardim… As alunas realmente viram.

— Chega dessas histórias misteriosas, sensei. — A gerente estremeceu. — Não vou conseguir andar até o banheiro à noite.

— Pode ser misterioso, mas é verdade.

Tōno pareceu gostar do choque que sua história provocara e tomou outro gole de bebida enquanto examinava os dois rostos desconfiados à frente.

— O que exatamente estava acontecendo lá?

— Bem, não sabemos. Isso está fora da área da psicologia, mas, no psicoespiritualismo, é chamado de projeção astral. A única explicação que temos como psicólogos é que as alunas estavam sob alguma espécie de hipnose em grupo. Mas também não existe evidência clara a sustentar essa explicação.

— Isso é um absurdo…

— É, é mesmo. De minha parte, enquanto trabalhava com isso, cheguei à conclusão de que os seres humanos não podem ser explicados em termos puramente lógicos. Eles são estranhos de verdade. Cheios de contradições, com camadas tão profundas que nunca chegaremos a imaginá-las… Um mistério totalmente insolúvel… O que acabei de lhe contar pode parecer um conto fantástico, mas é verdade. Qualquer coisa pode acontecer com as pessoas. Nós, cientistas, finalmente chegamos a essa conclusão.

Naquela noite, Kobari ficara perturbado com a conversa, mas, quando acordou no dia seguinte, o céu estava tão brilhante e claro que ele começou a se perguntar se havia sido enganado. Concluiu que os episódios assombrosos que Tōno relatara foram contados com a intenção de ser uma

grande brincadeira com a gerente e com ele ou algum truque do qual os médicos e as testemunhas foram cúmplices.

Após um dia inteiro de trabalho, ele parou no hospital em Harajuku. No dia em que seguira aquela mulher a quem Motoko se referira como "madame N", ela parara nesse hospital e conversara intimamente com alguém que parecia uma enfermeira da equipe. Talvez ele pudesse colher algumas pistas no hospital. Os corredores no fim da tarde estavam quase desertos.

— Com licença — disse, na recepção do ambulatório. — Esqueci o nome dela, mas tem uma enfermeira mais velha aqui. Ela deve ter uns cinquenta anos.

As três mulheres na recepção pararam de conversar e o examinaram, desconfiadas.

— Ela é dentuça assim. — Com uma cara séria, ele entreabriu os lábios e imitou o rosto com dentes salientes.

As mulheres caíram na risada e disseram:

— Essa é a enfermeira-chefe da pediatria. — Elas o instruíram a ir à ala da enfermaria pediátrica, no quarto andar.

O ar em um hospital mescla muitos odores. O aroma do cresol e o cheiro repugnante da área de serviço. Os odores corporais dos pacientes. Kobari estava indiferente ao cheiro de sofrimento que permeava os corredores.

Na enfermaria, um médico rabiscava algo em um pedaço de papel, e uma jovem enfermeira segurava um fone ao ouvido. Ele avistou madame N com um avental, carregando o penico de um paciente e dirigindo-se à sala de descarte. Não havia dúvida: era ela. Um líquido da cor dos chás de qualidade inferior flutuava solitário no penico.

Logo ela apareceu de novo e entrou em um quarto na extremidade mais distante do corredor. Kobari parou à entrada do quarto.

A porta estava aberta. Feixes de sol da tarde caíam sobre o corredor. Ele conseguia ouvir a voz dela, mas não conseguia vê-la. O nome na porta dizia "Shigeru Uchiyama".

— A estátua dourada do príncipe pediu um favor à andorinha. — Ele podia ouvir a voz dela através da cortina. — "Longe daqui, num vilarejo, mora uma mulher pobre com um menininho. Ela ganha a vida bordando. O filho dela está com febre e implora por laranjas, mas ela não tem dinheiro suficiente para comprar as frutas. Você pode pegar o rubi do cabo da espada

e dar a ela?" A andorinha planejava voltar para os amigos em sua casa quentinha em uma terra distante. Mas não podia negar o pedido do príncipe, então pegou o rubi do cabo da espada no bico e o entregou à mãe. Com o dinheiro que ganhou vendendo o rubi, o menino ficou bom outra vez.

— O que aconteceu depois? — Uma voz de menino queria saber mais sobre a história.

— No dia seguinte, quando a andorinha foi se despedir da estátua, o príncipe lhe pediu para ficar na cidade só mais uma noite. "Há um pobre jovem na cidade. Ele quer terminar uma peça de teatro para apresentar, mas não pode comprar lenha para aquecer suas mãos frias e dormentes. Por favor, entregue um de meus olhos para esse jovem desafortunado. Ele é feito de safiras raras." A andorinha disse que não poderia fazer algo tão cruel, mas o príncipe disse: "Andorinha, andorinha, pequena andorinha, faça o que mando". Então a andorinha arrancou um dos olhos do príncipe e o levou para o quarto do jovem. O rapaz, sem saber o que acontecera, pôde comprar lenha e terminar a peça.

Enlaçadas às palavras de sua história vinham ocasionais perguntas e estímulos em uma voz de criança mimada. A conversa entre os dois foi uma decepção para Kobari.

— No dia seguinte, o príncipe pediu à andorinha que ficasse outra noite. "Há uma vendedora de fósforos muito pobre na cidade. Por favor, leve o olho que me restou para ela." "Príncipe, se eu levar seu olho, você não poderá mais enxergar nada", protestou a andorinha. Mas o príncipe disse: "Andorinha, andorinha, pequena andorinha, faça o que mando". Então a andorinha levou o outro olho do príncipe para a vendedora de fósforos. Graças a esse presente, a menininha não precisava mais ficar em esquinas geladas.

— O que aconteceu com a andorinha depois?

— Embora seus amigos já estivessem em um país quente, essa andorinha ficou para trás. Não podia abandonar o príncipe. Uma noite, houve uma imensa tempestade de neve. Enquanto a neve caía, a andorinha batia as asas, lutando contra o frio. Teve certeza de que ia morrer. Com o que restava de suas forças, subiu nos ombros do príncipe e sussurrou: "Adeus, querido príncipe. Adeus…".

Nesse ponto, ela interrompeu a fala por um instante, até ensinar o menino a fazer suas preces:

— Shige-chan, repita comigo: “Pai do céu, me ajude a ser um bom menino”.

— Pai do céu, me ajude a ser um bom menino.

— Pai do céu, por favor, seja gentil com todas as crianças como eu. E eu serei gentil com elas também.

— Pai do céu, por favor, seja gentil com todas as crianças como eu. E eu serei gentil com elas também.

— Pai do céu, me ajude a dormir tranquilo nesta noite.

7

Sua mulher estava praticando *nagauta*[8] quando tocou o *samisen*[9]. Estava tão envolvida com a música que nem percebeu o marido entrar no quarto. *Finalmente chegamos a um nível tranquilo o bastante de compostura no casamento, então ela pode desfrutar desse passatempo*, pensou Suguro.

— Que música é esta?

— "Yokobue" — respondeu ela, com uma graça atípica; na sequência, começou a cantar de novo:

> As túnicas dos camponeses estão inebriantemente perfumadas
> Com o cheiro das flores
> No Porto das Ameixeiras, os ventos da primavera sopram.

Ignorado, ele foi até a janela e olhou para o jardim. Os brotos das árvores ainda estavam bem fechados, apesar de já ser março.

— Foi tão longo o inverno neste ano… — murmurou ele, genuinamente.

As palavras não se destinavam à mulher em particular, mas, logo que ele as pronunciou, ela parou de tocar para afinar o instrumento e, em resposta, disse:

— É porque nós envelhecemos. De agora em diante, todos os invernos vão parecer longos e cobrar seu preço.

— Imagino que sim. Você não vai sair hoje?

— Não, fui ao grupo de treinamento de voluntárias ontem. Ah, falei com a sra. Naruse pela primeira vez.

A corda do *samisen* soltou um som agudo.

Assustado, Suguro perguntou:

— Sobre o que conversaram? — Ele ainda não contara à mulher que conhecera madame Naruse em uma cafeteria nem que jantara com ela.

— Sobre trabalhar como voluntária. Ela tinha muita informação para dar.

Ele aquiesceu, aliviado.

— A sra. Naruse contou que tem uma criança na ala pediátrica de quem ela cuida. O garoto acabou de passar por uma cirurgia, e tudo correu bem, pelo que disse. Estava muito feliz por isso. Aparentemente, ela vai todo dia cuidar dele.

Com certeza madame Naruse sabia sobre a morte de Motoko, mas como reagira? Suguro não ouvira nenhuma notícia dela desde a última vez que se encontraram, sem dúvida porque ela estivera ocupada cuidando de Shige. No entanto, fazia muito tempo desde que ela tivera contato com ele. Suguro percebeu, um tanto surpreso, que estava ansioso para revê-la.

Olhou de relance para a mulher, que pegara o *samisen* para tocar. De imediato, seu instinto de escritor o impeliu, como sempre, a analisar por que se sentia daquela maneira com relação à madame Naruse. A resposta era óbvia. Ele jamais conhecera mulher assim, nem mesmo escrevera sobre uma. Uma mulher tão impregnada de contradições. Uma mulher que parecia ter um coração tão frio e que, no momento seguinte, se transformava em um indivíduo surpreendentemente amável e atencioso. Jamais encontrara uma mulher dessas antes. E, por comparação (ele se deu conta de que esse pensamento era uma profanação de sua mulher e rapidamente o abafou), tinha uma breve sensação de opressão quando examinava sua inexpugnável cônjuge.

— Queria perguntar uma coisa sobre Mitsu — disse, por sobre o ombro da mulher, mudando de assunto para que ela não interpretasse suas emoções.

Ela, porém, não pareceu ouvi-lo por trás do som do *samisen* e continuou a tocar atentamente com sua palheta.

Não vou mais ver a madame Naruse… Não devo vê-la.

Ele apoiou os cotovelos na escrivaninha e repetiu essas palavras para si mesmo. Mesmo quando as repetia em sua mente, as reconheceu como sons vazios e, no fundo, sabia que estava ansioso para entrar em contato com ela.

Chegou um pacotinho. Estava bem embrulhado com papel pardo e não tinha endereço de devolução. Dentro havia um livro. Ele soube de pronto que era dela. Quando abriu a capa, viu um bilhete dentro.

> Desculpe a presunção, mas quis enviar-lhe um de meus livros favoritos. Não se encontra mais nas livrarias, então terá que me perdoar por enviar meu próprio exemplar. Na próxima quarta-feira, o senhor pode me encontrar às seis horas em um restaurante chamado Shigeyoshi na Omote Sandō? Gostaria de retribuir de alguma maneira o jantar que pagou para mim. Se essa noite não for conveniente para o senhor, por favor me escreva no endereço abaixo. Se eu não receber notícias suas, vou supor que me encontrará lá. A comida é muito boa. Por favor, tente aparecer.

Suguro leu o bilhete repetidas vezes, como um colegial que recebeu a primeira carta de uma garota. Enquanto o tempo passava, o desejo de evitá-la e a curiosidade sobre essa mulher singular haviam se emaranhado e duelado dentro dele. No momento em que abriu o envelope, porém, a curiosidade saiu vitoriosa.

O livro era uma biografia de um guerreiro medieval, Gilles de Rais, famigerado por seus crimes de infanticídio. Enquanto Suguro folheava as páginas, seus olhos encontraram por acaso passagens que madame Naruse marcara com caneta vermelha. A cada círculo vermelho, sentia como se visse o perfil dela e ouvisse sua voz enquanto ela lia e pensava sobre o que estava escrito ali. Será que ela fez essas anotações em vermelho e mandou o livro para ele devido à frustração por não ser capaz de deixar claros seus verdadeiros sentimentos pessoalmente? Acima de uma das passagens marcadas de vermelho ela escrevera palavras com a mesma mão hábil com que escrevera a carta. Parecia, uma vez que Suguro lera até aquele ponto, que ela havia aberto os olhos determinados para pedir que ele compreendesse.

> Como essa ira desabrochou? Como a ira proporciona uma experiência tão intensa de prazer? Enquanto lia este livro, senti que existe alguma força violenta e oculta que rejeita explicações, que desafia todos os preceitos da moralidade.

Suguro terminou de ler o livro em dois dias. Gilles de Rais fora companheiro de armas de Joana D'Arc, mas, como sua biografia explicava, ele procurara, por brutalidade, alcançar os mesmos patamares de enlevo que Joana alcançara por êxtase religioso. Um indivíduo atinge o auge do êxtase apenas tornando-se um santo ou um transgressor cruel. Gilles de Rais chegara a essa conclusão ao observar Joana D'Arc.

> Poe entendia a ira, assim como Dostoiévski… A ira é uma convulsão que pode acometer até mesmo às crianças… Ela se apoderou das crianças no conto "The Hunted Beast" [A fera assustada], de T. F. Powys, que arrancaram os olhos de um coelho que haviam capturado na região de Downs, na Inglaterra, e dominou o sr. Gidden, vigário bondoso e pacífico que

> topou com elas e que, vendo o que haviam feito, sentiu-se atordoado por um desespero voluptuoso. Ele perseguiu as crianças, mas…
>
> … os meninos escaparam de suas mãos e fugiram. A menina, no entanto, não teve tanta sorte…
> O sr. Gidden se atirou sobre ela. Rasgou suas roupas… Bateu nela, caiu sobre ela em sua fúria e a segurou pelo pescoço…
> Durante a luta, o sr. Gidden desejara fazer a pior coisa que um homem poderia fazer. Ele desejara violá-la.

Poe nos deu um retrato aproximado da ira em seu conto "O gato negro". Nele, o narrador de Poe descreve a ira como um reflexo contra a lei moral. Ele a chama de…

> o espírito da PERVERSIDADE… Não tenho mais certeza de que minha alma vive do que a certeza de que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das faculdades, ou sentimentos, primárias indivisíveis, que dão direcionamento ao caráter do homem. Quem não se viu cem vezes cometendo um ato vil ou estúpido por nenhum outro motivo exceto o de saber que *não* deveria? Não temos uma inclinação perpétua, mesmo contra nosso melhor juízo, a violar aquilo que é *lei*, simplesmente porque a entendemos como tal? Esse espírito da perversidade, digo eu, veio para minha derrota final. Era o anseio incomensurável da alma de *atormentar a si mesma* – propiciar violência de sua própria natureza, fazer o mal apenas pelo mal – que me impulsionava.

Seu relógio de mesa persistia no tique-taque regular, e a tênue luz de sua luminária incidia nele e no livro sobre o qual estava debruçado. Havia várias fotografias e inscrições pequenas emolduradas na parede. Uma delas apresentava as palavras que Madre Teresa, que visitara o Japão havia pouco tempo, escrevera especificamente para este romancista cristão japonês: "O Senhor o abençoará por meio das coisas que escreve".

Enquanto olhava para a inscrição, com sentimentos tão educados e sinceros quanto os de uma colegial, Suguro sentiu como se houvesse se afastado demais para merecer qualquer bênção. *Sou um romancista. Um romancista que tem que sujar as mãos nas reentrâncias mais profundas do coração humano. Tenho que enfiar as mãos mesmo que encontre ali alguma coisa que Deus jamais abençoaria.* Diante de si havia um livro que descrevia a vida de um homem. Um homem chamado Gilles de Rais…

Com uma das mãos ele erguera igrejas para a glória de Deus e prestara homenagem aos sacerdotes; com a outra mão, atraíra dezenas de crianças para seu castelo e as matara, uma a uma. Sua primeira vítima fora um jovem cantor do próprio coral do castelo. Ele abraçara o garoto, afagara-o e

o cobrira de mimos, mas, no decurso dessas atenções, seus afagos se transformaram em uma ira sanguinária.

> Há a história do menino mendigo que estava em uma das duas filas de crianças pedintes diante do portão do castelo em Machecoul. Quando chegou a vez dele de receber esmola, foi convidado a entrar no castelo com o amável pressuposto de que a criança não havia recebido nem sequer um pouco de carne na primeira vez em que distribuíram comida. Ele nunca mais foi visto. E há a história do menino de treze anos que fora levado ao castelo para se tornar pajem. Um dia, ele chegou radiante em casa, com esta notícia para a mãe: haviam lhe dado permissão para limpar o quarto do grande lorde De Rais e o haviam brindado com uma das fatias redondas do pão que fora assado para o barão, o qual – veja bem – o menino levara para casa. Depois o garoto voltou, "e essa foi a última vez que viram o filho".

Antes, teria lido essas palavras com repulsa, mas ele as vasculhava com atenção agora, ouvindo o apelo de madame Naruse entre cada linha.

> Como essa ira desabrochou? Como a ira proporciona uma experiência tão intensa de prazer…? Enquanto lia este livro, senti que existe alguma força violenta e oculta que rejeita explicações, que desafia todos os preceitos da moralidade.

Na noite designada, Suguro abriu a porta de vidro da entrada do Shigeyoshi. Ao que parecia, chegara cedo: havia apenas dois cavalheiros que aparentavam ser executivos sentados ao balcão, bebendo lentamente saquê. O dono, que estava cortando ingredientes com uma faca, disse que madame Naruse avisara que Suguro iria e acompanhou o escritor até uma mesa no fundo do restaurante.

Mais ou menos às seis horas e cinco minutos, ela entrou, vestindo um casaco bege e o que parecia ser um lenço italiano. Eles se sentaram de frente um para o outro, tomando o chá que a garçonete servira, olhando por cima do cardápio e conversando sobre coisas triviais. Eles não mencionaram o livro nem a morte de Motoko. Enquanto conversavam, quatro ou cinco fregueses entraram no restaurante. Eles cumprimentaram madame Naruse com um aceno de cabeça, talvez reconhecendo seu rosto, e um deles lançou um olhar surpreso de reconhecimento quando viu Suguro.

Quando terminaram de pedir o jantar, Suguro disse:

— Pois bem.

— Pois bem — respondeu ela, com seu sorriso habitual.

Essa fala era um sinal de que estava na hora de começar o assunto que eles dois sabiam que precisava ser discutido.

Suguro colocou um pouco de saquê no copo dela.

— Recebi o livro e a carta.

— Sim. — Ela fechou os olhos como se fosse uma paciente recebendo uma injeção no braço.

— A senhora sabia que Motoko tinha morrido.

— Sabia.

— A polícia veio vê-la?

— Não. Por quê?

— Ah, eu pensei que talvez quisessem conversar com a senhora.

— Foi suicídio. Ela deixou um bilhete.

— Sim, foi o que disseram no telejornal.

O dono e os clientes no balcão trocaram risadas, e uma garçonete se virou para a cozinha e gritou "três garrafas de saquê". Nenhum deles prestava atenção na conversa entre Suguro e madame Naruse.

— O senhor não vai tomar nada, sensei?

— Não posso. Meu médico não deixa. Mas não pare de beber por minha causa. Não me incomoda em nada.

A garçonete trouxe um prato azul com ovas de tainha secas cortadas em fatias finas.

— Fazem dessas ovas aqui — explicou ela. — Meu marido gostava muito.

— Seu marido também vinha aqui?

— Conhecia o dono mesmo antes de ele abrir o restaurante.

— A senhora sabia com antecedência que Motoko ia se suicidar? — Decidiu preparar uma armadilha para ela.

— Sim, sabia.

Graciosamente, ela estendeu o hashi, pegou um pouco da ova e a levou à boca. Estava completamente serena.

— E a senhora não a impediu?

— Não.

— Por que não?

Ouviram-se mais risadas vindas do balcão. Nenhum deles fazia ideia do tipo de discussão que tinha andamento entre as duas pessoas sentadas lá do fundo. A conversa deles era amarrada por palavras como "útil" e "competição".

— É esse o poder da ira, então? — perguntou Suguro, casualmente, como se comentasse um jogo de golfe. — São as bonecas de que a senhora falou, aquelas que começam a dançar no meio da noite.

— Sim.

— A senhora poderia me explicar isso de forma um pouco mais detalhada?

— Com prazer.

Ela estendeu o hashi outra vez. O movimento em direção à boca, os lábios que lenta e deliciosamente saboreavam a comida… Suguro sentiu seus olhos começarem a nadar. E ela passou a falar.

— Ela sempre disse que era assim que queria morrer. Expressou esse desejo para outros amigos também. No começo, achei que era brincadeira. Entendo que muita gente diz a mesma coisa enquanto faz amor. No entanto, várias vezes ela me alertou. Ela disse que no ano seguinte ia morrer de verdade. Eu lhe disse "tudo bem, vá em frente". No Ano-Novo, eu me encontrei com ela em um hotel e lhe perguntei se queria mesmo morrer neste ano.

Madame Naruse falava com indiferença, como se repetisse uma fofoca sobre uma amiga em comum. Suguro pensou na expressão extenuada que vira em seu rosto no hospital.

— Gostaria que eu lhe contasse sobre aquele dia? Passamos o Ano-Novo juntas em um hotel em Yoyogi. Quando o programa de competição musical terminou na televisão, passamos para um show idiota em outro canal. Enquanto a televisão ecoava, ela ficou gritando repetidas vezes para eu matá-la. Eu disse para ela que ela precisava morrer neste inverno, e ela prometeu que morreria.

— A senhora estava falando sério?

— Sim, ou mais ou menos sério. E eu queria saber como seria. Eu escrevi sobre isso na carta que mandei com o livro. Sobre uma força no coração que transcende a racionalidade, uma força que pode se transformar em ira ou em depravação. É uma força feroz que os princípios morais nunca têm a esperança de dominar, e ela nos arrasta para as profundezas do poço… E será que também pode nos impulsionar em direção à morte? Se verdadeiramente nos colocarmos nas mãos dessa força, será que a morte pode ser preenchida com prazer? Eu queria… observar isso em Motoko.

— E foi por isso que a senhora não a impediu.

— Foi.

Quando a garçonete serviu duas pequenas tigelas, eles pararam de falar até que ela houvesse saído. Madame Naruse levou o baiacu em fatias finas à boca. Entreabriu ligeiramente os lábios, e a delgada tira de peixe

desapareceu como um inseto sendo sugado para dentro das pétalas de uma flor. O movimento de suas bochechas transmitia a Suguro o lento deleite que provinha do sabor do prato.

— Detesto beber sozinha. — Ela esvaziou a xícara. — Tem certeza de que não quer um pouco? É exatamente como eu imaginava ao ler seus livros… O senhor é um covarde, não é?

Talvez ela estivesse bêbada: renunciara ao tom de voz normalmente cordial e partira para cima dele de maneira agressiva.

— Culpa do meu médico.

— Quem se importa com seu médico? Que diferença faz?

Sem saber o que fazer, Suguro pegou a xícara.

— Tudo bem, vou tomar uma dose, se me contar o resto. Motoko não entrou em contato com a senhora antes de morrer?

— Ela falou comigo, sim. — Madame Naruse sorriu como se esperasse por essa pergunta. — Três noites antes de eu ligar para o senhor, conversei com ela por telefone durante bastante tempo. Ela me perguntou se, depois de morrer e nascer de novo, a gente poderia se encontrar na próxima vida. Conversamos até bem tarde da noite sobre transmigração e reencarnação. Contei a ela sobre a cirurgia de Shige e pedi, se ela fosse morrer, para se certificar de que Shige vivesse em seu lugar. Quando estávamos para desligar, ela me contou que ia morrer no fim da tarde seguinte.

— Então a senhora sabia até mesmo em que dia ela ia morrer?

— Sabia.

— E não tentou impedi-la — repetiu Suguro. — A senhora deixou ela levar adiante.

— Aquilo a deixou feliz. As atividades insignificantes de cada dia, a espera nas esquinas por clientes para desenhar… Nada disso dava significado à vida dela. Só quando ela se rendia às paixões é que sentia valer a pena. Se mergulhar no turbilhão e morrer era sua única fonte de felicidade e significado, como eu poderia impedi-la? Apesar de que, naquela noite, fui até bem perto do apartamento dela.

— Foi? Por quê?

— Não pude resistir. Motoko ia morrer logo… Sabendo disso, quis estar perto dela e compartilhar a experiência. Eu me sentei em uma pequena cafeteria próxima ao apartamento dela com uma xícara de chá-preto e esperei durante, não sei, umas duas horas. Três operários jogavam

algum tipo de jogo. Um caminhão pequeno apareceu vendendo verduras e legumes, e donas de casa da vizinhança se aglomeraram do lado de fora da janela. O céu de inverno espreitou por entre os edifícios. Está vendo como me lembro bem de tudo? Olhei várias vezes para o relógio… já eram quatro horas, já eram quatro e meia, já eram cinco… Ela está fazendo aquilo naquele instante, eu imaginava, naquele exato momento. E, pela primeira vez em muito tempo, vi uma cabaninha envolta em chamas. Eu podia ouvir os gritos das mulheres e das crianças. Cheguei a sentir o cheiro da fumaça e das ruínas carbonizadas. Quando voltei a mim, já anoitecera… Eu me levantei e fui embora da cafeteria. Quando saí, sabia com certeza que Motoko havia mantido sua palavra e morrido no auge do êxtase.

Ela interrompeu a história e ficou em silêncio. Suguro também não disse nada, apenas olhou para o hashi em seu prato. Ele tinha a sensação de que não havia palavras que descrevessem o que estava passando pela mente dela… Ou melhor, por uma câmara macabra em algum lugar muito mais profundo de sua alma. Aquela coisa macabra, sinistra, que reside em todos os corações. Mesmo sendo um escritor criativo, ele não fazia ideia de como defini-la ou interpretá-la… Seu único recurso era calar-se. A única coisa que podia ser dita era que a história que ele acabara de ouvir era uma história sobre o mal. Não um relato sobre o pecado como aqueles que ele escrevera ao longo dos anos, mas uma história sobre o mal.

— O próximo prato é testículo de peixe — anunciou a garçonete.

— Gosta de testículo, sensei?

— Eu… — Exausto, Suguro chacoalhou a cabeça. Estava verdadeiramente esgotado. — Não quero.

Ele queria voltar para casa, para a mulher. Embora às vezes se sentisse sufocado lá, queria ir para casa.

— Ah, mais uma coisa. Seu retrato… Ela me deu. De lembrança.

— Não sou eu naquele retrato.

— Ah, certo. O impostor… — Ela aquiesceu, sorriu e pediu a sobremesa para a garçonete. — Estaria interessado em encontrar seu sósia?

— O quê? — Devido à surpresa, sua voz saiu inesperadamente alta. — Por que diz isso?

— Motoko me apresentou a ele. Eu não contei ao senhor sobre isso.

— Que tipo de homem ele é?

— O senhor mesmo deveria perguntar a ele. O senhor sempre cruza os braços e ouve o que as pessoas contam, sensei, mas nunca age por conta

própria. O senhor nem sequer bebe. Mesmo quando escreve, não vai até o fim. Nunca magoa ninguém… O senhor simplesmente foge.

Ela estava sorrindo, mas Suguro sentiu uma provocação inédita em seu olhar audacioso.

— A senhora vai me ajudar a encontrar esse homem? — perguntou ele, com a voz rouca.

— O senhor teria algum tempo livre na próxima sexta-feira?

— Na próxima sexta-feira… Dia 13?

— Sim, isso mesmo… É um dia de azar para as pessoas, não é? Para os cristãos, é o dia em que Jesus morreu.

— É o que dizem.

— O senhor pode ir a este endereço nesse dia? Talvez o senhor consiga se encontrar com ele. — Ela abriu a bolsa, pegou uma caneta esferográfica prateada e desenhou um mapa em um porta-copos. — Vamos esperar o senhor.

8

Kanō pediu a Suguro que o esperasse no segundo andar do Tokyo Hall após a reunião com o comitê executivo do PEN Club. Em uma saleta daquele andar serviram chá e café. Para além da janela, via-se o fosso do Palácio Imperial, e estava chovendo. Enquanto olhava para o fosso encoberto pela chuva, Suguro pensou naquele dia no início do inverno quando recebera o prêmio de literatura. Também naquele dia, os muros de pedra do palácio estavam molhados de chuva. Naquele dia, o impostor aparecera pela primeira vez, e agora… Até que enfim o dia em que poderia confrontar aquele homem estava próximo. Kanō terminara alguma conversa e, com rosto abatido e inchado, se aproximou de Suguro. Estava massageando um dos ombros com a mão direita.

— Ah, que droga, que droga. Acho que não tem jeito de deter a maré da velhice que se aproxima. — Ele parecia murmurar para si mesmo. — Eu queria conversar com você sobre a ideia de o PEN Club fazer alguma coisa para o funeral de Yamagishi.

Eles conversaram sobre os cultos que aconteceriam em breve para o velho crítico, que morrera apenas dois dias antes. Embora o considerassem "velho", Yamagishi era somente uns cinco anos mais velho que Kanō e Suguro.

— Os próximos somos nós — disse Kanō, taciturno. — Lembro-me de Hideo Kobayashi uma vez me perguntar se eu estava preparado para a morte… Ainda não escrevi nada que me permitiria morrer em paz, sabendo que deixei como legado uma obra adequada para o mundo.

— É, é assim que todos nós nos sentimos. Só uma obra-prima. Eu fico pensando que vai ser a próxima coisa que eu escrever e então a próxima depois dessa…

— Mas você é diferente de mim. Você construiu um arcabouço literário sólido que é só seu. Alguém na editora disse que tem um grupo de dez mil leitores que sairão e comprarão qualquer romance seu.

— Não são tantos assim.

— São, sim. Então tem que tomar o cuidado de proteger a imagem que os leitores têm de você. Se, por alguma razão perversa, você decidisse derrubar esse arcabouço… — disse Kanō com suavidade, depois transferiu o olhar para a janela. — Tem certeza de que não está frequentando nenhum lugar estranho?

Então era disso que ele queria falar, percebeu Suguro.

— É o mesmo alerta de antes? Não estou frequentando nenhum desses lugares.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Acredito, então. Mas também é verdade que existe um boato de que você saiu de um hotel em Akasaka no meio da noite com uma mulher. Se uma revista como a *Focus* ou a *Emma* publicar uma foto sua nesse tipo de lugar…

— Nunca estive lá. Mas… — Ele tentou engolir a palavra mesmo enquanto ela saía da boca.

— Mas… O quê?

— Não é nada.

— Cuidado com o repórter que veio me ver. Ele é persistente.

Kanō olhou por mais alguns instantes para a xícara diante dele, depois estendeu a mão para apanhar a conta. Suguro a pegou, ao que Kanō acenou com a cabeça, levantou-se e saiu. Enquanto se afastava, pareceu mais cansado que nunca.

* * *

Era um dia estranhamente quente, então Suguro e a mulher, que fora limpar o escritório, saíram para a primeira caminhada em semanas. Eles não andavam juntos fazia algum tempo porque o clima frio incomodava as juntas dela. Suguro desceu a ladeira devagar, bem devagar, como se protegesse a esposa.

— Estou tão sem fôlego depois de ficar sem andar esse tempo todo. — Ela se deixou cair em um banco, arfando.

— É só questão de se reacostumar. Ninguém morre de artrite. Depois que esquentar, você vai se sentir bem melhor.

Ele sabia qual dos dois morreria primeiro. Era ele quem tinha problemas crônicos no fígado havia muitos anos. Era ele quem tinha só um

pulmão. Todos os meses, depois que o médico tirava sangue de seu braço, ele alertava Suguro para não exagerar.

— Gostei muito da viagem a Kyushu. — Ela estivera olhando distraidamente para o céu distante antes de falar. Então, como se houvesse se lembrado de súbito, acrescentou: — Eu fico pensando como será que está aquele sacerdote.

Ele sabia que a mulher vinha recordando os dias de folga em Nagasaki repetidas vezes desde que voltaram. Era uma das lembranças felizes compartilhadas pelo casal idoso.

— Às vezes penso nele antes de dormir. Pela vida que ele levou, acho que deve ser um verdadeiro pobre de espírito.

— De certa maneira, você é pobre de espírito também.

— Está sendo irônico?

— De forma alguma. Ao contrário de você… — Outra vez ele tentou engolir as palavras, como fizera com Kanō na noite anterior. Diferente de você, nunca vou me tornar pobre de espírito. Tenho segredos que não lhe contei. Existe um homem que tem exatamente a mesma aparência que eu, e devo encontrá-lo muito em breve. Um homem que é sórdido e feio…

— Querido, por acaso tem alguma coisa que você queira me falar? — Ela se virou para ele inesperadamente. Havia ansiedade em seu rosto.

— Por quê? Claro que não.

Enquanto ele examinava as pálpebras enrugadas da esposa, pensou: *não quero trazer lágrimas a esses olhos. Resta-nos tão pouco tempo juntos…*

— Não se preocupe — falou ele, como um sacerdote no confessionário. E rapidamente mudou de assunto: — Sobre Mitsu… Já que devolveu o dinheiro, o que você acha de ela trabalhar aqui no escritório de novo?

— Pensei na mesma coisa. Então liguei para ela, mas ela falou que já encontrou outro emprego de meio período.

— É um bom emprego?

— A… A sra. Naruse a conheceu no hospital e pediu para a garota ajudá-la duas vezes por semana. Acho que vai ser muito bom para Mitsu… A sra. Naruse pode ensinar muita coisa para ela.

— Mitsu já concordou? — Sua voz saiu mais alta do que ele previra.

— Ela disse que sim. Alguma coisa errada?

— Não, mas é uma pena. Acabei gostando dela.

Ele não se esquecera do modo como ela segurara a toalha contra sua cabeça febril nem do cheiro de mofo do suéter dela. Tampouco do sorriso genuinamente afável.

Ele tentou não deixar que isso o incomodasse, mas o encontro com madame Naruse ficava voltando à tona em seu coração como bolhas de gás metano. "Estaria interessado em encontrar seu sósia?" Essa oportunidade surgiria dali a apenas três dias.

À medida que os dias passavam, a sensação de que ele devia confrontar seu sósia aos poucos se transformou em aversão e em um desejo de antecipar o encontro. Suponhamos que ele pressionasse o homem em busca de respostas. Ele provavelmente exibiria seu sorriso derrisório e deixaria escapar alguma desculpa ou evasiva. No mínimo, ele tinha que extrair uma promessa de que o homem pararia de usar seu nome, mas não tinha poder algum de proibir as ações dele. Então como ia provar que não era ele a pessoa rondando esses bairros infames?

E por que esse homem aparecera de repente neste inverno? Onde estivera escondido até então? Após a chegada dele, surgira uma rachadura nos alicerces que sustentavam a literatura de Suguro. E ela afetara mais que apenas sua produção literária… Uma fissura atravessara sua vida pessoal. É como se esse homem houvesse deixado algum mau presságio na soleira da porta de Suguro. Ele lembrou que o velho de *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, perdera tudo como consequência de seu encontro com um belo garoto. Que idade tinha o personagem… Já passara dos 65, como Suguro?

No decorrer dos anos, Suguro chegara à conclusão de que Deus age sem aviso. No entanto ele jamais pensara que, a essa idade avançada, Deus infligiria um golpe desses no mundo que erguera para si mesmo.

Anoiteceu.

Ele estava imóvel, curvado na cadeira do escritório. O telefone tocou na sala de estar. Ele soou persistentemente, desafiando sua habitual determinação de deixá-lo tocar.

O barulho parou. Quando suspirou de alívio, recomeçou a tocar. Ele permaneceu na cadeira. Continuou com o trabalho, mas o telefone ergueu sua voz insistente uma terceira vez. Incapaz de suportar mais, ele pegou o fone.

— Alô?

Pelo telefone, ouviu a voz baixa de Kurimoto.

— Então o senhor está aí, afinal. Demorou tanto para atender… É o sr. Kanō. Ele desmaiou e foi levado para o hospital…

Kurimoto não conseguiu continuar.

A primeira reação de Suguro foi raiva. Ele já estava farto dessas brincadeiras ridículas e estava irritado. Kurimoto, porém, não era o tipo de homem que pregaria tais peças.

— Foi tão repentino que a sra. Noriko era a única pessoa que estava presente quando ele morreu.

A sra. Noriko era a mulher que cuidara de Kanō durante aqueles cinco anos desde a morte da mulher dele. Ela administrava um bar, mas era fã das obras literárias de Kanō, e os dois acabaram se relacionando. No entanto, Kanō não gostava de falar sobre ela com velhos amigos, como Suguro.

— Ele deve ter sentido dores no peito por mais ou menos meia hora. Morreu enquanto os médicos o atendiam.

— Estou a caminho. Qual hospital?

— Não fica longe… Hospital Ōmori. No entanto, vão levar o corpo dele para casa agora mesmo, então, por favor, vá para lá.

Ele se aprontou depressa, telefonou para um táxi e deu ao motorista o endereço de Kanō.

Em sua mente, via a figura cansada de Kanō quando se sentaram na sala de estar após a reunião do PEN Club havia apenas cinco dias. Naquela noite, o rosto dele estava sombrio e soturno e inchado, diferente da costumeira expressão de jovialidade dissimulada. Teria sido um presságio de sua morte? Mas de que ele se cansara tanto? Ele pensou nas muitas relações sólidas que Kanō estabelecera no mundo literário. Estivera presente em cada reunião do conselho administrativo sem exceção e era considerado espontâneo pelos jovens editores que saíam para beber com ele até tarde da noite. Entretanto, um lado nervoso, misantropo, de Kanō aparecia nos romances. Talvez somente seus velhos amigos tivessem verdadeira consciência desse aspecto de seu caráter.

As ruas noturnas surgiram pelo vidro do táxi. Nada no cenário havia mudado. O céu de inverno estava pesado; nos cruzamentos, caminhões e carros paravam e avançavam, avançavam e paravam. Do lado de fora de uma loja de aparelhos elétricos, um jovem funcionário içava caixas de papelão. Tangerinas brilhavam diante de uma banca de frutas. Apesar de Kanō ter morrido, nada mudara. Suguro sentia a mesma raiva de antes;

também o irritava o fato de que sua mente ainda não aceitara a morte de Kanō.

Na frente da casa, ao fim de uma estreita rua residencial, editores vestidos de preto haviam preparado uma mesa para a recepção, e conversavam com figuras literárias como Segi, que aparecera correndo ao saber da notícia. Talvez as luzes elétricas parecessem brilhar tanto devido ao reflexo na madeira não polida do caixão e devido ao fato de o monte de crisântemos no fundo da casa ter uma luminescência própria. A sra. Noriko, com os olhos vermelhos de chorar, sussurrou para Suguro que olhasse o rosto de Kanō. O rosto do cadáver empalidecera, como se fosse feito de cera, e as sombras da dor permaneciam entre as sobrancelhas. Suguro olhou atentamente para aquele rosto, querendo esculpir em sua própria mente o rosto de seu amigo de longa data que enfim completara a vida.

... Vou me encontrar com você... do outro lado da vida, murmurou de si para si. *Não importa o que aconteça, você e eu... Nós vivemos, e escrevemos*.

A realidade da morte de Kanō de súbito lhe pesou, e as lágrimas rolaram. O número de pessoas no funeral começou a aumentar; no cômodo ao lado, onde haviam servido comida para quem estava no velório, Shiba, outro dos antigos amigos do círculo literário, havia chegado. Shiba desistira de se tornar crítico e dava aulas em uma faculdade para mulheres. Ele se tornara um homem totalmente sem graça, apesar da vitalidade de antes.

Enquanto servia cerveja em um copo, Shiba disse:

— Achei que ainda nos restava bastante tempo, mas, agora que Kanō se foi, sinto como se a morte estivesse bem à frente.

Suguro aquiesceu.

— É verdade. Os nossos vão definhar um a um.

Segi, que estava sentado diante dele, murmurou com um sorriso sombrio:

— O próximo… serei eu, suponho.

Era meia-noite quando ele disse algumas palavras de condolência à sra. Noriko, deu mais uma olhada no rosto de Kanō e deixou a casa. O táxi que ele chamara não estava em parte alguma. Jamais imaginara que sentiria tanta dor com a morte de Kanō.

O rangido da cadeira quando o médico virou de costas para o prontuário com os exames incomodou Suguro mais que de costume.

— Seu nível de TGP está em 105, e o de TGO aumentou para 188. Devo aconselhá-lo a ir ao hospital… Se não fizer nada, com esses níveis, as coisas podem piorar de repente.

Suguro olhou para o longo prontuário de exames que o médico pusera na mesa. Estava estranhamente sereno diante da notícia. A única sensação que o perpassava era a percepção de que ele estava cada dia mais perto do mundo em que Kanō morava. É isso o que significa a velhice.

— Ir para o hospital neste exato momento… seria difícil.

— Mas…

— Vou me esforçar ao máximo para ir com calma. Vou considerar a possibilidade de ir depois do próximo exame.

— O senhor não vai sentir dor nem desconforto no fígado até que não exista solução. Quando começar a ter hidropsia abdominal, vai ter cirrose. Tem de ser controlado antes de chegar a esse ponto.

— Entendo — aquiesceu, mas se opôs firmemente a ser hospitalizado.

Sentou-se no canto de um banco no metrô no caminho para casa. Cruzou as mãos sobre o colo e olhou absorto os cartazes publicitários no trem. Junto com anúncios de capelas para casamento e de revistas semanais, havia um oferecendo propriedades exclusivamente para a terceira idade. O homem e a mulher que apareciam na propaganda como casal de idosos eram atores de quem Suguro se lembrava da juventude. Sobre os rostos sorridentes, as palavras “os belos anos da maturidade” apareciam escritas em negrito. Desajeitadamente, ele tentou deixar as cinco palavras rolarem pela língua. No entanto, a velhice que Suguro conhecera desde a premiação estava longe de ser bela… Ela produzia um cheiro repugnante, pútrido. Era como um sonho sombrio e lúgubre. A velhice era algo escondido da vista por muitos anos, mostrando-se apenas quando soprada pelos ventos que vêm do abismo da morte. Suguro fechou os olhos.

Quando voltou ao escritório, a mulher estava lá, fazendo a limpeza.

— Como foi?

— O exame? Ele disse que está tudo normal. Que não tinha nada com que se preocupar.

— Ainda bem. — Ela parecia verdadeiramente aliviada. — Estava preocupada com você desde hoje cedo.

Suguro prendeu a respiração por um momento, grato por ter acabado com a ansiedade dela.

A cerimônia fúnebre de Kanō foi realizada no Templo Seiganji, em Shiba. Representando os amigos de Kanō, Suguro ficou de frente para o retrato do falecido no altar cheio de crisântemos e leu seu tributo. Ele passara duas horas naquela manhã compondo seu discurso. Contando sobre a amizade com Kanō, que ficara evidente pela forma magistral como Kanō descrevera a ficção de Suguro no banquete de premiação no início do inverno, Suguro continuou: "A vida de nosso amigo que partiu e sua produção literária, se puderem ser descritas, em última análise, em uma só expressão, seria uma literatura que jamais tolerou concessões. Em suas obras, ele nunca bajulou os leitores, nunca procurou cair nas graças dos diferentes momentos… Sua literatura era obstinada e expressava o que ele sentia que devia ser escrito. Essa obstinação em si tornou-se um modo de vida para ele".

Quando a cerimônia terminou, ele deixou o saguão principal do templo. Homens e mulheres vestidos de luto caminhavam por lá. Ali Suguro notou, de longe, um homem encostado em uma lanterna votiva, olhando para ele. Era Kobari.

O repórter se aproximou e disse:

— Posso falar com o senhor por um minuto? — Fingiu tomar o silêncio de Suguro como permissão. — O senhor se lembra de uma noite de neblina em Tóquio no mês passado?

— De neblina?

— É. Os jornais disseram que foi a pior em trinta anos.

— O que isso tem a ver comigo?

— Aonde o senhor foi naquela noite, sr. Suguro?

Suguro ignorou a pergunta e se afastou, mas Kobari seguiu ao lado dele.

— O senhor topou comigo no caminho em frente a um hotel em Yoyogi, não topou? E correu para uma viela próxima.

Respondendo somente com silencioso desdém, Suguro passou pelo portão do templo. A editora que cuidara do funeral providenciara carros para os principais enlutados. Kobari abandonou a perseguição.

Quando pôs os pés no carro que Kurimoto conseguira para ele, Suguro pensou no que Kobari dissera sobre um hotel em Yoyogi e, de súbito, pôs a

mão na carteira e tirou um pedaço pequeno de papel. Era a ponta de um porta-copos que madame Naruse lhe dera no jantar no restaurante Shigeyoshi. Em sua letra fluida, "Yoyogi" se destacava vivamente.

Kobari alegou que topara com Suguro em frente àquele hotel em uma noite de neblina. Naquela noite, ele de fato saíra para caminhar. Sem nenhum propósito especial. Quisera apenas caminhar ao acaso pelo parque em um momento em que a névoa estava tão densa que parecia certo de que perderia o caminho. Enquanto caminhava, sentira que seu passeio era uma imagem espelhada de sua própria velhice. Quase alcançara aquele ponto da autoconfiança do qual se podia ter uma vista desobstruída do fundo da piscina que era a sua vida quando, de repente, uma mão suja apareceu e agitou as águas, transformando seus anos de declínio em um pântano turvo e enevoado.

Chega. Ele podia sentir a raiva se dilatar dentro de si outra vez. Kobari podia ser persistente, mas seu próprio impostor continuava aparecendo com igual tenacidade.

Chega. Está na hora de pôr fim a essa questão.

Amanhã era sexta-feira, dia do encontro com madame Naruse. Ele tivera dúvidas sobre ir, mas agora sua mente estava decidida. Ele precisava encontrar esse sósia.

Sexta-feira.

Na noite anterior, o telejornal dissera que havia possibilidade de nevar e, embora as previsões do tempo errassem invariavelmente, esfriou muito. Era o tipo de dia que provavelmente acarretaria dores nos joelhos de sua mulher.

Tendo dormido no escritório, ele acordou cedo. Fechou os olhos e tentou pegar no sono de novo, mas foi inútil.

Impaciente, saiu da cama e, sem lavar o rosto, refugiou-se no escritório. Sobre a mesa estava um pedaço de papel em que ele rabiscara no dia anterior. *Nada há encoberto que não haja de ser descoberto, nem oculto que não haja de ser sabido… E, se tua mão direita te escandalizar, corte-a e atire-a para longe de ti.*

Foi para a cozinha, encheu de água quente a cafeteira e a ligou na tomada. Depois se aprontou, tomou uma xícara de café e telefonou para a mulher.

— A artrite está incomodando?

— Está. Fiz uma compressa quente nas juntas. Já que é sexta, vou à igreja mais tarde.

— Não se preocupe comigo. Vou jantar com uma pessoa de uma revista.

Suguro esperava ter um fluxo contínuo de visitantes no dia. Seria ideal se os editores se enfileirassem um atrás do outro; dessa maneira, ele evitaria pensar no que aconteceria mais tarde. Olhou sua agenda e viu que Kurimoto estava marcado para antes do meio-dia.

Kurimoto lhe pediu que fizesse planos concretos para o próximo romance de fôlego. Suguro pediu um ano para prepará-lo.

— Por que um ano? — Havia uma expressão de dúvida nos olhos impassíveis do editor.

— Sabe como estou ficando velho. E não quero continuar escrevendo o mesmo tipo de coisa que sempre escrevi. E, além do mais, existe algo dentro de mim mesmo que quero chacoalhar.

— O que quer dizer com "chacoalhar"?

— Quero abalar as bases da literatura que construí ao longo dos anos para descobrir se a coisa toda vai desmoronar ou não.

Kurimoto inclinou a cabeça.

— Antes de morrer, Kanō me disse que circulavam boatos a meu respeito outra vez.

— Duvido. Além do mais, seus verdadeiros fãs saberão que o senhor não é esse tipo de pessoa.

— Meus verdadeiros fãs?

— Como o jovem que o senhor conheceu, aquele que trabalha com crianças com deficiência. E o que o senhor vai fazer se começar a chacoalhar e a coisa toda desmoronar?

Suguro deu um sorriso doloroso, que na verdade queria dizer: "Que desmorone".

— De qualquer forma, vou levar pelo menos um ano ou dois para escrever esse romance. Vou chamá-lo de *Escândalo: a oração de um velho*.

Depois que Kurimoto foi embora, ele foi até a janela e olhou os edifícios em Shibuya e o extremo oeste de Shinjuku. A cidade estava austeramente silenciosa e, embora já estivessem em meados de março, em uma tarde como aquela, não teria parecido estranho se houvesse começado a nevar.

Para distrair os pensamentos, abriu um romance de um escritor estrangeiro. Contudo, nem as palavras nem as imagens penetraram em seu cérebro. Não era culpa do romance. Suguro tinha consciência de que seus olhos apenas liam por cima das letras impressas.

É inútil. Não me identifico nem um pouco com um romance desse jeito.

Ele, porém, sabia que essa declaração forçada era mentira, que seus pensamentos estavam todos focados no hotel onde devia se encontrar com madame Naruse.

Sentiu que as pernas esfriavam. Para além da cortina que puxara de um lado a outro da janela, a escuridão já se aproximava. Na verdade, ele deveria se preparar para voltar para casa, onde a mulher o esperava. No entanto, ele já havia lhe dito que ia jantar com alguém de uma revista.

Quando saiu do táxi, um floco de neve roçou seu rosto e pousou na manga da capa de chuva. Enquanto hesitava em frente ao hotel, a neve começou a cair furiosamente à sua volta.

Uma fileira de cedros-do-himalaia, dispostos em fila única como soldados alinhados, estendia-se escura do portão à entrada do hotel. A luz transvazava do saguão, lançando um brilho tênue na entrada onde a neve bruxuleava. Parecia mais uma grande mansão que um hotel, mas, atrás do escritor, os letreiros de néon das hospedarias mais baratas piscavam de forma maligna, lembrando-o exatamente do tipo de negócio que era feito naquele bairro.

Estranhamente, ele tinha a sensação de que já vira o hotel antes. Era uma experiência inexplicável de *déjà vu*, como estar diante de uma paisagem totalmente nova e ter a impressão de ter visto um cenário idêntico em um passado distante. Suguro, no entanto, não fazia ideia de por que deveria ter qualquer lembrança do hotel.

Quando entrou, ouviu o barulho violento de alguém usando uma máquina de escrever. Um homem de uns trinta anos vestindo casaco preto estava sentado de costas para a entrada. Esperando o homem se virar em sua direção, Suguro fitou o turbilhão de neve que caía ainda com mais força. Sob as luzes da entrada, a neve dançava.

— Boa noite, senhor. — O homem notou a presença de Suguro e parou de digitar.

— Uma senhora chamada Naruse deve estar me esperando. — Suguro tentava mascarar seu constrangimento.

— Disseram-me que o senhor viria. — Em virtude de seu treinamento, talvez, o rosto do homem de repente perdeu toda expressão e, em tons de voz memorizados, instruiu: — Por favor, pegue o elevador até o terceiro andar. Apartamento 308. No fim do corredor.

Ele passou por um espaço que aparentemente servia como sala de visitas e entrou no elevador. O homem na recepção, que observava seus movimentos, de súbito transformou-se, aos olhos de Suguro, no jovem da escola para crianças com deficiência que alegava ser um de seus fãs.

O elevador passou pelo segundo andar e parou no terceiro. Sua primeira percepção foi o cheiro de poeira do carpete. Ele atravessou o corredor.

Tudo estava em silêncio.

Passou pelo 306 e pelo 307 e bateu à porta do 308.

— Está aberta.

Ela o esperava. Vestia um suéter de caxemira e estava acomodada em um sofá, fumando um cigarro. Um broche de *strass* prateado brilhava em seu suéter. Era a primeira vez que Suguro a via fumar.

— Eu sabia que viria. — Ela apagou o cigarro e se levantou.

Ele concluiu que devia responder alguma coisa.

— É. Estou aqui para me encontrar com meu sósia — ele conseguiu resmungar.

— Gostaria de dar uma olhada no quarto ao lado? — Ela não perdeu tempo lhe dizendo o que ele queria saber. — São quartos contíguos.

Ela ergueu um dedo de leve e indicou a porta do quarto vizinho. O apartamento 308 dava no quarto.

A primeira coisa que viu quando enfiou a cabeça pelo vão da porta foi uma cama grande. Um vulto semelhante a uma boneca, vestindo suéter e jeans, deitado na cama. Um cabelo não lavado cobria o rosto da garota, que ainda mantinha sua inocência. Era Mitsu que estava ali deitada em um sono profundo.

— O que é isto? Por que ela está aqui? — Havia surpresa na voz de Suguro. Ele sentia como se houvesse caído em uma armadilha de madame Naruse. — A senhora me disse que me apresentaria ao impostor…

— Disse. Ele deve chegar daqui a pouco.

— Mande Mitsu para casa antes que ele chegue. Por favor, tire-a daqui.

Ela sorriu, os olhos fixos nele. O sorriso era uma mistura de simpatia e travessura, como se dissesse ao menininho à frente que ele estava falando besteira.

— Ela bebeu um pouco. Parecia beber com grande prazer, então não está em condições de ir para casa neste momento.

— O que fez com ela?

— Nada. Enquanto o esperávamos, assistimos à televisão e cantamos algumas músicas… E contei a ela histórias de quando eu era jovem.

— Por que trouxe Mitsu para cá? — Ele falava em um tom acusatório, sabendo que a raiva crescente deixava sua voz mais grossa. — Por fora, ela parece adulta, mas ainda é uma criança, não sabe nada. Ela tem um temperamento muito gentil. Sempre que alguém tem um problema, ela vai ajudar a pessoa mesmo que isso lhe cause problemas. É esse o tipo de menina que ela é… Foi por isso que não desconfiou da senhora.

— Sei. — Madame Naruse sorriu e concordou com a cabeça. — Muitas vezes no hospital eu a via se esforçar bastante para ajudar um velho que estava doente.

— Quando tive febre, ela ficou acordada a noite toda cuidando de mim.

Ele pensou no sorriso dela e na mão em sua testa naquela noite.

— Mas… — Desta vez o rosto dela estava sério. — Será que é só amor que sentimos por essas criaturas amáveis? Será que a afeição é a única emoção que sentimos por aqueles que retratam a ingenuidade em pessoa? Já que é escritor, tenho certeza de que o senhor entende o que quero dizer. — Abruptamente, uma expressão cheia de pesar tomou conta de seu rosto. — Não acho que o coração humano seja tão simples assim… Sensei, cortesia e compaixão são os únicos sentimentos que já teve por Mitsu?

Ela colocara o dedo na ferida e, sem saber ao certo como responder, Suguro retrucou:

— Foi por isso que me pediu para vir aqui, para conseguir alguma evidência de alguma coisa?

— Tem muitas mulheres por aí que deixaram o marido porque ele era bonzinho demais. Todo mundo já passou pela experiência de querer magoar

alguém que é bonzinho demais ou inocente demais. — Ela estava na ofensiva. — Posso fazer uma pergunta?

— Já sei o que a senhora quer perguntar…

Ele evitou a pergunta de propósito, mas ela se antecipou.

— Esse Jesus em quem o senhor acredita… Fico me perguntando se ele foi assassinado porque era inocente demais, puro demais.

— Aonde quer chegar com isso?

— Enquanto Jesus, banhado de sangue, carregava a cruz até o local da execução, as multidões o insultaram e atiraram pedras nele. O senhor não acha que fizeram isso pelo prazer que lhes causava, o prazer que sempre tento descrever para o senhor? Um ser humano ingênuo, puro, sofre bem diante dos olhos deles. Não podemos supor que o prazer de despejar mais humilhações sobre uma pessoa dessas consumiu as turbas naquele dia? Jesus era inocente demais, irrepreensível demais, tanto que quiseram destruí-lo… Todos compartilhamos esse sentimento. Ele habita as profundezas dos corações. E ninguém quer encará-lo. Foi assim que o senhor se sentiu durante muitos anos, sensei. Mesmo nos romances… Na realidade, a única coisa sobre a qual o senhor escreveu foi sobre homens que traíram Jesus, então choram lágrimas de arrependimento depois que o galo cantou três vezes. O senhor sempre evitou escrever sobre a multidão, intoxicada de prazer ao jogar pedras nele.

— Essas são coisas sobre as quais um escritor não consegue escrever.

— Essa é uma evasiva clara. — Ela arregalou os olhos destemidos. Depois, com desprezo por Suguro, acrescentou: — Hoje é justamente sexta-feira 13, o dia em que Jesus foi executado. O dia em que multidões apedrejaram Jesus. Por isso escolhi este dia para convidá-lo a vir a este hotel. — Ela deu um sorrisinho. — Peço desculpas, mas estou falando sério.

— E a senhora me enganou para eu vir aqui com essa história de que eu poderia encontrar o impostor?

— O senhor vai encontrá-lo muito em breve — disse, em um tom suave.

— Onde?

— No quarto ao lado.

Ele começou a andar em direção à porta.

— O senhor não pode entrar agora. — Ela o deteve. — Ele vai ficar bravo se o senhor entrar sem avisar. Ali. — Ela ergueu uma das mãos e

indicou uma porta de frente para o banheiro. — Tem um armário com roupas penduradas. E um olho-mágico de onde pode ver o quarto.

— Um olho-mágico?

— Sim, é a última moda nos salões mais sórdidos de Shinjuku. Alguns dos sócios deste clube têm as mesmas inclinações… O senhor pode observá-lo pelo olho-mágico.

— O que ele vai fazer com Mitsu?

— Imagino que simplesmente vai expressar os sentimentos que o senhor tem por ela — respondeu, baixinho.

— Não seja ridícula. Não tenho nenhum sentimento em particular por ela.

— Superficialmente talvez, mas no inconsciente…

— Não tenho nenhum desejo impróprio com relação a…

— Sensei, os desejos não se limitam a sexo. Há todo tipo de desejos.

— De que tipo de desejo a senhora está falando?

— Se o senhor observar — disse ela, atiçando a curiosidade dele —, vai ver o que quero dizer.

Ele foi tomado por emoções confusas. Não havia dúvida de que parte dele queria tirar Mitsu de lá imediatamente. Mas também se sentia tentado a dar uma olhada no que madame Naruse descrevera como impulsos de seu inconsciente que o atraíam para a jovem.

O senhor precisa de uma bebida — murmurou madame Naruse de repente.

Ela se levantou e abriu um armário do outro lado do cômodo. Dentro havia um pequeno refrigerador e, na prateleira acima, uma fileira de pequenas garrafas de bebidas importadas. — Vou fazer um drinque para o senhor.

— Não vou beber. — Ele recusou de modo enérgico. Não tinha mais interesse em responder às incitações dela.

— Deixe disso. Não precisa ter medo.

Ela já resfriara um copo e uma coqueteleira no refrigerador. Serviu um líquido cor de âmbar e colocou o copo na frente dele.

— Não é veneno. Preparei isso para ajudar a transportá-lo a outra dimensão.

Ele olhou para o líquido. Ela saiu da sala, talvez para pegar outra coisa. Quando ele ergueu os olhos, a neve caía delicadamente lá fora. Ele estendeu a mão e levou o copo aos lábios. Uma fragrância avassaladora fez

arder seu nariz. Ele tossiu, uma vez que evitava bebidas fortes havia muito tempo. De súbito, foi dominado por um desejo de deixar sua vida em completa desordem. O rangido da cadeira do médico, a voz declarando seus níveis de TGO e TGP. Com raiva, engoliu todo o líquido do copo.

Um calor desceu-lhe pela garganta e se espalhou pelo peito. A mistura percorreu seu corpo, fazendo-o sentir-se impregnado por algum elemento de uma dimensão misteriosa. Dentro dele, a ânsia de levar Mitsu embora daquele lugar tornava-se dormente.

Vou levá-la para casa, ele repetia para si mesmo. *Vou levá-la para casa.*

Para encorajar a si mesmo, ele se levantou do sofá e andou em direção ao quarto ao lado. Suas pernas tremiam ligeiramente. Ele deveria andar em direção à porta, mas algo mais forte que a própria vontade o direcionava para o armário.

Só por um instante, murmurou. Vou olhar só um instante. Assim que estiver satisfeito, levo Mitsu para casa.

Havia muitos cabides no armário, e o buraco redondo era tão diminuto que quase não dava para notar. Ele empurrou os cabides para um lado e encostou o olho no buraco. Naquela postura, tornou-se o autor de *Uma vida de Cristo* e *O emissário*, bem como o homem que se curvara na mesma posição desprezível para se satisfazer nos *peep shows* de Kabukicho.

Uma lente especial fora instalada no olho mágico e, quando ele girou o anel preto ao redor do buraco, viu o quarto inteiro. Ele podia fazer a cama parecer maior, como se houvesse aproximado o rosto dela. Havia até um fone de ouvido de um dispositivo de escuta escondido. Por não haver focado a lente, inicialmente teve a impressão de que um objeto branco fora colocado sobre a cama, mas, quando ajustou o foco, reconheceu que o objeto era o corpo de Mitsu, deitado de costas. Em algum momento, seu suéter sujo e sua calça jeans desbotada haviam sido tirados, bem como sua roupa íntima, mas ela ainda estava dormindo. Será que ela havia tirado a própria roupa ou será que madame Naruse havia feito isso por ela?

Uma luz pálida vinda do criado-mudo banhava seu rosto infantil. Seu peito doía quando olhava para ela. O corpo dela era menos atraente do que ele imaginara. Suas coxas eram bem desenvolvidas, mas suas pernas eram curtas e disformes. A luz iluminava claramente a saliência ainda não

totalmente desenvolvida de seus seios e os mamilos castanhos que os coroavam. Seus seios ainda não eram os de uma mulher adulta, pareciam não estar maduros, não estar no ponto. Não havia excesso de pele em seu abdômen; seu umbigo era uma fenda comprida e estreita como o leve recuo na elevação ondulada de uma duna de areia. Enquanto olhava para os mamilos castanhos e os seios firmes da garota, sentiu as cores e os aromas de um bosque no início da primavera. Era o cheiro de um arvoredo brotando, sem folhas nos galhos. Era o aroma da vida.

Ele não notou nenhuma noção de "mulher" nem de sensualidade no corpo nu de Mitsu. No entanto, o corpo dela não era de criança. Era um corpo prestes a amadurecer; em seis meses, todas as partes assumiriam por completo a redondeza e a maciez de uma mulher. O cabelo sujo estava espalhado sobre a testa, e seu rosto dormindo em total inocência era o de uma criança que carrega as marcas da pureza.

Ele manteve os olhos colados no buraco por um bom tempo. Madame Naruse não estava em parte alguma, e não havia sinal de seu sósia. Talvez madame Naruse pretendesse deixá-lo devorar o corpo de Mitsu com os olhos até estar saciado.

Examinar a nudez da garota o fez lembrar de tudo que perdera com a idade. Seus órgãos internos estavam decrépitos, as engrenagens desses órgãos estavam gastas. O médico dissera que seu fígado começava a endurecer. Seu rosto carcomido com o passar dos meses e dos anos. Não tardaria até que ele deixasse este mundo da mesma maneira que Kanō deixara. No entanto, havia esperança para esse rosto que dormia inocentemente e para esses seios que começavam a se avolumar, mas ainda não estavam totalmente formados. Se pressionasse o rosto contra a cálida movimentação do peito dela, ele tinha certeza de que teria cheiro de maçã. Esse era um aroma que ele jamais sentiria em uma mulher cujos seios combinavam a maturidade com as sombras da deterioração. Suguro sentiu-se impelido a sentir o aroma dos seios de Mitsu. Se ele pudesse senti-lo, pareceu-lhe que uma força, uma nova vitalidade, voltaria a sua mente e seu corpo decadentes.

Em algum canto, começou a tocar uma música. Era um concerto para piano de Mozart. Se lhe fosse concedida outra vida, ele queria deliciar-se com essa música outra vez. Nunca fora repouso, mas o fedor da morte que fluíra pelas catacumbas de seu coração. Sem motivo algum, de repente ele pensou nas suaves colinas da península Shimabara, para onde viajara com a

mulher, e no sol de inverno brilhando no porto, e por fim nos olhos e no sorriso meigo do velho sacerdote. Se aquele sacerdote houvesse tido a chance de ver o corpo de Mitsu, não sentiria a mesma inveja, pois estava totalmente confiante de que passaria a uma vida mais abundante.

Madame Naruse apareceu, saindo do banheiro da suíte ao lado. Não sabia se ela estava ciente de que ele olhava pelo buraco, mas parecia ignorá-lo quando se sentou ao lado de Mitsu na cama e começou a alisar o cabelo dela delicadamente. Seus dedos se mexiam de modo assíduo, como uma mãe a pentear o cabelo da filha… Mitsu enfim acordou e olhou madame Naruse com olhos sonolentos, sorrindo quando a reconheceu. O sorriso da garota transbordava com a afabilidade e a simplicidade características de Mitsu. Madame Naruse disse alguma coisa, mas Suguro não ouviu. Às pressas, ele ajeitou o fone no ouvido e aumentou o volume.

— Você ficou bêbada, não ficou? Dormiu por muito tempo. — Ela abriu para Mitsu um sorriso cheio de afeição, como se conversasse com uma das crianças no hospital. — Se ainda estiver cansada, pode dormir o quanto quiser.

Mitsu se deu conta de que estava nua e dobrou as pernas.

— Eu tirei sua roupa. É mais confortável assim quando se está bêbada. Tudo bem, não tem com que se preocupar. Relaxe e deixe que eu cuido de tudo… Pense em mim como sua mãe.

Enquanto falava, continuou alisando o cabelo da menina, lenta e monotonamente. Enquanto seus dedos flexíveis massageavam a cabeça de Mitsu de maneira suave, a garota fechou os olhos.

— Isso mesmo, feche os olhos… Pouco a pouco vai relaxar. Vai relaxar e começar a sentir como se deslizasse por um longo tobogã escorregadio. É tão bom relaxar. Você está descendo pelo tobogã e é tão bom…

Suguro ficou tenso e prendeu a respiração. O modo como ela falava, repetindo as palavras várias vezes no mesmo tom de voz, era bastante semelhante à forma como se hipnotiza uma pessoa.

De fato, a cabecinha de Mitsu não se mexia mais. Ela ficou ali em silêncio, como um inseto que lutou em uma rede de aranha e esgotou todas as forças.

Como se informasse que todos os preparativos estavam terminados, madame Naruse olhou na direção do olho mágico. Parecia anunciar a Suguro: “Foi assim que começamos tudo com Motoko”.

Suguro ainda estava atordoado devido à intoxicação inebriante e à cena bizarra que testemunhara pelo olho mágico.

Outra vez ficou tenso. Enquanto vagava de maneira incerta entre a abstração e o devaneio, madame Naruse desapareceu do quarto e, por trás, viu outra pessoa pairar sobre Mitsu. As costas de um homem e, abaixo da omoplata esquerda, havia a linha escura de uma cicatriz em forma de meia-lua. Suguro passara por uma cirurgia no peito muitos anos antes, e essas eram indubitavelmente suas costas.

Era o homem. Exatamente como madame Naruse dissera, ele entrou no quarto e agora fitava o corpo de Mitsu.

— Sensei. — Mitsu entreabriu os olhos e falou com voz grossa. — Qual é o problema, sensei?

Ainda não totalmente desperta do estado hipnótico, ela parecia não entender por que esse homem a olhava.

Com a palma das mãos, o homem acariciou o volume cônico dos seios dela repetidas vezes. Era evidente que ele absorvia devagar nas mãos a maciez e a firmeza dos seios dela. As palmas subiam e desciam entre os seios dela e as pequenas sombras cinzentas da noite entre as pernas dela. Depois, afetuosamente, encostou a cabeça na fenda minúscula do umbigo de Mitsu.

— Ahhh — gemeu Suguro, involuntariamente.

As sensações que o homem vivenciava eram transmitidas a Suguro sem diluições. Um rosto idêntico ao dele em todos os aspectos estava mergulhado no abdômen da garota. Era como se ele encostasse o próprio rosto em um futon que secara ao sol; um cheiro de areia, o toque suave da pele dela… Ele fechou os olhos e ouviu atentamente o som que emanava do corpo dela. Qual é o som do sangue percorrendo as veias dela? Da batida do coração dela? No início da primavera, ele um dia ouvira, em um vilarejo, o mesmo som. Não era um som de verdade, mas o eco de cada árvore da floresta aspirando vida do universo, expandindo-se, brotando e esforçando-se para soltar novos rebentos vermelhos. Se a própria vida tem som, ele reverberava agora do corpo jovem e fresco dessa garota.

Quando ele ouviu com mais atenção, percebeu que uma variedade de melodias estava incorporada a esse som. Essas melodias invocavam

reminiscências, lembranças e imagens na mente de Suguro. Ele se lembrou da sensação de segurança que tivera na infância ao caminhar com a mãe por uma trilha em que as spiraea haviam se fechado no alto, formando um túnel. O rosto da jovem que olhou para ele para dizer "sim" quando ele perguntou: "Você quer se casar comigo?". O velho sacerdote que entoara as palavras da Bíblia: "Bem-aventurados os humildes". A voz de Mitsu em seu ouvido na noite em que ela dissera: "Não se preocupe, sensei. Vou cuidar do senhor". Essas estavam entre as boas e belas melodias que ele procurara durante a vida.

Suguro queria respirar esses sons da vida. Queria absorver essa vida em seu corpo. A certa altura, ele e o homem se tornaram um só, e sua própria boca estava mergulhada no abdômen de Mitsu. Ele chupou a barriga dela, mudou a boca de lugar e chupou os seios dela, chupou o pescoço dela e, como madame Naruse fizera, tentou transferir a vida de Mitsu para seu próprio corpo. Seu corpo velho, enrugado e manchado. Um corpo destituído de vida, murcho como uma folha seca que os insetos roem. Em um esforço para salvar seu corpo, ele se tornara uma aranha que prende uma borboleta em sua teia e procurava absorver a vitalidade do corpo de Mitsu. A saliva dele brilhava como os rastros de uma lesma pela barriga e pelos seios dela. Ele queria macular ainda mais o corpo dela. A inveja que uma pessoa perto da morte sente de uma pessoa em quem a vida desabrocha. Essa inveja se transformou em prazer e se incendiou enquanto sua boca percorria o corpo dela e, antes que ele percebesse o que estava acontecendo, suas mãos apertaram o pescoço dela. Nesse momento, ele ouviu dentro de si um som diferente do que ouvira antes.

Estava tocando. Um telefone a distância estava tocando. Tocou repetidas vezes, perseguindo-o incessantemente, gritando: "Seu outro eu", "seu outro eu", "seu outro eu". Você pôs fogo nas cabanas com mulheres e crianças. Você jogou pedras no homem frágil e ensanguentado que carregava uma cruz. Você escreveu "sensei, às vezes fico horrorizada. Sinto repulsa por mim mesma".

— Sensei, o senhor está me machucando. — Mitsu se contorceu, franzindo os olhos de dor. — Pare com isso, sensei!

Era a mesma voz que sussurrara: "Não se preocupe, sensei. Vou cuidar do senhor".

Ele voltou a si como alguém que recupera a consciência após desmaiar. O suor de sua testa caíra em sua garganta, um claro lembrete do que acabara de tentar. Tentara estrangular uma jovem com as próprias mãos. Fora arrebatado por um turbilhão de impulsos caóticos muito mais complexos que a simples inveja do corpo juvenil da garota. A força daquele turbilhão em movimento fora intensa, irresistível e demasiado prazerosa. O que o salvara daquela força?

O homem se levantou e se virou. Olhou para trás e um sorriso condescendente, zombeteiro, brincou em seus lábios. Suas bochechas estavam brilhosas de saliva, seu escasso cabelo grisalho estava desarrumado, e ele estava banhado de suor. Era o retrato de Suguro que Motoko pintara. Ele saiu do quarto.

* * *

A fadiga tomou conta de seu corpo, e Suguro recostou a cabeça na parede. Quando tentou sair daquele lugar escuro, suas pernas cambalearam e ele bateu com a cabeça nos cabides, derrubando alguns no chão. Com as pernas ainda pesadas, entrou cambaleando no quarto.

Mitsu estava estendida na cama como um cadáver. Suguro desviou os olhos e, como um criminoso tentando encobrir seus crimes, pegou um cobertor do chão e cobriu a garota. O suéter e a calça jeans desbotada de Mitsu estavam bem dobrados em uma cadeira. O modo cuidadoso como as roupas foram dobradas o fizeram lembrar madame Naruse, mas ela não retornara, e ele não fazia ideia de onde ela estava.

Ficou ao lado das cortinas fechadas, sem saber o que fazer. Tinha medo de falar com Mitsu. Sem saber ao certo como a garota reagiria a ele depois do que fizera a ela, esperou, agitado, que ela fizesse algum movimento.

Por fim, ela abriu as pálpebras e olhou distraidamente ao redor, como se não tivesse ideia do que acontecera. Quando vislumbrou Suguro, pareceu reconhecê-lo e sorriu.

— O que aconteceu comigo?

Ele ficou procurando uma resposta, imaginando se ela o estaria enganando. Mas a expressão dela era demasiado amigável.

— Você não sabe? Você bebeu demais.

— Minha cabeça dói. O que aconteceu com madame Naruse?

— Não sei. Deve ter ido embora. Por isso vim atrás de você.

— Obrigada, sensei.

— Não, "obrigada" não. Você deveria estar "tudo beleza", não é?

Mitsu sorriu. Seu sorriso o atormentou.

— Você não se lembra… de nada?

— De nada.

— Não teve nenhum sonho?

— Talvez. Não consigo me lembrar.

Suguro percebeu que não havia traço de saliva nas bochechas nem no pescoço dela. Mas tinha certeza, já que observara pelo olho mágico, graças às lentes de aumento, que havia visto fios de saliva como rastros de lesma brilhando no corpo dela.

Teria sido ilusão? Não, não podia ser. Estava tudo claro e vívido demais em sua memória. Ele não podia mais chamar aquilo de ilusão, como fizera na premiação e no auditório.

— Ainda estou zonza.

— Então durma mais um pouco.

Ela adormeceu outra vez quase de imediato. O som saudável de sua respiração enquanto dormia. A respiração de uma vida jovem, de alguém que não é atormentado pelos sonhos sombrios que Suguro tinha à noite. Uma pessoa caminhando para a vida, a outra, para a morte. Suguro jamais sentira o contraste de forma tão gritante quanto agora, ouvindo a respiração dela.

Ele se aproximou da janela e abriu as cortinas. A neve havia se acumulado no peitoril, e as luzes do quarto ricocheteavam pelos inúmeros flocos que dançavam.

Meia hora mais tarde, ele sacudiu Mitsu de novo e lhe disse para se vestir. Quando virou de costas, ela pôs a calça e enfiou o suéter sujo pela cabeça.

Saíram no corredor deserto e entraram no elevador barulhento.

— Parece que tive um sonho — murmurou para si mesma como se acabasse de se lembrar.

Suguro não respondeu.

— Sinto como se tivesse visto seu rosto várias vezes no sonho. Fico me perguntando por quê.

O barulho de datilografia continuava ecoando atrás do balcão. O recepcionista propositalmente não se virou para olhar para eles quando Suguro passou o braço pelo ombro da garota e a acompanhou até lá fora.

Suguro queria que o homem chamasse um táxi, mas sua vontade desapareceu assim que olhou para as costas do recepcionista sabe-tudo.

— Estamos perto da rua principal. Vamos pegar um táxi lá. — Ele tentou dar a ela o próprio cachecol.

Ela chacoalhou a cabeça.

— Não preciso. Sou nova. Quando um homem de sua idade pega gripe, fica mal como o senhor ficou um tempo atrás.

A neve caía dos cedros-do-himalaia. Eles caminhavam devagar, tentando não escorregar nos rastros de pneu congelados. Quando saíram pelo portão, uma luz iluminou os rostos. Não eram os faróis de um carro.

— Sensei. Sr. Suguro! — Kobari estava lá, segurando uma câmera. — O que o senhor estava fazendo no hotel?

Suguro não conseguiu responder.

— Então o senhor é… exatamente o que pensei que fosse. Quando revelar esta foto, vou divulgar tudo.

Suguro olhou vagamente para o homem, mas caiu em si depressa e, apertando ainda mais os ombros de Mitsu, afastou-se.

— É isso que o senhor anda fazendo às escondidas, apesar de se passar por escritor cristão?

As palavras penetrantes de Kobari atingiram a nuca de Suguro como pedras. Ainda assim, ele não fez nenhuma tentativa de virar a cabeça para explicar ou retificar a situação.

— Quem é a garota? Ela parece bem nova!

Não querendo que Mitsu ouvisse as provocações de Kobari, Suguro chamou um táxi que passava por ali. Quando a porta se abriu, ele a empurrou para dentro, pegou duas ou três cédulas da carteira e jogou-as no colo dela.

— Você vai para casa sozinha. Quero conversar com este homem.

Quando o táxi acelerou, ele se virou em direção a Harajuku e começou a andar.

— Vou escrever sobre o senhor. Sobre o senhor e seu escândalo. Está entendendo?

Estranhamente, as palavras não suscitavam desconforto nem temor em Suguro. Se ele quiser considerar isso um escândalo, tudo bem. O que ele vira pelo olho mágico não fora nenhuma ilusão, nenhum pesadelo. O impostor que sujara o corpo de Mitsu com saliva. Não fora nenhum estranho, nenhum farsante. Fora o próprio Suguro. Fora outro lado dele

mesmo, outro eu totalmente separado. Ele não podia mais esconder essa parte de si, não podia mais negar sua existência.

— O senhor não está constrangido? O senhor acaba de…

Os gritos de Kobari continuaram a ecoar pela neve, mas a voz soava como um assobio leve pela névoa distante.

A neve caía, tremulando. Enquanto ele caminhava distraidamente em direção a Sendagaya, a neve deslizava por seu cabelo ralo e seu rosto enrugado e desaparecia, derretendo ao tocar nele. Automóveis jogavam luzes sobre ele, depois passavam ao lado, levantando lama e neve. Como ele ia lidar com tudo o que testemunhara? Como comprimiria as emoções que o haviam dominado? Sua mente ainda era um caos.

— Imundo — disse, em voz alta. — O próprio retrato da imundície.

O sorriso sórdido, sujo, daquele homem e a maneira como subiu em Mitsu como um animal foram a personificação da imundície. Aquele homem… Não, "aquele homem" não era outro senão o próprio Suguro. Se aquele homem era imundo, era uma imundície escondida em Suguro como um tumor. Durante sua longa carreira literária, Suguro sempre sentira que era possível identificar um sinal de salvação em cada ato torpe do homem. Ele acreditara que uma energia revigorante pulsava em cada pecado. Por esse motivo ele fora capaz de acreditar, mesmo vacilando, que era cristão. Depois de hoje, porém, tinha de aceitar essa imundície como parte de si. Tinha de começar a procurar evidências de salvação nessa imundície.

No entanto, não fazia ideia de como resolver isso. Não sabia como lidar com essa confusão. Não havia dúvida de que uma escuridão que ele jamais descrevera em sua ficção estava escondida em seu próprio coração. Normalmente, aquela escuridão permanecia adormecida, mas, em certas condições, de repente ela abria os olhos e começava a se mexer.

Ao perceber isso, ele gritou como louco. Por trás, um táxi o iluminou com os faróis e reduziu brevemente a velocidade, mas, quando ele não se virou para o motorista, o carro acelerou.

As luzes da rua incidiam sobre os flocos de neve que rodopiavam como anões dançando. De súbito, Suguro percebeu que havia alguém andando exatamente como ele uns cinquenta metros à frente. A depressão das costas parecia familiar. Ele parou de andar por um instante e recuperou o fôlego quando se deu conta de que eram as próprias costas. Era aquele homem.

O homem não se virou de frente para ele, mas continuou andando em direção a Sendagaya, concentrado. Uma miríade de flocos brancos iluminados pelas luzes da rua rodopiava à frente. Os finos flocos de neve pareciam emanar uma luz profunda. A luz estava repleta de amor e compaixão e, com ternura maternal, parecia envolver o vulto do homem. A imagem dele desapareceu.

Ele sentiu uma vertigem. Olhou para o local onde o homem desaparecera. A luz se tornou mais intensa e começou a cingir Suguro; em seus raios, os flocos de neve refletiam um brilho prateado ao tocar seu rosto, acariciavam suas bochechas e derretiam em seus ombros.

— Ó, Senhor, tenha misericórdia. — As palavras caíram de seus lábios. — Tenha misericórdia de nós, que temos mentes desequilibradas.

Era um verso de Baudelaire recordado de forma vaga. Talvez tenha se enganado quanto às palavras, mas não importava. O verso sozinho descrevia adequadamente seus sentimentos naquele instante. “A Teus olhos, Tu que sabes por que existimos e por que fomos criados… Nós somos monstros?”

9

A neve derretida e lamacenta que permanecera na sombra até dois dias antes finalmente derretera sob o sol brilhante. Na sala de estar, com o som do aspirador de pó que a mulher passava zunindo em seus ouvidos, Suguro separava as correspondências que haviam acabado de chegar.

— Com certeza eu sou inconstante. Em dias muito gelados fico tão deprimida, me perguntando se o tempo vai se manter desse jeito para sempre. Então, quando esquenta assim, eu me esqueço completamente que há algum problema com meus joelhos.

— Você não tem nenhum problema em órgãos internos como eu… Vai viver muito tempo.

— Você vai trabalhar aqui o dia inteiro?

— Tenho uma reunião do PEN Club de tarde.

— O PEN Club. — O rosto dela ficou turvo. — Não consigo deixar de pensar no pobre Kanō quando você fala do clube.

— Entendo. A última vez que o vi foi logo depois da reunião executiva…

Suas conversas com a mulher eram imutáveis como sempre. Os diálogos entre marido e mulher nunca variavam. Suguro se perguntava por quanto tempo a farsa continuaria. Como exatamente ele explicaria a ela quando Kobari vendesse a fotografia para alguma revista e a coisa toda fosse exposta para o público.

Claro que ele havia se resignado com aquela eventualidade. E tinha a noção sentimental de que a mulher o perdoaria no fim das contas. Contudo, sentia-se profundamente aflito ao pensar no choque, na mágoa dolorosa e no tormento que ele veria a mulher suportar. Que palavras poderia lhe dizer então?

— Noutro dia, na reunião de voluntários, ouvi uma história estranha. Sobre pacientes terminais.

Ele ficou tenso, mas fingiu examinar a correspondência. Ficou preocupado com o fato de que talvez a mulher houvesse falado com madame Naruse.

— A enfermeira-chefe foi para a reunião. Disse que houve várias pessoas no hospital que começaram a morrer e depois voltaram à vida.

— É possível?

— Ela contou que todas elas tinham passado por experiências bem parecidas. Pouco antes da morte, têm muita dor, mas, de repente, sentem-se nitidamente sendo separadas do próprio corpo. E veem familiares chorando ao redor de seu corpo e o médico no quarto auscultando seu coração.

— Não consigo imaginar algo assim. — Ele sorriu, sentindo-se tolo. Já ouvira essas histórias muitas vezes. O mais provável era que esses pacientes houvessem confundido experiências reais com arroubos da imaginação que lhes vieram à mente depois de voltarem à vida.

— Depois disso, disseram que foram cercados por uma luz alaranjada indescritível. Eles se sentiam abraçados por essa luz. Eles a descreveram como uma luz bastante suave.

Ele ficou calado. Pensou na luz que vira em meio à neve. Uma luz alaranjada. Quando ela o envolvera, ele teve uma indescritível sensação de paz. Porém, ele não podia mencionar a própria experiência para a mulher.

— Uma das mulheres que voltou à vida disse que teve certeza, enquanto estava envolta por essa luz, de que era amada muito profundamente.

— Por quem?

— Por Deus, que habitava a luz.

— Você encontrou madame Naruse?

— Não. Faz tempo que ela não vai ao hospital.

Ele escolheu os itens importantes em meio à correspondência e foi para o escritório. O reloginho fazia tique-taque devagar, e os lápis e as canetas esferográficas esperavam pacientemente sua chegada. Ele se sentou diante da escrivaninha. Esse era o único lugar onde podia revelar a face que jamais mostrara para nenhuma outra alma viva.

Pegou alguns papéis de carta marcados com seu nome e seu endereço e começou a escrever uma carta para madame Naruse.

> Já que a senhora saiu de fininho naquela noite, sem que eu notasse, não pude lhe contar minhas impressões da experiência. Por isso escrevo esta carta. De certa forma, quero tentar organizar meus pensamentos confusos ao colocá-los no papel. Certamente, a senhora queria que eu…

Ele escreveu por pouco tempo com a caneta, leu as palavras e rasgou o papel. Era impossível ordenar o caos em sua mente escrevendo uma carta.

Pegou outra folha e outra vez se entregou ao devaneio. Precisava colocar para fora esses pensamentos, de um jeito ou de outro.

> Querido Kanō (Em vez do nome de madame Naruse, escreveu ao amigo falecido.)
> Não faço ideia de onde você está agora, mas, onde quer que esteja, devo me juntar a você em breve. Por isso lhe escrevo esta carta, que nunca poderá ser postada.
> Eu jamais poderia ter imaginado que envelhecer seria assim. Quando era jovem, quando nós costumávamos nos encontrar no Meguro para conversar, e depois em meu auge, eu tinha uma espécie de otimismo e acreditava que, quando envelhecesse, estaria no alto de uma colina, olhando pacificamente para as planícies suavemente iluminadas pelo sol da tarde. No mínimo, eu supunha que obteria de minha própria vida e de minha produção literária algo muito parecido com certeza.
> Neste inverno, quando comecei a ouvir aos poucos os passos da morte se aproximando, descobri por conta própria o que realmente significa envelhecer. A velhice não significa estar livre da perplexidade, como Confúcio afirmava; não há nada sereno nem doce nela. Para mim, pelo menos, ela surgiu em imagens feias, apavorantes. Com a morte me encarando de frente, não posso mais mentir, e não há para onde escapar.
> Envelhecendo, cheguei a ver lados meus que eu nem sabia que existiam começarem a se expor. Aquele eu oculto começou a aparecer em meus sonhos, depois em visões fantasmas e, por fim, como o impostor com quem você se preocupava tanto… Mas não, não era um impostor. Ele começou a viver dentro de mim como uma parte separada de mim mesmo. Era meu fantasma vivo, uma criatura tão sórdida que jamais poderia mencioná-lo para minha mulher… Era uma criatura indigna do suntuoso elogio que você me fez na noite da premiação.
> Li em algum lugar há muito tempo que, na juventude, vivemos por meio de nossos corpos; no auge, vivemos por meio do intelecto; e, na velhice, vivemos por nossas mentes, já que nos preparamos para a viagem para a próxima vida. E dizem que, quanto mais velhos ficamos, mais sensível nossa mente se torna às sombras desse mundo que se aproxima. Será que isso significa que a paisagem imunda que se espraia diante de meus olhos faz parte de minha preparação, de meu rito de passagem para a vida futura? Qual é a lição que essa dimensão de imundície tenta me ensinar? Não tenho a mínima ideia. Minha única e tênue esperança é que a luz envolva até mesmo aquela dimensão escura.
> Pouco antes de sua morte, vi uma enorme fadiga em suas costas. Será possível, apesar de nunca ter confessado para mim, que você sentia a mesma confusão, que tenha sido jogado no mesmo poço de incerteza e se debatia lá? No velório, vi sombras de tormento entre suas sobrancelhas… O que eram?

Naquela tarde, ele foi ao Tokyo Hall e participou da reunião executiva do PEN Club. Diferente de Kanō, ele faltara a muitas dessas reuniões, mas, uma vez que seu amigo estava morto, sentia obrigação de participar em nome dele. A reunião já começara, e um escritor estrangeiro que comparecera à conferência internacional em Santiago informava os lucros da reunião. Era difícil de imaginar que Kanō não era mais um dos diretores a ouvir esse relatório.

— Nas reuniões seccionais, o massacre de negros em Johanesburgo se tornou um problema… O cerne da questão é que os negros estão sendo presos.

Enquanto ouvia o comentário do escritor estrangeiro, Suguro se perguntava qual editora Kobari escolhera para sua fotografia. *Escritor cristão atrai garota do ginásio para hotel*. Ele quase podia ver a manchete. Que tipo de expressão podia esperar ver nos rostos dos outros diretores do PEN Club se uma história dessas aparecesse na semana seguinte? Fingiriam ignorância ou insistiriam que ele saísse do comitê?

— Uma resolução opondo-se às torturas e massacres foi apresentada. Gostaríamos muito de ter o apoio do Japão quanto a essa resolução…

Suguro pensou no sexo entre madame Naruse e o marido. Será que ele era diferente dos dois e dos assassinatos dos quais haviam participado? Os mesmos desejos se escondiam dentro dele. Quem poderia dizer que ele não tinha o mesmo potencial para matar? Mesmo crianças inocentes carregavam no coração o desejo de insultar e atormentar fracos e indefesos. Em várias partes do Japão, as crianças linchavam colegas frágeis.

— Sr. Suguro, o senhor se opõe à resolução?

A pergunta o pegou desprevenido, e ele gaguejou, confuso.

— Me oponho a quê?

— Se o senhor é a favor, poderia por favor erguer a mão?

— Certamente. — Ele ergueu a mão, o tempo todo murmurando para si mesmo: — Hipócrita. Ainda tenta viver enganando os outros e a si próprio. — Levantou-se e saiu da sala, fingindo que ia ao banheiro. No lavabo, jogou água no rosto. Uma cara cinzenta e cansada olhava de volta para ele do espelho.

— Não recebemos nenhuma daquelas ligações ultimamente.

A mulher, vestindo uma camisola, deitara na cama e esticava o braço para desligar o abajur quando teve esse pensamento repentino e fez a observação.

— Que ligações?

— As ligações no meio da noite.

Suguro fechou os olhos.

— Talvez recomecem.

Ela não respondeu e, em menos de cinco minutos, ele ouviu a respiração suave e regular que significava que ela estava dormindo. Sua respiração era como o ritmo de um mundo em que Suguro não podia entrar.

Quando ela morresse, provavelmente respiraria pela última vez como se caísse no sono.

Como sempre, ele teve considerável dificuldade para dormir. Flocos brancos dançavam em seus olhos fechados. Esses pontos brancos se borravam e se espalhavam para se tornarem luz. Uma luz alaranjada que envolvia a neve e o cercava com seu abraço também… O que havia sido aquilo? Ele tivera uma alucinação com um brilho de luz que se formara a partir dos inúmeros flocos de neve? Adormeceu.

Em seu sonho, estava debruçado sobre a escrivaninha trabalhando. Seu escritório escuro. O relógio na mesa fazia tique-taque regularmente. Esse era seu único refúgio.

— É verdade! — Ele podia ouvir a voz da mulher em algum lugar. — Você gosta mais disso que de estar comigo!

Ele se levantou e tentou abrir a porta com a intenção de contrariar o comentário dela. Então ela conhecera os segredos de seu coração, afinal.

— Não seja ridícula.

A porta estava bem fechada e, embora ele a empurrasse com todo o seu peso, a grossura sólida o repelia.

— Você pode ficar aí. Não estou brava com você. Não, é verdade. Afinal de contas, você está na barriga da sua mãe. Enquanto estiver aí, fique à vontade.

Essas palavras deixaram claro para ele a percepção de que o cômodo era de fato o útero de sua mãe. Talvez ele sempre houvesse sabido disso. Sempre pensara que o tique-taque do relógio era a batida de seu próprio coração; o cômodo era escuro porque ele estava no útero dela, e a umidade se devia ao líquido amniótico. Sentiu-se outra vez como uma criança boiando no mar, vagando de costas com um colete salva-vidas. E ele se lembrava de flutuar no líquido amniótico e dormir por um longo, longo tempo sob a superfície do líquido esbranquiçado. Deleitando-se com o corpo todo nesses sentimentos de prazer e proteção, outra vez foi dormir. Permaneceu naquele estado por algum tempo, até de repente ouvir a voz da mulher de novo:

— Acorde! Por favor, acorde!

Havia uma urgência atípica em sua voz, uma intensidade que ele jamais ouvira.

— Você vai nascer agora. Vai ser empurrado para o mundo exterior.

Seu corpo ainda parecia extraordinariamente lânguido, e ele não queria se mexer. No entanto, os fluidos na bolsa começavam a correr por seu corpo com uma força vigorosa. A pressão do fluido que escoava aumentou, e um medo indescritível de se afogar o dominou.

— Acorde e dirija-se à saída! — Ele ouviu a mulher gritar. — Venha para fora. Se ficar aí, vai ser um natimorto.

Ele tremeu de medo. Debateu-se, defecou e, sujo nos próprios excrementos, desesperadamente empurrou a cabeça em direção à abertura cervical. Mesmo naquele momento, ele se debatia entre o desejo de retornar para o sono profundo de que desfrutara no útero e a vontade de lutar contra aquela atração sedutora. Alguma força puxou seu pé, tentando levá-lo de volta para o sono uterino, enquanto uma força diferente o puxava para fora.

— Qual é o problema?

Ele abriu os olhos.

— Você está gritando. Qual é o problema?

— Não é nada. — Seu pescoço estava encharcado de suor. — Então foi um sonho?

— Você me assustou. Quer um pouco de água?

— Não. Não, obrigado.

O sonho permaneceu vívido em sua memória. Os sentimentos de medo e agitação ressurgiam dentro de si, e ele quase podia ver a luz brilhando pela abertura cervical.

Será que é assim mesmo nascer neste mundo, exatamente como Tonō descrevera? Será que, no útero, sentimos esse pavor? Talvez alguns dos comentários de Tonō tenham tingido o conteúdo do sonho.

O sono profundo no líquido amniótico. Um sono que produz sensações incomparáveis de paz e prazer. Suguro compreendia plenamente o desejo de voltar para lá depois de haver sido expelido. Explicava por que ele vivenciara tanta satisfação enquanto trabalhava todos os dias em seu escritório escuro, ouvindo o tique-taque do relógio. Será que a ânsia de mergulhar de volta naquele sono, naquele prazer, habita o coração de todos os homens?

Depois, como em um lampejo de revelação, ele pensou no semblante de Motoko. Sua boca entreaberta, sua língua agitada. Um semblante de êxtase total. Aquele semblante expressava, não, personificava o desejo de retornar ao útero e se afogar em seus líquidos turvos. Será que era por isso

que ela quisera ser manchada pelas gotas de cera da maneira como teria sido contaminada pelos líquidos do útero? E, sabendo que a morte me persegue, será que venho experimentando os horrores do útero outra vez? Será que a luta entre o desejo de continuar tranquilamente sonâmbulo no útero e o impulso de sair de lá se manifestaram na forma como tentei estrangular Mitsu? Primeiro quando saímos do útero, de novo quando envelhecemos e deixamos este mundo… Duas vezes experimentamos a morte.

A luz que ele vira, que parecia acolhê-lo quando ele saía do útero, no entanto, ele associava à luz que envolvera a miríade de flocos de neve e o abraçara. Seria uma luz que emanava do mundo que estava apenas um passo à frente?

A mulher ergueu os olhos do tricô, examinou o rosto dele e, enfim, falou:

— Posso… fazer uma pergunta?

— O que foi?

— Tem certeza de que não há nada que você não tenha me contado?

— Claro que… não.

— Você pode me contar. Na minha idade, nada vai me surpreender.

— Não tem nada. Não se preocupe.

Os olhos dela continuaram fixos nele, como se trespassassem os mecanismos do coração do marido. No entanto, por fim, ela desistiu e sorriu para ele. Com o passar dos anos, aceitara o fato de que o marido era escritor. Ela sabia exatamente até onde podia entrar nessa vida e onde estavam os limites que não podia passar. Embora não pudesse inferir nada de concreto dos olhos dele, parecia já ter concluído que algo o atormentava neste inverno.

Inesperadamente, Suguro sentiu que a mulher estivera infeliz. Infeliz mesmo. A confissão que chegou involuntariamente à sua garganta, ele engoliu como remédio. Nada de bom poderia vir do ato de contar a ela pelo que ele passara. Era uma situação complicada, sobre a qual ela não podia fazer nada, um problema espinhoso que fora atirado para ele resolver não só como escritor, mas como ser humano. Ela descobriria tudo se aquela fotografia um dia viesse a público. Nesse caso, como ele explicaria tudo aquilo para ela? Esse pensamento lançou sombras escuras em sua mente.

Ele recebeu uma ligação de Kurimoto.

— O senhor está livre hoje?

— É sobre o manuscrito?

— Não. — Havia tensão na voz de Kurimoto. — O presidente gostaria de se encontrar com o senhor o quanto antes. Quando seria conveniente?

— O presidente? — Intuitivamente, ele sabia qual seria o assunto. — Qualquer horário hoje estaria bom. Tenho um compromisso por esses lados, então passo no escritório dele.

Pensando no corpo maciço e no rosto largo do presidente, desligou. O atual chefe da editora fora professor-assistente do departamento de medicina de uma universidade, mas quando o sogro, pedra angular do mundo editorial, teve um derrame, ele assumiu uma posição de liderança nessa indústria que lhe era desconhecida. Kurimoto e os outros funcionários jovens da empresa tinham considerável respeito pelo homem.

Nas últimas duas semanas, Suguro se preparara para esse encontro e, depois de desligar o telefone, sua mente ficou estranhamente tranquila. Trocou de roupa e pediu um táxi.

Ao que parecia, eles já haviam recebido ordens na recepção: uma secretária o recebeu, fez uma mesura educada e o acompanhou ao elevador. Ela o levou até uma sala espaçosa, fez outra mesura e se retirou.

Suguro sentou-se no sofá e olhou para a grande pintura de Rouault na parede. Talvez fosse algum vilarejo nos tempos bíblicos ou possivelmente um cenário rural na França. Três ou quatro camponesas, cabeças encobertas por lenços, estavam em uma estrada ladeada por cabanas pobres de estuque descascado. Era um típico Rouault, com o sol do fim de tarde se pondo no horizonte. De relance, ficou evidente para Suguro que as mulheres e as cabanas representavam a vida humana, e o sol simbolizava a graça de Deus que era derramada sobre elas. Bem-aventurados os humildes, pois… Suguro via o mundo do velho padre e da própria mulher naquela pintura, e era muito distante do mundo que ele vislumbrara pelo olho mágico. Os raios do sol poente podem ter brilhado sobre essas pobres camponesas, mas e sobre madame Naruse e sobre ele próprio?

Seguiu-se uma batida na porta, e o presidente entrou na sala com Hoshii, editor-sênior. O presidente fez um gesto para impedir que Suguro se levantasse e sentou-se na frente dele. Hoshii se acomodou respeitosamente ao lado dele.

— Lamento pedir para o senhor vir aqui em um dia tão frio.

Com um sorriso, o presidente falou sobre a crise editorial até uma mulher trazer chá e sair da sala. Quando os três estavam sozinhos, porém, ele entrou no assunto.

— Para ser franco, o motivo pelo qual pedi para o senhor vir…

Era precisamente o que Suguro imaginara.

— Um repórter trouxe uma fotografia sua, sensei, e disse que queria escrever um artigo. Hoshii falou com ele primeiro, mas, sendo essa a situação, veio falar comigo.

Ele pousou as grossas mãos entrelaçadas no colo e propositalmente baixou o olhar para evitar ver o desconforto de Suguro. Suguro ouviu seus comentários com uma atitude de resignação semelhante à que demonstrara muitos anos antes quando lhe informaram que ele precisaria de uma cirurgia complexa.

— Nossa empresa publicou alguns de seus livros e, uma vez que o prejuízo que essa foto causaria à sua imagem seria ruim tanto para o senhor quanto para nós, comprei a foto e o negativo pelo preço que ele exigiu.

Sem saber de que outra forma responder, Suguro aquiesceu.

— Também arranquei dele uma promessa de que não levaria essa história a outra editora. Depois Hoshii e eu queimamos a foto e os negativos.

Nesse ponto, o presidente fez uma pausa e esfregou as mãos. Parecia procurar os comentários seguintes.

— Acho que isso resolveu a questão.

— Obrigado.

— Além de mim e de Hoshii, ninguém mais sabe disso. Nem mesmo Kurimoto.

— Certo. Sinto muito… por todos esses problemas. — Ele fez uma mesura profundamente respeitosa.

— Boatos ridículos podem causar uma grande confusão — disse o presidente, concluindo aquele tópico da conversa; então, depois de uns dois minutos de bate-papo, levantou-se e disse: — Bem, vamos esquecer essa coisa toda. — Com uma solicitude terna, ele fez o máximo que podia para evitar que Suguro tivesse mais constrangimentos.

Caminharam com Suguro ao elevador, onde Hoshii murmurou:

— Não deixe que nada disso o preocupe.

Estava frio lá fora. Embora a primavera estivesse próxima, o céu se mostrava opaco e nublado; era uma tarde sem vida, de gelar os ossos. Filas

de automóveis expelindo gases pelo escapamento; árvores no passeio público ainda sem brotos; liquidações de querosene e aquecedores elétricos… Tudo havia voltado ao normal. Ele nem sequer imaginara que as coisas terminariam dessa maneira e, no entanto, ele não tinha nenhuma sensação de ter sido resgatado. A fotografia e o negativo foram reduzidos a cinzas. Contudo, aquele homem não fora queimado até a morte junto com eles. Ele continuava a viver dentro de Suguro. Com seu sorriso irônico.

Aquele homem há muito transpusera os "pecados" triviais sobre os quais Suguro passara a carreira escrevendo. Existem limitações para o pecado e seu concomitante potencial para a salvação. No entanto, não havia limites para os impulsos que Suguro, fundido com aquele homem, vivenciara naquele hotel. Com uma raiva que extravasara desenfreada, levando-o a um destino inexorável, ele profanara o corpo de Mitsu e, no fim das contas, tentara até estrangulá-la. As imagens continuavam vívidas em sua memória.

Ao passar por uma floricultura, cachos de spiraea e de forsítia que anunciavam a primavera enfeitavam o interior e exalavam um cheiro doce pela rua. Através de uma grande janela de vidro de uma casa de chá ao lado, ele viu um grupo de três ou quatro mulheres jovens em torno de uma mesa. Uma delas viu Suguro e, mostrando para a colega ao lado, apontou para ele, sem saber que se tratava de um monstro. Suguro sorriu de volta para elas.

Domingo.

Sendo domingo de Páscoa, a igreja estava mais cheia que de costume. Atrás do altar, o homem emagrecido estava de braços bem abertos e cabeça caída. Sem condições de resistir e encharcado de sangue, ele arrastara as pernas cansadas para o campo de execução. Ao longo do caminho, as multidões insultaram-no, atiraram-lhe pedras e deleitaram-se com seus tormentos. Suguro jamais pensara naquela turba antes. Ainda assim, não podia de modo algum ter certeza de que, se houvesse estado presente, não teria apedrejado aquele homem e sentido prazer com sua agonia.

Foi ao escritório naquela tarde, depois ao parque Yoyogi procurar Mitsu. Os mesmos grupos de jovens com vestes coreanas estavam reunidos em círculos, dançando. Rapazes de óculos, cabelo moicano descolorido, subiam e desciam a rua pomposamente. Os espectadores eram tão

numerosos que alguns haviam se reunido na passarela de pedestres a fim de testemunhar esses estranhos movimentos. Ele andou no meio da multidão e abriu caminho por entre bancas de rua, mas não encontrou Mitsu em parte alguma.

Ocorreu-lhe que poderia estar no hospital. Andar até lá parecia muito incômodo, questão de idade talvez, e ele pegou um táxi na estação. Fizeram um percurso sinuoso, até que desembarcou perto do hospital.

Porque era domingo, não havia pacientes nem visitantes em frente à farmácia ou na sala de espera. Ele ficou sentado em uma cadeira por um tempo, contemplando distraidamente o sol de inverno. Em algum lugar, ouviu o choro de um bebê. Pensou que talvez o som viesse da ala pediátrica, mas estava em outro andar.

Uma enfermeira de meia-idade que usava óculos entrou no saguão e parou, lançando um olhar inquiridor para Suguro.

— O senhor não é o sr. Suguro? — perguntou.

— Sou.

— O senhor está aqui para ver alguém? Sou a enfermeira-chefe, a srta. Fujita.

— Ah, como vai? — respondeu ele, apressadamente. — Minha esposa está fazendo o curso para voluntários…

— Ela está muito entusiasmada. — A enfermeira sorriu. — Posso ajudá-lo com alguma coisa?

— Não. Eu estava apenas me perguntando se uma garota chamada Mitsu Morita estaria aqui hoje.

— Ah, Mit-chan. Será que ela veio hoje? — A enfermeira-chefe parecia conhecer bem a garota. — Fiquei sabendo que ela trabalhou para o senhor por algum tempo. Gostaria que eu verificasse na enfermaria da ala de medicina interna?

— Não, eu mesmo vou.

Ela apertou o botão do elevador para ele.

— É uma coisa estranha de perguntar. — Ele tentou disfarçar o constrangimento que sentia enquanto subiam juntos no elevador. — Outro dia minha mulher disse que a senhora contou à turma sobre alguns pacientes que voltaram da morte. Todas as pessoas que perderam a consciência passam pela mesma experiência?

— Ó, céus! — Ela sorriu, embaraçada. — Sua mulher falou mesmo sobre isso? Eu só estava puxando papo com elas.

O elevador parou no terceiro andar. O rangido das engrenagens o lembrou o elevador do hotel.

— As histórias são verdadeiras?

— O senhor provavelmente sabe mais sobre isso que eu, sensei. Mas é o que os pacientes dizem.

— Que eles estavam cercados de luz… É verdade?

— Bem… — Ela parecia nervosa. — Eu realmente não sei se é verdade ou não.

— Como vai a sra. Naruse?

— Ela não tem aparecido mais ultimamente.

Ela fez algumas perguntas para a jovem enfermeira que estava no balcão, mas Mitsu não estava lá naquele dia.

Com um agradecimento, ele desceu as escadas outra vez. Sentou-se em uma cadeira na sala de espera e pensou em madame Naruse carinhosamente ajudando na reabilitação de uma criança no quarto andar daquele edifício, narrando contos de fadas.

Na parede havia um cartaz anunciando treinamento para enfermeiras em potencial. Quando viu o anúncio, Suguro pensou em como Mitsu era adequada para o trabalho. Decidiu que gostaria de ajudá-la, se estivesse interessada.

Ele fez a sugestão para a mulher naquela noite.

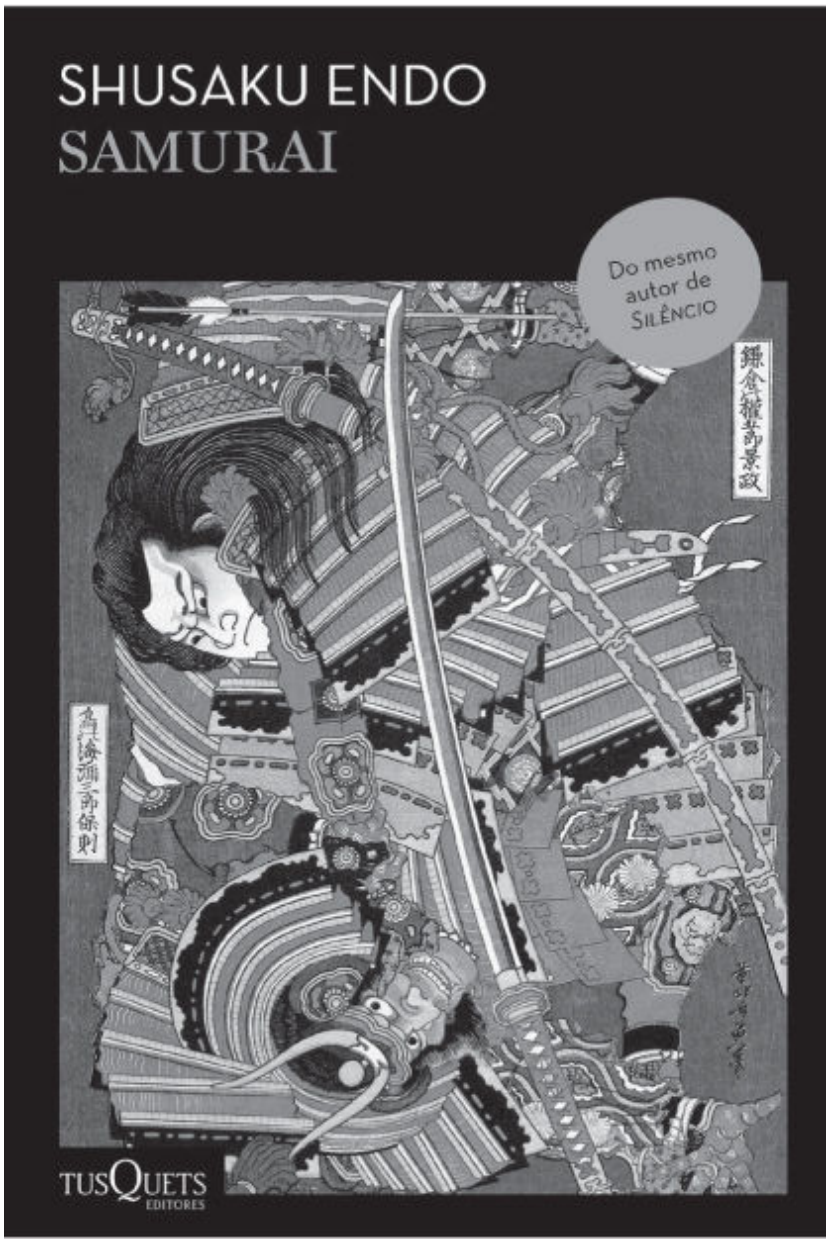
— Concordo plenamente — respondeu ela, da cama ao lado. — É uma ideia maravilhosa. É o trabalho perfeito para Mitsu. Só me pergunto se a sra. Naruse vai concordar.

— Acho que não vai se opor.

Ele desligou o abajur sobre o criado-mudo.

No meio da noite, ele acordou ouvindo um telefone tocar distante. Tocava insistentemente. Chamando-o. Com os olhos bem abertos, a mulher ouviu também.

Leia também outros livros do autor
publicados pelo selo Tusquets



Embora no início do século xvii o Japão fosse apenas uma ilha isolada no Oriente distante, o país estava prestes a ser envolvido no complexo jogo do comércio mundial, de rotas dominadas pelas grandes nações da Europa.

A fim de estreitar laços com o Ocidente, Hasekura Rokuemon, samurai do baixo escalão do xogunato japonês, é escolhido para se encontrar com o vice-rei da Nova Espanha – atual México – e com o Papa Paulo V. Em sua comitiva, viaja um ambicioso missionário franciscano, que almeja negociar com o Ocidente para se tornar o líder de sua ordem no Japão.

Do mesmo autor de *Silêncio*, livro adaptado ao cinema por Martin Scorsese, *Samurai* é uma das maiores obras de Shusaku Endo. Baseado em um episódio real, combina com maestria imaginação e uma apurada narrativa histórica.

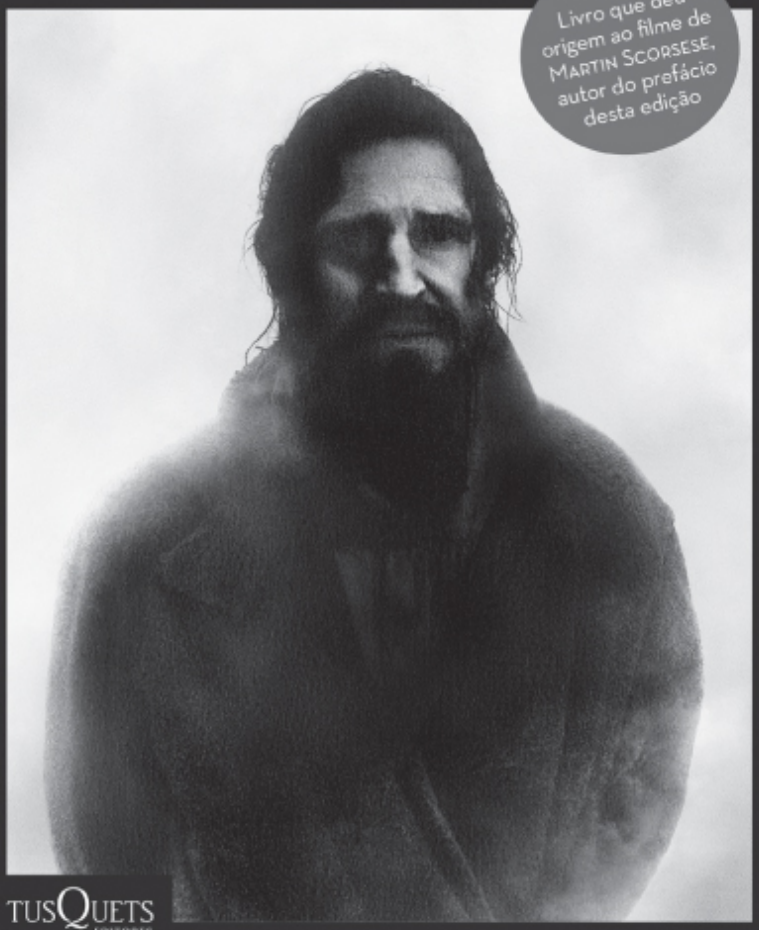
"Samurai é um maravilhoso relato de viagem, entre outras coisas. Sua ambientação, do norte pantanoso do Japão aos oceanos ocidentais e orientais atormentados pelas tempestades, passando pela pompa das barrocas Madri e Roma, é extraordinária. Uma obra animada por uma visão rica e completamente espiritual."

The New York Times Book Review

SHUSAKU ENDO

SILÊNCIO

Livro que deu origem ao filme de MARTIN SCORSESE, autor do prefácio desta edição



TUSQUETS EDITORES

O mais aclamado romance de Shusaku Endo, adaptado para o cinema por Martin Scorsese, trata da força da fé em tempos perigosos.

Profundo observador dos dramas humanos, o escritor narra em *Silêncio* a saga de missionários portugueses no Japão do século XVII, um período em que os cristãos locais eram brutalmente oprimidos.

Capturados e forçados a ver seus companheiros japoneses abrirem mão da vida pela fé, os jesuítas começam a testemunhar crueldades inimagináveis que põem à prova suas próprias crenças.

Shusaku Endo (1923-1996) é um dos mais celebrados e conhecidos escritores japoneses do século XX.

"Um dos romances mais refinados da nossa época."
Graham Greene, escritor britânico

"Um dos melhores romances históricos já escritos."
David Mitchell, escritor britânico

"Silêncio é a história de um homem que aprende – tão dolorosamente – que o amor divino é mais misterioso do que imagina."
Martin Scorsese, cineasta americano

1. No Japão, forma de tratamento usual dirigida a pessoas, em geral mais velhas, que são respeitadas pelo saber e pelas realizações. (N. T.)

2. Akutagawa (1892-1927) é talvez o mais notável contista japonês. No Ocidente, sua narrativa mais conhecida é “Rashomon”, que deu origem ao filme de Kurosawa. (N. T.)

3. Embora fictícias, as premiações são referências óbvias a dois prêmios literários, o Akutagawa e o Naoki, que têm enorme prestígio no Japão. São concedidos por uma grande editora de revistas, por isso a referência ao “editor-chefe”. (N. T.)

4. Publicações que, junto com a *Flash*, constituíam (a *Focus* não existe mais) a grande tríade japonesa de semanários sensacionalistas, especializando-se em imagens escandalosas ou “sensuais”. (N. T.)

5. Em japonês, o sufixo *-chan* é um diminutivo carinhoso. Assim, Motoko vira Mot-chan. (N. T.)

6. Cristãos kakure: cristãos “escondidos” que iam para o subterrâneo para praticar sua fé durante a proscrição japonesa ao cristianismo, entre 1637 e 1873. Ver o conto de Endo chamado “Mothers”, em *Stained Glass Elegies*. (N. T. O.)

7. Populares no Japão, os aquecedores corporais são saquinhos quentes que podem ser colocados nos pés ou em outras partes do corpo. Existem aquecedores corporais adesivos e não adesivos. (N. T.)

8. *Nagauta*: canto vocal japonês que normalmente acompanha o teatro kabuki. (N. T.)

9. *Samisen* (ou *shamisen*): instrumento musical japonês semelhante a uma flauta. (N. T.)

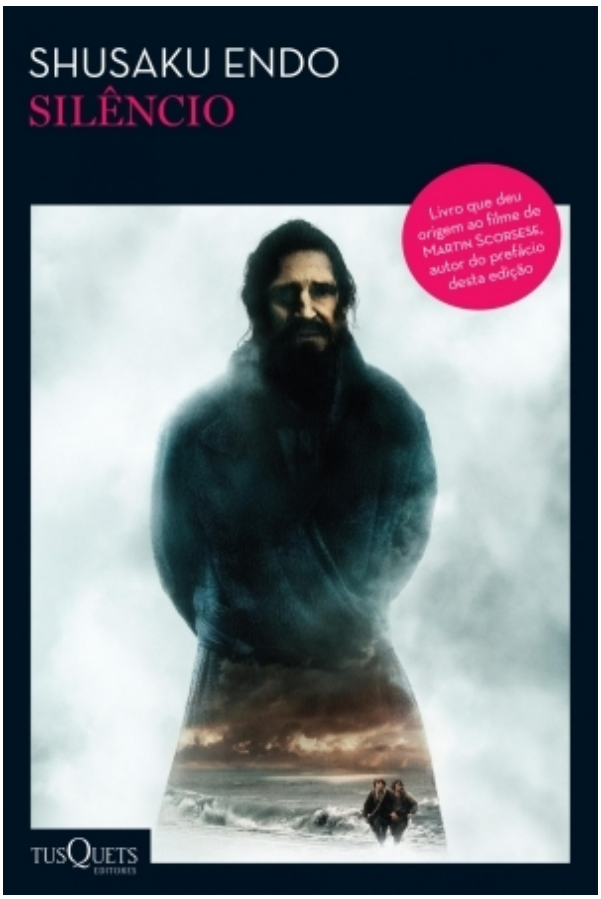
SHUSAKU ENDO



Nascido em Tóquio, Shusaku Endo (1923-1996) apresenta em sua obra a perspectiva peculiar de japonês e católico praticante. Após o fim da Segunda Guerra, decidiu continuar seus estudos no Ocidente. Na França, sofreu forte discriminação racial. Teve depressão, contraiu tuberculose e ficou no hospital por meses. Acreditando que o cristianismo havia precipitado sua doença, colocou sua fé em dúvida. Antes de voltar para o Japão, foi para a Palestina realizar pesquisas, o que transformou a sua percepção do cristianismo, levando-o à conclusão de que Jesus também havia conhecido a rejeição.

De volta ao Japão, passou a explorar em sua obra os dilemas entre Ocidente e Oriente, fé e descrença, tradição e modernidade. Publicou também estudos teológicos, ensaios, peças de teatro e filmes. É autor de *Silêncio* e *Samurai*, ambos publicados pelo selo Tusquets.

Fotografia do autor © Bettmann / Contributor
Fotografia de capa © Bruce Gilden/Magnum Photos / Fotoarena



Silêncio

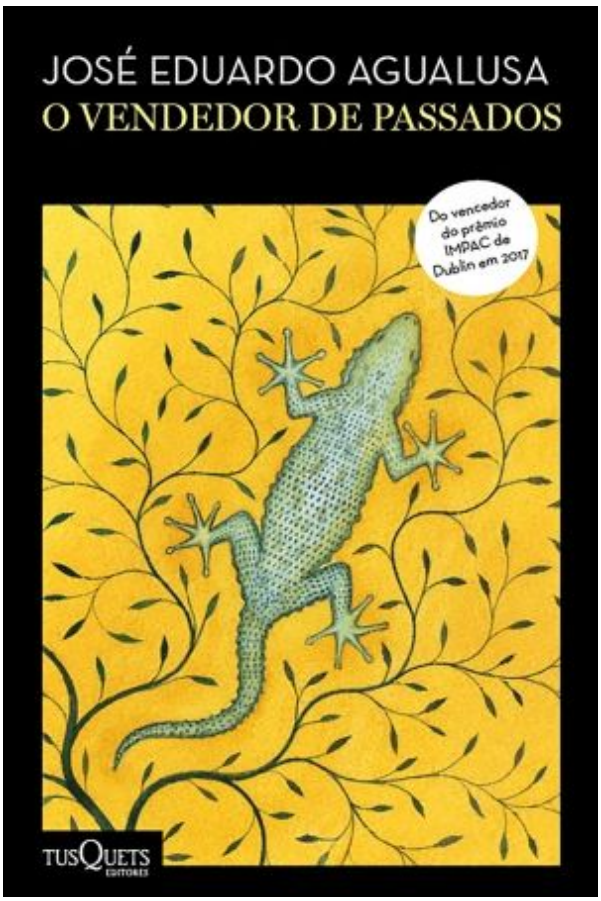
Endo, Shusaku
9788542209655
214 páginas

Compre agora e leia

O mais aclamado romance de Shusaku Endo, adaptado parao cinema por Martin ScorseseCom Andrew Garfield e Liam Neeson no elenco, trata da força da fé em tempos perigosos. Profundo observador dos dramas humanos, o escritor narra em Silêncio a saga de missionários portugueses no Japão do século XVII, um

período em que os cristãos locais eram brutalmente oprimidos. Capturados e forçados a ver seus companheiros japoneses abrirem mão da vida pela fé, os jesuítas começam a testemunhar crueldades inimagináveis que testam suas próprias crenças. Shusaku Endo (1923-1996) é um dos mais celebrados e conhecidos escritores japoneses."Um dos romances mais refinados do século XX." GRAHAM GREENE,ESCRITOR BRITÂNICO"Um dos melhores romances históricos já escritos." DAVID MITCHELL,ESCRITOR BRITÂNICO"Silêncio é a história de um homem que aprende – tão dolorosamente – que o amor divino é mais misterioso do que imagina." MARTIN SCORSESE, CINEASTA

Compre agora e leia



O vendedor de passados

Agualusa, José Eduardo
9788542213850
208 páginas

Compre agora e leia

Do vencedor do prêmio IMPAC de Dublin em 2017, uma das maiores vozes da literatura em língua portuguesa Após a conquista da independência e os martírios de uma longa guerra civil, a emergente burguesia angolana pensa ter o futuro assegurado. Falta a ela, porém, um passado mais adequado a sua

nova condição social. O negro albino Félix Ventura sabe aproveitar as oportunidades. A cada um de seus clientes – empresários bem-sucedidos, militares de mais alta patente, figurões da nova ordem política do país –, ele vende uma árvore genealógica digna de orgulho, memórias luxuosas, ancestrais ilustres. E Félix segue muito bem nessa empreitada, até chegar a ele um homem repleto de mistérios, em busca de um passado e de uma identidade angolana. De uma hora para a outra, os passados e os presentes se entrecruzam, e o impossível se confunde com o real. A narrativa de José Eduardo Agualusa, um dos principais nomes da literatura de língua portuguesa contemporânea, vibra entre o passado atormentado que boa parte do povo angolano gostaria de esquecer e o presente cheio de possibilidades de um país em reconstrução. O vendedor de passados é uma história sobre raça, a natureza da verdade e o poder transformador da criatividade.

Compre agora e leia



Canção de ninar

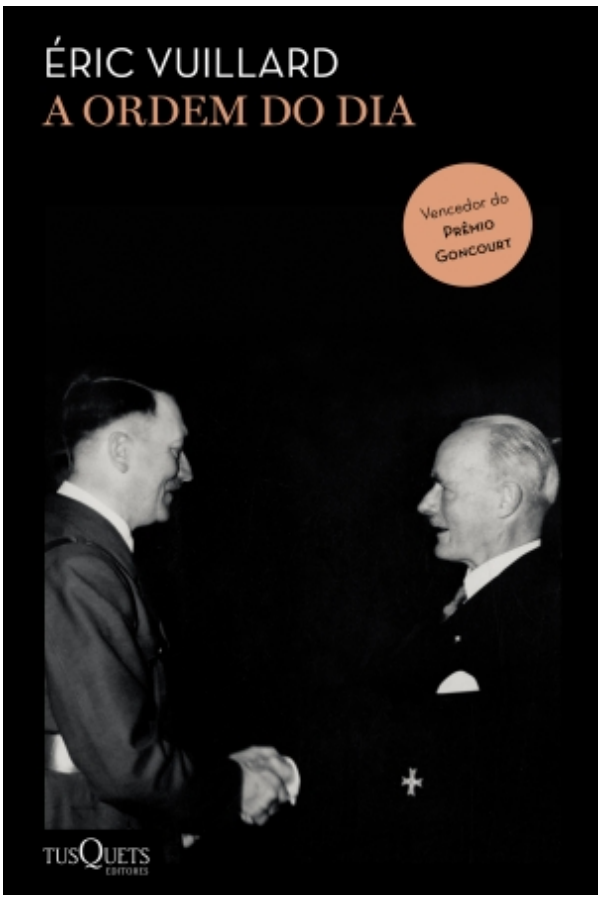
Slimani, Leïla
9788542212655
192 páginas

Compre agora e leia

"A tensão latente em cada página aquece aos poucos a análise da burguesia, até ser dinamitada por um impulso de violência instintiva."Apesar da relutância do marido, Myriam, mãe de duas crianças pequenas, decide voltar a trabalhar em um escritório de advocacia.O casal inicia uma seleção rigorosa em busca da babá

perfeita e fica encantado ao encontrar Louise: discreta, educada e dedicada,ela se dá bem com as crianças, mantém a casa sempre limpa e não reclama quando precisa ficar até tarde.Aos poucos, no entanto, a relação de dependência mútua entre a família e Louise dá origem a pequenas frustrações – até o dia em que ocorre uma tragédia.Com uma tensão crescente construída desde as primeiras linhas, Canção de ninar trata de questões que revelam a essência de nossos tempos, abordando as relações de poder, os preconceitos entre classes e culturas, o papel da mulher na sociedade e as cobranças envolvendo a maternidade.Publicado em mais de 30 países e com mais de 600 mil exemplares vendidos na França, Canção de ninar fez de Leïla Slimani a primeira autora de origem marroquina a vencer o Goncourt, o mais prestigioso prêmio literário francês.

Compre agora e leia



A ordem do dia

Vuillard, Éric
9788542217070
144 páginas

Compre agora e leia

A ordem do dia, vencedor do prêmio Goncourt 2017, é uma narrativa histórica, gênero-aposta nos maiores mercados editoriais do mundo. É um fenômeno de vendas na Europa, em especial na Espanha, onde foi publicado pela Planeta/Tusquets España. Nele, narra-se de forma crua, direta e irônica, sem rodeios ou meias-

palavras, os bastidores de dois dos momentos-chave da Segunda Guerra Mundial: o apoio dado pelos maiores industriais da Alemanha a Hitler e a anexação da Áustria ao Reich. 20 de fevereiro de 1933. Em um dia como outro qualquer em Berlim, os grandes líderes da indústria alemã se reúnem com os maiores dirigentes do Partido Nazista. Na pauta, a decisão de investir ou não na campanha de Hitler e seus companheiros pelo poder do país. 12 de março de 1938. A anexação da Áustria ao Reich é iminente. Um dia repleto de situações e personagens por vezes grotescos e ridículos, prestes a entrar para a história. Nos jornais, pipocam as imagens inéditas de um grande exército motorizado, símbolo de um poder inaudito e da modernidade de uma nova guerra. Por trás da glória apregoada pela propaganda de Goebbels, a verdade que se esconde nos bastidores mostra um desenrolar dos fatos muito menos gloriosos: no lugar da força de vontade e da determinação de um povo pretensamente destinado à grandeza, surge uma combinação de intimidação e puro blefe.

Compre agora e leia



No jardim do ogro

Slimani, Leïla
9788542216202
192 páginas

Compre agora e leia

O aguardado novo livro da autora de Canção de ninar. Adèle tem a vida perfeita: é uma jornalista de sucesso em Paris, onde vive com seu marido cirurgião e seu filho pequeno em um lindo apartamento. Mas, debaixo da superfície, ela está entediada com seu trabalho e seu casamento – e consumida por uma necessidade

insaciável de sexo a qualquer custo. Movida menos pelo prazer que pela compulsão, ela organiza seu dia em torno de casos extraconjugais, chegando atrasada ao trabalho e mentindo para o marido, até se enredar definitivamente em sua própria armadilha. No jardim do ogro é um romance visceral sobre um corpo escravizado por seus impulsos, o vício sexual e suas consequências implacáveis.

Compre agora e leia